

Autora bestseller de *A Última Livraria de Londres*

MADELINE MARTIN

Uma
ESPIA
AMERICANA
em
LISBOA

TOP
SEL
LER

«O ambiente de Lyon e Lisboa durante a guerra irá maravilhar os fãs da espionagem decorrida durante a Segunda Guerra Mundial.»

Booklist



MADELINE MARTIN

Uma

ESPIA AMERICANA

em

LISBOA



os livros em primeiro lugar



Edição em formato digital: março de 2023

UMA ESPIA AMERICANA EM LISBOA

Título original: *The Librarian Spy*

Texto © 2022, Madeline Martin

Publicado por Hanover Square Press,
uma chancela de Harlequin Books S.A., Canadá.

Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2023, PRH Grupo Editorial Portugal, Lda.

Topseller é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial Portugal.
Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa
correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Portugal apoia a proteção do *copyright*. Sem a prévia autorização por escrito do editor, esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por meio de gravação ou por qualquer processo mecânico, fotográfico ou eletrónico, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas.

Tradução: João Concha

Revisão: Teresa Antunes

Capa © 2022, Harlequin Enterprises ULC;

Kathleen Oudit (direção de arte); Elita Sidiropoulou (design)

Fotografias de capa © Sophia Molek/Arcangel Images; © Ildiko Neer/Trevillion

Images; iStock

ISBN: 978-989-623-977-0

Composição digital: www.acatia.es

Composição digital PRHGEP: Luís Gomes

Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivros](https://twitter.com/PenguinLivros)

Facebook: [topseller.editora](https://www.facebook.com/topseller.editora)

Instagram: [topseller.suma](https://www.instagram.com/topseller.suma)

Índice

Uma Espia Americana em Lisboa

Créditos

Dedicatória

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Catorze

Quinze

Dezasseis

Dezassete

Dezoito

Dezanove

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

Vinte e três

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Epílogo

Nota da autora

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre Madeline Martin

Notas

*Para o John — obrigada por me ajudares a ultrapassar
um ano conturbado com o teu apoio e amor infindável,
e por viveres parte da minha pesquisa na viagem
a Lisboa que ficará comigo para sempre.*

UM

Ava

Abril, 1943

Washington, DC

Não havia nada de que Ava Harper gostasse mais do que o cheiro dos livros antigos. O aroma bafiento do papel envelhecido e da tinta esmaecida conduziam-na a uma viagem através de salas iluminadas por velas em mansões no meio de colinas verdejantes ou antigos castelos com torreões que se erguem alto, aos céus desconhecidos. Esses livros haviam estado um dia nas mãos de antepassados, tinham sido analisados por acadêmicos, lidos vorazmente por estudantes com um apetite insaciável por aprender. Nessas páginas fragrantes e amarelecidas havia histórias do passado e conhecimento perene.

Fora sem dúvida uma sorte terem-lhe oferecido um emprego na Sala de Livros Raros da Biblioteca do Congresso, onde o arcaico perfume da História viveria para sempre.

Ela caminhou a passos largos por entre três arcos em direção às arrumadas filas de mesas paralelas e juntou cuidadosamente uma pilha de livros raros nos seus braços. Tinham tamanhos e pesos distintos, as suas capas estavam gastas e as páginas já irregulares

nos bordos e, no entanto, a pilha parecia ajustar-se como um puzzle perfeito. Independentemente do leitor que os deixara ali ter pedido muito mais do que o necessário para uma tarde de pesquisa.

Tinham mais olhos que barriga. Era o que Daniel, o seu irmão, havia dito uma vez, quando estava em casa de licença, depois de Ava se queixar desse pecado comum — que ela própria já tinha cometido.

Desde então, a frase passava-lhe pela cabeça a cada encontro com uma pilha de livros abandonados. Não que fosse culpa do leitor. Os grandes filósofos de antigamente não seriam capazes de processar tanta informação numa tarde. Mas mesmo assim ela gostava da expressão e de como isso a fazia sempre lembrar o olhar risonho de Daniel ao dizê-la.

Ambos herdaram os olhos verde-musgo da mãe, embora Ava nunca tivesse alcançado a mesma centelha de alegria tão característica do seu irmão mais velho.

Um olhar de relance para o seu relógio confirmou que era quase meio-dia. Apertou-se-lhe um nó no estômago ao lembrar-se da breve conversa, um pouco antes, com o Sr. MacLeish. Uma reunião com o Bibliotecário do Congresso não era uma ocasião comum, especialmente quando seguida de um endereço rabiscado num pedaço de papel e a promessa de uma nova oportunidade que lhe agradaria.

Ava duvidava que o que lhe fossem propor fosse melhor para ela do que o seu trabalho na Sala de Livros Raros. Ela vinha a absorver lições daqueles textos antigos, que esmiuçava por capricho para ajudar os leitores a desenterrarem as informações que procuravam. O que poderia seduzi-la mais do que isso?

Ava aproximou-se da última mesa à direita e fechou gentilmente o *La Maison Reglée*, com a capa de couro puído e suave como manteiga entre os seus dedos. Este livro do século XVII era um dos muitos textos de gastronomia doados na coleção Katherine Golden Bitting. Katherine havia sido uma mulher incrível que dera uso a todos os seus conhecimentos no desempenho dos cargos no Departamento de Agricultura e na Associação de Produtores de Conservas Americanos.

Todos os livros tinham a sua história e Ava era a sua guardiã. Deixar o seu posto seria como abandonar os seus filhos.

Robert flutuava na sua nuvem de pretensão e vigiava a sala com um olhar crítico. Ela apagou a luz que o leitor tinha deixado acesa, com receio de ser sujeita ao esgar sardónico do seu colega.

Ele estendeu a mão para o *La Maison Reglée*, com um olhar de irritação a faiscar no seu rosto.

— Eu guardo-o. — Ava abraçou-o contra o peito. Afinal, o colega nem lia francês. Ele não poderia apreciá-lo como ela.

Devolveu o tomo ao seu conjunto — a família reunida mais uma vez — e retirou-se da opulenta biblioteca. O ar fresco da primavera de Washington envolveu-a enquanto tomava o elétrico em direção à morada anotada pelo próprio punho do Bibliotecário do Congresso.

Ava chegou ao número 2430 da E Street, NW, dez minutos antes do seu compromisso, o que se revelou vantajoso tendo em conta os obstáculos que teve de transpor para conseguir entrar. Um homem severo, cuja expressão não se alterou durante a conversa,

confrontou-a a partir de uma guarita junto à entrada. Pelos vistos, ele não sabia mais sobre a reunião do que ela.

Quando, por fim, lhe deram autorização, seguiu por uma passagem em direção a um grande edifício com uma colunata branca.

Ava bloqueou a sua imaginação hiperativa para que esta não levasse a melhor — o que muitas vezes sucedia — e forçou-se a seguir em frente. Depois de ser conduzida por um *hall* amplo e a seguir ao longo de um corredor, foi deixada num gabinete onde havia apenas uma secretária e duas cadeiras com espaldar em madeira, e pediram-lhe que se sentasse. Comparativamente, as cadeiras da Sala de Livros Raros pareciam confortáveis. Tratava-se, sem dúvida, de um lugar reservado a entrevistas.

Mas para quê?

Ava olhou para o relógio. A pessoa com quem deveria encontrar-se estava dez minutos atrasada. Ressoou nela uma pontinha de arrependimento por ter deixado o seu livro em casa, em cima da cómoda. Começara há pouco tempo a ler *Rebecca*, de Daphne du Maurier, e sentira-se imediatamente atraída pela emoção de uma jovem mulher arrastada para um romance inesperado. O marcador de páginas de Ava tinha ficado tentadoramente na chegada do par recém-casado a Manderley, a propriedade na Cornualha.

A porta do gabinete abriu-se e entrou um homem vestido num *Victory Suit*^[1] cinzento — de abotoamento simples, com lapelas estreitas e sem punhos ou abas de bolso — fabricado com a menor quantidade possível de tecido. Sentou-se à secretária.

— Chamo-me Charles Edmunds, sou secretário do General William Donovan. É a Ava Harper?

Dos três nomes, só reconheceu o seu.

— Sou.

Ele abriu uma pasta, vasculhou uns quantos papéis e entregou-lhe um conjunto.

— Assine-os.

— De que se trata? — Ela folheou as páginas e só encontrou jargão legal.

— Acordos de confidencialidade.

— Não assinarei nada que não tenha lido na totalidade. — Dito isto, Ava ergueu o conjunto de folhas.

O texto era mais árido do que o conteúdo de alguns dos livros raros mais aborrecidos da Biblioteca do Congresso. Ainda assim, examinou cada palavra enquanto o Sr. Edmunds a fitava irritado, como se pudesse com o seu olhar obrigá-la a assinar. Não podia, claro. Ela esperou dez minutos pela sua chegada; ele podia esperar enquanto ela percebia no que se estava a meter.

Tudo apontava para a proibição de partilhar o assunto a ser discutido ali acerca de uma potencial oportunidade de trabalho. Não era nada de muito ameaçador, pelo que Ava decidiu assinar, para grande impaciência do Sr. Edmunds.

— Fala alemão e francês.

Ele observou-a através de uns óculos com aros negros, sondando-a com os seus olhos castanhos.

— O meu pai era uma espécie de linguista. Tive de aprender. — Uma dor visceral apunhalou-a no peito quando uma memória antiga veio à tona — o seu pai a falar alemão, entusiasmado pela viagem com a mãe para celebrarem os 20 anos de casados. *Aquela* viagem. Aquela da qual os pais nunca regressariam.

— E trabalhou a fotografar microfilmes. — O Sr. Edmunds ergueu as sobrancelhas.

Num esgar de incerteza ela franziu os lábios. Quando começou a trabalhar na Biblioteca do Congresso, as suas tarefas consistiam essencialmente em arquivo e não tanto no típico papel de bibliotecária, daí ter microfilmado uma série de jornais antigos que o tempo estava a desgastar lentamente.

— Sim, trabalhei.

— O seu governo precisa de si — afirmou ele num tom que não admitia contra-argumentação. — Está convidada a juntar-se ao Office of Strategic Services, o OSS[2], ao abrigo do programa de recolha de informações chamado Interdepartmental Committee for the Acquisition of Foreign Publications[3].

A mente dela acelerou para encontrar sentido no que ele tinha acabado de dizer, mas os lábios abriram-se para pronunciar a sua opinião irrefletida.

— Isso é que foi falar!

— IDC, para abreviar — respondeu ele sem hesitação nem humor. — É uma operação secreta que visa obter informação de jornais e textos em territórios neutros para nos ajudar a recolher dados sobre os nazis.

— Eu precisaria de formação? — perguntou ela, incerta de como a sua valência linguística, falar alemão, a qualificava para os espiar.

— Tem toda a experiência de que precisa, pelo que sei. — Ele começou a reorganizar a pasta à sua frente. — Iria para Lisboa.

— Em Portugal?

Ele fez uma pausa.

— É a única Lisboa de que tenho conhecimento, sim.

Sem dúvida, teria de ir de avião. Um arrepio ameaçou descer pelas suas costas, mas ela conteve-o.

— Porque é que estou a ser recomendada para isto?

— Pela sua facilidade em falar francês e alemão. — O Sr. Edmunds ergueu o dedo indicador. — Sabe usar microfilme. — Esticou outro dedo. — O Fred Kilgour referiu o seu intelecto aguçado. — E lá esticou mais um dedo.

Esse era um nome que Ava reconhecia.

Ela ajudara Fred no ano anterior, quando ele microfilmara publicações estrangeiras para a Biblioteca da Universidade de Harvard. Depois dos meses que ela passara a fazer o mesmo para a Biblioteca do Congresso, o processo foi fácil de ensinar e ele aprendeu depressa.

— E é bonita. — O Sr. Edmunds recostou-se na cadeira, o argumento final estava apresentado.

O elogio era, no mínimo, tão injustificável num cenário daqueles quanto indesejável.

— O que tem a minha aparência que ver com tudo isto?

Ele levantou um ombro.

— Beldades como a menina podem conseguir o que querem, quando querem. Exceto quando faz um esgar desses. — E acenou com o queixo para cima. — Devia sorrir mais, boneca.

Aquilo era demais.

— Eu não me formei como a melhor da minha turma na Pratt e obtive uma posição muito requisitada na Biblioteca do Congresso para me chamarem «boneca». — Dito isto, levantou-se.

— E tem uma coluna de aço, menina Harper. — O Sr. Edmunds ergueu um último dedo. Ela abriu a boca para responder, mas ele

continuou: — Precisamos da informação para saber melhor como combater os *Krauts*. Quanto mais cedo obtivermos esses detalhes, mais cedo esta guerra terminará.

Permaneceu onde estava para ouvir um pouco mais. Ele não tinha dúvidas de que ela o faria.

— A menina tem um irmão — continuou ele. — Daniel Harper, sargento da Companhia C do Segundo Batalhão, 506.º Regimento de Infantaria Paraquedista, na 101.^a Divisão Aerotransportada.

A Divisão Aerotransportada. O irmão tinha decidido enfrentar o medo de aviões, apesar de ela os amaldiçoar.

— Está correto — disse ela com firmeza. Daniel nunca estaria no Exército se não fosse por ela. Teria sido engenheiro, tal como sempre desejara.

O Sr. Edmunds tirou os óculos e cruzou o olhar agora sem obstáculos com os dela.

— Não quer que ele volte para casa mais cedo?

Era uma pergunta mal-intencionada, com o propósito de lhe tocar fundo.

E funcionou.

Quanto mais tempo a guerra continuasse, maior o risco de Daniel ser morto ou ferido.

Ela fez tudo o que podia para oferecer ajuda. Quando o racionamento ainda era voluntário ela já o cumpria, muito antes de se tornar lei. Doava sangue com regularidade, assim a deixassem fazê-lo menos espaçadamente. Em vez de ir dançar e beber no Elk Club, como as suas companheiras de casa, Ava passava todo o seu tempo livre no Corpo de Produção da Cruz Vermelha a reparar

uniformes, a enrolar gaze e a fazer tudo o que lhe fosse pedido para ajudar os homens no exterior.

Ela até usava batom vermelho, optando pelo caro *Victory Red*, da Elizabeth Arden, o equivalente civil ao *Montezuma Red* das mulheres militares. Lábios de rubi eram um irónico puxão de orelhas à guerra de Hitler contra as mulheres maquilhadas. E ela faria qualquer coisa para puxar as orelhas àquele tirano.

Provavelmente, o Sr. Edmunds estava ciente de tudo isso.

— O trabalho que desempenhará em Lisboa será honesto e poderá ajudar a trazer o seu irmão e todos os nossos rapazes para casa. — O Sr. Edmunds levantou-se e estendeu a mão, como um vendedor cheio de lábia, pronto a fechar o negócio. — Contamos consigo?

Ava olhou para a mão dele. Os seus dedos eram grossos e fortes, as suas unhas curtas e bem cuidadas.

— Eu teria de ir de avião, suponho.

— Mas não teria de saltar de lá. — Ele piscou-lhe o olho.

O seu maior medo estava a concretizar-se.

Porém, Daniel havia feito muito mais por ela.

Seria uma única viagem de avião para chegar a Lisboa. Uma mísera descolagem e aterragem com imenso tempo no ar entre uma coisa e outra. A planta dos pés ardia-lhe e um remoinho de náusea começava a formar-se na sua barriga.

Aquilo era, de longe, o mínimo que podia fazer para ajudá-lo, assim como a todos os outros elementos do exército dos Estados Unidos. Não apenas os homens, mas também as mulheres, cujos papéis eram muitas vezes igualmente perigosos.

Ela ergueu o queixo, nivelando o seu próprio olhar com o dele.

— Nunca mais me chame «boneca».

— Combinado — respondeu ele.

Ela estendeu a mão e apertou a dele de modo firme, tal como o pai a tinha ensinado.

— Contem comigo.

Ele sorriu.

— Bem-vinda a bordo.

Uma semana depois, um *Buick* negro foi buscar Ava às 8 horas em ponto ao apartamento que partilhava com duas colegas, em Naylor Gardens. As mulheres tinham organizado uma espécie de festa de despedida, apesar de não se conhecerem muito bem, usando a última porção de açúcar para fazer um bolo com rosetas amarelas agrupadas ao centro. Foi um gesto atencioso.

Ela estava aliviada por saber que as outras não ficariam totalmente surpreendidas com a sua partida abrupta. Numa cidade onde a habitação era escassa, já tinham alguém na fila para ocupar o quarto dela no dia seguinte — outra rapariga que trabalhava para o governo, que usava a típica camisa de colarinho branca.

Deixar a Biblioteca do Congresso tinha sido bem mais difícil. Ava tratara daqueles livros como se fossem uma extensão de si mesma, mimando-os e cuidando-os, garantindo que eram amados e estimados. Acostumara-se à beleza da biblioteca, ao encanto da aprendizagem todos os dias ao seu alcance. Nos três breves anos que lá passou, ela tornou-se uma fonte de informação, pronta para ajudar qualquer pessoa a encontrar o que quer que precisasse.

Ela sempre se orgulhara do quão útil se sentia.

Agora, aventurar-se-ia em território desconhecido, com o seu conhecimento limitado a uma semana de pesquisa frenética. Pelo menos, com o que conseguira saber sobre Lisboa, descobriu a importância de empacotar vários chapéus que, de outra forma, teria facilmente deixado para trás. Em Portugal, ser vista em público sem um chapéu seria como passar por prostituta.

Já que estava em preparativos, usou a última das suas senhas de racionamento número 17 para comprar um novo par de sapatos de salto. Com apenas quatro opções de cores, escolheu o preto em vez do castanho, do castanho-acinzentado ou do verde-militar. Usava agora esses sapatos, combinados com uma simples saia rodada verde e uma blusa de *rayon* branca e verde.

Depois de tudo preparado, restava-lhe a árdua viagem até ao aeroporto. Uma colmeia de abelhas parecia zumbir no estômago vazio de Ava. Naquela manhã estava demasiado nervosa para pensar sequer em comer qualquer coisa.

— Gostaria de passar pelo Mall antes de ir? — O motorista cruzou o seu olhar com o dela no retrovisor. — As flores de cerejeira acabaram de desabrochar e estamos com tempo.

A beleza dessas árvores ficara em causa para a nação após o terrível ataque a Pearl Harbor. Quatro haviam sido derrubadas por vândalos e muitos tinham exigido que o gesto de boa vontade do Japão, quase 30 anos antes, fosse simplesmente destruído.

Na excitação de se preparar para partir rumo ao seu novo papel, Ava não reparara que as cerejeiras haviam florescido. Normalmente, era a altura do ano de que mais gostava em Washington, embora o festival que a acompanhava tivesse sido interrompido devido à poupança para os esforços de guerra.

— Sim, gostaria — respondeu, grata pela atenção dele, e seriam mais alguns minutos de alívio antes do seu temido voo. — Obrigada.

O motorista virou à esquerda e serpenteou pelas ruas, no limite de velocidade de 55 quilómetros por hora: a *Victory Speed*, para economizar combustível. Por fim, avistou o Mall. Não a impressionou como antes, com a sua impecável aparência maculada por filas de unidades habitacionais temporárias e escritórios para funcionárias do governo, e com armas antiaéreas espalhadas em redor dos monumentos.

Mas as cerejeiras estavam carregadas de pétalas cor-de-rosa, tão fortes que rodopiavam e flutuavam dançando sobre as águas da Tidal Basin, como flocos de neve macios. Ava adorava passear pelo caminho entre aquelas árvores, deixando as flores sussurrarem na sua face à medida que caíam graciosamente sob uma brisa invisível.

Era precisamente a distração de que ela precisava para esquecer os seus pensamentos acerca da viagem de avião e a ansiedade por ir aterrar num lugar sobre o qual sabia tão pouco. Na verdade, não tinha a certeza do que seria pior.

Pelo menos, só na pista, e depois de se juntar à fila para embarcar, é que os seus nervos vibraram num zumbido insistente.

Viajar de avião era muito, muito pior.

DOIS

Hélène

Abril, 1943

Lyon, França

As palavras eram poderosas.
O olhar de Hélène Bélanger deteve-se no cartaz colado à parede, branca e limpa contrastando com a velha cantaria de pedra; a mensagem, em espessas letras negras.

À bas les Boches.

«Abaixo os Alemães».

O cartaz recentemente afixado ainda não havia sido arrancado pelas forças nazis que seis meses antes tinham ocupado a Zona Livre da França. Ela nem deveria estar a olhar para a frase, mas não conseguiu desviar o olhar. Não quando isso fazia o seu coração bater mais forte com a vontade de fazer alguma coisa.

Provavelmente, o cartaz seria arrancado em breve e um novo seria colocado no seu lugar; um sinal de desafio aos opressores.

A Resistência — bravos homens e mulheres que se haviam levantado contra os ocupantes alemães — fazia sentir a sua presença por toda a cidade de Lyon, ousada e sem medo.

Um rasto de ar gelado deslizou pela gola do casaco de Hélène e

um calafrio percorreu-a de alto a baixo. O frio da noite nublada de abril mal teria sido sentido em anos anteriores, mas a limitação de comida dentro da cidade alterara-lhe o corpo, deixando os ossos afiados pronunciar-se no que antes eram curvas macias. Os nazis não sofreram tal privação. Pelo contrário, jantavam fartamente a comida roubada a famílias famintas e consumiam quantidades incontáveis de vinho saqueado das adegas francesas. Tudo para satisfazer o seu prazer voraz.

Hélène afastou-se da parede e caminhou rapidamente pela rue Sala, as solas de madeira dos seus sapatos soando contra as pedras da calçada. As ruas quase vazias e as pesadas nuvens cinzentas não ajudavam à sensação de pavor que lhe apertava o estômago.

O seu cesto das compras trazia apenas alguns tupinambos nodosos, rolando sobre o fundo de vime entrançado. Em tempos, estas plantas de flores amarelas eram alimento para o gado, mas agora os tubérculos dessas ervas daninhas mantinham vivo o povo francês, substituindo gorduras e carnes quase impossíveis de encontrar.

Ela acalentara a esperança de comprar um pouco de pão, mas chegara tarde demais. Todos os produtos do dia anterior tinham sido vendidos, restando os pães frescos na parede ao fundo, mas que só poderiam ser vendidos no dia seguinte. Como ela tinha saudades dos tempos em que podia comprar um pão ainda quente acabado de sair do forno. Mas isso fora antes de as leis de racionamento exigirem aos padeiros que vendessem pão com pelo menos 24 horas. O pão endurecido não só era mais fácil de cortar em fatias precisas, para controlar as porções racionadas, como também

impedia que os franceses devorassem a sua comida demasiado depressa. Ou assim disseram os responsáveis.

Não que isso importasse. Pela primeira vez em muitos anos, o estômago vazio de Hélène não lhe doía com a fome. Agora, as suas entranhas contorciam-se e apertavam-se de ansiedade por quem a esperava no pequeno apartamento da rue du Plat.

Ou melhor, por quem *não* a esperava.

Joseph.

Dois dias e uma noite haviam passado desde a discussão entre eles, a pior até ao momento. As palavras eram poderosas, e ela disparara toda a sua exaltação contra o marido, cheia de raiva.

Ele era um homem que lutara e se sacrificara na Grande Guerra, que se tornara pacifista depois do que presenciara na Batalha de Verdun, e cuja mente brilhante para a química lhe chamara a atenção quando ela era uma rapariga prestes a terminar a escola de secretariado.

Agora, mantinha o olhar longe de uma mancha de giz azul-pálido na parede próxima ao seu apartamento. Já havia sido um V — *victoire*, outra marca da oposição francesa aos nazis e uma promessa de que, mais cedo ou mais tarde, a Resistência venceria. Aquele V, desenhado à pressa na pedra rugosa, tinha sido lá posto pela sua própria mão e era o motivo da discussão. Os dedos ainda lembravam o toque seco do quebradiço giz azul que costumava manter na sua mala.

O ato, banal, era tudo o que podia permitir-se, uma vez que Joseph acompanhava cada movimento seu.

Ele apanhara-a a meio, a sua expressão geralmente serena ficara ensombrada pela ira. O conflito começara assim que eles entraram

no apartamento, e foi então que ela usou as palavras mais duras contra o seu próprio marido.

A discussão irrompera numa exaltação cega que derivava das frustrações de ambos. Ele repreendera-a por não ser uma esposa Vichy adequada — o tipo de francesa subserviente que era mãe e dona de casa, obedecendo às ordens do marido —, o tipo de mulher que nunca fora. O tipo de mulher que ele nunca esperara que ela fosse. Além disso, Vichy era o regime que colaborava com os nazis, aos quais ela se pretendia opor. A vil sugestão era mais do que ela podia suportar. Num ataque de ira, chamara cobardia à recusa dele em juntar-se à Resistência.

Ele saía de casa nesse momento.

Mas Joseph não era um homem mesquinho. Dos dois, era ela quem tinha um temperamento mais carregado, pois era impulsiva. O que quer que o impedisse de voltar para casa não seria apenas descontentamento.

Todas as tentativas de ver Etienne, o seu amigo mais próximo, haviam sido em vão, uma vez que ninguém atendera no apartamento dele. Ponderara ir à polícia, mas ela sabia que esta trabalhava em estreita colaboração com a Gestapo, homens frios e cruéis e, provavelmente, incapazes de ajudar.

Se Joseph não voltasse até ao amanhecer do dia seguinte, apesar de tudo, o desespero levá-la-ia à polícia, não importando o risco.

Avistou as enormes portas de madeira do seu prédio, empurrou-as e entrou no átrio. Lá dentro tudo estava calmo.

Uma breve paragem na sua caixa de correio revelou que estava vazia e sem quaisquer pistas sobre o paradeiro de Joseph. A

sensação de desconforto no estômago intensificou-se ainda mais, enquanto ela tentava relativizar a esperança de que ele estivesse em casa.

Subiu as escadas para o quarto andar e em direção ao estreito apartamento que os pais de Joseph lhe deixaram quando a sua mãe faleceu, vários anos antes da guerra. Embora Hélène e Joseph estivessem em Paris à época, ele mantivera a sua casa de infância pensando usá-la durante as férias. Assim o tinham feito várias vezes. Num verão em particular exploraram as ruas sinuosas durante o dia e ficaram fora até tarde durante a noite, bebendo vinho ao longo do Ródano enquanto o ar quente de julho arrefecia. Para sorte deles, o apartamento pôde tornar-se um local de refúgio quando os alemães invadiram Paris. Com tanta gente em fuga para Lyon naquele tempo, acomodações como aquela seriam, de outra forma, impossíveis de encontrar.

Joseph não queria fugir da Cidade das Luzes quando todos foram avisados para o fazer, pois lamentava ter de abandonar os seus alunos e o seu trabalho. Mas ele havia deixado tudo em Paris por ela, para a manter segura. Isso fora há três anos, quando o casamento era feliz.

Hélène destrancou a porta e empurrou-a, revelando uma entrada escura e vazia.

— Joseph?

Embora não contasse com uma resposta, uma sensação de desespero invadiu-a quando nada se ouviu. Ele tinha-se mesmo ido embora.

Mas para onde? E quando regressaria?

O céu estava a escurecer, à medida que o recolher obrigatório se aproximava. Cada segundo transformava-se num minuto devido à interminável espera pelo regresso a casa de Joseph. Hélène preparava-se para se deitar cedo, cedendo à exaustão de um coração pesado e de um estômago vazio, quando ouviu uma suave batida na porta.

Certamente, Joseph não bateria. A menos, claro, que não tivesse a sua chave.

Ela correu para a entrada com tanta pressa que as tábuas do piso mal rangeram sob os pés. Mas não era o marido que estava à porta. Uma mulher de cabelo louro, parecido com o dela, olhou cautelosamente para Hélène com uns grandes olhos escuros.

O sangue nas veias de Hélène gelou com a chegada de uma estranha. Ela quase bateu com a porta quando a mulher colocou a mão na superfície de madeira brilhante para evitar que se fechasse.

— Pierre. — Ela sussurrou tão baixo que Hélène mal conseguiu distinguir o nome. — Ele está aqui? — continuou a mulher no seu tom quase silencioso. — Por favor, preciso de o ver. — O olhar que lançou para trás tinha algo de paranoico.

Exatamente o tipo de situação na qual uma vizinha como a madame Arnaud repararia.

Hélène acenou à mulher para a impedir de falar mais. Embora Hélène não conhecesse ninguém chamado Pierre, a mulher estava obviamente em perigo.

O que significava que Hélène também estava agora em perigo.

Porém, de alguma forma, ela não podia recusar-se a ajudar a mulher. Não quando Joseph tinha desaparecido tão

misteriosamente. Não quando um pressentimento lá bem fundo de Hélène sugeria que tudo aquilo poderia estar relacionado.

A estranha hesitou por momentos, antes de passar a soleira. O seu casaco castanho estava salpicado de gotas dos chuveiros da noite e a bainha do vestido castanho-escuro batia-lhe abaixo dos joelhos. Embora as suas roupas parecessem limpas e em boas condições, os seus sapatos pretos estavam demasiado gastos, sem arranjo possível.

Só quando a porta se fechou com um clique, a estranha voltou a falar.

— Por favor, preciso de ver o Pierre. Eu sei que não deveria ter vindo aqui, mas não tive outra escolha.

Hélène abanou a cabeça.

— Não conheço nenhum Pierre, mas talvez eu possa ajudar. O que aconteceu?

Os olhos da mulher arregalaram-se ainda mais com a confissão de Hélène, e recuou em direção à porta.

— É a polícia? — questionou Hélène em voz baixa. — A Gestapo?

O seu próprio coração acelerou com os riscos que estava a correr. Aquela mulher poderia ser uma colaboradora, como a madame Arnaud do outro lado do corredor, que vigiava toda a gente qual predador de olho bem aberto e que comentava sempre o facto de Hélène não ter filhos. Mas, claro, poucas igualavam a fecundidade da madame Arnaud com os seus oito filhos. Uma esposa Vichy como devia ser, com certeza.

Se a estranha fosse mesmo uma colaboradora, Hélène

certamente seria detida por ter perguntado sobre o perigo quanto à Gestapo.

O olhar desesperado da mulher esquadrinhou o apartamento atrás de Hélène, como se procurasse algo urgente.

— Eu preciso de documentos.

Hélène franziu a testa.

— Eu não tenho documentos aqui.

— Um cartão de identidade, um novo. Foi-me dito que o Pierre...

— Lágrimas correram dos olhos da mulher e o seu rosto contorceu-se. — Eu escapei do cerco há vários meses na rue Sainte-Catherine e estive escondida desde então, mas todos os lugares para onde vou são descobertos. Preciso de novos documentos. Uns que não digam isto.

Com as mãos a tremer, ela apresentou o seu cartão de identidade, declarando que era Claudine Goldstein, com um carimbo vermelho no topo. *JUIF*. Judia.

Hélène percebeu de imediato a que cerco se referia Claudine. Todas as terças-feiras, judeus acossados faziam fila para obter comida e assistência médica; a opressão do seu povo a forçá-los praticamente a implorar pela sua sobrevivência. Fora nesse dia, em que a Union Générale des Israélites de France estava autorizada a oferecer-lhes bondade e compaixão, que a Gestapo decidira atacar, prendendo todos os da organização bem como aqueles que apareciam a pedir ajuda. O coração ardera-lhe por tamanha injustiça, e o fogo reavivara-se agora com uma intensidade incandescente.

As perguntas sucediam-se na mente de Hélène, embora

soubesse que a mulher não responderia a nenhuma: Onde esteve escondida? Para onde iria agora?

— Perdoe-me, mas eu não conheço nenhum Pierre — respondeu Hélène, rompendo a pesada e dolorosa sensação que lhe agitava o peito.

O desânimo caiu sobre o rosto de Claudine, suavizando as suas feições com uma apatia resignada.

— Não posso fugir mais. Se eu não tiver documentos serei mandada embora como todos os outros. — Ela pestanejou e uma lágrima desceu silenciosamente pela sua face.

Não estava errada, e o fogo queimando dentro de Hélène reacendeu com nova força.

— Fique com os meus. — Hélène pegou na sua mala e retirou lá do fundo os documentos cuidadosamente dobrados. E cedeu-lhe também as suas senhas de comida e roupa. Afinal, estavam associadas ao seu nome. Sem o documento de identidade tudo o resto era inútil para Hélène. E talvez esse parco sustento e roupas novas pudessem ajudar, de alguma forma, Claudine na sua fuga.

A mulher ficou boquiaberta.

— Os seus? Mas como...

— Nós somos parecidas e temos a mesma altura — disse Hélène, colocando o maço de papéis na mão de Claudine.

Ainda assim, a mulher recusava-se a fechar os dedos em torno dos preciosos papéis.

— O que fará a senhora?

Hélène ignorou a pergunta, não querendo pensar nas consequências.

— Eu não estou em risco como você está.

E Claudine estava mesmo em risco. Demasiados judeus haviam sido colocados em comboios sem nunca mais serem vistos — famílias, crianças inocentes. Era mais do que Hélène podia suportar e a razão pela qual lutara tão vigorosamente contra o marido para se juntar à Resistência. Agora estava numa posição em que poderia realmente ajudar e não iria descartar a oportunidade.

— Por favor. — Hélène segurou os papéis contra a palma da mão de Claudine até que os dedos da mulher se fecharam relutantemente.

— O recolher obrigatório começará em breve — alertou Hélène. — Fique aqui até de manhã.

Mas Claudine abanou a cabeça.

— Não posso pô-la mais em risco, não depois... — A sua voz falhou, e ela ergueu o cartão de identidade e as senhas de racionamento. — Disto.

Hélène queria contrapor, mas Claudine já se estava a dirigir para a porta, sussurrando um agradecimento numa torrente profusa de gratidão.

No entanto, Hélène não podia aceitar o seu agradecimento. Era o mínimo que qualquer cidadão francês podia fazer pelos judeus perseguidos declarada e maliciosamente pelos nazis. A memória de Lucie surgiu-lhe no pensamento.

A única mulher com quem Hélène estabelecera amizade em Lyon, enquanto esperavam na fila do pão numa tarde chuvosa. Lucie tinha um guarda-chuva e ofereceu-se para o partilhar. Embora o tempo estivesse cinzento e frio, a disposição radiante de Lucie compensava tudo. Assim como Hélène, Lucie também não tinha filhos. Em vez de permitir que as opiniões dos outros a irritassem,

como sucedia com Hélène, Lucie ignorava as críticas com uma alegre indiferença.

Ela via sempre o lado luminoso do mundo, não importava quão escuro estivesse.

Fora o seu brilho que ajudara Hélène em muitos dias difíceis quando a fome começara a instalar-se, quando as restrições do recolher obrigatório condicionaram o seu confortável dia a dia e quando não se podia mais sair de casa sem uma carteira cheia de senhas de racionamento e um documento de identidade.

Isto é, até Lucie e o seu marido terem desaparecido durante a noite, e o seu apartamento ter sido saqueado e despojado dos objetos de valor. Não havia nada que Hélène pudesse fazer para ajudar a sua amiga, apesar das inúmeras tentativas para a encontrar.

Foi por volta dessa altura que Joseph se recusou a deixá-la envolver-se em qualquer atividade de Resistência, o que a deixou impotente. A indignação permaneceu consigo, latente.

Pelo menos agora Hélène tinha feito alguma coisa.

Fechou a porta depois de Claudine sair, e mais uma vez foi engolida pelo silêncio do apartamento vazio.

As repercussões da sua decisão fizeram-na acordar às primeiras horas da madrugada, enquanto a cidade de Lyon ainda dormia. O recolher obrigatório havia chegado e passado e Joseph ainda não tinha regressado.

No entanto, agora ela não podia ir à polícia para reportar o seu desaparecimento. Ninguém falaria com ela sem primeiro verem o

seu cartão de identidade, e, se declarasse os documentos como perdidos, eles iriam à procura do ladrão. Se Claudine fosse apanhada com os supostos documentos roubados...

Não, ir à polícia não era uma opção.

Uma ida à cozinha confirmou que restava apenas um pedaço de pão, além dos poucos tupinambos que Hélène conseguira encontrar no dia anterior. Com tamanhas limitações, as lojas não bastavam para que as pessoas sobrevivessem.

O seu estômago, privado até de um simples jantar na noite anterior, roncou baixinho com a fome. A comida não iria chegar para o dia todo, muito menos até que ela encontrasse uma solução viável.

Teria de ir mais uma vez à procura de Etienne e ver se, entretanto, ele já estava em casa, pois não havia mais ninguém que ela conhecesse tão bem a quem pudesse pedir ajuda. O seu mundo atual era solitário, nele as pessoas precisavam de ter cuidado com o que diziam, o que faziam e com quem se relacionavam. Era um mundo de inimizades, no qual os ocupantes empunhavam metralhadoras e impunham o medo, enquanto os franceses apenas tinham os seus cestos de compras vazios e o poder das palavras proibidas.

Percebendo que seria melhor esperar até que as ruas estivessem cheias de gente para não levantar suspeitas, Hélène cozeu os tupinambos e comeu-os com o pedacinho de pão. Assim que o Sol começou a nascer, retirou da prateleira o seu cesto de compras e a sua mala, como faria em qualquer dia normal, e saiu do apartamento. Raramente era mandada parar e lhe pediam os

documentos, pelo que provavelmente também não seria incomodada naquele dia. Só precisava de agir com naturalidade.

Porém, agir naturalmente com o coração a bater tão depressa era uma proeza muito difícil. Começou por andar rápido demais, o barulho dos seus sapatos era notório até para os seus próprios ouvidos. Reduziu o ritmo e manteve o olhar em frente, concentrada no seu propósito e com esperança de não ser admoestada.

Ela estava perto do apartamento de Etienne em Croix-Rousse, onde as ruas subiam num declive tão íngreme que teve de abrandar o passo para evitar que a sua respiração ficasse ofegante. Uma fila de cartazes recentes cobria uma parede declarando *Viva de Gaulle!* Longa vida a de Gaulle, o homem que encorajara todos eles a resistir à opressão dos alemães.

Um oficial nazi dobrou a esquina a alguns metros de Hélène. O sol nascente da manhã refletiu-se nas suas botas pretas muito polidas e reluziu numa medalha presa ao peito. O olhar dele tornou-se mais penetrante assim que avistou os cartazes.

Ao som dos saltos das suas botas nas pedras da calçada, ele caminhou até à parede e arrancou um dos papéis. O cartaz ilegal rasgou-se em tiras irregulares, restando apenas a parte de cima, e a mensagem resistiu teimosamente, intacta. Ele puxou novamente o cartaz, conseguindo dessa vez rasgar as palavras de modo que permanecesse apenas uma parte de «le».

Então, virou-se, de maxilares cerrados.

— Você. Pare! — Um homem de cabelos brancos à sua direita cumpriu o que lhe foi ordenado. — Documentos — exigiu o oficial.

O homem remexeu no bolso do casaco, os seus movimentos afetados pela deformação artrítica dos seus dedos enquanto tentava retirar o cartão de identidade.

Hélène podia ser a próxima. Se fosse apanhada sem os seus documentos, teria de admitir que os tinha perdido. Ela virou na esquina seguinte para evitar o oficial irado, de outro modo seria revistada em seguida. O seu coração batia tão depressa que subitamente ela sentiu dificuldade em respirar. Mas forçou-se a continuar a andar, os seus passos procurando coincidir com os dos outros em seu redor.

— Alto! — Uma voz soou atrás dela.

Ela continuou a sua caminhada suave.

— Minha senhora — disse o militar numa voz áspera. — Alto!

Infelizmente, não havia mulheres à sua volta, não deixando dúvida de que era ela a sua vítima. Três homens do outro lado da rua olharam para ela de onde estavam, emudecidos de alívio por não serem o alvo do nazi. Noutra altura eles iriam em seu auxílio, munidos de charme francês e boas intenções.

Hélène voltou-se e enfrentou o oficial. Ele estendeu a mão, com a palma para cima.

— Documentos.

Ela tentou engolir, mas a garganta estava muito seca. A sua mala parecia estranhamente leve pendurada ao ombro, o peso tangível dos documentos que havia doado estava dolorosamente em falta.

— Com certeza. — Disse-o de modo casual enquanto remexia na mala. O suor ardia-lhe na palma das mãos, apesar do dia húmido e frio.

O oficial dobrou a mão.

— Agora.

— *Pardon*. — Ela continuou a vasculhar objetos inexistentes no fundo da sua mala vazia. — Não consigo encontrá-los.

Muitos dos alemães que desfilavam por Lyon não falavam bem francês. Ela esperava agora que fosse esse o caso. A incapacidade de comunicarem poderia ser a sua salvação.

O cinza dos olhos do oficial parecia metal gélido.

— Não os tem? — perguntou ele num francês perfeito.

Ela ficou sem chão.

— Eu pensei que os tinha. — Encolheu delicadamente os ombros e tentou um sorriso bonito.

A expressão dele não se atenuou.

— Não tem os seus documentos consigo?

Em vez de reconhecer que não os tinha, voltou mais uma vez a sua atenção para a mala e recomeçou a procurar. Ele lançou a mão e agarrou o braço dela num aperto de aço que lhe molestava a pele.

Ela gritou, surpreendida. O olhar dirigiu-se aos três homens do outro lado da rua a tempo de os ver fugir sem deixar testemunhas.

Cobardes.

— Se não tem os seus documentos, está presa — disse o alemão no seu francês imaculado.

— Elaine! — chamou uma voz.

Hélène e o oficial olharam para o homem sem fôlego correndo na direção deles, segurando um cartão de identidade bem alto.

Etienne.

— Elaine — repreendeu ele. — Deixaste isto em casa outra vez. — Ao nazi ele oferecia um sorriso rasgado e apologético. — As

mulheres preocupam-se mais com a sua aparência ao sair de casa do que com os documentos necessários.

O oficial nazi lançou-lhe um olhar irritado e estendeu a mão em direção aos papéis que Etienne lhe entregava.

Hélène encolheu-se, esperando a reação do oficial quando percebesse que não era o cartão de identidade dela que lhe havia sido mostrado. O nazi abriu com uma mão o documento, revelando um cartão de identidade de uma mulher chamada Elaine Rousseau, mas cuja foto era mesmo de Hélène.

Ela esforçou-se para manter uma expressão impassível.

Como é que Etienne tinha uma coisa daquelas na sua posse?

De repente, o oficial soltou-a, dobrou o documento de identidade com um estalido sonoro e empurrou-a para junto de Etienne.

— Cuide melhor da sua esposa desorientada. Quase foi presa pela sua insensatez.

— *Oui, monsieur.* — Etienne aceitou os papéis com um aceno de cabeça e colocou o braço em torno de Hélène. Ela soltou lentamente a respiração antes suspensa, grata pela bravura de Etienne. O abraço dele deu-lhe estabilidade enquanto os joelhos pareciam vacilar por ter estado tão perto de ser presa, e por eles poderem perceber que os seus documentos haviam desaparecido. Por eles poderem ir atrás de Claudine.

O oficial deu meia-volta e marchou em direção à esquina de onde viera, gritando ordens para alguém arrancar da parede os restantes cartazes da Resistência.

Etienne cuspiu no chão que o nazi pisara e voltou-se para Hélène.

— Ele magoou-te?

A zona do seu braço onde o homem a havia apertado sem

piedade ainda lhe doía, mas ela não tinha sido presa. Claudine não seria descoberta. Apenas isso importava.

— Estou bem — respondeu ela, abanando a cabeça.

— Onde estão os teus documentos?

— Onde conseguiste isso? — Ela apontou para o pequeno maço entre os dedos dele.

— Não podemos conversar aqui. — Ele levou-a até ao seu apartamento no quinto andar, mais pequeno do que o dela.

Não era costume um homem solteiro receber visitas, portanto ela nunca havia entrado em sua casa. Hélène estava agora em pé, algo envergonhada, no meio da sala enquanto observava o espaço escassamente mobilado. A sala comum acolhia um sofá verde puído ao centro e também uma mesa de cozinha redonda ao lado de um forno estreito. Havia uma outra porta à direita, que provavelmente daria para o quarto. Não havia cortinas nas janelas nem qualquer decoração nas paredes manchadas. As persianas estavam praticamente fechadas, deixando o espaço na penumbra.

Pairava um odor persistente a cigarros e a chicória no ar estagnado.

Etienne abriu uma das persianas, os estalidos subtis tão audíveis como disparos enquanto ele deixava entrar um fluxo de luz cortando a escuridão.

— Senta-te aqui.

Num único movimento, passou o braço por cima da mesa limpando migalhas e um jornal aberto que caiu no chão. Ela resistiu ao impulso de apanhar o jornal e dobrá-lo cuidadosamente antes de o pôr de lado. Em vez disso, desabou no duro assento de madeira, agradecida pela sua robustez, enquanto recuperava do pavor do

que poderia ter acontecido se Etienne não tivesse chegado naquele momento.

Teria sido presa. Claudine também. E Joseph...?

— Sabes onde está o meu marido? — perguntou ela, apertando as mãos para acalmar o tremor.

Etienne dirigiu-se ao fogão e serviu duas chávenas de um líquido castanho-claro fumegante feito a partir de cevada torrada e chicória. Embora a bebida não tivesse os efeitos fortificantes de uma chávena de café, seria bem recebida pela sua garganta seca. Ele entregou-lhe uma chávena, que ela envolveu com os seus dedos gelados.

— Onde estão os teus documentos? — Ele estendeu uma caixa de pastilhas de sacarina, naqueles dias o substituto possível para o açúcar.

Hélène recusou.

Encolhendo os ombros, ele deixou cair uma das pastilhas na sua chávena, produzindo um som demasiado alto no silêncio que se instalara entre eles. Com um ar indiferente, recostou-se na cadeira, de sobrelanceiras erguidas na expectativa de uma resposta.

Ela soprou um fiapo de vapor ascendendo do seu café e bebeu um golo com cuidado, sem saber como responder.

Etienne e Joseph eram como irmãos, sendo Etienne dois anos mais jovem; havia mentido sobre a sua idade para ser aceite no exército durante a Grande Guerra. E, no entanto, ela não podia deixar de se perguntar se ele seria realmente confiável.

Enfiando a mão no bolso do casaco, ele retirou o cartão de identidade e abriu-o sobre a mesa, revelando a foto dela e o nome Elaine Rousseau.

— Ambos temos segredos. — O seu dedo indicador esticado pousou no documento e fê-lo deslizar na direção dela.

— Eu dei o meu documento de identidade. — Ela endireitou-se e fitou-o diretamente. — A uma mulher que precisava dele mais do que eu.

— Claudine — presumiu ele e franziu os lábios, como se desejasse poder voltar atrás e não ter dito aquele nome.

Hélène bebeu um gole de chicória para disfarçar a surpresa.

— É tua amiga?

— É uma mulher em dificuldades. Isso é tudo o que debes saber. — Tirou um cigarro enrolado de uma caixa e acendeu-o. O odor a ervas queimadas preencheu o espaço entre eles, o fumo acre ardia nos olhos e no nariz dela.

Aquele cheiro forte era algo a que deveria estar habituada, pois os franceses viram-se obrigados a fumar qualquer coisa que pudessem secar e embrulhar num pedaço de papel, desde que o tabaco se tornara tão escasso.

— Quem é o Pierre? — O rosto de Etienne permaneceu inexpressivo, mas Hélène não se deixou enganar. — Quem é ele? — Ela pousou a chávena, mas não largou as mãos daquele calor bem-vindo. — Quero saber o que é que está a acontecer. Quero saber quem é o Pierre e o que tem ele que ver com o desaparecimento do meu marido. Quero saber onde está o Joseph. — A sua voz tremeu ao não conseguir reprimir o crescendo das suas emoções.

O melhor amigo do marido olhou para a mesa, mudo, enquanto o pé direito começou a bater num movimento ansioso, o pestilento cigarro a arder em cinzas quebradiças por entre os seus dedos.

— Não vais poder voltar a ser Hélène — disse ele, por fim.

— Eu sei — respondeu ela num tom calculado que pouco ajudou a disfarçar a sua irritação. — Onde arranjaste isto? — Ela pegou nos documentos falsos. — Foi o Pierre?

As preciosas páginas tremeram na sua mão.

As sobrancelhas escuras de Etienne franziram.

— Terás de sair de casa se o teu nome não corresponde à localização — tergiversou.

A sua perna continuava a mexer-se e a bebida na chávena agitava-se com o movimento.

Ela largou os papéis e o seu café, para colocar a mão sobre a chávena à frente dele que só assim deixou de fazer barulho.

— O que é que está a acontecer? Onde está o meu marido? — O olhar dela cravou-se nos olhos dele, raiados de sangue, e notou uma contusão sob a sombra do maxilar por barbear. Havia também um pequeno corte por cima de uma das sobrancelhas. — Etienne.

A perna dele parou de mexer.

— O Joseph foi preso. — Etienne engoliu em seco. — Por razões políticas.

— Razões políticas? — O mundo girou em redor dela. O Joseph tinha sido preso. E ela já não tinha o documento de identidade para ir à polícia e tentar de tudo para exigir a libertação dele. — Ele está... — Ela mal conseguia pronunciar as palavras. Soavam-lhe muito hipócritas depois de todos aqueles meses de discussão. Depois de tudo o que ele lhe exigia e de tudo o que a proibira de fazer.

Depois de lhe ter chamado cobarde por virar costas ao seu país.

— Ele faz parte da Resistência? — acabou por perguntar. — Ele é

o Pierre?

Etienne deu um trago no cigarro. A ponta brilhou avermelhada e quando ele soltou uma baforada de fumo acre, o seu aceno foi quase impercetível.

Naquele momento, o mundo de Hélène rodou sobre o seu próprio eixo. Todas as vezes que Joseph alegara que a Resistência não fazia nada, todas as formas de ele a restringir. E e/e estava a colaborar com o movimento durante todo aquele tempo. A sensação de lágrimas iminentes fez-lhe arder os olhos, mas ela apertou as mãos até que a mesma passasse.

Lidar com as suas emoções ficaria para mais tarde. Agora queria fazer perguntas.

O olhar dela recaiu sobre o cartão de identidade enquanto observava a foto. O vestido era escuro, o tom, inidentificável pela impressão a preto-e-branco. Mas ela reconheceu as bordas recortadas do decote em V, tão popular na época. O vestido era de um verde profundo e luxuoso, e estava ainda pendurado no seu roupeiro em casa. Da última vez que ela o usara, Joseph dissera-lhe que estava linda e insistira em fotografá-la.

Era uma tolice posar para uma fotografia ali, no seu apartamento, com a parede branca em fundo, razão pela qual os seus lábios estavam timidamente levantados nos cantos, num sorriso inseguro. Agora ela entendia. Joseph não tinha tirado a fotografia como lembrança; ele fê-lo para criar um cartão de identidade falso. Ela só precisava que Etienne confirmasse as suas suspeitas.

Pegando no documento, segurou-o em frente a ele.

— Foi o Joseph que fez isto?

— Para a eventualidade de acontecer alguma coisa — suspirou

Etienne, rendendo-se. — Para te proteger. Eu não to consegui entregar por causa do boche.

O olhar dela deteve-se no maxilar ferido de Etienne. No corte na sua testa. Ele tinha sido espancado. Eles fariam o mesmo com Joseph.

A dor apertou-lhe o peito pelo seu marido, cujos anos como soldado pronto para a batalha haviam terminado muito antes de se conhecerem.

Ele havia sido ferido por estilhaços em Verdun. Tinha falado sobre isso com ela apenas uma vez, sobre como a bomba havia matado todos os homens em seu redor, à exceção dele e de Etienne. Joseph fora atingido na perna. Ainda eram visíveis os sinais do traumatismo, onde a pele se comprimia junto ao joelho e na barriga da perna, deixando-o a coxear ligeiramente.

Etienne saíra ileso daquela batalha, mas ele sempre tivera sorte. Até mesmo agora, ele estava sentado diante dela enquanto Joseph permanecia preso.

— Porque te soltaram a ti, mas não a ele? — questionou ela.

Uma expressão cansada aprofundou-lhe as rugas na testa e o olhar dele desviou-se, desanimado, para o vazio.

— Tenho sorte. — O seu tom era neutro, enquanto apagava o cigarro.

— Quando é que ele será libertado?

Etienne abanou a cabeça à medida que a sua atenção se voltava para ela.

— Nós não acreditamos que ele fique detido durante muito mais tempo.

— Nós — repetiu ela. — A Resistência.

Ele assentiu.

Havia uma confiança nas palavras dele, o que aliviou alguma da tensão que ela acumulara nos ombros. Havia pessoas que se preocupavam com Joseph. E talvez ela pudesse ajudar.

— Quero juntar-me à Resistência — afirmou ela.

— Não.

Hélène olhou fixamente para Etienne recusando-se a desistir, cansada de ouvir sempre o «não» de Joseph. Todos aqueles meses de tanta vontade em se lançar na luta contra os ocupantes e todos aqueles meses com ele a proclamar a inutilidade da Resistência. Em vez disso, ele insistira para que ela ficasse em casa, esperasse em filas intermináveis e realizasse proezas impossíveis na cozinha com as vis porções racionadas de comida.

A impossibilidade de fazer a sua parte contra os nazis parecia-lhe agora uma traição. Como se não fosse boa o suficiente para se juntar aos homens e mulheres na sua luta corajosa.

Agora não lhe diriam que não. Não quando os seus esforços podiam ajudar Joseph a ser libertado mais cedo.

— Não posso voltar a usar o meu próprio nome. Também disseste que não posso ficar na minha casa.

Os olhos escuros de Etienne semicerraram-se.

— Quero fazer parte da Resistência — insistiu. — Quero ajudar o Joseph.

Um músculo mexeu-se no maxilar dele.

— O Joseph não te quer envolvida nisto.

— Eu estou perfeitamente ciente disso — replicou ela, com os dentes cerrados.

— É um trabalho perigoso. — Etienne levantou-se

apressadamente, embatendo em Hélène. Sem olhar para ela, virou-se para o lava-louça e passou a sua chávena por água.

— Eu não me importo. Farei qualquer coisa para acabar com esta ocupação, para libertar os nossos soldados e o meu próprio marido. Para acabar com a degradação do nosso país e o tratamento repugnante dado aos judeus.

Um sorriso inesperado surgiu no rosto dele.

— O Joseph alertou-me que dirias isso. — Apesar disso, ele abanou a cabeça. — Ele nunca me vai perdoar.

— Também não quero saber disso.

Aí, Etienne deu uma gargalhada matreira.

— O meu amigo estava certo em todos os seus medos acerca de ti, madame. Que sorte a tua eu sempre ter sido alguém que procura o perdão e não a permissão.

Ela ficou boquiaberta.

— Queres dizer que...?

Etienne estendeu a mão e apertou os seus dedos longos e quentes nos dela.

— Elaine Rousseau, bem-vinda à Resistência.

TRÊS

Ava

Há muitas maneiras de se ler um livro. Recostada no canto do sofá, com uma chávena de café forte, ou deitada na cama com o livro pairando sobre o rosto — ainda que claramente isso não seja isento de riscos. Mas há também métodos pouco convencionais como, por exemplo, enquanto se cozinha o jantar ou atravessa a rua — às vezes até mesmo ao escovar os dentes, se a história for realmente envolvente.

Aparentemente, confinada ao assento junto à janela, a bordo de um tubo metálico muito veloz a dezenas de milhares de milhas acima da terra, era outra das maneiras. Ava agradeceu a companhia que Daphne du Maurier e a sua história emocionante lhe proporcionaram, ajudando-a a esquecer que se encontrava num avião.

Pelo menos na maior parte do tempo.

Enquanto o avião deslizava pelo céu como um pássaro voando num dia luminoso era fácil perder-se no livro aberto entre os seus dedos. Porém, ao menor solavanco e trepidação de turbulência, o medo tolhia-a numa poderosa e terrível suspensão, lembrando-a de quão precariamente a sua vida estava protegida apenas por alguns centímetros de metal. Naqueles momentos aterradores ela não

podia deixar de pensar nos seus pais enquanto o avião em que seguiam descia em espiral na fatídica viagem de regresso a partir de França. O que teriam eles experienciado, o que teriam eles pensado naqueles últimos e angustiantes segundos das suas vidas?

Para grande decepção do homem ao seu lado, Ava manteve a persiana da janela bem fechada. Se o pior acontecesse e o chão se precipitasse na sua direção, ela não queria testemunhar esse terrível acontecimento.

Quando, por fim, aterraram, Ava aligeirou o aperto desesperado em torno dos braços do assento, e isso foi tudo o que conseguiu fazer em vez de se ajoelhar e beijar o chão em sinal de agradecimento. Saber que o seu novo chefe a esperava era um forte incentivo para permanecer de pé, apesar do tremor dos seus ossos depois de suportar tantos picos de adrenalina ao longo da viagem. Ao invés, assegurou-se de que a sua boina de feltro, com um feixe de pequenas flores brancas, estava devidamente presa ao cabelo enrolado para trás.

O ar era mais quente do que o de Washington e o odor a combustível de avião apagou quaisquer aromas da cidade que ela poderia ter sentido. Caminhou em direção a um magote de pessoas juntamente com os outros passageiros do voo.

Um homem, com mais cabelos brancos do que escuros, segurava um letreiro que indicava «A. Harper» numa caligrafia apressada e sem sentido. Os seus olhos de pálpebras pesadas estavam vermelhos e denunciavam as muitas horas de trabalho, bem como o casaco amarrotado do seu fato de três peças acinzentado.

— Bom dia. — Ela pousou as suas malas pesadas e sorriu ao arriscar a sua primeira tentativa para falar português em Lisboa.

Ele observou-a com estranheza. Certamente não o teria dito mal. Quão difícil seria falhar os votos de bons-dias a alguém?

Depois de uma pausa, ele fez um sorriso trocista e abanou a cabeça.

— Não tive permissão para trazer a minha secretária. Por que razão o Harper foi autorizado a trazê-la?

Ela ergueu as sobrancelhas, certa de que não o ouvira com clareza. Mas não, ele ainda a fixava com o olhar, indignado.

— Harper... sou eu. — Apontando um dedo ao letreiro, ela disse: — Ava Harper.

Ele pestanejou.

Ela deveria ter contido o seu suspiro de irritação, mas estava muito cansada, e os seus nervos, muito desgastados. Então, a expiração saiu-lhe sem restrições.

— Presumo que seja o Sr. Sims?

— Sim, sou. — Ele recompôs-se, como ela esperava, evitando que aquele encontro inicial se tornasse demasiado estranho. — Estava à espera de um homem.

Talvez isso explicasse porque não se deu ao trabalho de levar a bagagem. Não que ela ficasse perturbada, inclinando-se para levantar as malas com as duas mãos. Não era a primeira vez que se mudava para um lugar novo com a sua vida inteira guardada em apenas duas malas. Mas já não era uma rapariguinha. Já tinha controlo sobre o que fazia e sobre quem era.

Lembrando-se das boas maneiras, o Sr. Sims estendeu os braços para as malas.

— Deixe-me levar isso. — Ele resmungou com o peso quando ela

o deixou pegar nas malas, e o seu rosto ficou avermelhado com o esforço. — O que traz aqui? Tijolos?

— Livros — respondeu ela com sinceridade. — Apenas uns quantos. — Poderiam ser muitos mais, mas a maioria fora arrumada em várias caixas e armazenada generosamente pela Biblioteca do Congresso, aguardando o seu retorno.

Ele suspirou em desaprovação durante todo o percurso até ao seu *Renault* preto brilhante, onde prontamente depositou as malas no banco de trás e abriu a porta para ela entrar.

Ava iria recordar para sempre aquele primeiro passeio de carro por Lisboa, enquanto aceleravam sem cerimónia por entre estátuas e ladeados por calçadas artisticamente empedradas. Demasiado rápido para reparar em qualquer um dos encantadores detalhes. Ao longo da viagem houve curvas apertadas e declives acentuados que os levaram pelos altos e baixos de algumas das famosas «sete colinas» de Lisboa.

No sopé de uma ladeira particularmente íngreme pararam na chamada Rua de Santana à Lapa, diante de um grande edifício branco. Uma fila de pessoas estendia-se à frente de uma cerca alta e serpenteava até à esquina. Não apenas homens e mulheres, mas também crianças.

— Aqui é a embaixada americana, onde fazemos a maior parte do nosso trabalho. — Sims parou o carro e saiu, deixando as malas de Ava no banco de trás.

— Quem é esta gente toda? — perguntou ela.

— Refugiados, em busca de vistos para a América — respondeu ele num tom objetivo.

Quando ela se aproximou da fila, dezenas de olhos focaram-se na

sua figura, vigilantes; muitos daqueles rostos incrivelmente magros.

Ela lembrou-se das histórias que lera nos jornais dos Estados Unidos sobre como os nazis estavam determinados a matar todos os judeus na Europa, como pessoas em vários países haviam sido empurradas para certas áreas das cidades onde ficaram abandonadas à fome e à doença.

— São tantos — murmurou ela.

— Chegar cedo não significa que consiga evitá-los. — O Sr. Sims interrompeu a fila, afastando-a da multidão e passando por um portão. — Eles estão aqui a qualquer hora.

Sem dúvida que estavam a tentar fugir da Europa para chegar à América, onde sabiam que ficariam seguros.

— Isto é tão triste.

O Sr. Sims assentiu com um som abafado.

— É por esse motivo que temos a Legação e o Consulado Geral dos Estados Unidos, para lidar com estes casos. E assim não precisa de ocupar a sua linda cabecinha com isto.

Ava engoliu a sua resposta afiada para que não parecesse tão belicosa logo no primeiro dia. Era incrível como as mulheres podiam agora frequentar a maioria das faculdades e alcançar empregos antes reservados apenas aos homens. No entanto, de certa forma, os homens estavam determinados a manter o «sexo fraco» nos seus papéis limitados e restritivos procedentes do século passado.

Uma mulher, de caracóis dourados penteados para trás e presos num puxo com uma flor azul, sorriu-lhes expansivamente quando eles entraram.

— Deve ser a nossa nova agente do IDC. Eu sou a Peggy,

secretária do embaixador. Diga-me se precisar de alguma coisa, o que quer que seja, *menina* Harper.

A sobancelha esquerda de Peggy ergueu-se ao enfatizar o «menina», e lançou um sorriso triunfante ao Sr. Sims.

Ava assentiu, aliviada por ter pelo menos uma pessoa do seu lado.

Surpreendentemente, a Embaixada dos Estados Unidos era como qualquer outro espaço de escritórios onde Ava tinha estado. As secretárias estavam dispostas num padrão em grelha e alguns quadros emoldurados adornavam as paredes de cores neutras.

Um homem alto, vestido com um fato azul-marinho, parou a meio do caminho; o seu braço e a sua perna em movimento para a frente num impulso exagerado enquanto olhava para ela.

— Quem é a flor? — Ele rasgou um sorriso que revelava um canino lascado. Atendendo ao seu nariz ligeiramente torto e à sua constituição robusta, parecia o tipo de homem que fizera o seu percurso na faculdade como defesa na equipa de futebol.

Considerando a jovialidade do seu rosto, isso podia ter sido apenas há um ano.

— Está a falar da flor do jardim? — corrigiu ela, com o que esperava ser uma piada bem-humorada. — Acabei de chegar cá e estou ansiosa por começar a trabalhar.

— Aposto que os seus braços estão cansados. — Ele sorriu revelando impaciência.

Peggy empurrou-o.

— Ah, vamos lá, deixe-a em paz. A pobre rapariga não dorme provavelmente há 20 horas, certo?

Estava mais perto das 24, mas naquele momento já perdera a

conta.

Ava retribuiu a Peggy um sorriso agradecido.

— Foi o que pensei. Nem acredito que a trouxeram para cá. — Peggy cruzou os braços e direcionou a sua atenção para o Sr. Sims.

— Eu quis — admitiu Ava. — Confesso que estou um pouco reticente quanto ao que é suposto fazer...

Eles riram-se, uma piada que todos conheciam exceto ela.

Juntou-se a eles com um riso comedido, para não parecer tão excluída como de repente se sentiu.

— Nenhum de nós tinha ideia do que fazer quando chegámos cá — disse o defeso. — Eu vou ajudá-la a entrar no ritmo das coisas. Chamo-me Michael Driscoll, já agora.

O Sr. Sims voltou-se e entrou num gabinete com o seu nome afixado na porta, fechando-a.

— Prazer em conhecê-lo, Sr. Driscoll. — O sorriso de Ava abriu-se por entre os seus lábios secos. Ela tinha aprendido há muito tempo que dizia as coisas erradas nos momentos errados, só pensando na resposta certa várias horas depois. Geralmente por volta das 3 da manhã, quando não havia nada mais além da escuridão para apreciar a sua agudeza tardia.

— Podes chamar-me Mike. — Ele pôs um braço à volta dos ombros dela. O cheiro vulgar a *rayon* informou-a sobre o tecido do seu fato, apesar da confeção de aparência imaculada. — Fica por perto que eu mostro-te como se fazem as coisas aqui, miúda.

Provavelmente, ela era dois ou três anos mais velha do que ele, tudo menos uma miúda.

— Tenho a certeza de que podes fazer isso sem o braço à volta

dos meus ombros. — Ela esquivou-se dele sorrindo para tornar as palavras menos bruscas.

Ele afastou-se rapidamente dela, as mãos levantadas como prova da sua inocência.

— Nós já sabemos tudo sobre ti. — Ele apontou-lhe um dedo. — És inteligente, atiras-te à investigação como um cão de caça e estás à vontade com microfilmes.

Era um lembrete do seu anterior «eu» em Washington, quando não precisava de fingir achar graça às piadas que não entendia, quando sabia o que se passava, onde e porquê. Ela anuiu, orgulhosa das suas competências.

— Façamos assim — disse Mike. — Amanhã de manhã reúne todas as publicações diárias e jornais e volta aqui. Eu vou mostrar-te como levar os documentos todos de volta a Washington para arquivamento.

— Isso eu consigo fazer. — Ainda que ela falasse com confiança, no fundo sentia um tremor de inquietação. Não tinha ideia do que estava à procura nem de onde poderia encontrá-lo. Mas depois do elogio dele, não se atreveu a perguntar nada para não parecer estúpida.

Ele saudou-a com as mãos e uma amigável piscadela de olho antes de entrar num dos gabinetes ao fundo.

Peggy fez um aceno de cabeça bem-disposto.

— É cá uma peça, aquele. — Ela mostrou-lhe um molho de chaves. — As suas malas ainda estão no carro. Vamos, eu vou levá-la ao seu apartamento. Conseguimos um espaço jeitoso perto do Rossio, só para si e tudo o mais.

Ava hesitou antes de seguir Peggy.

— Tem a certeza de que eu não devia começar já a trabalhar?

— Precisa de se instalar — disse Peggy por cima do ombro. O evasê da sua saia amarela era muito mais generoso do que o permitido em Washington. Aparentemente, o racionamento de tecidos não vigorava em Lisboa.

Elas aproximavam-se da porta de saída quando Ava colocou a mão no braço de Peggy.

— Não precisa de um chapéu?

Peggy inclinou a cabeça.

— Porque precisaria eu de um chapéu?

O calor espalhou-se pela face de Ava.

— Não vai ser... tomada por... uma...? — Peggy ergueu as sobancelhas para que Ava continuasse. — Prostituta — sussurrou Ava numa respiração apressada, olhando em redor para garantir que ninguém ouvia.

Para grande surpresa, Peggy soltou uma gargalhada.

— Quer-me parecer que leu aquele manual do OSS sobre Lisboa...

Ava endireitou as costas, uma polegada mais alta.

— É claro que li.

— Muita coisa mudou desde que eles escreveram aquele documento moralista. — Ainda rindo para si mesma, Peggy acenou para que Ava a seguisse. — Vamos, vamos até à sua nova casa para que se possa instalar.

A viagem até a praça do Rossio levou apenas alguns minutos —

provavelmente longe demais para caminhar até lá, mas quase demasiado perto para ir de carro. Peggy guiava mais devagar, permitindo que Ava apreciasse os passeios ornamentados de Lisboa, com cubos de calcário e basalto dispostos de acordo com uma antiga forma de arte chamada *calçada*, uma prática que remontava à Mesopotâmia. Alguns trechos formavam padrões específicos e outros apenas uma mancha de pedras encaixadas umas nas outras como peças perfeitas de um puzzle. Mas a que Ava mais desejava ver, daquilo que havia pesquisado, era a calçada do Rossio.

Ela susteve a respiração quando a negra pedra vulcânica e a branca formação rochosa calcária apareceram, o seu padrão ondulado mudando à vista, dependendo de como se olhava para ele.

— Praça do Rossio. — Peggy apontou para a zona de calçada ornamentada e para a estátua do rei D. Pedro VI de Portugal no topo de uma alta coluna ao centro. — Não sei que nome dão àquele passeio estampado, mas é adorável, não é?

— Mar Largo — respondeu Ava.

— É apropriado. — Peggy franziu os lábios, pensativa. — Mas fica o aviso, quando essas pedras ficam molhadas, tornam-se escorregadias como um espião. Já agora, como é que sabe isso? Do Mar Largo?

— Sou bibliotecária — respondeu Ava com orgulho. — Adoro aprender.

— É perfeita para este trabalho. Nunca deixe que o Sr. Sims lhe diga o contrário.

Peggy parou o carro junto da praça. Assim que o fez, a atenção

de Ava foi desviada da calçada para a multidão de gente. Cadeiras e mesas espalhavam-se dos cafés para a calçada ensolarada em tal número que era impossível distinguir um estabelecimento do outro.

Na pesquisa de Ava, através do manual do OSS e vários outros livros na biblioteca, as mulheres portuguesas não ficavam nos cafés. No entanto, havia dezenas de mulheres recostadas casualmente nos bancos de madeira com estrutura de metal, as pernas delas sem meias, soltando graciosas nuvens de fumo de cigarro. Nem uma única usava luvas, muito menos chapéu.

— Os refugiados mudaram um pouco as coisas por cá. — Peggy virou para uma via lateral chamada Rua de Santa Justa e parou o carro. — Não se deixe enganar por este cenário descontraído. Estas pessoas estão em circunstâncias desesperantes. Não se importam se usam chapéus ou meias. Estão todos a ganhar tempo, às voltas num inferno interminável de vistos de trânsito, vistos de saída, qualquer outro tipo de visto que lhes permita escapar daqui.

— Como aqueles do lado de fora da embaixada. — Ava ficou séria ao recordar a multidão.

— Certo. — Peggy franziu o sobrolho. — Se tiverem a sorte de obter esses vistos, vão precisar de bilhetes para viagens de barco que podem nunca chegar, e fazer assim com que o círculo insano comece de novo. Vai perceber.

Ela deslizou para fora do carro. Cada uma delas pegou numa das malas, embora Ava tenha garantido que pegava na mais pesada, e arrastaram-na por um lanço de escadas passando uma porta de prédio assinalada com o número 101. Peggy puxou de um molho de chaves e abriu a porta do apartamento.

— É pequeno, mas é melhor do que a maioria. Não há muitas

casas para arrendar ou quartos de hotel. Teve sorte, pois este estava disponível mesmo antes da sua chegada.

Ava entrou no estreito apartamento onde a sala de estar, a cozinha e a sala de jantar se juntavam num espaço central, com uma porta para o quarto de um dos lados. Abrindo mais uma porta estava a casa de banho — apenas para si, um luxo que nunca tivera.

— É perfeito. — Pousou a mala no chão. — Eu sou de Washington. Isto é praticamente uma mansão.

— Nesse caso, ainda bem. — Peggy entregou-lhe as chaves do apartamento e um envelope grosso. — Escudos, a moeda local, e são bastantes. Descanse um pouco e depois, amanhã de manhã, compre todas as publicações que puder. Há um quiosque logo ao fundo da rua onde pode conseguir quase tudo o que precisa. Alguém virá buscá-la por volta do meio-dia para levá-la novamente à embaixada.

Ava segurou o envelope.

— Isso é tudo o que devo fazer? Comprar jornais?

Peggy encolheu os ombros e dirigiu-se para a porta.

— Vai correr bem. Foi feita para este trabalho.

A porta do apartamento de Ava fechou-se e ela ficou completamente sozinha com duas malas cheias e uma exaustão profunda.

Em Washington, Ava era perfeita para o trabalho na Sala de Livros Raros, uma biblioteca onde ela conseguia nomear o artista de cada pintura ou escultura, onde a história de cada recanto lhe era tão familiar quanto a sua própria história. Conhecia o catálogo de tomos antigos como a palma da sua mão, assim como conhecia

todos os seus colegas bibliotecários e o protocolo em torno do esplendor silencioso da Biblioteca do Congresso. Lisboa era uma cidade sobre a qual, tal como uma estudante aflita para um exame final, pesquisara somente na última semana: não conhecia a língua e tudo o que aprendera sobre a cultura do país estava errado.

No entender de todos, ela era perfeita para aquele trabalho. Todos, isto é, menos ela.

Naquela noite, custou-lhe adormecer e teve dificuldade em se levantar às 8 da manhã, com o seu relógio interno ainda acertado para o horário de Washington. As suas malas foram desfeitas, as suas roupas passadas com um velho ferro de engomar que encontrou no armário, e os seus livros, cuidadosamente arrumados na sala de estar. Com exceção de *Mulherzinhas*, de Louisa May Alcott, que ficou na mesinha de cabeceira, onde sempre ficava, em qualquer lugar onde ela vivesse.

Quando a sua mãe era viva, costumavam ler os mesmos livros juntas. Tudo começou com *Ana dos Cabelos Ruivos*, quando Ava tinha apenas 8 anos. Ela falava da história com tanto entusiasmo que a sua mãe sentiu necessidade de a ler depois de si. A história compartilhada resultou em muitas horas de animada conversa entre elas, sorrindo com os comentários espirituosos de Ana e lamentando a maldade daquela odiosa Josie Pye. Ava e a sua mãe passaram a ler os mesmos livros depois dessa experiência — pelo menos até à morte da sua mãe, cinco anos mais tarde.

A mãe havia lido *Mulherzinhas* antes dela, como costumava fazer quando se tratava de livros que temia serem adultos demais para a

filha, então com 12 anos, e considerava-o não apenas apropriado para a idade, como também uma obra-prima a ser apreciada. Ava terminou a história quando a mãe estava em viagem e mal podia conter o entusiasmo com tantas passagens sobre as quais desejava conversar. Sabendo que a sua mãe deveria chegar na manhã seguinte, ela deixou o livro na mesa de cabeceira para que pudesse pegar nele logo cedo.

No entanto, o avião que os trazia de França foi apanhado numa terrível tempestade e caiu no mar. Quando Ava saiu do quarto naquela manhã, não eram a sua mãe e o seu pai que a esperavam, mas sim a sua ama, de olhos vermelhos e a soluçar.

O exemplar de *Mulherzinhas* junto à cama de Ava não significava que a sua mãe voltaria para casa, claro, mas seria para sempre uma lembrança da mãe e do amor compartilhado pelos livros que pareciam — ainda hoje — uni-las.

De alguma forma, aquele pequeno fragmento da infância, a familiaridade de um livro amado, fazia com que aquele ambiente estrangeiro se tornasse menos estranho. Ela não tinha percebido o quanto ansiava por esse conforto até este a envolver como um abraço e reforçar a sua determinação.

Embora não fosse poliglota, ela sabia francês e alemão e até um pouco de espanhol. Certamente poderia decifrar melhor o português do que esperava. E só ficaria sozinha até ao meio-dia, até voltar à embaixada. Quão difícil poderia ser o seu primeiro dia?

Ava quase se esquecia do chapéu, mas no último minuto optou por um modelo *pillbox* escuro e prendeu-o aos seus caracóis; calçou os sapatos pretos novos para combinar com a saia rodada escura e

a camisola cor-de-rosa. Quando abriu a porta do seu apartamento, o homem do apartamento em frente estava também a sair.

O cabelo dele estava despenteado, com fios prateados nas têmporas, e um cansaço sombreava a pele sob os seus olhos. Ele olhou de relance para ela e as espessas sobrancelhas ergueram-se.

— Você é americana.

Ava franziu o sobrolho. *Era assim tão óbvio?*

— Tem alguma revista americana? — perguntou ele num inglês com sotaque. — *A Time*, talvez?

— Por acaso tenho — respondeu ela lentamente. A revista tinha sido comprada por impulso no aeroporto antes do voo, numa tentativa de acalmar os nervos. Não funcionara e agora a revista estava sobre a mesa, ainda intocada.

— Posso ficar com ela? — perguntou ele.

Era uma pergunta tão ousada, sem preâmbulos ou pudor, e ela ficou tão surpreendida que acabou por assentir antes que os seus pensamentos pudessem clarificar-se. Voltou a entrar no apartamento e reapareceu com a revista, a capa ainda rígida e brilhante.

A julgar pela alegria que lhe iluminava o rosto, até parecia que ela lhe tinha dado a Bíblia de Gutenberg...

— Obrigado. — E nesse momento, antes que qualquer outra coisa pudesse ser dita, ele abriu a porta do seu apartamento e desapareceu novamente.

O estranho encontro terminou ali, Ava desceu as escadas, com os escudos guardados na sua mala. Saiu do prédio e optou por virar à esquerda, onde a azáfama de gente parecia fluir. Alguns passos à frente, o seu salto deslizou na escorregadia calçada de calcário.

Ela endireitou-se antes que o passo em falso pudesse ser notado e focou-se mais atentamente na sua marcha. O padrão da calçada, que antes admirara tão ardentemente, ondulava e submergia no pavimento antigo e irregular, deixando a superfície instável como ondas geladas e obviamente traiçoeiras para quem usava saltos altos.

Em vez de retornar ao apartamento e calçar uns sapatos mais confortáveis, ela dirigiu-se cuidadosamente até um quiosque com vários jornais presos a tábuas dispostas diante da pequena banca e ao longo da sua base.

O *Daily Mail* ocupava uma secção, com duas semanas de atraso e a data de 8 de abril de 1943, com uma manchete proclamando «Aliados aproximam-se e Rommel foge».

O *Das Reich* logo ao lado, sem mencionar o general alemão derrotado. Aliás, também sem menção o *Le Nouvelliste* — um jornal francês que parecia ser de Lyon. Pegou no jornal lionês para examiná-lo mais de perto, quando os dedos de um homem tocaram nos dela.

Ambos desviaram as mãos e olharam um para o outro. O homem era alto, o seu cabelo louro penteado naturalmente para o lado, os olhos de um azul-cerúleo como um céu de primavera perfeito. Ele mostrou-lhe um sorriso aberto que desenhava uma covinha na bochecha direita.

Adónis.

Se alguma vez tivesse perguntado a si própria como se apresentaria um deus na sua verdadeira forma perante meros mortais, agora ela sabia como. Ava nunca fora daquelas de se apaixonar por qualquer homem ou apenas com base na aparência,

mas aquela covinha poderia abalar até a mais estoica das mulheres e as suas aceções românticas.

— Peço desculpa — disse ele com um leve sotaque da Baviera.

— O senhor é alemão. — Ela ficou tensa, chocada com a gélida realidade. De repente, a sua falta de ar nada tinha que ver com a boa aparência dele, mas sim tudo que ver com a sua nacionalidade.

— Austríaco — corrigiu ele.

— O senhor é um nazi — exalou, incapaz de suspender o tom de acusação.

Quando o fez, ela reconheceu a tristeza na reação imediata. Em tempos, a língua alemã tê-la-ia lembrado de boas memórias do seu pai, cujos avós emigraram de Colónia para a América antes de a sua mãe e irmãos desta nascerem. Fora esse legado que o encorajara nos estudos e na paixão pela herança familiar. Fora também por isso que Ava quisera aprender a língua. E agora tinha sido manchado pelos nazis.

— Um refugiado — corrigiu ele. — Vim para cá há cinco anos para evitar o *Anschluss*.

O calor ruborizou-lhe a face. Não deveria ter sido tão rápida a julgar. Não ler mais nada sobre a agressão alemã além de jornais americanos induzira-lhe uma reação instintiva que convinha amenizar.

Embora não conseguisse lembrar-se de grande coisa acerca de refugiados em Lisboa antes de 1940, pelo pouco que conseguiu pesquisar, ela estava ciente de que *Anschluss* era o esforço de guerra nazi no qual os austríacos ocupados eram forçados a participar.

— Entendo — respondeu ela, envergonhada. — Desculpe-me,

por favor.

— O sotaque. — Ele fez uma careta e apontou para a sua garganta forte. — É um engano compreensível.

Ela soltou uma gargalhada nervosa, um indício do seu embaraço. Interrompeu-o, resistindo ao desejo de se encolher.

— Estou certo de que posso perdoá-la se se juntar a mim para um café e pastéis de nata. — Os seus lábios abriram-se num sorriso rasgado e avassalador. — Chamo-me Lukas.

Pastéis de nata.

Ela mordeu o lábio para evitar aceitar, se bem que seria uma ocasião para provar o pastel cremoso sobre o qual tinha lido.

Ele estendeu a sua mão enorme. As mangas estavam arregaçadas, revelando uns antebraços fortes e bronzeados. Ela apertou aquela mão quente de modo firme e rápido, e depois concentrou-se na banca de jornais.

— Receio ter algumas coisas para terminar aqui primeiro.

Ele riu de forma contida, o som era o de um timbre rico e retumbante no seu peito.

— Hoje em dia, toda a gente está tão preocupada com os jornais.

Um silêncio incómodo instalou-se entre eles, enquanto a conversa voltava para ela.

— Devia ter visto como o meu vizinho ficou feliz com um exemplar da *Time* — atirou ela, à falta de algo mais interessante para dizer.

É melhor ficar calado e ser considerado um tolo do que falar e acabar com a dúvida. A citação de Abraham Lincoln ocorreu-lhe naquele momento, e como desejava poder retirar as palavras suspensas no ar como se fossem páginas levadas pelo vento.

Os olhos de Lukas semicerraram-se.

— As revistas americanas são um achado raro aqui em Portugal.
— Disse-o de uma forma que sugeria que ela poderia ter feito mal ao oferecer a revista. — Só posso imaginar que ele tenha ficado exultante com uma oferta dessas. — A expressão sagaz transformou-se mais uma vez num sorriso. — Bem, espero poder reencontrá-la, menina...

— Harper. — Ela olhou para cima e desejou não o ter feito ao reparar no inequívoco interesse plasmado no belo olhar dele.

Ele acenou, satisfeito, enquanto se afastava, observando-a ainda com um agrado que lhe deveria parecer ofensivo.

Um cavalheiro de cabelos escuros estava perto dela, de fato preto e gravata azul-clara, com uma estatura diminuta comparada com a de Lukas e de cantos da boca arqueados num sorriso divertido com aquela troca de palavras.

Ela afastou-se e baixou a cabeça para ver as publicações, que deveriam ser o seu foco principal. Uma tola, realmente.

— Não me parece que os americanos costumem confraternizar com nazis.

Ela assustou-se quando ouviu o homem de cabelos escuros ao seu lado. Britânico, a julgar pelo sotaque refinado.

— Desculpe?

— Aquele homem com quem estava a falar. — Ele apontou para onde Lukas tinha seguido, desaparecendo na multidão.

— Ele não é nazi. — Ava fungou, passando os olhos numa página do *Evening Standard*, sem se concentrar no texto. — Ele é austríaco.

— Deixe-me adivinhar... — O homem levou um dedo ao queixo, a sua expressão era profundamente pensativa. — Ele chegou aqui há

cinco anos como refugiado para fugir aos nazis? E a quem Portugal, de alguma forma, gentilmente permitiu que ficasse tanto tempo sem ser expulso, apesar de prenderem pessoas diariamente por crimes como ter um visto caducado?

Ciente de que havia explicado o seu argumento, ergueu a sobrancelha escura.

Mas não havia réplica possível para que Ava pudesse arrefecer o ardor da sua humilhação, sobretudo por não estar muito familiarizada com as leis portuguesas.

— Se isto a fizer sentir-se menos mal, eles dizem o mesmo a todas as americanas. — Dito isto, brindou-a com uma reverência genuinamente apologética. — E todas as americanas caem nas garras deles.

Ava olhava fixamente para as várias publicações à sua frente. Se assim tivesse feito desde o princípio, não estaria agora naquela confusão.

— Gostaria de recomeçar. — Ele aclarou a voz. — É um prazer conhecê-la. Chamo-me James MacKinnon. É a menina Harper, correto?

— O senhor ouviu o meu nome quando o disse ao... austríaco. — Ela conteve-se antes de lhe chamar Lukas. Se James estivesse certo, Lukas não era certamente o nome dele.

— Embora confesse que tive a confirmação da sua identidade ao ouvir acidentalmente a vossa conversa, na verdade eu sei bastante sobre si.

— Ah, sim? — Ava estudava aquele rosto comprido. Ele tinha um nariz grande que lhe dava uma aparência presunçosa, mas um brilho no seu olhar sugeria que não se levava muito a sério. — Tinha

imensa vontade de conhecer a bibliotecária de quem todos falam. — Ele levantou o seu chapéu um centímetro. — Fico ansioso para saber mais sobre a menina, uma vez que andamos nos mesmos meios, menina Harper. — Ele voltou a assentar o chapéu na cabeça e foi envolvido pela multidão antes que ela pudesse pensar numa resposta adequada.

Enquanto Ava sondava aquele mar de rostos desconhecidos, sentiu a preocupação apertar-lhe o estômago.

Qualquer que fosse o seu papel naquela guerra, claramente já havia falhado o primeiro passo.

QUATRO

Hélène torna-se Elaine

Passaram-se duas semanas até que Hélène começasse a pensar em si mesma como Elaine Rousseau. Depois de uma vida inteira com um nome, não foi fácil conformar-se com outro. No entanto, o desejo de garantir a segurança de Claudine e de pertencer à Resistência estimulou a sua determinação.

Elaine empurrou a pesada porta da rue Saint Jean enquanto o Sol desaparecia lá longe. Este endereço era o último da lista que havia memorizado. Foi acolhida num pátio cheio de caixas de correio. Na caixa marcada com *Chaput #4*, inseriu o envelope lacrado na ranhura acima da fechadura.

A mensagem era a última do seu conjunto a ser entregue. De imediato, a tensão nos seus ombros aliviou. Se fosse apanhada naquele instante, os nazis não teriam quaisquer provas contra ela.

Familiarizada com a zona, seguiu a passagem sinuosa que ligava os prédios, atravessando pátios abertos e túneis onde se ouvia o eco, em direção à porta de saída na rue des Trois Maries.

Passagens como aquela existiam em toda a cidade de Lyon, embora nem todas fossem trabalhadas com tanta beleza como a que cruzava agora, com tetos delicadamente arqueados e paredes em tons de rosa.

As *traboules* eram usadas pelos antigos trabalhadores da seda, há mais de um século, para cruzar rapidamente as ruas íngremes. As passagens cobertas ainda eram utilizadas por muitos para não perderem tempo. Como vantagem adicional, os caminhos sinuosos tornavam os seus passos difíceis de detetar caso alguém a seguisse.

Porém, quando ela se aproximava da grande porta de madeira que dava para a rue des Trois Maries, destacou-se uma figura na sombra como se estivesse à sua espera. Ela parou, ciente de que era tarde demais para voltar para trás.

— *Bonjour*, Elaine. — Etienne levantou a cabeça para que ela pudesse reconhecer o seu rosto na penumbra.

Ela exalou um suspiro de alívio.

— Há notícias do Joseph?

Etienne baixou os olhos e abanou a cabeça.

— Ele ainda está detido na prisão de Montluc. Nenhum dos seus anteriores contactos foi abordado, o que significa que ele não falou.

— Ele está bem? — Ela detestava confiar em simples relatos, em vez de poder ver o marido. Mas fazer isso com os seus documentos falsos colocá-lo-ia em maior risco, caso fosse apanhada. — E ele recebeu os meus pacotes? — Os restos de comida que ela conseguira enviar provinham dos seus próprios e escassos alimentos racionados. Mas, se fosse preciso, ela poderia encontrar mais no mercado negro. Joseph não podia fazer nada na sua cela a não ser esperar pelo que ela lhe mandasse.

Etienne assentiu.

— Acreditamos que ele recebeu tudo. Foram entregues, isso eu sei.

O já conhecido nó de frustração e impotência aprofundou-se na sua garganta.

— Quando será libertado?

— Em breve, esperemos.

Era sempre a mesma resposta, dada com convicção. Porém, com o passar dos dias, ela encontrava-se cada vez menos disposta a confiar nessas garantias.

E se a comida que enviava ao Joseph lhe estivesse a ser retirada?

E se ele estivesse a ser espancado para obter informações, tal como sucedera a Etienne?

E se eles nunca o soltassem?

Este último pensamento era demasiado doloroso para sequer o considerar.

Havia tanto para ser conversado entre ela e o marido depois de uma separação tão hostil. Ela havia começado várias cartas para incluir nos seus pacotes, mas nenhuma palavra pareciam transmitir adequadamente o que lhe doía no peito quando pensava em Joseph. E certamente nada que pudesse ser lido por um guarda sem confirmar a culpa dele.

Não, o seu pedido de desculpas deveria ser feito pessoalmente, quando pudesse olhá-lo de frente e contar-lhe não apenas da profundidade do seu arrependimento como também do seu amor; pois para ela, um não teria significado sem o outro.

— Estiveste bem, Elaine — disse Etienne, interrompendo os pensamentos dela. — Todas as tuas entregas foram concluídas a tempo e sem problemas. És de confiança.

Ela franziu o sobrolho ao ouvir aquelas palavras.

— Se eu não fosse totalmente confiável, porque me dariam mensagens para entregar?

— Eram armadilhas. — Etienne piscou-lhe o olho. — Continham informações falsas e ter-te-iam exposto, na verdade, se fosses uma colaboradora.

Elaine ficou boquiaberta. Durante todo aquele tempo pensou que estava a ajudar, pondo a sua vida em risco por aquelas entregas nas caixas de correio.

— A nossa organização é cuidadosa — continuou ele num tom mais suave. Ele já falava baixinho o suficiente para que as paredes de pedra não pudessem ecoar a sua voz grave, mas agora era quase inaudível. — Não podemos confiar em ninguém. Nem nas esposas dos nossos amigos mais queridos.

A sensação inicial de desconfiança desvaneceu-se à medida que compreendia.

Havia colaboradores por toda a parte. Como a madame Arnaud. Um arrepio percorreu as costas de Elaine.

— Eu nunca te desapontarei — disse ela com veemência.

— É precisamente com isso que contamos. Amanhã vais à rue d'Algérie, número 20, onde encontrarás uma livraria. Repete o endereço para eu ouvir.

— Rue d'Algérie, 20 — recitou ela. Embora conhecesse a zona, não era uma daquelas para onde fosse com frequência.

— Consegues lembrar-te?

— Claro. — Ela não se deu ao trabalho de disfarçar a ofensa que sentiu com aquela pergunta. Afinal, havia passado as duas últimas semanas a memorizar endereços. Escrevê-los era perigoso. As

instruções foram-lhe repetidas pelo próprio Etienne, assim como por muitos outros.

Se ele notou a irritação pela sua falta de fé, ignorou-a.

— Uma mulher vai encontrar-se contigo na frente do prédio ao meio-dia. O nome dela é Nicole. Não chegues tarde.

— Ou cedo — replicou ela, devolvendo-lhe as suas diretrizes para mostrar que havia assimilado tudo o que ele lhe ensinara.

Os olhos dele enrugaram-se com um sorriso.

— Tu és boa nisto, Elaine.

Se fosse assim tão boa, teria encontrado uma maneira de libertar Joseph. Mas ela absteve-se de o dizer. Tudo o que podia fazer agora era confiar em Etienne e na Resistência para salvar o seu marido.

Os sinos repicaram ao meio-dia quando Elaine se aproximou da livraria. Ao fazê-lo, uma mulher de cabelo louro-claro caminhou na sua direção, elegantemente vestida com uma camisola branca e uma saia azul-marinho até à altura do joelho que combinava com a sua delicada barretina, presa com alfinetes no alto da cabeça. Os seus lábios vermelhos abriram-se num largo sorriso.

— Elaine, *ma chérie*, que bom ver-te.

Para grande surpresa de Elaine, a bela jovem abraçou-a e deu-lhe um beijo em cada bochecha. Elaine fez o mesmo, fingindo familiaridade para que parecessem nada mais que velhas amigas a quem pudesse estar a observar.

— Vem comigo tomar um café. — Nicole apertou a mão de Elaine.

— Ou, pelo menos, aquilo que atualmente passa por café. — Os

seus olhos azuis de tom pálido brilharam e ela puxou Elaine para perto de si, levando-a até uma porta ao lado da livraria.

Nicole não largou a mão de Elaine quando entraram no pátio e subiram uma escadaria. Aliás, ela apertou os dedos de Elaine.

— Nós vamos ensinar-te tudo o que precisas para garantirmos que ficas segura, *chérie*.

— Segura é bom, mas eu quero ser eficaz — rebateu Elaine.

Nicole sorriu.

— A Denise vai adorar-te.

Ela parou diante da porta de um apartamento e tirou uma chave. Os seus esforços pareciam demorar demasiado tempo; enquanto esperava, os nervos de Elaine ansiavam por conhecer as outras mulheres com quem trabalharia. Por ir descobrir o que lhe cabia fazer. Por fim, a pesada porta abriu-se e Nicole conduziu Elaine para o interior.

Os refúgios seguros onde Elaine ficara eram muitas vezes quartos vazios com um simples colchão e alguns cobertores. No entanto, ali, o vestíbulo transmitia uma sensação acolhedora e familiar, com vários sapatos alinhados contra a parede e um armário velho ao canto, com um espelho redondo que permitiria verificar como estava o cabelo antes de sair.

Nicole descalçou os sapatos de salto alto com um movimento pesado e ficou mais baixa, antes de tirar a barretina, sem tirar um fio de cabelo do lugar.

— Ela está aqui — gritou numa voz musical, e piscou o olho a Elaine.

Elaine depositou os seus sapatos ao lado dos de Nicole e seguiu-a até à sala principal. O espaço era exatamente o que se esperava,

com cortinas brancas transparentes e um sofá azul-cobalto enquadado por duas cadeiras amarelo-manteiga. Porém, no centro da sala havia uma grande mesa sobre a qual estava uma máquina de escrever, vários pedaços de papel, vários lápis e o que pareciam ser recortes de seda. Duas mulheres, curvadas sobre algo naquela superfície, ergueram os olhos com curiosidade.

O olhar vivo da morena atravessou Elaine; a sua postura era totalmente hostil. A mulher com o cabelo castanho-claro aos caracóis, porém, sorriu tímida e gentilmente, o que, de imediato, fez com que Elaine gostasse dela.

— Esta é a Denise. — Nicole acenou primeiro para a mulher de cabelos escuros, depois para a de caracóis claros. — E esta é a Josette.

Josette deu a volta à mesa e veio apertar as mãos de Elaine com os seus dedos quentes.

— Estamos tão felizes por te juntares a nós, Elaine. E agora já não sou o membro mais novo.

As suas bochechas coraram e a bondade visível nos seus olhos verdes mostrava que o comentário não tinha malícia.

— Foste recrutada pelo Gabriel? — perguntou Denise, usando o nome de Etienne na Resistência.

— *Oui* — respondeu Elaine, enquanto Josette soltava as suas mãos.

Denise assentiu lentamente, naquilo que Elaine pensava ser um sinal de aprovação.

— Vá lá, Denise — repreendeu Nicole. — Não a assustes no primeiro dia.

Denise fungou.

— O boche fará isso se os nervos dela não forem fortes o suficiente.

— Os meus nervos estão bem, não importa o que os alemães façam — argumentou Elaine, antes que qualquer uma das outras duas mulheres pudesse acorrer em sua defesa. — Ou eu não estaria aqui.

Denise semicerrou ligeiramente os olhos, mas Elaine recusava-se a ficar intimidada com a agudeza daquele olhar avaliador e ergueu o queixo em desafio.

— Então porque estás aí parada e não aqui a trabalhar neste código? — Denise moveu-se para dar espaço a Elaine ao seu lado.

Quando ocupou o lugar ao lado de Denise, começou oficialmente a sua aprendizagem com a Resistência na elaboração de códigos.

O processo de decompor e reconstruir as palavras não era fácil. A criação era baseada num poema escrito há mais de cem anos, selecionando palavras das estrofes para gerar um código que seria depois usado para configurar a mensagem. Isso era ainda mais complicado por causa do próprio poema, que mudava a cada semana.

— Não te preocupes — sussurrou Josette ao ouvido de Elaine quando a aula acabou. — Mais tarde eu mostro-te novamente.

Elaine fez-lhe um aceno agradecido.

— Esta é a nossa máquina de escrever. — Nicole apontou para uma máquina de escrever *Royal* preta e reluzente, sobre a mesa, com «Aristocrat» inscrito em letras douradas na frente brilhante.

Elaine olhou para as teclas revestidas a vidro, notando a ordem incomum. A maioria estava no mesmo local que ela reconhecia dos

seus anos como secretária, mas as letras Q, W, A, Z, X e M estavam em posições diferentes.

— É britânica — esclareceu Denise com naturalidade. — Muitos dos objetos que usamos na Resistência são fornecidos por agentes britânicos. Alguns dos nossos trabalhos de correio envolvem inclusive ir aos arredores da cidade, onde os Maquis nos entregam mercadorias recebidas por lançamento aéreo.

Os Maquis — assim chamados devido à vegetação rasteira na qual passavam agora os seus dias escondidos — eram homens demasiado jovens para lutar no início da guerra, mas que ultimamente recebiam ordens para se instalar em fábricas alemãs e trabalhar nelas em regime de serviço obrigatório. Muitos opuseram-se a essa regra e preferiram viver nas densas florestas em vez de se tornarem escravos dos nazis. Esses homens decidiram recorrer às táticas de guerrilha dos seus antepassados francos, usando o território a seu favor. E pelo que as outras lhe disseram, os agentes britânicos estavam lá para os ajudar.

O mundo queria que Hitler falhasse, e Elaine estava orgulhosa por finalmente fazer a sua parte.

— Usamos seda em algumas das nossas mensagens — disse Josette.

Nicole pegou num tecido amarelo-pálido. A suas unhas estavam pintadas com o mesmo tom vívido dos lábios. Com aquele vermelho vibrante, a sua camisola branca e a saia azul, ela formava a proibida bandeira tricolor da França. Sem dúvida que a sua escolha de

vestuário era intencional. E se assim era, tratava-se de uma demonstração de lealdade francesa bastante inteligente.

Ela dobrou o quadrado nos cantos antes de puxar o meio para formar uma pequena flor.

— Estes pedacinhos de seda dariam uma bela decoração para um chapéu ou para o cabelo. — Soltou a seda e o tecido brilhante desdobrou-se num quadrado irregular mais uma vez. — Mas, infelizmente, são todos necessários para as mensagens. Os rolos de seda são muito finos e podem ser cosidos discretamente na roupa, se for preciso. Também arde depressa, por isso pode ser descartado de maneira fácil e rápida depois de o destinatário ler a mensagem ou se este suspeitar que o podem prender.

Elaine estudou a máquina de escrever.

— Como é que o tecido fica fixo quando se está a teclar?

Josette ergueu uma agulha e linha.

— Cosemo-lo ao papel. — Pegou na amostra de Nicole e deu vários pontos soltos para a prender à página, depois inseriu o conjunto na máquina sem dificuldade.

Olhando para as teclas enquanto datilografava, Josette copiou as letras desordenadas que Denise juntara a partir do poema em que estavam a trabalhar. A tinta atingiu a seda, manchando o tecido delicado até que todo o código ficou completo.

Quando terminou, Josette removeu o papel, cortou os fios e a seda flutuou pela mesa, com a mensagem destacando-se nitidamente contra a superfície lisa.

— Parto do princípio de que saibas datilografar ou o Gabriel não te teria enviado para aqui. — Nicole ofereceu a cadeira a Elaine enquanto Josette saía.

— Eu já fui secretária. — Elaine sentou-se na cadeira, ainda quente da sua anterior ocupante. Embora estivesse casada há mais de cinco anos, não tinha passado assim tanto tempo desde que usara uma máquina de escrever. Joseph não insistira para que ela deixasse o emprego quando se casaram, apesar dos olhares depreciativos dos seus colegas com que frequentemente era brindada por ter continuado a trabalhar. Ele até a encorajara a procurar um novo emprego como secretária quando se mudaram para Lyon. Embora nessa altura já não existissem empregos disponíveis, pois os refugiados de outros países atacados antes de França já haviam chegado e assumido essas tarefas.

— Cuidado com as teclas— advertiu Denise.

Elaine fez o que lhe foi dito, prestando especial atenção às letras que não estavam no sítio habitual. Era estranho sentir a familiaridade das teclas frias e suaves sob a ponta dos dedos, mas não ser capaz de recorrer à sua habilidade para digitar sem olhar. No final, tirou as mãos do teclado e esmiuçou a mensagem como qualquer novata faria.

Nicole puxou a página e o seu olhar percorreu o trabalho de Elaine.

— Perfeito.

Trabalharam durante a tarde, os dedos dela encontrando as teclas certas com menos dificuldade, até que o barulho de alguém a bater à porta ressoou pelo apartamento. Todas as mulheres se endireitaram e entreolharam-se, como se confirmassem o inusitado daquela visita. Das quatro, foi Denise quem se aproximou do vestíbulo, procurando que os passos não se ouvissem à medida que pisava as velhas tábuas do soalho.

Antes de ela perguntar quem era, uma voz do outro lado disse:

— *Sous le pont Mirabeau...*

Sem hesitar, Denise respondeu:

— ... *coule la Seine.*

Sob a ponte Mirabeau corre o Sena.

Elaine franziu o sobrolho e olhou confusa para Nicole.

— É um código de *Le pont Mirabeau*, de Guillaume Apollinaire — explicou ela, enquanto Denise recebia uma pilha de papéis de um mensageiro que partiu tão abruptamente como chegou.

Elaine anuiu, lembrando-se do poema acerca de um artista e do seu amor, que ouvira pela primeira vez no liceu quando era pequena.

Denise voltou com a pilha do que parecia ser papel de jornal nos seus braços.

— Temos entregas amanhã. — Ela deixou a carga em cima da mesa, revelando vários exemplares do *Combat*, um dos muitos jornais clandestinos distribuídos pela Resistência.

Elaine pegou num exemplar e leu o primeiro artigo, que detalhava as detenções em Villeurbanne quando os homens convocados para o serviço militar obrigatório não tinham aparecido na estação de comboio à hora marcada. A Gestapo isolou aquela parte de Lyon e reuniu mais de 300 jovens para serem transportados à força até aos campos de trabalho.

— O *Combat* é o meu preferido — comentou Denise. — Embora eu saiba que a Josette prefere o *Cahiers du Témoignage Chrétien*, o jornal dos apoiantes da Resistência Cristã, e a Nicole gosta de ler o *Femmes françaises*, quando o consegue arranjar. Qual é o teu predileto?

Haviam passado mais de seis meses desde que Elaine vira um jornal clandestino, quando Joseph exigira subitamente que ela parasse com todos os atos de resistência após os alemães terem voltado a Lyon e aí permanecido. Mas antes disso, eles costumavam ler juntos o *Combat*, o editorial vocacionado para os soldados e para os intelectuais; ambos os aspetos agradavam a Joseph. Tal como a Elaine, através do amor que sentia pelo marido.

— *Combat* — respondeu Elaine. Foi invadida por uma sensação angustiante de saudade, com a lembrança daquelas manhãs tomando a chicória, as cabeças curvadas de ambos enquanto discutiam os artigos em voz baixa.

Como ela sentia falta daqueles dias com Joseph, quando trabalhavam em equipa em vez de se oporem. Antes de saber dos esforços dele para com a Resistência, em vez de lhe contar mentiras.

— Eu costumava ler o *Combat* com o meu marido. Usávamos o que vinha no jornal para criar folhetos que replicávamos no mimeógrafo.

A máquina de duplicação era algo desajeitada, mas funcionava bem o suficiente para replicar o panfleto que ela e Joseph compunham para depois distribuírem.

Denise ergueu uma sobrancelha com curiosidade.

— Sabes usar um mimeógrafo?

Elaine confirmou.

— Não é assim tão difícil, desde que não avarie.

— O que me acontece muitas vezes. — Nicole riu-se. — Acho que a minha especialidade é avariar todas as máquinas.

— É por isso que, normalmente, não a deixamos aproximar-se da

máquina de escrever. — Josette conteve o riso. — Por sorte, ela é mais adepta de codificar mensagens.

— O meu marido mostrou-me como se usa a máquina de duplicação — confessou Elaine. — Ele foi sempre tão paciente comigo. Na verdade, entrei para a Resistência na esperança de fazer algo que pudesse ajudar a libertá-lo.

Nicole parou de examinar os delicados farrapos de seda.

— Libertá-lo?

— Ele está na prisão de Montluc. Talvez o conheças: Pierre? — Era estranho chamar o marido pelo seu nome de código.

Josette reconheceu-o.

— Ele fazia documentos de identidade.

Ela anuiu, suspeitando disso devido ao aparecimento de Claudine à sua porta. No entanto, ela não esperava que as mulheres conhecessem o seu marido, muito menos o que ele fazia. Mas esta nova visão de Joseph deixava-a intrigada e queria saber mais.

— Ele fez o meu. — Josette franziu a testa. — Embora eu não me consiga lembrar de muito mais.

— Não sei nada sobre ele — comentou Nicole. — Mas farei o que puder para descobrir.

Elaine sorriu-lhe em sinal de agradecimento.

— *Merci beaucoup.*

Nicole acenou como se o gesto não fosse nada de mais. Mas tinha importância para Elaine. Significava saber exatamente o que fazia Joseph nos dias em que ela achava que ele estava no emprego, tanto tempo em que havia sido uma dona de casa entediada, fervendo de ressentimento enquanto esperava.

E pensar que Elaine chegou a acusá-lo de ser tão culpado quanto

os nazis por ignorar o que se passava. A memória atingiu-a bem fundo. Se ela soubesse nessa altura... Se ele ao menos tivesse confiado em si a ponto de lhe contar.

A ira que já conhecia brotou mais uma vez.

Porém, qualquer que fosse a raiva residual, dissolveu-se num inquietante calafrio quando Elaine fixou Denise, que a observava com uma expressão no mínimo sombria.

CINCO

Ava

Ava colocou na mesa do Sr. Sims as cinco publicações que havia adquirido. Ela esmiuçou-as para garantir que o conteúdo podia ser pertinente no que pudesse ajudar ao esforço de guerra americano.

Ele lançou-lhes um olhar superficial e voltou a sua atenção para uma pasta aberta à frente de ambos, claramente desinteressado nas descobertas dela.

— Onde estão as outras?

— Estas pareciam ter detalhes úteis — respondeu Ava. — Apenas consegui ler as que estavam em inglês, alemão e francês.

O Sr. Sims coçou a ponta do nariz de uma maneira que sugeria que ela tinha acabado de lhe estragar o dia.

— Deverá trazer toda e qualquer publicação que lhe passe pelas mãos.

— Não recebi quaisquer instruções, mas certamente vou adquirir mais publicações da próxima vez — replicou ela com uma deferência calculada. — Eu também teria gostado de ser avisada de que alguns nazis se fazem passar por austríacos.

A cabeça dele ergueu-se.

— Como? O que é que aconteceu? O que disse?

Ela abanou a cabeça tão rapidamente que sentiu desprender-se um dos ganchos que lhe segurava o cabelo.

— Nada, mas em todo o caso poderia ter-me dito.

— Bem, se assim é... — Ele colocou as palmas das mãos sobre a mesa. — Não fale com alemães. Eles são o inimigo e também se envolvem com a PVDE de tempos a tempos. — Os seus olhos perfuravam os dela.

Estava prestes a perguntar o que era a PVDE, quando ele dirigiu o seu foco para a pasta e murmurou:

— E eu que pensei que você seria inteligente.

Aquelas palavras foram como um estalo; Ava ficou com lágrimas a arderem-lhe nos olhos. Ela olhou de imediato para baixo, impedindo-o de vê-las.

— Quer que lhe mostre onde fazemos a nossa fotografia? — perguntou Mike abruptamente através da porta aberta. Sem dúvida que ele tinha ouvido. Provavelmente, todos no escritório ouviram.

Ava concordou, com o olhar ainda fixo no chão.

— Isso seria maravilhoso, obrigada. — Mas quando se virou para sair, o Sr. Sims fez um breve assobio.

Ele juntou os papéis na sua mão carnuda.

— Não se esqueça da sua generosa pilha.

O rosto dela ardia de humilhação.

Mike pegou no pequeno maço e cutucou Ava com o cotovelo.

— Conseguiste três a mais do que eu na minha primeira tentativa.

Ela ergueu o olhar.

— A sério?

— Sim, não nos deram muito com que trabalhar quando chegámos cá. — Ele conduziu-a por um corredor invadido pelo

aroma penetrante a café cediço. — Era apenas eu e o velho Sims quando tudo isto começou. Acho que é por isso que ele está a ser tão duro contigo. Um rito de passagem, digamos assim.

Ela não lhe respondeu. Se se encontrasse em Washington naquele exato momento, ela estaria a preparar-se para o seu trabalho na Sala de Livros Raros. Dentro de uma hora teria passado junto de obras-primas que celebravam o intelecto, respirando aquele cheiro a livros antigos de que já sentia falta como de um batimento cardíaco.

Em vez disso, enfrentou um infantil rito de passagem, depois de ser assediada por um nazi e chamada à atenção por um homem que sabia mais sobre ela do que ela sobre ele. Aristóteles disse um dia que a paciência é amarga, mas o seu fruto é doce.

Essa amargura assentava-lhe agora na parte de trás da língua, teimosa e duradoura.

Mas o primeiro dia na Biblioteca do Congresso quando ela começou também não tinha sido difícil? Havia mais para saber do que alguma vez pensou ser possível aprender.

Ela provaria o fruto da conquista do desconhecido que era Lisboa e estava certa de que seria doce.

Mike acompanhou-a até a uma grande sala de conferências com uma mesa ao centro, como uma ilha flutuante sem cadeiras à vista e coberta por candeeiros. Três câmaras quadradas situavam-se de um lado, assim como vários rolos de filme nas respectivas caixas metálicas circulares.

— Talvez estejas familiarizada com isto. — Mike piscou o olho. — Ouvi dizer que trabalhaste com algo parecido na Biblioteca do Congresso.

O peso da frustração aliviou-se quando ela se aproximou da primeira câmara.

— Sim, trabalhei. Tínhamos pilhas de papel de jornal já em decomposição e conseguimos salvar as informações registrando tudo em microfilme.

— Bem, aqui estamos a fazer isso por causa do espaço de armazenamento limitado no envio para o tratamento em Washington. — Ele abriu a lateral da grande câmara e Ava fez o mesmo. — Tentámos enviar os periódicos propriamente ditos, livros e papel de jornal em caixas, mas os navios não eram fiáveis e, pelos vistos, a parafernália alemã continuava a ser apreendida como contrabando. — Ele riu para si mesmo. — O velho Sims continua a receber chamadas da PVDE perguntando porque temos tantas publicações nazis a caminho dos Estados Unidos.

Novamente aquela referência à PVDE.

— O que é a PVDE? — Ava adicionou o carretel cheio num dos pinos e prendeu o filme no carretel vazio do outro lado.

— A polícia secreta portuguesa. — Ele fez uma pausa na sua tarefa, a tampa parcialmente fechada, e lançou-lhe um olhar duro. — Não é boa ideia atravessar o caminho deles. Nunca.

Ela assentiu e fechou a sua máquina.

Começaram ambos com a primeira das oito manivelas necessárias para inserir o filme corretamente no ponto de partida dentro da câmara.

— Só temos espaço para 165 libras de peso por mês no *PanAm Clipper* que sai a cada duas semanas. Por isso... — Ele deu uma suave pancada na câmara já pronta. — Microfilme.

Ava parou para ver o que ele fazia.

— O que é que estamos a fotografar?

Ele apontou para uma mesa encostada à parede de fundo, repleta de jornais em todas as línguas, bem como várias pilhas de livros, revistas e folhetos dispostos ao acaso, e então mostrou o que parecia ser um manual para uma máscara de gás civil.

— Isto.

— Tudo isso? — Não admira que o Sr. Sims tivesse ficado desapontado com a sua mísera coleção.

Mike despiu o casaco e atirou-o para a mesa ao seu lado, um homem a preparar-se para começar a trabalhar.

— Talvez queiras tomar um café. Vamos ficar aqui por bastante tempo.

O estômago dela deu um ronco irritado. A fome era desconfortável o suficiente para que jurasse nunca mais deixar de tomar o pequeno-almoço. Seguiu o conselho de Mike em tomar, pelo menos, uma chávena de café.

Com a chávena quente na mão, ela foi trabalhar para o lado dele, centrando o conteúdo a fotografar apenas nos feixes de luz, focando a câmara e capturando a imagem com um clique metálico que reverberava nas profundezas da máquina.

Eles trabalharam a maior parte do dia, tirando inúmeras fotos de tudo e mais alguma coisa, até ambos terem vários carretéis completos empilhados ao seu lado. Ava sentia uma dor queimar entre os ombros, por ter mantido a cabeça inclinada para garantir que a janela de captura continha todas as informações necessárias, e a parte inferior das costas parecia a ponto de partir se tivesse de se curvar mais uma vez.

— Acho que está bem para um dia. — Mike dobrou o jornal que

estava a fotografar. — Se não tens planos para o jantar, devias vir conhecer o resto da equipa.

— Há outros agentes do IDC além de nós?

— Não propriamente. — Ele vestiu o casaco e abotoou-o cuidadosamente à frente. — Quero dizer, os britânicos.

Eles apanharam um dos elétricos para o bairro do Chiado, onde as lojas especializadas de alta qualidade vendiam luvas de mulher e chapéus requintados. As montras exibiam modas incompatíveis com os códigos de racionamento nos Estados Unidos e mostravam mais sapatos do que qualquer funcionária do governo poderia alguma vez sonhar.

O cheiro a peixe grelhado temperava o ar com um aroma fumado e salgado que fez crescer água na boca a Ava. Só o café fortalecia uma pessoa por algum tempo, mas ela ficou com um nervosismo agitado no seu estômago, de outra forma, vazio.

Sempre apreciara peixe fresco e marisco e esperava agora poder comê-los em Lisboa, trazidos diretamente das águas cintilantes do rio Tejo para um grelhador.

— Trabalhamos em estreita colaboração com os britânicos — explicou Mike, enquanto percorriam o inclinado passeio em calcário da Rua Garrett. — Esses rapazes estão com a Association of Special Libraries and Information Bureau^[4]. Ou ASLIB, como prefiro chamar-lhe.

— Porque temos nomes tão ridiculamente longos? — questionou Ava.

Mike inclinou a cabeça como um cãozinho, depois encolheu os

ombros.

— Ultrapassa-me. — E desviou a sua atenção para a rua à sua frente. — Ah, lá estão eles.

Dois homens já estavam sentados numa mesa na esplanada, sob um toldo verde-escuro, com um terceiro de pé ao lado deles. Este voltou-se quando eles se aproximaram e Ava conteve um gemido.

James MacKinnon.

O britânico intrometido que a repreendera por «se relacionar com nazis» era, aparentemente, um dos homens com quem se encontraria com frequência. Fantástico.

O seu estômago roncou implorando por jantar. Ela poderia invocar a exaustão daquele primeiro dia e o aturdimento por causa das viagens, e levar alguma comida para o seu apartamento. Mas precisamente quando esse pensamento lhe passou pela cabeça, os outros dois homens dirigiram-se a ela. Sair agora seria mais estranho do que ficar. Afinal, num grupo de cinco, dificilmente teria de falar com ele.

O desconforto não foi fácil de engolir, mas ela permitiu-se ser puxada para a mesa por um Mike excessivamente zeloso.

— Ei, companheiros. Esta é a menina Ava Harper. Ele apontou para um homem com bochechas rosadas e cabelos castanhos cuidadosamente penteados para o lado. — Este é o Theo.

Theo assentiu com a cabeça, de olhos castanhos penetrantes, mas afáveis, avaliando-a de um modo agradável como quem observa um edifício.

— E este é o Alfie. — Mike apontou para um jovem ruivo com um punhado de sardas que pontilhavam a sua pele clara como estrelas.

Um rubor floresceu sob as constelações enquanto ele baixava a cabeça.

— E o James. — O inglês deslizou para o espaço ao lado dela e mostrou um sorriso rasgado. — A quem já tiveste o prazer de ser apresentada.

Não fora grande prazer, mas Ava não disse nada em voz alta. Ele afastou a cadeira para Ava se sentar, o que ela fez com um gesto de agradecimento. Então, para seu desgosto, ele ocupou a cadeira mesmo ao lado dela, perto o suficiente para que Ava detetasse o cheiro leve e limpo do sabonete que ele usaria.

— Estávamos curiosos com a sua chegada — disse Alfie com uma voz suave e tímida.

— Deviam ter visto a cara do Sims quando ele voltou do aeroporto depois de saber que A. Harper era uma mulher. — Mike deu uma palmada no joelho e soltou uma gargalhada, puxando uma cadeira para o topo da mesa. — Tal e qual como disse a Peggy.

— Vocês também são bibliotecários? — perguntou Ava aos outros dois, ignorando James.

— Somos — respondeu Theo. — Estou na Biblioteca de Londres há quase uma década e o Alfie começou no outono passado. Pelo que ouvi, as suas habilidades de pesquisa e a capacidade de descobrir informações difíceis serão essenciais para o nosso sucesso.

Ava pegou no cardápio, orgulhosa e ligeiramente irritada por ter uma reputação que a precedia, especialmente quando tal coisa criaria expectativas.

— Desde que eu consiga descobrir exatamente o que estou aqui a fazer...

Todos se riram.

Embora exibisse um sorriso forçado, sentia a sua nuca a picar de nervos. Havia tomado muito café e não tinha comido o suficiente para lidar com mais uma piada cuja graça ela não compreendia.

Alfie olhou-a com uma simpatia atenta e a sua alegria desvaneceu rapidamente.

— Infelizmente, o seu país tem o hábito de enviar pessoas muitíssimo impreparadas.

— Eu posso mostrar-lhe as coisas por aqui, se quiser — propôs James. — Onde encontrar o quê, quais os contactos necessários para obter certas informações.

Ava olhou para trás na direção do balcão vazio do restaurante. Certamente o empregado deveria estar a chegar. Quando voltou a sua atenção para a mesa, estavam todos a olhar para ela, expectantes, aguardando uma resposta.

Ela acenou com a mão em desdém.

— Não precisa de perder tempo por minha causa. Estou certa de que tem muito mais que fazer do que mostrar-me Lisboa. E o Mike pode ajudar-me com o que eu precisar...? — Ela tentou disfarçar o desespero no seu rosto enquanto olhava para o colega de trabalho.

— Na verdade, isso seria uma grande ajuda, James. — Mike puxou a gravata, desapertando-a no colarinho. — Estou atolado.

— Excelente! — James lançou um sorriso vitorioso na direção dela. — Podemos começar amanhã de manhã, às 9 horas.

Antes que ela pudesse fazer qualquer tipo de objeção, o empregado apareceu milagrosamente. James ergueu um dedo para fazer o pedido.

— *Super Bock* para todos. — Mal o homem desapareceu para ir

buscar as bebidas, James virou-se para Ava. — Gosta de cerveja, não gosta?

Fiel à sua palavra, James estava à porta do apartamento de Ava na manhã do dia seguinte, às 9 horas em ponto, deixando-a quase arrependida de lhe ter dado a sua morada na noite anterior.

— Não podemos começar o dia em Lisboa sem a bica e os pastéis de nata. — Ele estendeu-lhe o braço numa demonstração galante de cavalheirismo.

Ela não aceitou dar-lhe o braço e certamente não precisava de apoio, visto ter optado por um par de sapatos mais confortáveis.

— Isto não é um encontro.

— Nunca o suporia. — James puxou o cotovelo para o lado com uma expressão altiva desmentida pelo brilho dos seus olhos. — Estava apenas a ser um cavalheiro. — Ela ajustou o seu chapéu verde com flores brancas, um adorno cuidadoso para o vestido amarelo-claro que decidira usar.

— Eu também ficaria bem com um chá, se preferir.

James parou quando um elétrico passou zunindo, fazendo soar as suas campainhas.

— Estamos em Portugal, tomamos café.

— Na verdade, o chá é muito português — comentou Ava.

— Ah, sim, por causa do casamento da princesa Catarina de Bragança com o rei D. Carlos II no século XVII? — James avançou quando o tráfego permitiu uma brecha.

Ela observava-o com curiosidade.

— Sim, exatamente.

— Não fique assim tão surpreendida. — Ele guiou-os e dobraram uma esquina. — Conheço a história britânica tão bem como qualquer rapaz. E embora seja gentil da sua parte considerar os meus gostos, eu dou-me muito bem com uma chávena de café forte pela manhã. Aposto que ainda não teve a oportunidade de experimentar o café português.

Ele estava certo, claro.

Espelhos e madeira polida adornavam as paredes do café onde entraram, e o balcão ostentava uma enorme engenhoca de metal que chiava e gorgolejava. Um empregado aproximou-se assim que eles se sentaram a uma pequena mesa para dois, perto da entrada aberta à rua. A manhã de abril estava fresca, com uma leve brisa que agitava a saia de Ava contra os seus joelhos. James falou com o homem num português perfeito e com uma velocidade que não lhe permitiu entender uma única palavra, considerando o seu vocabulário ainda deveras limitado.

Não era comum Ava encontrar-se numa posição em que não falava a língua.

— Quanto tempo demorou a aprender português? — perguntou ela com uma inveja tão verde quanto o seu chapéu de feltro infiltrando-se no tom de voz.

— Vai apanhar-lhe o jeito rapidamente. — Ele cruzou o tornozelo esquerdo sobre o joelho direito e olhou para a cidade ganhando vida lentamente lá fora. — Eu devo desculpar-me pelo modo como nos conhecemos. Devo dizer, a minha repreensão era uma brincadeira.

— Não foi o que pareceu.

Ele deu uma gargalhada calorosa.

— Claramente.

O empregado trouxe um pequeno prato de pastéis com creme tostado por cima e duas chávenas de porcelana pouco mais altas do que o dedo mínimo de Ava.

«Forte» era a palavra certa para descrever a bica, que concentrava toda a intensidade de uma caneca de café numa pequenina chávena com um pouco de espuma escura à superfície. Aparentemente, James queria que o travo da sua bebida fosse atenuado pois adicionou-lhe uma porção de açúcar tão generosa que chocaria qualquer americano em racionamento.

Ava ficou muito mais impressionada com os pastéis de nata. A massa delicada acolhia o recheio, as bordas tostadas e douradas.

— Conhece a história destes? — James apontou os pastéis.

Ava levantou um do prato, surpreendida com o peso de algo tão pequeno.

— Os monges usavam as claras de ovo para engomar as suas roupas e sobravam gemas em abundância, o que era perfeito para este creme. Foram os primeiros a fabricar pastéis de nata e estes tornaram-se parte da identidade portuguesa desde então.

— Bravo. — James ergueu um pastel e fê-lo tocar no dela, como que simulando um brinde, antes de dar uma dentada.

O creme estava quente e espesso; a crosta, crocante — a invenção era equilibradamente doce e deliciosa.

— Se gosta disto, então devia experimentar os bolos que os refugiados vendem. — Deixou alguns escudos sobre a mesa.

Ava pegou na sua mala, mas ele abanou a cabeça.

— Hoje é por conta da Coroa. A sua pesquisa já a levou até à Livraria?

— Eu não sei onde as coisas ficam, mas gosto sempre de ir a

uma livraria. — Levantou-se e pendurou a mala ao ombro, pronta para embarcar na visita guiada por Lisboa.

— Não precisa de se preocupar — assegurou ele. — Vai ficar a par de tudo em breve. Assim como das outras livrarias em Portugal e dos novos quiosques e papelarias. — Ele levantou a mão para o empregado, como que a despedir-se, e conduziu Ava para o exterior do café.

Ela questionou-o.

— Papelarias?

— Ficaré surpreendida com as joias que se escondem no meio de pilhas de papel e de canetas. — Ele continuava a olhar em frente à medida que seguiam, mas falava num tom mais baixo e discreto. — Parece que a polícia se apercebeu da sua presença.

— O quê? — A palavra saiu-lhe quase num guincho, coisa que ela não antecipara.

— Não olhe — avisou ele.

Ela parou no meio do caminho e fixou o olhar em frente tal como ele fazia.

Ele estremeceu ligeiramente.

— Ria, talvez, ou qualquer coisa do género, como se eu tivesse dito algo engraçado. Para que não seja tão terrivelmente óbvio.

Ava forçou uma gargalhada, contente por não se ter voltado por completo antes do aviso dele. Era realmente uma péssima espia.

— Se alguém perguntar, é apenas uma bibliotecária americana. — Ele manteve o ritmo que havia estabelecido antes, mas agora o passeio casual parecia lento demais devido aos olhares da polícia atrás de si.

— Mas eu *sou* uma bibliotecária americana — sussurrou ela.

Ele piscou o olho.

— Exatamente. — Sorriu-lhe, apontando para uma loja localizada na esquina de um grande edifício. — Ah, cá estamos.

Azulejos azuis e brancos adornavam as paredes do edifício, uma tradição em Portugal. Se não estivessem a ser seguidos pela polícia, Ava poderia ter-se aproximado para examinar a superfície brilhante e reparar se havia buracos do tamanho de alfinetes a pontilhar o vidro, sugerindo que os azulejos haviam sido feitos antes dos avanços modernos.

Ela ainda terá aligeirado o passo, pois a mão de James tocou no seu cotovelo e, puxando e incentivando ao mesmo tempo, conduziu-a para o interior da loja. Lá dentro, um homem de fato escuro olhou para cima. O olhar dele demorou-se demais para ser inocente, antes de se virar para o lado. A apreensão provocava-lhe cócegas na pele.

— Por aqui. — James levou-a para o fundo da loja, e o foco de Ava passou a ser o esplendor que era a livraria Bertrand.

Os livros empilhavam-se nas prateleiras de madeira, do chão até ao teto abobadado em tijolos estriados que se erguia acima deles.

— Por agora só podemos olhar — advertiu James. — É melhor esperar até perdermos de vista os nossos novos amigos antes de fazer qualquer compra.

Ava mal o ouviu. O seu olhar percorria as lombadas expostas, os títulos todos em português. Ainda assim, a sua mente tentava descobrir os significados, como se ela pudesse traduzi-los. De repente, conseguiu ler as palavras e percebeu que estavam em francês. E depois em alemão. Depois mais uns quantos que ela não conseguiu discernir. Polaco, talvez?

Naquele momento, ela sentiu um profundo desespero por não só não ser fluente em português, como também em polaco. E em russo. E em grego. E em todas as outras línguas que pareciam estar representadas naquelas estantes repletas da livraria.

A ponta do seu dedo pousou num exemplar de *La Séquestrée de Poitiers*, de André Gide, um dos muitos autores cujas obras haviam sido banidas pelos nazis na Alemanha. Uma súbita necessidade de puxar o livro para si quase a dominou, para o embalar junto ao peito como se protegesse uma criança. Para manter o texto longe daqueles que deixariam as chamas consumi-lo até que as páginas se enrolassem em cinzas quebradiças. Ela puxou a lombada para o destacar da pilha e guardá-lo para si. Os livros estavam tão apertados que vários outros, de cada um dos lados, também se inclinaram para a frente, quase caindo da estante.

— Não me ouviu? — perguntou James.

Ela apenas teve tempo de pegar nos restantes livros e colocá-los de volta no seu lugar, depois de deixar as obras de Gide.

— O quê?

— Devíamos pensar em ir embora de imediato. — Ele olhou discretamente para o homem junto da porta.

Mas Ava não largou o romance. Certamente, *um* livro não os iria comprometer.

James ergueu uma sobrancelha.

— Parece uma miúda que encontrou um cãozinho perdido e vai perguntar se podemos ficar com ele.

— Aí é que se engana. — Ela dirigiu-se à frente da loja. — Sou uma mulher adulta, com o meu próprio dinheiro, que pretende comprar isto para o salvar da destruição nazi. — Caminhou até à

caixa e pagou o livro. Ao fazê-lo, o homem que examinava uma estante perto da porta chamou novamente a sua atenção. O cabelo estava penteado para trás, o olhar era atento e brilhante.

Voltou a ver aquele olhar em todas as outras lojas de Lisboa que visitou nos dias seguintes, apesar de nunca mais o ter encontrado. Mas, como uma memória dolorosa, os seus pensamentos retornaram mil vezes àquele incidente.

No resto do dia ela atendeu às sugestões prudentes de James. Quando ele se encontrou com ela em casa nessa noite, Ava estava completamente esgotada. Mal se lembrava do que ele lhe dissera enquanto empurrava a grande porta verde do prédio.

Esperava-a um apartamento na penumbra; um fenómeno raro que não tinha experimentado antes com as suas colegas de casa em Washington, que conseguiam sempre chegar antes dela. Acendeu as luzes, guardou o novo livro junto à sua pequena coleção trazida de casa e adormeceu na cama.

Não tinha a certeza de quanto tempo havia dormido, quando uma batida insistente a sacudiu do seu sono. Atordoada e perplexa, levantou-se da cama e cambaleou para a sala de estar, os seus passos visíveis devido à luz que se esgueirava por baixo da porta.

Lá fora, no átrio, falava-se português num tom agressivo, seguido de um baque surdo, e um homem exalava num grunhido agonizante. Alguém havia sido atingido.

Ela tapou a boca com a mão para não gritar e caminhou na ponta dos pés até ao óculo da porta. Sem fôlego, deslizou silenciosamente a tampa de metal do óculo e inclinou-se mais para espiar.

Homens de fato negro saíram do apartamento 102. Não se preocuparam em olhar em volta para garantir que não eram vistos;

não tiveram o cuidado de se manter em silêncio. Eles não se importavam que alguém desse pela sua presença.

A ser carregado em braços, estava o vizinho que pedira a Ava o exemplar da revista *Time*, com os pés descalços arrastando-se no chão. Ele estava desgrenhado e a sua cabeça pendia em direção ao ombro esquerdo.

Os homens fecharam a porta e arrastaram-no escada abaixo, saindo do alcance da sua visão. A tremer, ela soltou o disco de metal que fechava o óculo e afastou-se da porta, tentando que os seus pés descalços fossem o mais silenciosos possível. Os joelhos tremeram, pelo que se apoiou à parede, as mãos entrelaçadas sobre o coração batendo freneticamente.

De repente, ocorreu-lhe uma vaga lembrança das suas próprias palavras: *Devia ter visto como o meu vizinho ficou feliz com um exemplar da Time*.

Que tonta, realmente. Dissera-o sem pensar, sem a percepção de que tipo de repercussões poderia ter tal comentário. Não pensou que Lukas fosse um nazi, ou que a polícia secreta portuguesa pudesse segui-la, ou que estivessem em conluio com Lukas. No entanto, também nunca imaginou que oferecer um exemplar de uma revista americana pudesse redundar naquilo.

Havia apenas dois apartamentos naquele piso do estreito prédio — o dela e o dele. A PVDE não teria dificuldade em perceber qual pertencia ao homem a quem havia dado a revista.

As suas palavras irrefletidas, destinadas a preencher o vazio numa conversa embaraçosa, haviam feito com que o seu vizinho fosse preso a meio da noite. Talvez ela fosse a próxima.

Aquele pensamento bastou para a acordar da paralisia induzida

pelo medo. Deslizou pela parede até ao soalho e abraçou as pernas contra o peito, ficando a observar a porta.

Se eles viessem buscá-la em seguida, não queria ser apanhada de surpresa.

SEIS

Elaine

No dia seguinte, Elaine viu-se mais uma vez na companhia de Josette, Nicole e Denise — agora para distribuírem o jornal clandestino. Elas já tinham enfiado os papéis em envelopes de aparência inócua com os endereços dos destinatários — sem os nomes, claro. Embora por regra fosse preferível memorizar os detalhes, algumas entregas em maior quantidade, como o caso dos jornais, requeriam pelo menos a localização.

Elaine retirou o maço ordenado da pilha sobre a mesa e colocou-o no fundo falso do seu cesto de compras, tal como lhe haviam ensinado.

— A Josette e a Nicole vão juntas. Tu vens comigo — disse Denise.

Os sinos repicaram ao meio-dia, era a deixa para elas saírem. Elaine seguiu as mulheres pelas escadas. Josette e Nicole desapareceram na miríade de outras francesas passeando pelas ruas de Lyon com os seus cestos de compras nos braços. Depois foi a vez de Elaine e Denise, seguindo no sentido oposto. Ninguém iria questionar-se sobre os seus cestos, até porque era uma visão comum naqueles dias, dado que as mulheres permaneciam

desesperadamente cheias de esperança em encontrar uma loja com um novo carregamento de comida.

Apesar da distribuição de senhas de racionamento, não havia garantia de que esses produtos estivessem disponíveis para venda. Na maioria das vezes, as rações distribuídas eram impossíveis de encontrar em certos dias, especialmente se se tratasse de carne. E quanto às mercadorias que se podiam encontrar, os seus preços eram exorbitantes em comparação com os anos anteriores à guerra, chegando alguns a quatro vezes mais do que custavam antes. As receitas que Elaine fora obrigada a aprender eram deploráveis, tinham por base alcachofras e nabos ou faziam por render ao máximo uma lata de sardinha ou um único ovo.

Ainda que fossem fracas, só de pensar nessas refeições apertou-lhe o lugar vazio dentro dela que nunca ficava preenchido e o seu estômago queixou-se num ronco.

Com a sua força de vontade e a prática regular durante a ocupação nazi, Elaine era agora capaz de esquecer a fome. Ela até era capaz de deixar de lado o desconforto que sentia em relação à sua nova tarefa e concentrar-se por inteiro no que precisava de ser feito.

Denise e Elaine trabalharam cuidadosamente em Bellecour, um bairro perigoso no coração de Lyon, onde os nazis se reuniam. Os alemães ficavam nas ruas usufruindo descontraidamente do seu tempo de lazer, coisa de que os franceses já não podiam desfrutar, sentados em cafés e bebericando de chávenas de porcelana cheias dos preciosos café, leite e açúcar. Eles haviam marchado para os melhores hotéis, exibindo as suásticas, e macularam com a impureza da gula e do ódio o que antes era ótima comida. Até a

beleza da arte nos museus se tornava feia pela sua presença constante.

No entanto, Bellecour também era a zona onde Elaine vivera antes de ingressar na Resistência.

Apesar de a curiosidade e a saudade da sua vida normal a atraírem para a rua que conhecia, ela reprimiu essa tentação e deixou que Denise continuasse a entregar os jornais.

Elaine tinha-se despedido do pequeno apartamento há mais de duas semanas, depois de passar tantos meses ressentindo-se com o confinamento em casa. Ela permanecera fechada, a sua chave escondida atrás de um tijolo solto no prédio de Etienne. Agora, depois de ficar a dormir em vários locais e refúgios, viu-se a desejar a vida simples que em tempos compartilhara com Joseph.

Por um momento ficou feliz por ter permitido que Denise fizesse as entregas na sua antiga rua. Não apenas para garantir que Elaine não era reconhecida, mas também para a poupar à dor de estar tão perto de casa. Como ela sentia falta dos lençóis frescos e suaves da sua cama, das almofadas macias do sofá, gastas pelo tempo, e de como a casa de banho guardava um traço do cheiro da loção de barbear de Joseph muito depois de ele sair para a rua.

Cerrando os dentes, ela obrigou-se a caminhar pela rue Sala, mantendo o olhar propositadamente afastado do cartaz da rue du Plat que implorava para que voltasse ao seu acolhimento.

Denise olhou-a atentamente quando se juntaram mais uma vez para retornar ao apartamento perto da livraria em Croix-Rousse.

— A nossa vida não é fácil. — Denise ajustou o fundo falso do seu cesto, prendendo-o novamente por cima do compartimento

secreto. — Isto deve ter sido difícil para ti, estares tão perto da tua antiga casa.

— Cá me arranjei. — O aroma da comida dos restaurantes que serviam os nazis condimentava o ar com um perfume saboroso que fez crescer água na boca de Elaine.

Era impossível cheirar e não recordar o sabor. O presunto com as bordas levemente crocantes, a carne tingida de negro em zonas onde o calor a queimara por uns segundos a mais.

Era impossível recordar o sabor e não ansiar por enterrar os dentes naquele pedaço de carne tenra, livre de cartilagem e gordura fibrosa. Apenas carne magra e succulenta.

— Conseguieste superar isto — respondeu Denise. — Essa atitude é o motivo pelo qual te encaixas bem no nosso grupo. E a Nicole também.

— E a Josette, claro — acrescentou Elaine, desviando a sua atenção da comida que ela nunca provaria para a conversa atual.

Denise mudou o cesto para o outro braço e conduziu Elaine para o outro lado da rua.

— Esta não é vida para uma mulher como a Josette.

Assim que pisaram o passeio, um grupo de nazis passou por onde Elaine e Denise tinham estado. As fardas verde-acinzentadas estavam imaculadamente engomadas, apertadas com um cinto e cravejadas de medalhas, e o cabelo deles era muito curto, mas visível sob as boinas. Uma conversa ligeira fluía entre eles na sua língua áspera, sem preocupações como a fome ou o frio.

A natureza despreocupada deles atijou a ira que a queimava por dentro, tornando-a mais vívida. A França havia caído de lado como um cão implorando para que lhe coçassem a barriga, o seu povo

quase ansioso para conspirar com o inimigo a troco de restos de comida.

Os nazis enfrentariam um dia o ajuste de contas. Tinham de enfrentar.

Alguns miúdos esgueiraram-se para baixo da mesa que os alemães haviam abandonado no café, apanhando as beatas dos cigarros. Provavelmente, os seus avós esperavam em casa por esses presentes, ansiosos para voltar a embrulhar os restantes fiapos de tabaco. Havia rumores de que Hitler odiava o tabaco e ordenara aos seus homens que renunciassem a cigarros e álcool, coisas que, apesar disso, os nazis consumiam em grande quantidade. Aparentemente, a única ordem que estavam dispostos a desafiar.

Os pratos dos homens ainda não haviam sido retirados, a maioria com comida ostensivamente desperdiçada, para deitar fora. Pedacos de batata. Nacos de carne gordurosa em poças de molho. Fatias espessas de pão branco e macio.

Uma dor aguda de fome apunhalava Elaine. Tudo o que estava disponível nas padarias era agora de cor acastanhada, com uma textura desagradável e um sabor deslavado que geralmente deixava no seu rasto um ardor de indigestão.

Ela devia afastar o olhar enquanto eles passavam, evitando atormentar-se com o banquete incompleto. Os alemães varreram a França como gafanhotos e usaram a sua gula como mais um meio de opressão. Deixar o seu olhar demorar-se na comida era mais uma maneira de eles vencerem.

Mas independentemente do que Elaine dissesse a si própria, não conseguia afastar os olhos dos pratos. Sobretudo depois de ter visto

um pedaço gorduroso de manteiga a brilhar numa fatia de pão branco, a sua côdea crocante e meio ensopada pelos sucos da carne.

Ela engoliu, mas a sua boca continuou a salivar enquanto eles se afastavam da mesa. Ao seu lado, Denise também ficou em silêncio, sem dúvida atormentada pela mesma fome infernal e voraz de Elaine.

Um miúdo intrépido lançou um olhar apressado em redor antes de agarrar o pedaço de pão com manteiga. Elaine não o podia censurar. Até ela ficou tentada. Não que valesse a pena o risco de ser preso ou baleado.

Era por isso que dirigir a sua ação para a Resistência era preferível a ficar sozinha em casa, onde o tédio permitia que a fome a consumisse. Com o café — e a distração da comida — já fora do seu foco, Elaine podia concentrar a sua atenção em assuntos mais importantes.

Por exemplo, por que razão Denise a olhara daquela forma no dia anterior, quando Elaine mencionara Joseph. A sua expressão estranha era o motivo pelo qual Elaine estava ansiosa para se juntar a ela, mas a familiaridade de Bellecour havia-a abalado, assim como a comida que os nazis deixaram para trás...

Ela inclinou-se para Denise como se quisesse comentar uma coscuvilhice, para ludibriar quem estivesse a assistir.

— Quero tirar o meu marido de Montluc. Ajudas-me?

Denise voltou-se para ela, diminuindo o ritmo, mas sem nunca parar, de modo que não chamassem a atenção. A sua expressão permanecia tão lúgubre como quando Elaine mencionara pela primeira vez a prisão de Joseph, uma tristeza que Elaine não havia

esquecido. Essa memória não lhe deixava o pensamento, sempre que se deitava na cama desconhecida de mais uma casa desconhecida e esperava que o sono a tomasse.

Na verdade, fora esse olhar que levava Elaine a fazer tal pedido a Denise. Se alguém pudesse estimar a probabilidade de se conseguir libertar Joseph, esse alguém seria Denise.

— Não é fácil escapar de Montluc. — Denise olhou em volta enquanto falava. — Não confundas a tua bravura com estupidez.

Elaine endureceu com aquele comentário sarcástico.

— O que farias se o teu marido estivesse na prisão?

— Certamente não o colocaria em risco aparecendo lá com um nome falso para tentar libertá-lo. — Ela ergueu uma sobrancelha e abanou ligeiramente a cabeça. — Vocês os dois acabariam baleados. É melhor deixar a sua libertação com o Gabriel, que tem uma sorte dos diabos.

Gabriel. Etienne. Independentemente do nome que ele usasse nos tempos que corriam, Elaine estava certa. Ele não tinha apenas escapado ileso da Grande Guerra, como também conseguia sempre, mesmo agora, ver-se livre de dificuldades.

Elaine não foi aplacada assim tão facilmente. Ela olhou diretamente os olhos escuros da outra mulher.

— Eu acho que não farias isso.

— Não — confirmou Denise. — Mas eu tenho melhor preparação do que tu.

As suas palavras magoaram-na, mas infelizmente correspondiam à verdade. Denise mostrava firmeza no seu olhar, o seu tempo passado com a Resistência refletia-se na maneira como as mãos

dela nunca tremiam e na facilidade com que ignorava os nazis que passavam.

Subiram uma escadaria íngreme e a conversa entre elas findou sem que houvesse mais nada a dizer.

Os ombros de Elaine relaxaram quando entraram na zona de Croix-Rousse, onde as paredes esburacadas estavam cobertas de cartazes a descolarem-se e os becos emanavam um persistente odor a lixo. Ali havia menos medo das patrulhas alemãs que raramente se dignavam a passar por aquele bairro de trabalhadores.

Quando Elaine e Denise entraram no apartamento, Nicole e Josette já lá estavam a reunir envelopes para as restantes entregas do dia.

— *Bonjour* — disse Nicole de modo animado. — Depois deste último montinho fica tudo terminado. — O seu olhar demorou-se em Elaine por uns instantes e depois ela declarou: — E se a Josette fosse contigo, Denise? Assim, eu mostro estas paragens à Elaine.

— Gostava de conhecer melhor esta zona — concordou Elaine.

Depois de voltarem a encher os seus cestos, Elaine deixou que Nicole a conduzisse pelas ruas. Usava uma roupa semelhante à do dia anterior — uma saia azul-marinho ligeiramente abaixo do joelho, conjugada com uma camisola às riscas azuis e brancas que chamava a atenção para a sua fina cintura. Com as unhas e lábios pintados de vermelho, era mais uma astuciosa referência à bandeira tricolor de França. Dessa vez, Elaine estava certa de que a escolha de cores não era aleatória.

Das quatro, Nicole era aquela que mantinha sempre uma aparência elegante. Denise tinha um estilo utilitário, com vestidos simples e sapatos rasos. Um estilo que não diferia muito do de

Josette, que gostava de cores neutras para não se destacar, sendo o seu único adorno uma pequena cruz de ouro que usava numa corrente ao pescoço. A maneira de vestir de Elaine correspondia aos padrões de qualquer dona de casa, com as suas roupas limpas e bem cuidadas apesar da escassez de sabão, e o seu cabelo ondulado penteado para os lados.

Nicole caminhava confiante pela rua, os seus tacões de madeira batendo no pavimento com um som grave que lembrou a Elaine a música *Elle avait des semelles de bois*, lançada por Henri Alibert depois de a borracha e o couro se terem tornado difíceis de encontrar. A melodia cativante evocava o som dos sapatos das jovens enquanto passeavam pelas ruas calcetadas, com o seu calçado restringido pelo racionamento.

— Não deixes que a Denise te incomode. — Nicole chamou Elaine para um beco pelo qual seguiram e onde num recanto coberto depositaram, discretamente, vários envelopes nas caixas de correio. — Ela é assim com toda a gente. — A sua voz tornou-se apenas um sussurro. — Acho que os comunistas costumam ser assim.

As sobrancelhas de Elaine ergueram-se em surpresa. Os comunistas tinham sido dos primeiros grupos a ser expulsos pelos alemães, enviados em comboios e nunca mais vistos ou ouvidos. Um arrepio percorreu as costas de Elaine.

— A Denise é comunista?

Nicole assentiu, como se tal não fosse muito importante.

— Ela conseguiu escapar aos nazis até agora. É por isso que trabalha às escondidas, como todos nós.

A franqueza com que Nicole falava vinco um certo nervosismo

quanto às habilidades recém-aprimoradas de Elaine como membro da Resistência, e ainda assim essa sinceridade era também revigorante após a presença sufocante de Denise.

— E tu? — perguntou Elaine, enquanto voltavam para a rua.

Nicole mordeu o lábio.

— O meu irmão e o meu pai lutaram pela França e foram ambos capturados pelos boches. Agora estão em campos de trabalho na Alemanha. Quanto mais cedo esta guerra terminar, mais cedo eles ficarão livres.

— E o *relève*? — lembrou Elaine, recordando-se dos muitos cartazes, que vira cerca de um ano antes, pedindo às mulheres que trabalhassem para os nazis a fim de libertar os soldados franceses que estavam presos. Por cada três mulheres que se oferecessem para ir para a Alemanha, um homem seria libertado e voltaria a França.

Depois de Lucie ter desaparecido, Elaine afastou a ideia de criar outras amizades, não quando confiar nas pessoas era tão perigoso. Não quando perder uma querida amiga a magoara tão terrivelmente. Como consequência, Elaine não conhecia ninguém em tal situação que precisasse de participar no programa *relève*. Ao pensar na sua própria perda dolorosa, com Joseph ainda na prisão, ela conseguia imaginar como aquele engodo era tentador.

Nicole escarneceu num tom duro e áspero:

— A minha irmã aderiu ao *relève*. Os alemães prometeram que ela se juntaria ao marido, mas duvido que esse pacto tenha sido honrado. Quanto aos soldados retornados a França, são todos velhos e feridos. Os homens jovens e saudáveis não serão

libertados até que a guerra termine, e agora está aprisionada na Alemanha, trabalhando até então para os boches.

Era condicente com a atitude dos nazis, usar o amor de uma mulher pela sua família para coagi-la a fabricar as armas e as máquinas com que continuariam a mantê-los escravizados a todos.

— Aqui. — Nicole entregou a Elaine um maço de envelopes. — Estes devem ser entregues lá em cima.

Elaine olhou para cima, lá em cima, mais acima, para o declive sinuoso do Montée de la Grande Côte, uma rua estreita com passeios ainda mais estreitos de cada lado, brilhando com a humidade de uma chuvada recente. Os prédios castanhos estendiam-se em direção ao céu, e as janelas com pedras em arco, de tempos antigos, pontilhavam as fachadas sem graça. Elaine fez deslizar rapidamente o maço para o fundo falso do cesto.

No final da tarde a tarefa estava completa e Elaine desceu a estrada muito inclinada, tomando cuidado para que os seus sapatos não escorregassem nas pedras molhadas. A humidade do suor na sua testa arrefeceu com a brisa fresca, um glorioso alívio depois dos seus esforços.

O estômago apertava devido à fome e naqueles momentos de reflexão silenciosa deu por si a regressar, mais uma vez, aos pratos de comida deixados pelos nazis naquela manhã. Denise e Josette chegaram quase no mesmo instante em que Elaine se aproximava da livraria. De repente, um oficial nazi saiu de um café ali perto, as costas direitas plenas de autoridade enquanto sondava a rua.

Josette deu um pequeno grito ao tropeçar no passeio. Embora tenha cambaleado e agitado o seu braço livre para se equilibrar, a

superfície molhada e escorregadia do pavimento não lhe deu tréguas e ela acabou por se estatelar no chão.

Quando o seu cesto embateu nos paralelepípedos, o fundo falso abriu-se e um dos envelopes caiu.

O alemão reparou no alvoroço, o seu olhar tornou-se mais alerta.

De imediato, Nicole colocou-se à frente de Josette e acenou ao nazi.

— *Pardon, monsieur.*

A sua expressão de desconfiança mudou para uma de curiosidade, enquanto ele caminhava confiante em direção a ela. Nicole aproximou-se, ocultando Josette e dando à mulher aturdida a oportunidade de recuperar o envelope caído, e de disfarçar a expressão assustada.

O alemão não se apercebeu.

— *Oui, madame?* O que posso fazer por si? — perguntou ele num francês débil.

— Tem um isqueiro? — Nicole retirou da sua mala uma fina cigarreira de prata.

— Claro. — O oficial tirou uma caixa de fósforos do bolso, agitando-a cá fora.

Nicole abriu a cigarreira e riu-se.

— Não tem um cigarro, por acaso? Parece que já não tenho nenhum.

A farsa era quase risível se a queda de Josette não as tivesse colocado em tão grande perigo.

Sem hesitar, o nazi apresentou a Nicole um pacote laranja de *Sulimas*. Ele retirou dois cigarros, acendendo primeiro o dela e depois o seu.

Nicole franziu os lábios vermelhos e soltou lentamente uma baforada de fumo cinza.

— *Merci, monsieur.* — Afastou-se depois de o brindar com um sorriso vitorioso, deixando-o a olhar para ela.

Durante aquele encontro, Josette conseguiu recompor-se e dirigiu-se com Denise para o apartamento, enquanto Elaine atravessava a rua, mantendo as distâncias para não perceberem que estavam juntas.

— Ah, Elaine, aqui estás tu, *ma chérie* — gritou Nicole, acenando como se fossem amigas que tinham combinado encontrar-se.

Ela agarrou o braço de Elaine e conduziu-a na direção que Denise e Josette tinham tomado, parando quando aquelas dobraram a esquina. A rua estava vazia, com a maioria das mulheres de volta a casa depois de um dia passado em filas à espera das rações. Amanhã seria a vez de Elaine esperar na fila para a comida, uma tarefa habitual, mas que ela já temia.

Nicole deu um longo trago no cigarro, fechando os olhos de prazer. Mas depois de exalar uma nuvem de fumo, apagou-o de imediato com a sola do sapato.

— Estes bens são valiosos demais para serem desperdiçados — explicou ela. — Envio todos os que posso para o meu irmão e o meu pai na Alemanha. A minha esperança é que... — Os seus lábios contorceram-se quando ela pegou na cigarreira prateada e enfiou o cigarro de ponta queimada no recipiente vazio, antes de voltar a guardá-lo na sua mala. — Espero que as coisas que consigo poupar sejam suficientes para eles enquanto esta guerra terrível durar.

— Tenho a certeza de que sim. — Elaine não sabia nada sobre os

campos onde os soldados estavam presos, especialmente por ter sido deixada na ignorância durante os meses em que Joseph proibiu tudo o que se relacionasse com a Resistência. Mas a súplica magoada no olhar de Nicole compeliu Elaine a oferecer-lhe algum conforto, quando menos uma frase feita.

Nicole levantou a manga ligeiramente, deixando entrever um pequeno sinal acima da dobra do seu cotovelo.

— O meu pai tem um igual. — Ela sorriu com carinho enquanto olhava para o seu próprio braço. — Vês o coração?

Foi um pouco difícil distinguir um coração naquele sinal, mas ao ser sugestionada, a forma tornou-se reconhecível.

— Vejo.

O sorriso de Nicole ampliou-se e ela puxou a manga da camisola para baixo, cobrindo novamente o sinal.

— Não posso acreditar que ainda continuas a usar o velho truque dos cigarros. — Denise sacudiu a cabeça num gesto brincalhão de censura e juntou-se a elas, com Josette de ar aflito a seu lado.

A expressão preocupada no rosto de Nicole apagou-se e deu lugar à de uma vitória confiante, como um interruptor que se ligasse.

— Só deixarei de o usar se deixar de funcionar. — Ela deu uma pequena pancada na mala. — Garanto, ainda é bastante eficaz. — Com uma piscadela de olho a Elaine, acrescentou: — Funciona sempre.

Denise olhou para cima quando encontraram a entrada para outro espaço e percorreram uma série de *traboules* e de escadas. A dada altura, voltaram ao pátio da rue d'Algérie. Uma breve olhadela à caixa de correio revelou uma mensagem endereçada a Elaine. Ela pegou no papel, com o seu coração aos saltos. Assim que se

encontrou na segurança do apartamento, rasgou o envelope, reconhecendo de imediato a letra inclinada de Etienne. Infelizmente, o bilhete não era sobre Joseph, como Elaine esperava.

Vais ficar na rue Lanterne, 21, com uma «prima» segundo andar, porta à esquerda. Enviarei as tuas coisas.

Se ele enviaria as suas coisas, isso significava que ela poderia permanecer no novo local por mais de uma noite. Etienne guardou generosamente as roupas de Elaine no seu apartamento para que ela pudesse transitar sem bagagem de um refúgio para outro, enquanto não tinha acomodações mais permanentes. Uma pequena bolsa com objetos pessoais e uma ou duas peças de roupa era bem menos complicado de carregar do que todos os seus pertences.

A possibilidade de não ter de estar em constante mudança para um apartamento diferente a cada noite trouxe-lhe mais alívio do que esperava. Dormir num novo local exigia sempre um período de adaptação, para se acostumar aos sons e aos cheiros à sua volta. A rotação contínua por novas camas era enervante e deixava-a exausta.

Embora um lugar para ficar a longo prazo fosse bem-vindo, ela não pôde evitar o pensamento ingrato de que teria preferido que a missiva fosse uma boa notícia sobre a libertação de Joseph.

Naquela noite, ela subiu dois lanços de escada até aos seus novos aposentos, adivinhando um quarto austero, mal mobilado e com uma cama desconfortável. Como era habitual.

Bateu suavemente na porta e tentou ignorar o aroma

condimentado de comida a ser preparada e a sua barriga a roncar.

— *Oui?* — disse uma voz.

— É a tua prima Elaine.

A porta abriu-se e revelou uma delicada mulher loura com um vestido preto que lhe dava pelas esbeltas barrigas das pernas. Os lábios contraíram-se num sorriso que os seus profundos olhos castanhos não refletiam.

— Ah, sim, Elaine. Que bom ver-te, prima. Por favor, entra.

Era uma farsa em que Elaine tinha alinhado muitas vezes quando um refúgio estava ocupado, criando uma personagem que se fazia de amiga ou outro tipo de relação. Porém, muitas vezes, os lugares onde permanecia estavam vazios, as noites cheias de silêncio e solidão. Não que os seus anfitriões fossem de grandes conversas, mas pelo menos ter uma presença ali tornava o espaço menos sombrio.

A sua atual anfitriã abriu a porta, dando a ver um apartamento modestamente decorado que lhe parecia um lar, pelo menos o suficiente para comover Elaine. O aroma da comida era mais forte no interior do que no átrio. Salsichas, talvez?

Elaine inspirou discretamente, saboreando aquele aroma como se pudesse encher a barriga apenas com o cheiro.

Sim, definitivamente eram salsichas.

— Eu chamo-me Manon — disse a mulher. — Vai ficar comigo por algum tempo, pelo que sei. Por favor, siga-me até ao seu quarto.

Elaine assentiu em agradecimento e fez como havia sido instruída. Atravessaram uma sala de estar com um sofá de veludo azul, cortinas pesadas no mesmo tecido — que a maioria das mulheres já teria transformado num casaco —, e um piano adornado

com fotografias emolduradas. Manon abriu uma porta para um quarto individual estreito, com a lareira vazia, mas a cama coberta por um grosso e macio cobertor. Estava uma caixa perto da porta, provavelmente com as roupas de Elaine que Etienne havia lá deixado antes.

— Já terei o jantar para si, na cozinha, quando estiver instalada — disse Manon. — Imagino que tenha fome.

Não era uma pergunta. Com exceção dos alemães, todos passavam fome naqueles dias. Nenhum dos anteriores anfitriões de Elaine tinha sido tão atencioso, deixando-a comer o que tivesse arranjado no mercado negro ou adquirido nas intermináveis filas.

— Eu comi pão hoje — mentiu Elaine. Os membros da mulher pareciam tão frágeis como ossos de pássaro e o seu pescoço era tão fino que parecia quase incapaz de sustentar a cabeça. Elaine não podia aceitar a sua comida.

Manon cruzou os braços sobre o peito.

— O Papa declarou que comprar coisas no mercado negro deixou de ser pecado. Ele sabe que estamos todos famintos. — Os cantos da sua boca tremeram, como se ela estivesse a tentar sorrir, mas falhou. — Eu preparei-me para a sua estadia.

Elaine pestanejou perante tamanha generosidade.

— Irei lá ter daqui a pouco, obrigada.

Manon abandonou a sala, deixando Elaine instalar-se.

A caixa continha, de facto, as roupas de Elaine, as peças desbotadas, coçadas pelo uso e em menor número do que no início da guerra por causa do racionamento. Ainda assim, a experiência de ter mais uma vez os seus pertences nas gavetas de um armário,

em vez de estarem guardados numa saca como se ela fosse um velho vendedor ambulante, era extremamente agradável.

De passagem pela sala, Elaine parou para observar as fotografias em cima do piano. Um homem e uma mulher sorriam na maioria das fotos, enquanto várias outras mostravam um menino com covinhas nas duas bochechas e uma mecha de cabelo escuro penteado sobre a sua cabeça redonda. Elaine demorou uns instantes até reconhecer a mulher como sendo Manon. O corpo dela era mais cheio nas fotografias, mas acima de tudo a diferença estava no sorriso rasgado que lhe deixava os olhos a brilhar de alegria.

Noutros tempos, Elaine teria perguntado pelo homem e pelo bebé, sobretudo pela sua ausência tão evidente na silenciosa casa. Mas essas eram conversas do passado. Quanto menos soubesse acerca da sua anfitriã, melhor.

Elaine endireitou-se e foi até à cozinha, onde Manon havia colocado um prato para ela com duas salsichas de lentilhas, alguns nabos cozidos e uma estreita fatia de pão. Era um verdadeiro banquete. Elaine comeu tudo exceto o pão — não porque estivesse farta, mas para guardar e entregar a Joseph na prisão, no dia seguinte. Ela não tinha a certeza se esses embrulhos lhe chegavam às mãos, ainda assim valia a pena tentar.

O seu marido pesava-lhe constantemente nos pensamentos — a preocupação de quanto tempo mais seria mantido em Montluc, a expectativa de vê-lo novamente. Mesmo quando se deitou naquela noite na cama confortável e dobrou o espesso cobertor por cima de si, ela lamentou aquela segurança aconchegante ao imaginar o que ele poderia estar a passar.

Denise afirmou que Elaine não tinha preparação para arranjar

uma forma de libertar Joseph. Infelizmente, ela não estava errada, mas certamente Etienne estaria. Assim que Elaine terminasse a tarefa que a esperava no dia seguinte, contactá-lo-ia e exigiria que ele fizesse o que fosse preciso para acelerar a libertação de Joseph. E ela própria estaria lá para ajudar.

SETE

Ava

A PVDE não apareceu para levar Ava, mas o seu vizinho também não regressou. O dia seguinte prolongou-se numa semana e depois noutra e depois ainda noutra. Infelizmente, nenhum movimento se fez sentir no apartamento em frente.

A luz acariciava as persianas, passando pelas frestas e anunciando o amanhecer. Antes mesmo de estar vestida, ela rastejou até à porta do apartamento e olhou pelo óculo como fazia todas as manhãs, esforçando-se para ouvir.

Mais uma vez, nenhum som vindo do apartamento do seu vizinho.

Havia nela uma dolorosa necessidade de saber dele. No entanto, o medo de ver exposta a sua imprudência, especialmente pelos modos do Sr. Sims, fizeram-na conter o segredo. A disposição detestável do seu chefe não tinha melhorado nas últimas semanas, apesar de ela ter finalmente percebido que publicações úteis eram procuradas pelo seu departamento para ajudar ao esforço de guerra.

A quietude do apartamento era de enlouquecer e ela não conseguia desligar, ansiosa com a eventualidade de ter sido a culpada. Pela primeira vez desde que lera *Crime e Castigo*, ela tinha agora um entendimento mínimo de como o estado de fuga de

Raskólnikov poderia resultar do peso dos seus crimes, corroendo a sua mente lógica até o deixar desesperado para contar a alguém.

A qualquer pessoa.

Até ao James.

Ava endireitou-se e deixou de espreitar pelo óculo. James não aparecia desde aquele primeiro dia e ela ansiava por sondá-lo sobre quaisquer eventuais sugestões que ele pudesse ter para descobrir o paradeiro do seu vizinho. E quão culpada era pelo seu desaparecimento. Contudo, agora que queria realmente ver James, ele não aparecia em lugar nenhum.

Com um suspiro resignado, afastou-se da porta e preparou-se para mais um dia. Durante a estadia em Lisboa, ela acabara por cair numa espécie de rotina com a sua lista de tarefas matinais e seguia para a cidade com uma sacola pendurada ao ombro destinada à sua carga literária. A curiosidade que a PVDE teve por Ava desvaneceu-se alguns dias após o desaparecimento do vizinho, tendo, por fim, perdido o interesse nos seus hábitos aborrecidos, e ela não lamentava a ausência daquela comitiva indesejada.

Aproximou-se do quiosque perto do seu apartamento, em primeiro lugar, e acenou ao jovem atrás da banca.

— Bom dia, Afonso.

O dono da banca sorriu-lhe e perguntou, em português, como estava. Era com ele que ela praticava a sua compreensão incipiente dessa nova língua. As respostas dela ainda saíam devagar e após grande concentração, como sucedia com qualquer novo idioma, mas a experiência ensinava-lhe que, uma vez que as novas palavras comesçassem a infiltrar-se nos seus pensamentos, a fluência logo surgiria.

Afonso não só deixava que ela aprendesse um rudimentar português com ele, como também lhe guardava os melhores jornais. Como muita gente em Lisboa, a memória dele remontava à Grande Guerra, quando Portugal não tinha sido neutro e os alemães eram inimigos. Um alfinete da Royal Air Force brilhava sob a lapela do seu casaco quando ele se inclinava para a frente, uma demonstração de apoio aos Aliados que muitos usavam, embora nem todos tivessem de o esconder dos seus patrões como ele fazia.

Havia sempre um ajuntamento multinacional à espera de que Afonso abrisse as persianas, não apenas para agarrar os jornais dos inimigos, mas também para varrer qualquer material de leitura que não queriam que os seus adversários vissem.

Assim que os clientes se acalmaram, Afonso puxou um maço de jornais de debaixo da sua caixa registadora. Ava aceitou o maço e pô-lo apressadamente dentro da mala, mas não sem antes ler a manchete no *Das Reich*: «O Inimigo Mais Perigoso», com uma foto de judeus segurando pacificamente uma estrela de David e o que parecia ser a lista dos mandamentos. A repulsa pelos nazis azedava-lhe o estômago.

— Obrigada, Afonso. — Ela passou-lhe um maço de escudos, cuidadosamente contados e dobrados ao meio.

Ele colocou dois dedos na sobrancelha direita e fez uma saudação bem-disposta, enquanto ela se afastava em direção à praça do Rossio. À medida que caminhava, ia empurrando a sua sacola numa tentativa de contorcer melhor o maço de jornais. A sacola tinha uma polegada a menos e nada parecia caber perfeitamente.

O dono de um quiosque que existia ao lado do sempre popular

café Nicola era um homem rabugento que fazia cara feia a todas as nacionalidades e disposições, sem distinção no seu desagrado pela humanidade; tinha, no entanto, um talento especial para conseguir o *Der Angriff*, uma publicação alemã dissoluta, carregada de antissemitismo, que, irónica e sadicamente, afirmava ser «a favor dos oprimidos contra os exploradores». Ava havia parado de folhear aquele jornal à procura de possíveis detalhes sobre a guerra e não invejava aqueles cujo trabalho era esquadriñar o texto falseado em busca de pistas sobre as táticas nazis.

Agradeceu ao proprietário, que resmungou em resposta e voltou a entrar pela estreita porta emoldurada por belos azulejos brancos e azuis que pareciam de outro século. As mesas e cadeiras do café já estavam postas ao sol quente, onde homens e mulheres descontraíam envoltos por uma névoa fina e opaca de fumo de cigarro. Embora estivesse em Lisboa há pouco menos de um mês, era fácil identificar os refugiados e adivinhar em que estágio da sua passagem se encontravam.

Inicialmente, os recém-chegados tinham uma postura rígida, vigilante, os seus olhares disparando em todas as direcções. Depois, apanhados pela força do ciclone que era a espera, recostavam-se nas cadeiras, resignados com o interminável arrastar do tempo. E ainda havia os sortudos e agitados, poucos, cujos dedos batiam impacientes, os seus vistos em ordem e bilhetes confirmados enquanto observavam no calendário o dia aproximar-se cada vez mais, para seguirem num navio que podia chegar ou não.

Quando apanhou, de má vontade, o avião para Lisboa, ela não tinha apreciado o luxo que era. Os preços para partir de Lisboa

eram tão exorbitantes que mesmo alguns dos refugiados mais ricos não conseguiam pagar.

Independentemente de qual o círculo do Inferno em que se encontravam, a história das suas lutas estava escrita em cada um deles. Estava na magreza das suas faces e na aparência esbelta e frágil dos seus membros. Estava na quietude das crianças, tornadas sérias por terem testemunhado imagens a que ninguém deveria ser exposto, qualquer que seja a sua idade. Estava nas roupas que usavam, algumas finas demais para o lugar, outras gastas, mas limpas, lavadas e usadas diariamente sem quaisquer alternativas. E estava nas joias com que as mulheres se adornavam; cordões de colares pendentes dos seus pescoços esbeltos, pulseiras cobrindo os seus pulsos ossudos e pesados brincos puxando os lóbulos das orelhas.

Algumas dessas crianças animaram-se quando Ava chegou, pois lembravam-se dela de encontros anteriores. Ela tirou quatro livros da sacola, comprados com o seu próprio dinheiro na livraria Bertrand. Havia uma história infantil polaca com desenhos coloridos de animais numa floresta, um do mesmo género em francês e dois textos mais extensos em francês e alemão para leitores um pouco mais velhos.

Os presentes foram recebidos com uma alegria que ecoava nos sorrisos agradecidos das mães, suplantando toda a linguagem. Ava sabia da importância, ainda que pequena, daquelas histórias. Eram um amigo num lugar estranho e solitário, uma libertação da mente do aprisionamento das circunstâncias, uma fuga aos golpes mais brutais da vida. Perder-se nas histórias fez com que Ava deixasse o seu mundo para trás e fosse viver com Daniel após a morte dos

pais, seguindo o exemplo de Jo March no livro *Mulherzinhas*, encontrando consolo na palavra escrita.

A sua última paragem foi na Bertrand, onde se deleitou com o cheiro a mofo dos livros antigos, que lhe trazia memórias da Sala de Livros Raros. Havia sempre tesouros para desenterrar na acolhedora loja portuguesa — manuais alemães, um mapa húngaro, uma espécie de panfleto em japonês, artigos que comprou sem demora.

Assim que as suas publicações foram devidamente adquiridas, ela tomou um eléctrico que percorreu os carris engastados no pavimento em direcção à embaixada americana. As filas de refugiados estavam sempre lá, tal como o Sr. Sims havia mencionado, rostos suplicantes que atingiam sempre Ava. A única diferença entre ela e os que estavam na fila era ela ter nascido americana. O visto na sua secretária havia sido um direito de nascimento, mas para os refugiados na Europa era um privilégio fulgurante.

Essa injustiça cravava-a de dor sempre que os via. O pior era não haver nada que pudesse fazer para ajudar.

Uma vez lá dentro, Peggy recebia-a sempre com um sorriso, enquanto o Sr. Sims continuava a ser pouco mais do que uma porta fechada, e Mike estava sempre lá para atirar uma ou duas piadas. Porém, naquele dia Peggy correu praticamente para ela, agitando no ar algo parecido com uma carta, como um estranho pássaro de uma só asa.

— Tem correspondência para si. — Ela esticou o braço na direcção de Ava segurando o envelope com um «V» vermelho estampado. — Parece que é do seu irmão. — Peggy aproximou-se. — Eu não

queria violar a sua privacidade, claro, mas o Mike insistiu para que eu garantisse que não vinha de um namorado.

Ava acreditou parcialmente na alegação de Peggy, mas de qualquer modo aceitou a carta e agradeceu. Peggy era do tipo bem-intencionado que sabia tudo sobre todos. Já era expectável e, por vezes, poderia ser útil.

— Não conte ao Mike que eu lhe disse que ele perguntou. — A boca de Peggy fez um «O» de surpresa, como se ela tivesse acabado de tomar consciência desse risco.

— Não o farei — prometeu Ava.

Peggy olhou em redor e depois disse num tom cúmplice:

— Mas tem um namorado?

Ava limitou-se a rir em resposta. Não havia absolutamente nenhum homem para quem ela escrevesse além do seu irmão. Namoros não lhe ocupavam a mente, e a última coisa que queria era que Mike pensasse que ela estava disponível.

Com a sacola carregada de novidades ao ombro, Ava deixou Peggy e levou o envelope para a sala ao fundo. O microfilme desempenhava certamente o seu papel na guerra, não apenas no registo de documentos a enviar para Washington, como também na comunicação entre militares. A correspondência de e para os soldados era registada em microfilme para facilitar o transporte e, em seguida, era reimpressa no local destinado à mensagem. O papel tinha menos de metade do tamanho de uma página comum e não deixava muito espaço à verborreia, mas as mensagens ficavam impressas com clareza e eram preciosas, independentemente do seu aspeto.

Era a segunda carta que recebia de Daniel, e o seu peito foi

preenchido por uma dor calorosa que era sofrida e agradável ao mesmo tempo. O amor e a gratidão que sentia por ele, por tudo que ele sacrificara em nome dela, a mágoa por estarem afastados, o receio pela sua segurança. Emoções como estas acompanhavam-na sempre, guardadas num lugar especial do seu coração, e afloravam em cada carta, intensificadas e renovadas.

A mensagem que chegara era semelhante à anterior. Os olhos dela liam as palavras, mas era o timbre rico da voz de Daniel que soava nos seus ouvidos.

Para dizer tudo numa única declaração, própria para censores: estou bem e com comida que baste. Espero que tu também. Sabes que não gosto que estejas a arriscar a tua vida, mas tenho mesmo de dizê-lo: estou muito orgulhoso de ti. Mantém-te segura e não te metas em sarilhos. Adoro-te.

D

Com um sorriso delicado, Ava guardou a mensagem dentro do envelope. Colocou-o de lado com ternura, pegou na coleção recolhida naquele dia e começou a fotografar cada jornal. No início, ela tinha começado por ler o que registava em microfilme, mas acabou por perceber que o mais importante era a rapidez. A tarefa deles não era assimilar todas as informações, mas sim conseguir reunir o máximo que pudessem para Washington, onde seriam analisadas pelo governo para um eventual uso contra o Eixo.

Verdade fosse dita, podia ser terrivelmente aborrecido. Abrir um jornal, ajustar a imagem. Clicar. Pôr a máquina a trabalhar para a exposição seguinte. Repetir. E assim por diante ao longo da tarde.

Ela ainda examinava os documentos à procura de algo que lhe

parecesse pertinente a ponto de o assinalar para aqueles que estudavam as coleções em Washington. Não eram apenas jornais e periódicos, como também textos, manuais e outros materiais de leitura estrangeiros que encontravam, mas até agora não haviam descoberto nada. No meio de tudo isso, os seus pensamentos continuavam a vaguear pelos refugiados — não apenas os que estavam na fila à volta da embaixada, mas também os do Rossio — definhando à espera de uma fuga.

Certamente, poder-se-ia fazer algo mais para os ajudar.

Foi esse pensamento que finalmente impulsionou Ava em direção à porta fechada do Sr. Sims. Bateu na superfície brilhante e esperou que ele a chamasse, o que acabou por acontecer num tom áspero e irritado.

Todas as palavras cuidadosamente ensaiadas e preparadas de modo articulado varreram-se da sua mente, afugentadas pelo olhar desinteressado dele.

— Sr. Sims, gostaria de fazer alguma coisa para ajudar os refugiados — anunciou ela.

Ele não levantou os olhos, fixados numa pasta à sua frente.

— Já está a ajudar. Enviando informações para Washington. Adquirir essas publicações internacionais conduz-nos a dados que de outra forma talvez não obtivéssemos.

— Tem de haver algo mais que possamos fazer.

— As forças Aliadas, especificamente a América, estão a investir muito em Lisboa com vista a ajudar os refugiados. Assim como as comunidades judaicas locais. — O tom dele era monótono, entediado com o seu próprio discurso. — O Conselho Mundial de Igrejas, a Cruz Vermelha Portuguesa, a Cruz Vermelha

Internacional, os Quakers, e imensas outras siglas como JDC, USC e COMASSIS e umas quantas mais de que não me lembro. — Ele fechou a pasta e exalou um suspiro cansado enquanto arrastava o olhar na direção dela. — Menina Harper, está aqui para reunir jornais e livros. Se toda a gente desempenhar o seu trabalho, a guerra terminará mais depressa. — Ele ergueu as palmas das mãos para indicar que aquela apresentação enfadonha havia terminado.

Ela anuiu e fechou a porta, rebaixada, mas irreduzível, pois seguramente havia algo mais que poderia fazer.

Vários dias depois, enquanto examinava o balcão atestado de uma tabacaria, ela avistou um rosto conhecido — um que ela ansiava ver.

— James — disse, aproximando-se.

Ele voltou-se e sorriu.

— Menina Harper, que surpresa encantadora.

— Eu estava à espera de me cruzar consigo — disse ela rapidamente, talvez muito ansiosa na sua réplica, pois o sorriso dele ampliou-se ainda mais. De qualquer forma, precisava de ajuda para descobrir o que acontecera ao seu vizinho. E talvez até para o auxílio aos refugiados.

— Então, ainda bem que me encontrou. — Ele inclinou a cabeça numa ligeira vénia e os seus modos eram cordiais. — O que posso fazer por si, menina Harper?

Ela olhou para a loja cujas prateleiras estavam repletas de mercadorias, mas com os corredores vazios de clientes, exceto um homem idoso que parecia comparar diferentes folhas de papel.

Apesar de estar em Lisboa há apenas três semanas, já sabia que em todos os prédios havia ouvidos à escuta e olhos atentos, e que cada pessoa aparentemente inocente poderia muito bem ser um espião.

— Importa-se que falemos lá fora? — perguntou ela.

— De todo. — Ele deu-lhe passagem e avançaram para o exterior da pequena loja.

Lá fora, o céu de maio estava limpo, o Sol totalmente resplandecente. Ficar no meio do passeio com o calor refletido no calcário dava a sensação de se estar num forno.

James semicerrou os olhos antes de voltar a atenção para ela, gotas de suor começavam a brilhar na sua testa.

— Já experimentou capilé? É maravilhosamente refrescante e por acaso conheço um lugar aprazível não muito longe daqui.

Ele ofereceu-lhe o braço, mas ela disse que não com um movimento de cabeça. Então, encolheu os ombros mostrando que não estava ofendido e caminharam juntos pela calçada escaldante, de padrão alternado de basalto e calcário, em busca de uma bebida fresca. Longe daqueles que poderiam ouvir a sua conversa.

— Passa-se alguma coisa? — perguntou ele, quando já se encontravam completamente sós.

— Sim. — Uma torrente de emoções atrozes revirou-lhe o estômago ao ter dito que sim em voz alta. — Eu... ou melhor... o meu vizinho... eu... — Ela fez uma pausa, frustrada consigo mesma. Por não ser capaz de dizer o que precisava, por simplesmente ter de estar naquela situação, e pela sua própria insensatez flagrante desde o início.

Ele encaminhou-a para o lado da rua mergulhado na sombra. Os

raios de Sol perderam imediatamente o seu vigor e uma brisa fresca passou por eles.

— Com calma, Ava.

Ela inspirou profundamente.

— Lembra-se daquele nazi no quiosque?

— Sim, lembro.

— Eu mencionei o meu vizinho... — O fardo da culpa pesava sobre si como uma pedra enorme, esmagando-lhe a respiração. — Como ele me tinha pedido um exemplar da revista *Time*, que eu tinha comigo, e com que entusiasmo ele a recebera. No dia seguinte, a PVDE foi ao seu apartamento e espancaram-no, levando-o a meio da noite. — Ela desviou o olhar, demasiado envergonhada para ver a reação de James ao seu erro nocivo. — Foi tão estúpido, eu sei, mas eu... às vezes fico incomodada e houve um momento de silêncio durante a conversa... e acabei por comentar o episódio.

— Receber um exemplar seu da revista *Time* não é ilegal em Portugal — respondeu James num tom tão gentil que a fez olhar para ele.

O rosto dele estava sério, os seus olhos não mostravam a censura que ela merecia.

— Na verdade, há várias pessoas que ajudam os Aliados a obter certos periódicos trocando-os pela *Life* e pela *Time*. A PVDE foi lá por outro motivo qualquer.

— Sim, eu sei que há pessoas que recebem essas revistas em troca de nos ajudarem, quero eu dizer. Mas e se ter mencionado o meu vizinho o deixou sob vigilância e isso veio a revelar o que quer que tenha causado a sua detenção?

— Então não tem culpa nisso. Foram as ações dele.

Se ao menos fosse assim tão fácil afastar aquele sentimento de culpa inflamado.

— Não acha estranha a coincidência? — insistiu ela. — Eu disse aquilo ao nazi e na noite seguinte o meu vizinho é preso?

Dois homens caminhavam na sua direção, cabeça baixa sob os seus *fedora*, as identidades obscurecidas. James colocou gentilmente a mão na parte inferior das costas de Ava e conduziu-a para longe dos estranhos.

— Venha, não podemos ficar na rua.

Ava permitiu que ele a empurrasse para a frente, mas não iria deixar cair o assunto assim tão facilmente.

— Quero descobrir o que se passou com ele.

As sobrancelhas de James ergueram-se de imediato.

— Sobre a PVDE?

— Sim.

— Ah, aqui está. — Parou em frente a um quiosque azul e dourado e pediu dois capilés. As bebidas aguadas de tom avermelhado foram servidas com gelo e uma casca de limão no topo.

Ava aceitou o seu copo com um aceno de agradecimento e bebeu um golo.

A bebida era leve e refrescante com uma delicada nota herbal, um toque de flor de laranjeira e um ligeiro travo cítrico.

— Interessante, não é? — perguntou James. — É feito de folhas de avenca.

— O feto? — Ava observou pensativamente o seu capilé. O vidro

começara a suar, criando uma camada de condensação sobre a superfície lisa.

Ele confirmou e bebeu um pouco, os cubos de gelo batendo levemente uns contra os outros.

— Não é fascinante?

— Lá isso é. — Ava semicerrou ligeiramente os olhos. — Está a tentar distrair-me do que eu estava a contar sobre o meu vizinho?

— Sem dúvida. — Ele pousou o copo. — Qualquer coisa que envolva a PVDE é terrivelmente perigosa. Eles não aceitariam de bom grado que lhes perguntasse sobre o que andam a fazer.

Ela já tinha noção disso, considerando o tratamento brutal que haviam dado ao vizinho. Um arrepio percorreu-lhe as costas.

— Eu sinto-me responsável — disse ela lastimosamente.

— Mas não é.

— E eu não perguntaria acerca da polícia, apenas sobre o homem que desapareceu.

— Eu posso perguntar pelo homem, mas nem eu vou acicatar a fera que é a PVDE. — Ele esvaziou o resto do copo como se o assunto estivesse resolvido.

— O quê? — Ela abanou a cabeça com um ar zangado. — Não, eu recuso-me a deixá-lo correr esse risco por mim. Eu só queria saber por onde começar.

— E eu recuso-me a permitir que corra um risco tão desnecessário. — Ele inclinou a cabeça. — Parece que estamos num impasse, menina Harper. — Ele observou-a por momentos, os seus olhos nem verdes nem azuis, uma amálgama interessante entre uma coisa e outra. — Dê-me algum tempo, sim? — Antes que ela pudesse reclamar, ele levantou a mão para a deter e continuou:

— Duas semanas para sondar discretamente e depois podemos reavaliar.

Ela bebeu mais um pouco e ponderou na oferta dele.

— Isso vai pô-lo em risco?

Ele acenou que não com a cabeça.

— Tudo bem — concordou ela com relutância. — Mas se eu estiver relacionada com a detenção e ele estiver retido algures, teremos de ajudar.

— Primeiro deixe-me ver o que consigo saber.

Os sinos de uma igreja repicaram ao longe, a marcar as horas. Ela tinha de voltar em breve à embaixada para começar a árdua tarefa de tirar foto após foto dos vários jornais, revistas e livros.

— Mas nada de perigoso. — Ela ajeitou a alça da sacola, onde os cantos dos periódicos se destacavam.

Ele observou-a naquela luta com uma ligeira curva nos lábios.

— Fica prometido. — Ele estendeu a mão para o copo vazio. — E eu acho que precisa de um saco maior.

Mais uma tentativa de a distrair. Ela entregou-lhe o seu copo.

— Mais uma coisa...

— Só mais uma? — brincou ele, com um sorriso.

O calor ruborizava-lhe a face. Ela *estava* a pedir muito.

— Quero fazer algo para ajudar os refugiados. Achei que poderia sugerir...?

Uma tristeza tingiu-lhe o olhar e o sorriso dele desfez-se.

— Conceda-me alguns dias.

Ava anuiu com a cabeça e tentou suprimir a irritação da sua dependência forçada. No passado, sempre fizera as suas próprias investigações, exercitando a acuidade das suas capacidades de

pesquisa. Mas aquele era um mundo novo, cheio de novas regras, e posicionar-se contra quem quer que fosse poderia destruir a precária neutralidade de um país que permitia aos americanos a permanência.

Com esse pensamento em mente, ela não teve escolha a não ser dar tempo ao tempo e esperar.

OITO

Elaine

O céu estava encoberto e havia chuviscos demasiado ligeiros para que fosse necessário um guarda-chuva, mas substanciais o suficiente para que a fria humidade se infiltrasse nos ossos. Uma sensação sinistra, costumava dizer a mãe de Elaine com um arrepio exagerado e uma gargalhada. Mas, na verdade, a *maman* tinha sempre frio.

Haviam passado dois longos anos desde que Elaine vira os pais pela última vez. Eles moravam em Combs-la-Ville, uma zona rural a cerca de uma hora de carro de Paris, onde o pai era o médico da vila. Elaine não gostava da vida tranquila que lá se levava e sempre se sentira deslumbrada pela grandeza de Paris. Depois de ter completado o ensino no *lycée* a atração fora irresistível e acabara por partir sozinha para seguir a sua vida. Era filha única, pelo que os pais não estavam ansiosos por a ver partir, mas apoiaram a decisão dela em nome do amor que lhe tinham. Com base na última carta que ela recebeu dos pais, a falta de gasolina dificultava as viagens, o que significava que os produtos criados em Combs-la-Ville provavelmente lá permaneceriam. Decerto, os alimentos eram mais abundantes nas comunidades agrícolas do que na cidade.

Elaine só podia rezar para que as suas circunstâncias

continuassem toleráveis. Enviar e receber cartas na zona ocupada tornara-se difícil e, com os alemães a invadirem o resto de França, era agora verdadeiramente impossível.

Nicole saudou-a à porta do apartamento, envergando a sua habitual conjugação tricolor, com um cesto de compras que continha alguns molhos de nabos com as folhas ainda pendendo dos bolbos roxos e brancos. Além disso, trazia também um pedaço de pão embrulhado num pano, que retirou do seu cesto e deu a Elaine.

— Estamos a recolher explosivos para os trazer para a cidade — sussurrou Nicole. — Isto serve para os cobrir e evitar qualquer suspeita.

— Explosivos? — perguntou Elaine, surpreendida, sem deixar de imaginar aqueles objetos precários chocalhando no seu cesto.

— Ontem à noite houve um lançamento aéreo pelos britânicos — continuou Nicole em voz baixa, enquanto caminhavam pela rua calcetada. — E estamos quase sem as coisas de que precisamos.

Quem lesse os jornais — tanto os clandestinos como os outros —, era crível que a Resistência estivesse quase sem explosivos, considerando o número de bombas que tinham explodido aleatoriamente pela cidade. As explosões tinham ferido apenas alguns alemães e matado uns poucos. Porém, a destruição de fábricas e transformadores era significativa, no geral, e criou bastantes problemas aos nazis. Em resultado, o responsável por Lyon estava constantemente a alargar as horas de recolher obrigatório como punição, por vários dias, como se os habitantes fossem crianças rebeldes a merecer a censura dos pais.

Mas cada incidente de cimento rebentado e metal retorcido que impedisse as operações nazis era uma bênção para a Resistência,

que assim ia desgastando as defesas da Alemanha. A dada altura os nazis cairiam.

Agora ela era parte integrante da recolha desses explosivos.

Até se sentiu um pouco mais alta.

Passaram por uma fila de mulheres em frente à mercearia.

— Também soube mais sobre o teu marido — comentou Nicole, uma vez que ninguém as podia ouvir.

O coração de Elaine disparou de ansiedade, embora não conseguisse discernir se a reação visceral era de esperança ou de apreensão. Ela tinha deixado a Manon uma mensagem para Etienne, pedindo que ele se encontrasse consigo mais tarde naquele mesmo dia, para insistir na ajuda com a libertação de Joseph. Os dias eram cada vez mais insuportáveis, com os pensamentos sobre o seu marido preso numa cela. Tinha de haver algo que ela pudesse fazer.

— O que é que soubeste? — perguntou Elaine, sem conseguir respirar de tanta ansiedade.

Nicole olhou em redor quando pararam para esperar o elétrico que as levaria até aos arredores da cidade. As pessoas passavam, parecendo preocupadas com as suas próprias angústias e vidas, mas nunca se sabia quem estaria à escuta. Não apenas a Gestapo à paisana, mas também a Milice — a polícia secreta francesa — e, claro, colaboradores, prontos para denunciar companheiros lioneses a troco de mais um pão.

Uma rede de fios elétricos escuros pairava como uma teia acima das suas cabeças, fazendo as carruagens deslizar na brisa leve.

— O Pierre ajudou no processo de criação de documentos de identidade, como sabes. — Nicole falava próximo de Elaine como se

compartilhasse alguma coscuvilhice excitante. — O seu conhecimento de química foi essencial para a criação dos carimbos e também para retirar a tinta dos documentos oficiais.

Elaine não pôde deixar de sorrir. Sim, isso parecia mesmo típico do Joseph.

Forjar a inclinação da caligrafia de alguém para criar um cartão de identidade não teria sido suficiente para ele. Joseph persistiria nos seus esforços até que pudesse não apenas remover a tinta dos carimbos como também replicar as tintas necessárias.

— Pelo que os outros dizem, o teu marido é muito inteligente — disse Nicole.

O calor espalhou-se pelo rosto de Elaine.

— É uma das razões pelas quais me apaixonei por ele.

O elétrico parou diante delas, entraram e ocuparam os assentos de encosto duro, junto dos restantes passageiros.

— Nenhum de nós estava à procura de um relacionamento. — Os ombros de Elaine relaxaram com o alívio de ter uma conversa normal onde as suas palavras não precisavam de ser discretas. — Eu estava decidida a manter a minha carreira de secretária, e para ele, na época, a sua pesquisa era o mais importante. Nunca fomos jantar fora juntos. Apenas conversámos tantas vezes que nos apaixonámos sem querer.

Nicole sorriu.

— Oh, Elaine, isso é tão romântico, mas ao mesmo tempo tão pouco convencional.

— Não é? — Elaine riu para si mesma enquanto revivia na sua mente aqueles momentos preciosos. — Um dia eu estava a explicar-lhe porque não pretendia casar-me, pois tinha o meu

emprego, e foi aí que ele me pediu em casamento. Ele disse que eu poderia manter o trabalho e que assinava o que fosse preciso para eu ter uma conta bancária na qual ele nunca interferiria. E eu disse que sim.

Os olhos castanhos de Joseph enrugaram nos cantos enquanto ele sorria para ela; o contentamento por ela ter concordado em se casar com ele era bem visível.

«Devias levar-me a jantar fora», brincou ela.

«Estás com fome?»

«Agora não.» Toda ela sentiu um fervilhar na pele, e riu ao dar-lhe o braço. «Quero dizer, como os outros casais fazem.»

«Eles fazem isso para se conhecerem.» Ele inclinou a cabeça para ela, e o leve aroma da loção de barbear tornou-se inebriante. «Nós já nos conhecemos.» Ele observava-a enquanto pensava: Sim, jantar. A rapidez de uma resposta totalmente convicta. «Vou marcar.»

Foi a primeira de muitas maravilhosas refeições parisienses com que se deleitaram, com molhos deliciosos, carnes tenras e sobremesas tão artísticas quanto indulgentes. Refeições em que Elaine não conseguia pensar agora, não quando a sensação de fome na sua barriga era tão aguda.

No entanto, Joseph mantivera a promessa, nunca se intrometendo na sua conta bancária. Nem mesmo depois de proibir o envolvimento dela na Resistência.

— Ah, a chuva parou — disse Nicole, despertando-a do seu devaneio. — O tempo está ideal para passear.

Se alguém perguntasse, era por isso que elas iam até aos arredores de Lyon, para apreciarem a paisagem.

O elétrico abrandou e parou, elas desembarcaram de braço dado, dirigindo-se para a floresta. Depois de tanto tempo na azáfama da cidade, o silêncio dos bosques era extraordinário e permitia ouvir o canto desenfreado dos pássaros e o farfalhar tranquilo das folhas.

— Já alguma vez viste os Maquis? — perguntou Nicole.

— Só ouvi falar deles. — Elaine observou a folhagem com uma nova perspetiva, quase adivinhando as armadilhas ali colocadas e os homens imóveis na sombra empunhando armas arcaicas. — Eles são tão selvagens quanto os nazis afirmam?

Nicole seguia à frente, com uns sapatos rasos.

— Eles vivem por aí, mas não são tão bárbaros quanto os pintam. — Ela desviou uma madeixa de cabelo louro do rosto, franzindo a testa. — Muitos são bastante jovens.

Elaine inclinou a cabeça para contemplar os raios de luz dourada do Sol brilhando através da copa das árvores. Seria tão fácil fechar os olhos e fingir que estava tudo bem no mundo novamente. Que Joseph estava em casa à espera dela, que tinham comida suficiente na barriga, que Lucie não tinha sido levada pelos nazis e que todos viviam sem a presença constante do medo.

— O marido da Denise está aqui — disse Nicole em voz baixa, apesar de estarem sozinhas. — É por isso que ela não vem. Tem medo de o ver e não conseguir ir-se embora.

Elaine anuiu, compreendendo. Se estivesse nos braços de Joseph, aconchegada no seu conforto familiar, na sua voz suave, no cheiro da sua loção de barbear, ter de lhe virar as costas de novo seria como se lhe rasgasse a alma.

Uma figura emergiu por entre as densas árvores, os seus movimentos tão silenciosos que mais parecia um fantasma do que

um homem. Pelo menos até elas estarem mais próximas dele. A camisa e as calças estavam sujas e manchadas de terra, ambas tão largas que pendiam do seu corpo esguio. Exibia uma penugem macia e escura no queixo e por cima do lábio superior. A avaliação de Nicole sobre os Maquis serem muito jovens parecia estar correta.

Não eram homens, mas rapazes. Que deveriam estar a pensar na sua escolaridade e a pregar partidas tontas uns aos outros. Enfim, no mundo atual muitos tiveram de crescer cedo demais; um mundo no qual a infância era breve, ensombrada pelos perigos diários que enfrentavam.

O rapaz sorriu-lhes, alheio ao odor forte do seu corpo por lavar, e entregou a Nicole uma sacola pesada cheia de volumes embrulhados em papel.

— Presentes para o Boche. — Ele tirou algo do bolso. — E uma coisinha para vocês também.

Nicole arfava e retirou da mão dele o pequeno pacote.

— Chocolate — suspirou ela. — Obrigada, homem de Deus. — Sem hesitar, inclinou-se e deu-lhe um beijo na face magra, deixando a marca ardente dos seus lábios vermelhos.

O jovem *maquisard* corou tanto que o batom na sua face quase se tornou indistinguível.

Porém, Nicole nem pareceu notar, voltando a sua atenção para os blocos de explosivos embrulhados.

— Vem, Elaine, vamos dividir isto entre as duas.

Elas dividiram rapidamente a pilha, de tal modo que ambos os cestos ficaram pesados com a parte de cada uma escondida debaixo dos nabos e do pão.

Nicole apontou para Elaine enquanto se levantavam.

— Esta é a esposa do Pierre.

Os olhos do rapaz arregalaram-se sob as madeixas do seu cabelo escuro.

— É uma verdadeira honra conhecê-la, minha senhora. O Pierre é um soldado impressionante.

Elaine sorriu em agradecimento, sem saber o que responder àquela afirmação.

Joseph era um soldado impressionante?

O rapaz recuou, o seu olhar esbugalhado ainda fixo em Elaine antes de desaparecer na floresta tão misteriosamente quanto havia chegado.

— O Pierre também treinou os Maquis. — Nicole enfiou o cesto no braço e reparou na unha do polegar onde o verniz vermelho estava lascado. — Aparentemente, a pontaria dele é perfeita e conhece as melhores maneiras de montar explosivos.

Elaine não disse nada, esforçava-se por focar a sua mente em Joseph, na natureza, sem o seu habitual casaco de *tweed*, enquanto treinava os homens para a luta. Quanto mais conhecia as facetas ocultas do seu marido, mais desejava vê-lo, fazer-lhe perguntas e ouvi-lo compartilhar os feitos incríveis que alcançara na Resistência.

— Toma. — Nicole partiu o chocolate em dois pedaços e deu um a Elaine.

Nos anos pré-guerra, aquele pedaço dificilmente daria sequer para uma dentada. Mas agora era um verdadeiro banquete de açúcar. Elaine levou o doce à boca, deixando-o descansar na língua e derreter lentamente, suspirando alto de prazer pelo raro e inesperado presente.

As duas mulheres caminharam em silêncio por momentos, o

chocolate pegajoso nas suas bocas, a luz do Sol salpicando o caminho e os seus cestos carregados de comida e explosivos.

Elaine engoliu os últimos resquícios de chocolate enquanto matutava em tudo o que lhe haviam dito sobre o marido.

— Como é que descobriste tanta coisa sobre o Pierre?

Nicole encolheu delicadamente os ombros e contornou uma poça de lama espessa e húmida.

— Perguntei, como disse que faria.

— Há mais alguma coisa que tenhas descoberto e não me contaste?

A outra mulher franziu os lábios e abanou a cabeça. Um gesto muito rápido.

— O que se passa? — perguntou Elaine com firmeza.

— Nada. — Nicole apressou o passo, como se pudesse ser poupada de dizer mais alguma coisa se andasse depressa.

Uma sombra caiu sobre elas à medida que o Sol foi obscurecido por nuvens densas e escuras.

— Por favor, Nicole. Se alguém soubesse do teu irmão ou do teu pai, não gostarias de saber?

Nicole abrandou um pouco, mas manteve o seu foco no carreiro invisível que seguia.

— O teu marido foi preso pelo *Kommandeur* Werner — disse ela, após uma longa pausa.

Elaine parou de andar. Ela podia não saber tanto como os outros Resistentes, mas conhecia aquele nome. Todos os homens sob o comando de *Hauptsturmführer* Klaus Barbie eram cruéis, mas Werner era-o especialmente, alguém que se deleitava com a brutalização dos seus prisioneiros. Histórias sobre esses suplícios

havam-lhe chegado aos ouvidos, até a ela, e arrancado da sua imaginação os pesadelos mais sombrios.

Se Joseph tivesse realmente sido levado por Werner, estaria indiscutivelmente a ser tratado sem piedade durante todo aquele tempo. O chocolate no estômago de Elaine tornou-se subitamente excessivo.

Por mais agradável que tivesse sido aquela pausa da cidade, queria voltar a Lyon para se encontrar com Etienne. O resgate de Joseph não era mais uma questão de escapar a Montluc e regressar de volta aos seus braços, mas sim de lhe salvar a vida.

O elétrico parecia viajar mais devagar de volta ao coração de Lyon do que tinha viajado até aos arredores.

Nicole colocou a sua mão sobre a de Elaine.

— Eu não devia ter contado.

— Ainda bem que contaste. — Elaine olhou para a amiga enquanto o familiar cenário de Lyon passava por elas a um ritmo irritantemente vagaroso. — Também gostarias de saber.

— Sim — concordou Nicole. — Mas saber nem sempre traz uma sensação de paz.

A afirmação dela não estava errada. Aquele novo detalhe zumbia no cérebro de Elaine como uma abelha hiperativa enquanto os pensamentos disparavam em todas as direções. Ela sentiu-se tonta, não apenas pela confiança cega, mas também pela sua obstinada ignorância. Deveria ter suspeitado que ele não seria apenas fechado numa cela, mas submetido a tortura.

Elas saíram do elétrico numa torrente de outros passageiros e

seguiram para Croix-Rousse, caminhando em silêncio enquanto Elaine se repreendia interiormente. Talvez fosse devido ao desgaste resultante daqueles pensamentos, mas nem reparou no oficial nazi quando dobrou a esquina.

Um oficial na área mais pobre de Lyon nunca era um bom sinal. Se ela tivesse dado por ele, teria arranjado um caminho alternativo para voltar ao apartamento. Porém, não viu o homem de uniforme engomado e botas polidas. Pelo menos, não até Nicole assobiar o seu nome.

Por essa altura já era tarde demais.

— Alto — ordenou o homem num tom agreste. — Documentos.

Elaine congelou, surpreendida com a ordem abrupta, e os seus pensamentos voaram para os quilos de explosivos que trazia consigo.

Nicole agarrou-lhe o braço quase sem pensar e puxou-a para trás, com uma força tal que quase fazia cair a carga que transportava. Os pés delas estalaram sobre o empedrado enquanto dobravam novamente a esquina, empurraram uma porta e deslizaram pela passagem.

A luz era fraca quando a porta se fechou atrás delas, e o túnel da *traboule* estendia-se à sua frente.

Do lado de fora, o barulho incisivo das botas de cano alto indicava que o nazi não tinha desistido da perseguição.

Nicole descalçou os sapatos de sola de madeira e Elaine fez o mesmo. O pavimento de pedra estava frio e húmido, mas era a única forma de se moverem silenciosamente e, esperavam elas, não serem apanhadas.

Descalça, com os sapatos numa mão e o cesto de explosivos na

outra, Nicole deslizou pelo corredor com Elaine seguindo atrás dela. Entraram num pequeno pátio com uma escadaria para um andar superior e dois caminhos que seguiam em direções opostas.

Nicole virou à direita sem hesitar e desceu para o piso inferior. Os degraus de pedra eram macios como vidro marinho e encovados no centro, desgastados por décadas de uso. As mulheres encontraram outro lanço com a possibilidade de subir até aos apartamentos, descer mais um andar ou continuar pelo longo e estreito corredor.

Ao longe abriu-se uma porta, fazendo-as saltar. Passos audíveis vieram logo depois; o eco nítido era grave e ameaçador. Nicole seguiu à frente pela passagem onde várias portas se alinhavam de cada lado, com um nicho sombrio no canto. Acenou para que Elaine se juntasse a ela, enquanto se agachava na escuridão.

Elaine afundou-se ao lado da amiga. Quando parou, o seu coração estava acelerado e provocara-lhe uma sôfrega inspiração profunda. O chão parecia gelo e areia húmida cravava-se nas suas plantas dos pés. Ela queria esfregá-los, mas não se atreveu a mover-se.

Elaine nunca havia explorado aquela *traboule*, claramente importante e a registar para uso futuro. A sua construção era muito mais elementar e utilitária do que a da rue Saint Jean, e com um cheiro perturbador a urina que ela preferia ignorar naquele momento.

Os passos nítidos continuavam a ecoar em seu redor, cada vez mais perto até que pararam mesmo acima do lugar onde estavam escondidas. Encolheram-se, até que o frio da inabalável parede atrás delas se infiltrou nos seus casacos, como se pudessem fundir-se com a pedra.

Apenas uma hora antes haviam percorrido um caminho salpicado de sol pela floresta, entregando-se ao chocolate e a uma conversa despreocupada.

Elaine fechou os olhos com força quando o som do salto de uma bota rangendo no chão imundo interrompeu o silêncio. Finalmente, após um momento que pareceu durar para sempre, o oficial afastou-se a passos largos, deixando-as apenas com o retumbar das suas pulsações aceleradas.

Somente quando o estrondo de uma porta soou ao longe é que a tensão nos ombros de Elaine diminuiu um pouco. Nicole remexeu na sua mala e retirou uma longa tira de tecido. Sem dizer uma palavra, enrolou-a na cabeça como um turbante na moda.

Depois de prender a ponta solta bem segura, ela puxou um segundo pedaço de pano e alcançou Elaine.

— O que é que estás a fazer? — perguntou Elaine tão alto quanto se atreveu.

Nicole enrolou o tecido, com prática, à volta do cabelo de Elaine.

— A disfarçar-nos. — Retirou um batom e inclinou o rosto de Elaine para cima a fim de aplicar o vermelho com aquele coto de maquilhagem. — Agora não seremos reconhecidas.

O batom era espesso e gorduroso nos lábios de Elaine, com um estranho cheiro a cera. Juntas, levantaram os seus cestos carregados e saíram da *traboule* por uma porta diferente daquela pela qual haviam entrado. Lá, encontraram uma rua gloriosamente vazia.

Mais uma vez à luz do dia, Elaine pôde ver que Nicole estava certa. Caso o nazi tivesse ido parar ao local em que saíram, ele não as teria reconhecido, não com as madeixas enfaixadas no linho de

Nicole, envoltas no escuro turbante. Ela parecia mais velha, mais sofisticada.

— Devias usar mais vezes o cabelo apanhado. — Nicole inclinou a cabeça enquanto observava Elaine. — E batom. Batom vermelho.

Elaine corou.

— Eu nunca fui de modas.

— Porque não? — Nicole sorriu. — É a única defesa que nós mulheres temos. Os homens têm as suas armas e as suas medalhas. Nós temos o nosso charme e os nossos cosméticos. — Ela deixou o cesto baloiçar na sua mão quando começou a andar.

As folhas dos nabos haviam murchado há muito sobre a borda do cesto de vime e ondulavam agora de um lado para o outro com o movimento, como algas no enrolar preguiçoso das ondas do mar.

— Não tenho um guarda-roupa vasto como tu tens — contestou Elaine, caminhando ao seu lado.

— Estás a falar das minhas saias? — Nicole rodopiou sobre si, sendo que a saia azul-marinho se estendeu até os joelhos, e piscou o olho. — Eu só tenho uma, mas tem seis bainhas diferentes que são facilmente ajustadas para alterar o comprimento. Por isso, como vês, apenas parece que tenho muitas roupas.

Embora o truque fosse engenhoso, Elaine nunca poderia imaginar-se como Nicole, que usava a sua confiança como o acessório mais *à la mode* daquela estação e seduzia os homens para se distrair, consciente dos efeitos da sua própria audácia.

Elaine abanou a cabeça face a tal possibilidade. O seu estilo era mais clássico do que elegante e adequava-se a ela e à vida que tivera no campo, assim como em Paris e agora em Lyon.

— Não sou glamorosa. Não como tu.

Nicole lançou-lhe um sorriso cúmplice.

— Eu tinha feições desinteressantes quando era jovem, mas aprendi a valorizá-las com a ajuda da minha irmã. Ela foi sempre tão chique. — O olhar de Nicole iluminou-se com a lembrança de tempos mais felizes. — A Odile mostrou-me como devia fazer a maquilhagem, que roupas combinavam com a minha silhueta, como andar e o que dizer. Se não fosse ela, acho que nunca teria confiança.

Elaine não conseguia imaginar outra Nicole que não aquela, adorável e segura de si.

— A tua irmã deve ser muito especial para ti.

A alegria no rosto de Nicole desvaneceu.

— Sim. Anseio que volte depressa. Assim como o meu pai e o meu irmão. — Uma frieza cintilou nos seus olhos azuis cristalinos. — Assim que esta guerra acabar e derrotarmos os boches.

Etienne estava com Denise e Josette no apartamento da rue d'Algérie, quando Nicole e Elaine chegaram. Ele franziu o sobrolho em sinal de espanto quando viu Elaine com um turbante e de lábios vermelhos brilhantes.

— Um oficial nazi tentou perseguir-nos, mas metemo-nos por uma *traboule*. — Elaine resistiu à vontade de tirar aquela cor brilhante da boca enquanto colocava o cesto em cima da mesa. A ausência daquele peso deixou-lhe imediatamente o braço frouxo de exaustão.

Ele franziu a testa.

— Ah, não te preocupes. — Nicole ignorou a reação antes que ele tivesse tempo de protestar. — Fizemos algumas mudanças

elegantes para garantir que não seríamos reconhecidas e saímos por uma porta diferente. Nada a temer.

Etienne cerrou o maxilar.

— Preciso de falar com a Elaine. — Ela assentiu, feliz pela oportunidade de finalmente poder conversar com ele. — Na cozinha.

Ele deixou-a liderar o caminho para o lado oposto do apartamento, onde teriam maior privacidade. A rápida comparência ao seu pedido surpreendeu-a, mas de qualquer modo ficou agradecida. Sobretudo depois do que ficara a saber por Nicole.

Ela fechou a porta.

— Tem de haver algo que possamos fazer pelo Joseph. Isto já dura há muito. Eu quero ajudar.

Etienne olhou fixamente para ela.

— Não me digas que não há nada que eu possa fazer. — A irritação fez subir o volume da sua voz. — Temos explosivos. — Ela forçou-se a falar mais baixo ao mencionar esse detalhe importante, ciente de que todas as paredes em França tinham ouvidos. — Temos homens e mulheres dispostos a ajudarem-se uns aos outros. Temos tudo ao nosso alcance, incluindo o apoio dos britânicos. Tem de haver algo que eu possa fazer.

Etienne engoliu em seco.

A paciência de Elaine havia-se esgotado, o pavio queimado por todas as suposições amontoadas na sua mente. E se não chegassem a tempo? E se ele morresse antes de ser libertado? E se ela nunca mais visse o marido?

A indignação explodiu na pancada que desferiu sobre a mesa, com uma força que lhe sacudiu os ossos e lhe deixou a palma da mão dormente.

— Diz alguma coisa, e não te atrevas a dizer-me outra vez para ser paciente. Não vou aceitar. Outra vez, não.

— Ele foi retirado hoje da prisão. — Etienne passou uma mão sobre o cabelo, desfazendo o que antes estava cuidadosamente penteado para trás.

Uma declaração como esta deveria ter suscitado alívio, mas a expressão assustada dos seus olhos escuros fez com que a desconfiança de Elaine a apertasse como um alerta.

— Para onde foi?

Os dedos de Etienne desceram pelo rosto, distorcendo as suas feições até que retirou a mão. — Disseram que ele partiu com bagagem — murmurou.

Ela abanou a cabeça.

— Com bagagem? O que significa isso?

Ele pestanejou, como se estivesse surpreendido por vê-la ali.

— Se te mandarem embora de Montluc com bagagem, isso significa que vais para um campo de trabalho forçado. Se fores mandada embora sem bagagem... — Ela ergueu as sobrancelhas para que ele terminasse. — Morte.

A palavra pairou no ar entre eles como um ente vivo, inquieto e venenoso.

— Ele está num campo? — repetiu ela, com alívio. — Isso não é assim tão mau. Ainda lhe posso mandar comida, posso...

— Não para onde ele vai. Elaine, este é um tipo de campo diferente. Um destinado aos que desafiam ativamente a Alemanha, não aos soldados franceses capturados.

Ela congelou, o seu corpo ficou dormente.

— Como assim?

— Não podemos ajudá-lo.

Lágrimas inundaram-lhe os olhos e de repente o turbante parecia-lhe muito apertado. Muito pesado. Ela sentiu-se ridícula com o batom ceroso vermelho e o pano na cabeça — um palhaço maquilhado a receber a pior notícia da sua vida.

Elaine nunca tinha escrito a Joseph para lhe pedir desculpas e dizer quanto o amava. As lágrimas turvavam-lhe a visão. Etienne estendeu-lhe a mão, mas ela afastou-se da mão dele.

— Disseste-me para confiar em ti — disse ela num sussurro hostil.

O cabelo caía sobre o rosto de Etienne e ele puxou-o para trás emitindo um grunhido de frustração.

— Achei que poderíamos libertá-lo.

Estavam várias folhas de papel em cima da bancada, e na mente de Elaine surgiu uma ideia desesperada, a possível.

— Tens de fazer chegar uma carta ao Joseph.

— Eu não sei o que...

Ela não largou Etienne.

— Prometeste que o tiravas de lá. Eu não quero saber como vais conseguir, mas tu vais fazer-lhe chegar esta mensagem. — Abriu uma primeira gaveta, mas não tinha canetas. Nem a segunda.

Uma caneta apareceu diante dela, entre os dedos afilados de Etienne.

— Curta — advertiu.

Com as mãos trémulas, ela rasgou um canto do papel e escreveu a única coisa que importava.

Querido Joseph,

Perdoa-me por tudo que disse.

Amo-te, sempre.

Hélène

Essas escassas e preciosas palavras ocuparam por inteiro o pedaço de papel. Ela dobrou-o em quatro, com as bordas desbotadas pelas lágrimas. Estendendo a mensagem a Etienne, o olhar fixou-se no dele.

— Não me deceções.

Ele anuiu com a cabeça, mas mesmo assim a sua expressão preocupada não escondia o medo de falhar mais uma vez.

NOVE

Ava

Enquanto Ava esperava que James investigasse a situação do vizinho, a sua inquietação começava a crescer. Finalmente, chegou a tarde em que se encontrariam no café A Brasileira, no Chiado. Como estava nervosa, acabou por chegar mais cedo. Em vez de esperar simplesmente no café opulento, com os seus tons quentes de ocre, vermelho e dourado por toda a parte e ferragens de latão polido a brilhar como um espelho, ela foi até ao longo balcão de madeira e pediu café para ambos.

No tempo que passou em Lisboa tornou-se apreciadora da pequena chávena de café forte, tomando não só uma de manhã, mas também outra à tarde como era hábito endémico entre os locais.

Assim que recebeu os dois pires e as pequenas chávenas, instalou-se numa cadeira de espaldar de frente para a porta e deitou livremente o açúcar na sua bica. Mesmo com os cristais brancos a desaparecerem ao submergirem na espuma escura, o gesto pareceu-lhe errado. Quase voraz. No entanto, em Lisboa não havia restrição quanto à quantidade de café que ela podia beber ou de açúcar que podia ingerir. As vitrinas das padarias estavam cheias de doces apetitosos que brilhavam, polvilhados generosamente com

grânulos de açúcar, confeccionados com deliciosos recheios de creme.

Uma esguia figura masculina à porta chamou-lhe a atenção. Ela endireitou-se na cadeira, a bica esquecida enquanto James atravessava o piso de mármore em xadrez preto e branco.

Ele tirou o chapéu, agarrando-o em pinça com o dedo médio e o polegar, pousando-o num lugar vazio enquanto se sentava numa cadeira em frente a ela.

— O nome dele é Diogo Silva. É dono de um quiosque de jornais na praça Luís de Camões.

Ava conhecia bem a praça de que ele falava, com a estátua de Luís de Camões, o maior poeta de Portugal.

— Então ele queria a revista para vender? — perguntou ela. — Para os alemães ou os japoneses comprarem, como nós?

James despejou a habitual porção de açúcar na sua bica.

— Não tenho a certeza, mas o quiosque está fechado desde que o levaram.

Ava respirou fundo.

— O que é que lhe aconteceu?

Ele abanou a cabeça e segurou a asa da pequena chávena entre os dedos.

— Não sei, mas a sua conversa com o nazi não teve nada que ver com o desaparecimento dele.

Ava anuiu e disfarçou a sua incerteza com um golo de café. James já tinha corrido riscos suficientes para a poupar. Qualquer investigação adicional teria de ser feita por ela própria. Pelo menos, agora tinha um nome e um lugar para investigar e esperava conseguir obter, qual Dick Tracy, mais informações.

Outra figura reconhecível entrou no café, de orelhas proeminentes. Ava acenou para Alfie e desviou-se para o lado para que pudesse juntar-

-se a eles.

Ele deu passadas rápidas, o seu rosto mais pálido do que o habitual quando aterrou na cadeira vaga.

— Acabei de ouvir...

— O que é que aconteceu? — perguntou James.

Alfie levou a palma da mão à testa, os dedos compridos curvando-se, como mármore em contraste com o cabelo ruivo.

— O Leslie Howard morreu.

— Leslie Howard? — Ava repetiu aquele nome conhecido e rapidamente se lembrou de quem era. O ator que interpretara Ashley Wilkes em *E Tudo o Vento Levou*. Ela não tinha visto o filme, mas os protagonistas tinham aparecido estampados em cada jornal e revista durante meses antes e depois da estreia.

A mão de Alfie deslizou pelo rosto e caiu no colo.

— Aconteceu esta manhã. — O seu queixo tremia e Ava não pôde deixar de notar o quão jovem ele parecia naquele momento de vulnerabilidade. — Da pior forma.

— Alfie — disse James na sua voz calma e confiante. Com a mesma entoação com que havia enunciado o nome dela no dia em que tomaram o capilé, quando ele prometera investigar o desaparecimento do vizinho. — O que aconteceu?

— O avião dele — respondeu Alfie numa voz rouca.

Ava sentiu arrepios percorrerem-lhe a pele.

— O que se passou com o avião dele?

— Os alemães... abateram-no em pleno voo. — Alfie enxugou os

seus grandes olhos castanhos. — Eles atacaram uma aeronave civil que sobrevoava o Atlântico.

A face de James ficou vermelha.

— Isso é um crime de guerra.

Ava segurou-se à mesa, as mãos agarravam o tampo como se fosse a única coisa que a mantinha presa ao chão. Embora o seu corpo estivesse ali, as suas emoções levaram-na a outro tempo, quando os seus pais não retornaram de França.

Podia ter sido o avião dela quando veio para Lisboa. Podia ser o avião onde seguisse Daniel, a qualquer altura.

Ela sentia o suor frio na sua testa.

— Consegue imaginar? — disse Alfie com a voz embargada.

Conseguia. Imaginou. Um sem-número de vezes, transportando-se para a extensão pontilhada de nuvens no interminável céu azul quando a turbulência dava lugar a empurrões violentos e implacáveis, e aquela sensação de queda no estômago quando uma descida abrupta sucedia. Os gritos. O terror.

— Basta. — A voz de James cortou-lhe os pensamentos e ele olhou-a com preocupação.

Alfie tocou-lhe na mão e ela deu um salto.

— Perdoe-me, menina Harper — lamentou-se ele de modo gentil.
— Eu não a queria perturbar.

— Volta para a embaixada — disse James ao seu jovem colega.
— Eu vou lá ter em breve.

Alfie assentiu e lançou um olhar preocupado a Ava.

— Lamento imenso, de verdade.

Qualquer tentativa de Ava para esboçar um sorriso na sua face rígida, deixando-o mais aliviado, revelou-se impossível.

— Ava — disse James suavemente. — Sente-se bem? Quer que chame a Peggy?

O pensamento de Peggy poder vê-la assim bastou para tirar Ava do seu transe. Abanou a cabeça e engoliu o sofrimento denso que lhe preenchia a garganta.

— Pobres pessoas.

— O Alfie não devia ter dado tantos detalhes. — James levantou-se e sentou-se ao lado de Ava. Ele pousou a sua mão quente sobre a dela, que ainda agarrava a mesa. O aperto aliviou com o toque dele e ela largou a borda do tampo. — Tem a certeza de que está bem?

— Os meus pais morreram num acidente de avião quando eu era criança. — Foi a primeira vez que ela disse aquelas palavras em voz alta: morreram num acidente de avião. Fora uma morte tão violenta e terrível, uma ferida na sua alma que nunca cicatrizara completamente. — E o meu irmão é militar, salta de paraquedas muitas vezes. Ao ouvir sobre o ataque de hoje, pensando que a qualquer momento poderia ser ele... — A garganta apertou-se em redor das suas palavras, cortando-as.

— Ava, eu sinto muito. — James não o disse como a maioria das pessoas dizia quando ficavam a saber que era órfã, de um modo distante. — Lamento que algo de mau lhe tenha acontecido há vários anos. — Os olhos dele encontraram os dela e mostravam sinceridade, e ele falou como se a morte dos pais tivesse acabado de ocorrer, juntamente com a malfadada aeronave caída naquela manhã.

Os ruídos de pratos e murmúrios de conversa preencheram o espaço entre eles.

— Obrigada — disse ela. — O meu irmão depois acolheu-me. Nós nunca tínhamos sido próximos, pois ele era oito anos mais velho do que eu. Mas agora somos.

— Sim, imaginei que fosse.

— Estou aqui por ele. Para fazer o que puder de modo a acabar com esta guerra. Ele sacrificou-se muito por mim. Muito. — Ela levou a mão à testa e encontrou-a húmida de suor. — Ele sempre quis ir para a faculdade, ser engenheiro, mas teve de aceitar um emprego para cuidar de mim. Eu também queria ir para a faculdade e, quando terminei o liceu, ele disse-me que tinha economias suficientes para ambos nos matricularmos.

As lágrimas ardiam-lhe nos olhos. Ela não sabia por que razão estava a contar tudo aquilo a James, ou porque estava a falar da dor dentro de si depois de todos aqueles anos. No entanto, depois de ter começado, não conseguia parar.

— Quando parti para Pratt, ele alistou-se no exército. — Ava fungou, e um lenço apareceu à sua frente. — Não havia o suficiente para os dois. Apenas para um.

Ela aceitou o lenço de James e limpou o nariz. O pano estava quente por estar no seu bolso e trazia um ligeiro aroma que lhe era familiar.

— O meu irmão está nesta guerra para me deixar perseguir o sonho que ambos tínhamos. — Ela olhou para a mesa, notando uma pequena fenda escura num canto. — Chegados ali, era tarde demais para desfazer o que quer que fosse, por isso continuei. Agora quero aplicar tudo o que aprendi na faculdade, e mais tarde, para ajudar a trazê-lo de volta a casa. — Exalou uma trémula expiração. — É por isso que estou aqui.

Alguém deixou cair um prato, estilhaçando-se com o impacto naquele piso de mármore. Ava olhou em redor o café movimentado, os clientes haviam triplicado desde que ela chegara. Foi atingida pela percepção de que tinha perdido o controlo das suas emoções num local público. Então, baixou o rosto.

— Desculpe ter abordado isto aqui. Não é o lugar certo, eu sei.

— Eu não fiquei de todo incomodado com isso. — James fez questão de olhar de relance para as mesas em redor e para os clientes de pé que faziam os seus pedidos. — Nem ninguém ficou. Na verdade, agradeço que o tenha partilhado comigo.

— Não sei porque o fiz. — As faces ardiam-lhe. Levou a bica aos lábios na esperança de que a intensidade do café lhe revigorasse a disposição.

— Às vezes, as coisas que guardamos dentro de nós precisam de sair. Não importa onde se está ou com quem se fala. — James sorriu com uma compreensão sensível, e depois, respeitosamente, voltou para o seu lugar e pegou na chávena de café frio.

O dedo bateu na lateral da pequena chávena, como se estivesse hesitante acerca de algo.

— Há uma pessoa que eu gostava que conhecesse — disse ele, de repente. — O que vai fazer esta noite?

Os seus planos incluíam uma refeição de peixe grelhado e restabelecer o estado de espírito com a leitura de *O Monte dos Vendavais*.

— A minha noite pode ser repensada se houver um bom motivo — respondeu ela evasivamente.

— Perfeito. — Ele recostou-se na cadeira. — Quero que venha comigo ao Estoril para um jantar.

Ava bebeu um golo de café e pousou a chávena, contente por ter sido vaga acerca dos seus planos.

— Um jantar? Não tenho nada para vestir.

— A Peggy pode ajudá-la com isso.

— Eu não quero impor-me.

James riu-se.

— Garanto-lhe que o fará com muito gosto.

Ava lançou-lhe um olhar cético.

Ele colocou o braço sobre as costas da cadeira ao seu lado.

— Perguntou-me sobre algo que pudesse fazer para ajudar os refugiados. O homem que tenciono apresentar-lhe conhece muitas pessoas. E acredite em mim, a Peggy ficará encantada.

— Está bem. — Ava inclinou a cabeça, não muito convencida e determinada a não implorar se Peggy recusasse.

Porém, James estava certo, Peggy não recusou. Ele também estava certo quando disse que ela nem pensaria duas vezes. Ela aceitou — literalmente — com um grito de excitação, o que deixou Ava nervosa por ter perguntado.

Antes que Ava percebesse o que estava a acontecer, foi levada para o apartamento de Peggy, onde a sua amiga a observou com um olhar atento enquanto pressionava um dedo no lábio inferior, em reflexão. A casa de Peggy era pequena, como a de Ava, mas com muito mais cor por todo o lado. Rosas da cor do dióspiro repousavam num vaso verde brilhante junto à bancada, um conjunto de almofadas cor de beringela decoravam um sofá amarelo que combinava com as cortinas suspensas nas janelas abertas.

— Que pena não termos tido oportunidade para pôr rolos e encaracolar o cabelo — lamentou-se Peggy. — Mas vou ver o que consigo fazer.

Na hora seguinte os longos cabelos de Ava foram escovados e penteados, o seu rosto empoado, retocado e pintado, até que Peggy recuou com um sorriso e um gesto orgulhoso.

— Isto era escusado — objetou Ava, sentindo-se bastante tola.

— Confie em mim, vai ficar contente quando estiver no Estoril. Toda a gente lá é podre de rica, e as regras são muito mais rígidas.

— Como assim?

— Quase fui presa uma vez por usar um fato de banho de duas peças. — Peggy revirou os olhos. — Foi quando cheguei; ainda não fazia ideia de que os polícias andavam por toda a praia com as suas pequenas réguas.

— Réguas? — A ideia de polícias a patrulhar a praia para medir roupas de banho era demasiado ridícula.

— E o mais engraçado é: comprei o fato de banho numa loja no Estoril. — Peggy ergueu as mãos, exasperada. — Eu tive de, praticamente, ameaçar bater-lhes para eles se retirarem.

— Ainda bem que não tenho de me preocupar com fatos de banho.

Peggy deu uma risada.

— Ah, sim! — Pegou num espelho portátil. — O que acha?

A mulher no reflexo era elegante, parecia mais velha de um modo sofisticado. O seu cabelo escuro estava suavemente enrolado para trás, as pálpebras levemente escurecidas, mas não exageradamente a pele alisada com talco. Na verdade, ela parecia exatamente igual à sua mãe.

Ava estava preocupada com a hipótese de Peggy a estar a transformar numa pessoa que ela não era, mas em vez disso Peggy transformou-a na pessoa que Ava sempre desejara secretamente poder ser.

— Oh, Peggy... Obrigada.

A sua amiga sorria-lhe.

— Agora, nem imagina o vestido. — Ela voltou-se tão rápido para ir buscar a roupa que a sua saia rosa rodopiou à volta dos joelhos.

Peggy desapareceu apenas por breves momentos, antes de os seus passos ecoarem de novo pelo invisível corredor.

— Tenho de participar em todos os tipos de eventos com o embaixador, por isso tenho um guarda-roupa vasto. Fico feliz por partilhar algumas destas roupas. — Peggy apareceu com um vestido verde-esmeralda. — São lindos demais para ficarem pendurados no armário.

Ava apertou os lábios, tomando cuidado para não borrar o brilhante vermelho Vitória.

— Isso é seda?

Peggy acenou com a mão num gesto de desdém.

— Foi comprado antes da guerra. Assim que me pediu ajuda, eu soube logo que este era o vestido para si, com os seus cabelos escuros e olhos verdes. Ela deslocou o vestido nos seus braços, e a parte inferior deslizou até ao chão como líquido cintilante. Era lindo, com uma faixa amarrada em laço a marcar a cintura, a saia era larga e solta. E não tinha alças. — Eu sei... — comentou Peggy, quando os olhos de Ava fixaram a parte superior do vestido. — Vista-o. — Empurrou-o para Ava e apontou para o corredor.

Ava levou o vestido para o arrumado quarto de Peggy, tão

resplandecente nas suas cores brilhantes quanto a sala de estar, e experimentou o vestido. Sentia o frio do tecido enquanto deslizava sobre a pele, uma sensação que não imaginava sentir antes do fim da guerra.

— Foi comprado antes de o Japão se juntar ao Eixo — lembrou Ava a si mesma, passando a mão pela frente enquanto se virava para o espelho de corpo inteiro. O corte era lindo e assentava-lhe como se tivesse sido feito de propósito para ela, ombros nus e tudo.

Peggy gritou da entrada.

— Eu sabia que era perfeito. Tome. — Ela entregou-lhe umas luvas brancas compridas. — Pode exhibir a pele que quiser, desde que use luvas.

Ava calçou as luvas e Peggy assobiou baixinho.

— Está deslumbrante.

— Graças às suas habilidades excepcionais e a este vestido fabuloso.

— Graças ao facto de ser uma mulher linda!

O rosto de Ava ficou vermelho. Os elogios deixavam-na sempre com uma sensação interna de embaraço, como se precisasse de se livrar da sua própria pele por achá-la tão indigna de louvor.

— Não sei...

— Bem, sei eu. — Peggy colocou as mãos nos quadris.

— Eu acho que não recebo muito bem os elogios — admitiu Ava timidamente.

— A maioria das mulheres não os recebe bem. Achamos sempre que não valemos grande coisa. — Ela levantou um ombro, e a resignação expressa revelou a Ava que Peggy, ainda que linda, confiante e desbocada, também era atormentada pelos mesmos

monstros que Ava. — Faça-me um favor: quando esta noite alguém lhe disser que está linda, e vão dizê-lo, não se atreva a mencionar o meu nome ou a fazer comentários autodepreciativos. Olhe-os nos olhos e diga apenas «obrigada».

James chegou num elegante carro preto, vestindo um fato apresentável o suficiente para estar à altura dos padrões pré-acionamento, com calças escuras vincadas, um casaco ajustado ao corpo e uma camisa branca engomada. O modelo era completado por um *papillon* preto e um maxilar recém-barbeado, que descaiu alguns centímetros quando ela saiu do prédio.

— Está deslumbrante — disse ele, com os olhos arregalados.

As bochechas dela ardiam, e estava-lhe na ponta da língua admitir que Peggy a havia polido como uma pedra banal para a tornar brilhante.

Em vez disso, fixou os olhos dele e disse simplesmente:

— Obrigada.

Ele sorriu.

— Também está muito bem — retribuiu com sinceridade.

O sorriso dele ficou mais rasgado.

Sempre cavalheiro, ele abriu a porta do lado do passageiro, e ela deslizou sobre o couro liso. Ele pôs o carro em marcha e partiram, virando para a esquerda e para a direita pelas ruas de Lisboa. As curvas e contracurvas da cidade depressa deram lugar a um longo trajeto de estrada e o oceano surgiu, a Lua brilhando em ondas distantes como veios de diamante a reluzir no escuro e vasto mar.

Eles só pararam quando chegaram a um hotel intensamente

iluminado chamado Palácio, a luz dourada jorrando através de grandes portas de vidro. Depois de deixar o carro com o *valet*, ele encaminhou-a para o interior do edifício, com um piso de mármore brilhante e janelas que pareciam estender a dimensão das paredes.

A arquitetura em si era uma obra de arte, fazendo jus às telas expostas estrategicamente ao longo das paredes. Era um espaço belo e elegante, e ela sentiu-se terrivelmente exposta.

Ava resistiu a puxar o corpete sem alças e, recordando o que Peggy lhe dissera sobre as luvas, puxou-as um pouco mais para cima ao longo dos braços. Com sorte, a polícia não teria réguas para vestidos, caso contrário a parte de cima do vestido dela resultaria numa multa por indecência.

Música, risos delicados e conversas tilintavam por toda a parte, enquanto homens e mulheres bem vestidos conversavam no átrio e no bar.

Eles foram conduzidos a um salão de baile com quatro grandes colunas que emolduravam o centro da sala, onde o xadrez de mármore preto e branco se transformava num esplêndido padrão de círculos e linhas geométricas. Uma longa mesa estava posicionada no meio, contornada por cadeiras, posta com elegantes pratos com fio de ouro e com centros de mesa de rosas brancas que, provavelmente, tinham custado mais do que Ava ganhava num mês.

À sua volta, as pessoas estavam entretidas em amena cavaqueira. Os homens usavam *smokings* e *papillons* semelhantes ao de James, enquanto as mulheres eram como joias brilhantes entre todo aquele negro; os vestidos em cores brilhantes, o brilho da seda tão predominante quanto os preciosos diamantes cintilando em cada pescoço, pulsos e dedos.

Uma delicada taça de champanhe borbulhante chegou até à sua mão, e o aroma a comida apetitosa sobressaiu entre a mistura de perfumes caros que matizavam o ar de flores e almíscar. Ava bebeu um golo do fino cristal e deixou que as bolhas fizessem cócegas ao descerem pela garganta.

Música ao vivo era tocada num volume ambiente num dos lados da sala, onde o mármore fazia a transição para uma alcatifa escura e criava uma atmosfera tão efervescente quanto o champanhe de qualidade.

Era surreal, aquele lugar onde sem nada o fazer prever se encontrava. Um lugar imbuído de opulência e recursos, enquanto tanta gente em Lisboa fazia fila à volta da embaixada e definhava em frente aos cafés.

— Ah, James. — Um homem alto e esbelto aproximou-se deles, o seu cabelo castanho-escuro ralo penteado para o lado, a pele bronzeada num saudável dourado da praia que ficava a uma curta caminhada do hotel. — Quem é essa criatura adorável ao seu lado? — Ele falava com um forte sotaque francês.

— Esta é a menina Harper. — James apresentou-a primeiro, depois o homem. — E este é o *monsieur* Blanchet.

O homem pegou na mão dela e beijou-a.

— *Enchanté*.

— A menina Harper é a pessoa de que lhe falei — disse James.

— Ah, *oui*. — O *monsieur* Blanchet assentiu. — *La bibliothécaire américaine*.

A bibliotecária americana.

Casualmente, James ergueu a mão para cumprimentar alguém do outro lado da sala.

— Desculpe, conceda-me um momento.

— Com certeza — disse o *monsieur* Blanchet calmamente.

James afastou-se, deixando Ava com o francês.

— É um lugar estranho, não é? — perguntou ele em francês, enquanto perscrutava a sala. — Qual é a opinião da menina Harper sobre tudo isto?

— Parece ser um vislumbre do céu no meio do inferno que é a guerra — respondeu Ava em francês.

— Um vislumbre? — As sobrancelhas dele ergueram-se.

Ela tinha-o afrontado.

— *Pardon, monsieur* Blanchet. Queria apenas dizer que é um lugar tão inaudito em tempos como o nosso.

— Por favor, trate-me por Lamant. E não está errada, eu não estou ofendido. Não precisa de se preocupar. — Ele inclinou a cabeça. — Esta é uma miragem, uma promessa fulgurante no horizonte que desaparece quando nos aproximamos. Eu estava curioso acerca da sua opinião sobre o assunto.

— Bem, é exatamente essa. — Ava olhou para a sala novamente, para os ossos dos quadris que sobressaíam através dos vestidos de seda, para a tensão que se escondia nos sorrisos dos homens, para o repetido verter de líquido âmbar nos copos de cristal polido. — Não parece real.

— Não é — concordou Lamant. — Todos nós deixámos os nossos lares onde estávamos a morrer de fome. Estamos aqui até deixarmos de ter dinheiro para pagar um quarto, matando tempo à espera de visto e passagens, enquanto heranças de várias gerações nos escorrem por entre os dedos como areia numa ampulheta. Estamos seguros, sim, mas por quanto tempo?

A pergunta retórica permaneceu suspensa entre eles, nenhum tinha uma resposta, apesar de ambos desejarem tê-la.

— O James disse-me que eu ia gostar de si e não estava enganado — comentou Lamant. — Tenho algo que acho que vai achar interessante. Algo que pode ajudar. Há jornais a serem impressos debaixo daquele bigode absurdo de Hitler. Homens e mulheres que arriscam a vida para divulgar a verdade. Trouxe-os comigo de Lyon quando de lá fugi e queria garantir que eles caíam nas mãos certas. O James disse-me que seria o seu caso.

A grandiosidade da sala esboroou-se e ela concentrou toda a sua atenção em Lamant. Na embaixada tinha havido referências a esses jornais clandestinos, mas ela não conseguira adquirir nenhum até ao momento.

— Posso prometer-lhe que se receber esses jornais, vou assegurar-me pessoalmente de que serão vistos com cuidado.

— Foi o que pensei. — Um sorriso agradecido desenhou-se nos seus lábios finos.

James regressou do outro lado da sala para junto deles.

— Vou mandar entregá-los no seu carro enquanto jantamos — disse Lamant. — Eu também tenho maneira de adquirir mais, se achar bem. *Mademoiselle* Harper... — ele curvou-se sobre a mão dela e beijou a sua luva mais uma vez. — Foi uma verdadeira honra.

Ele afastou-se quando James se aproximou e um aceno silencioso foi partilhado entre os homens.

— Perdoe-me a interrupção — disse James. — Espero que tenha achado o *monsieur* Blanchet tão interessante quanto eu supunha.

Ele encaminhou-a para o jantar, no qual foram servidos uma *soupe à l'oignon*, *coq au vin* e, a terminar, um copioso *soufflé* de

chocolate. Ava comeu até que a cintura estreita do seu vestido lhe apertasse o estômago cheio. Quando terminaram e um bom vinho do Porto fez assentar os golos cheios de ar do champanhe, eles deixaram o Palácio.

A pulsação de Ava acelerou quando o *valet* lhes trouxe o carro; um grande envelope pardo era visível no banco do passageiro. Ela quase se atirou para dentro do veículo com a pressa de ver o conteúdo. Consciente do *valet* ali perto, deixou o pacote no colo; o seu peso era ainda significativo. Ou talvez fosse simplesmente a sua imaginação.

Quando James começou a conduzir, ela abriu a aba e retirou várias páginas de jornal. Eram mais pequenos do que esperava, tamanho A4, com *Combat* escrito no topo e a conhecida Cruz de Lorena estampada no C a negrito. Havia oito edições, com duas semanas de intervalo. Os textos detalhavam os delitos nazis em França: mães cujas rações de pão não eram suficientes para alimentar os seus bebés e o fracasso de um programa chamado *relève*, que alegava enviar soldados franceses capturados de volta para casa exortando ao trabalho gratuito de mulheres que queriam salvar os seus homens. Um jornal de abril até detalhava um evento horrível no qual os nazis haviam montado uma armadilha para apanhar judeus no único dia da semana em que lhes eram permitidas a oferta de alimentos e a assistência médica.

Ela não pôde deixar de se lembrar dos jornais americanos com imensos artigos sobre Hitler e a sua tentativa para erradicar os judeus. O número de mortos mencionado era exorbitante, a ponto de quem estava na América, tão distante da crise, não acreditar.

Porém, Ava sempre suspeitara que havia algo de verdadeiro e

terrível naquelas palavras angustiantes em que outros se recusavam a acreditar. Ler o *Combat* fazia agora brotar aquelas sementes de confiança, as suas raízes fixando-se profundamente dentro dela.

— Isto é incrível — murmurou para si própria.

— Eu sabia que acharia o Lamant útil. — James olhou para ela, enquanto conduzia.

— Muito. — Ela baixou o maço de páginas preciosas. — Mas porque mos deu quando poderia ser o James a usá-los?

— A minha missão aqui é um pouco diferente — respondeu ele prontamente. Antes que ela pudesse instá-lo e pedir mais pormenores, ele continuou: — O Theo e o Alfie estão muito ocupados para lhes enviar isso, e eles não leem francês. Achei que a Ava seria a pessoa certa para captar o real valor.

— É uma grande honra ser-me confiado isto. — E olhou para a coleção de jornais clandestinos no seu colo.

O que ela segurava agora nas suas mãos era a verdade. Aquele era um jornal pelo qual homens e mulheres arriscavam as suas vidas, para o escrever, criar, distribuir. Um jornal que poderia realmente fazer virar o jogo naquela guerra.

Fora por isso que ela concordara em ir para Lisboa, para fazer algo pela América e pelo resto do mundo.

DEZ

Elaine

Os dias foram passando como a vista da janela num comboio em movimento rápido. Desde final de junho até início de julho, Elaine não teve notícias de Joseph, mas isso não significava que ele tivesse deixado o seu pensamento.

Em todas as entregas de jornais e de mensagens e trocas de mercadorias com os Maquis, Joseph pesava na mente de Elaine, carregada de arrependimento.

O maior arrependimento era por perceber que havia posto demasiadas esperanças em Etienne.

Se soubesse que não veria Joseph até a guerra terminar, ela teria encontrado uma maneira de o visitar na prisão. Ou teria escrito um bilhete que, ocultando a culpa dele, transmitisse a profundidade dos seus sentimentos.

Agora era tarde demais.

Numa manhã particularmente resplandecente, em que o Sol parecia estilhaçar-se no Ródano como mil pedaços de vidro, Elaine chegou mais cedo do que o habitual ao apartamento da rue d'Algérie. Um ligeiro ranger do soalho anunciava que alguém havia chegado antes dela.

Etienne apareceu à porta da sala quando ela descalçava os

sapatos. Era a primeira vez que se viam desde que ela soubera que Joseph tinha sido mandado para o campo de trabalho forçado. O silêncio cresceu entre eles quando uma lâmina de mágoa a atravessou.

Ele contemplou-a com um olhar ferido e cauteloso.

— Elaine.

— Encontrei uma maneira de enviar a minha mensagem? — Ela nem disfarçou a frieza do seu tom de voz.

— Enviei pelos canais que consegui.

— Mas não sabes se foi entregue.

Ele baixou os olhos.

O calor ardeu no rosto dela, e os músculos da nuca apertaram-se. Já devia saber que seria difícil, mas tinha sido ingénua o suficiente para se agarrar a um fio de esperança.

Mas não, era como ela temia — como deveria ter esperado. Contornou-o para retirar a máquina de escrever do compartimento secreto na parede, e destapou o estojo.

— Eu vou conseguir, Elaine.

Ela olhou para cima. Agora que estava mais perto dele, conseguia ver a exaustão que lhe marcava a pele delicada sob os olhos, assim como as rugas no rosto, aprofundadas desde a última vez que o vira. Ele era mais novo do que Joseph, mas agora parecia vários anos mais velho.

— Sei que ele foi preso pelo Werner e estou perfeitamente ciente do que isso significa. — Elaine queria arremessar a tampa da máquina de escrever numa explosão de raiva, mas em vez disso pousou-a suavemente no chão. — Eu gostava que tivesses sido tu a dizer-me.

Etienne pestanejou lentamente, como se sentisse uma dor física.

— Eu queria poupar-te a esse detalhe.

— Quero que me contem tudo — retrucou Elaine com os dentes cerrados. — Ele é meu marido.

Etienne assentiu.

— Ele foi torturado? — Ela susteve a respiração, temendo a resposta e ainda assim precisando de a ouvir.

Depois de um longo momento, Etienne assentiu novamente.

A dor formou um nó no estômago de Elaine, ao ouvir a confirmação do que já suspeitava. Ela apoiou a mão em cima da mesa, para se equilibrar.

— Elaine, perdoa-me, eu não pude...

A porta abriu-se.

— *Bonjour* — entoou Nicole. — Ontem encontrei pão e um pouco de queijo. — A entrada foi acompanhada pelo barulho dos seus sapatos a serem descalçados e atirados.

A chegada de Nicole permitiu que Elaine se recompusesse, enquanto a outra mulher corria para a cozinha e deixava a comida, antes de se juntar a eles na sala de estar. Ela sorriu a Etienne.

— Ah, Gabriel. Espero que isto signifique que tens uma nova e fascinante tarefa para nós.

Ele lançou um último olhar a Elaine e as suas feições suavizaram-se, pronto para tratar de trabalho.

— Tenho sim.

Quando Denise e Josette se juntaram a eles, Etienne explicou que iriam transportar peças de uma máquina de impressão a partir de diferentes locais para um armazém no número 35 da rue Viala. O

peso dos objetos era considerável e exigia o máximo cuidado, pois uma peça partida poderia tornar a máquina inoperante.

Elas ouviram atentamente, Josette roendo as unhas enquanto Etienne falava. Quando terminou, ele despediu-se e não tentou conversar novamente em privado com Elaine, deixando-as a comer em paz aquilo que Nicole havia trazido.

Mensageiro à parte, Elaine estava ansiosa para iniciar aquela missão. Os seus esforços ajudariam a fazer circular mais jornais e panfletos, o que atrairia mais apoio para a Resistência. Como acontecera com os panfletos lançados em março, que tinham atraído tantos recrutas que os Maquis de Savoy passaram de um grupo de apenas 250 homens para mais de cinco mil.

Quanto maior o seu número, maior a probabilidade de uma rápida vitória. E mais cedo Joseph seria libertado.

O sucesso dos panfletos com os Maquis de Savoy era a prova de que as palavras eram poderosas, mesmo contra uma força como os nazis. E Elaine esperava pela oportunidade de fazer a sua parte para encorajar a França a unir-se e lutar.

Os explosivos não sobrecarregavam tanto o cesto de compras de Elaine quanto o estranho objeto em forma de rolo que repousava torto contra o vime. A forma oblonga lembrava-lhe um rolo da massa, embora mais fino e muito mais pesado. Estava escondido debaixo de umas quantas cenouras pateticamente pequenas, um molho de nabos e tanto pão quanto podia comprar para a semana inteira. Ou melhor, aquele que fora capaz de encontrar. Na maioria

das vezes não se podia receber a respetiva porção completa devido às quantidades limitadas.

Aquele era o quarto objeto que ela trazia de uma das três garagens onde as peças pesadas estavam armazenadas. O hospital Grande-Blanche já se avistava, significando que, por fim, estava perto. Ajustou o peso do cesto, passou-o de uma mão para a outra e tentou evitar inclinar-se demasiado face à sua carga. Não convinha chamar a atenção para si mesma, sobretudo tão perto do destino.

Denise aproximou-se, caminhando no sentido oposto com um carrinho de bebé que afundava consideravelmente. Ela empurrou o fardo em direção ao amplo edifício branco com o número «35» inscrito acima da porta principal.

Elaine apressou-se mais à frente para abrir a porta a Denise, que manobrou habilmente o carrinho pela entrada, as rodas protestando contra o ângulo num guincho agudo.

— Chapas de impressão — explicou ela.

— Onde conseguiste o carrinho? — Elaine fechou a porta atrás delas, com um estrondo alto o suficiente para ecoar no longo corredor vazio.

— É meu. — Os nós dos dedos de Denise estavam brancos, enquanto conduzia o oscilante carrinho de bebé em direção ao armazém. — Eu tenho uma filha.

A surpresa de Elaine deve ter-se notado no seu rosto, pois Denise troçou.

— Não fiques tão surpreendida. É por isso que estou a lutar tanto contra esta ocupação. Não quero que a minha Sophie cresça neste mundo com pouca comida e ainda menos liberdade, que lhe digam

que o seu único propósito é ser um útero e tornar-se criada do marido.

— Ela está contigo? — A pergunta escapou a Elaine antes que pudesse contê-la.

— Está com a minha mãe. — Denise parou diante de mais uma porta fechada, que Elaine também abriu para ela passar.

Havia tantas perguntas que Elaine queria fazer, perguntas intrusivas sobre quanto tempo havia passado desde que Denise vira a filha ou quão dolorosa tinha sido a separação. Mas todas elas tinham os seus corações suficientemente aflitos para saberem evitar assuntos delicados.

Denise fez uma pausa quando passou pela entrada.

— O meu Jacob é judeu. O Pierre fez todos os nossos documentos, incluindo aquele que mantém a minha filha viva e segura todos os dias. — A frieza do seu olhar foi atenuada por uma gratidão implícita. — O meu marido e a minha filha não são os únicos judeus que o Pierre salvou nestes tempos angustiantes.

Joseph tinha sido um herói para muita gente. Essa percepção fez Elaine sentir uma intensa saudade, desejando tê-lo de volta. A sua perda era sempre palpável, uma dor que nunca poderia ser aliviada.

Denise atravessou a porta aberta sem dizer mais nada, como se toda a conversa nunca tivesse acontecido. Mas para Elaine, aquela confissão deixou uma marca indelével que ela sabia que permaneceria para sempre.

Um homem de cabelo escuro, cortado rente como um soldado, estava agachado ao lado de uma pilha de peças de maquinaria com

um trapo na mão. Elaine reconheceu as peças que ele examinava com um ar pensativo como os vários objetos que ela e as amigas transportavam diligentemente.

Alguns haviam sido encaixados uns nos outros e erguiam-se do chão como um demónio esquelético, os seus ossos escuros brilhando com uma cintilação iridescente de óleo. O homem levantou-se quando elas se aproximaram e caminhou na direção delas, todos os passos ecoando no vasto espaço vazio por entre o chiar das rodas do carrinho sobrecarregado. Um silêncio ensurdecedor caiu sobre eles quando pararam.

O óleo manchava os dedos do homem e aquele odor espesso pairava no ar.

— Chamo-me Marcel. — Ele estendeu a mão, depois fez uma careta e limpou-a ao pano sujo. — Obrigado pela ajuda na realocação da máquina. Sei que é um trabalho bastante árduo.

Elaine examinou o monstro que ele estava a montar.

— Não mais do que reconstruí-la, imagino.

Ele riu de modo autodepreciativo.

— Provavelmente levará um mês ou dois a terminar, com tantos componentes em falta. — Levantou a chapa que estava no carrinho de Denise. O carrinho de bebé moveu-se vários centímetros, enrolando novamente as suas molas após o pesado esforço.

Elaine tirou o rolamento do seu cesto e levou-o até ao mecanismo parcialmente construído, acrescentando o objeto à precária aglomeração de mecanismos. Curiosa, ela estudara os primórdios da imprensa e calculava onde certas peças poderiam encaixar.

Marcel juntou-se a ela.

— Sabe usar um mimeógrafo?

— Sei, sim — confirmou Elaine, perguntando-se quem lhe poderia ter dito.

— Temos cá um. — Ele apontou para uma prateleira com várias peças empilhadas. — Se estiver disposta a isso, eu agradeço a sua ajuda.

Se fosse encarregada de operar o mimeógrafo, teria a oportunidade de desempenhar uma função vital no recrutamento de novos membros para a Resistência. Ela teria um papel na concretização daquelas palavras que influenciavam os franceses relutantes num estado de equivocada esperança — que haveria comida suficiente nesse ano ou combustível suficiente para atravessar o inverno, que os ocupantes os deixariam em paz. Quanto mais a sua ilusão fosse combatida pela verdade, mais dispostos a ajudar estariam.

E com as suas capacidades, poderia ser uma peça importante.

Sem olhar Denise para avaliar a sua reação, Elaine assentiu.

— Seria uma honra.

Josette entrou na sala com um homem de cada lado. O mais alto tinha cabelo ruivo e parecia mais jovem do que o outro, pelo menos uma década, e a sua passada era mais larga.

— Aqui está o sítio — disse o homem mais velho a Josette de uma maneira cordial que combinava com a sua vestimenta. Ele não tinha optado por calças largas e camisa simples abotoada de cima a baixo, como os outros homens, mas sim por um fato à medida, um *papillon* que estava perfeitamente direito e o cabelo penteado para o lado com grande precisão.

Josette soltou um riso nervoso.

— Não posso acreditar que me perdi depois de já ter estado

tantas vezes cá. — Ela retirou do seu cesto uma peça estranha, com um parafuso saliente, e colocou o objeto ao lado do rolamento.

As unhas dela haviam sido roídas até ao sabugo com tal intensidade que ali a pele inflamava num vermelho raivoso. Antes que Elaine pudesse falar com a amiga, o homem mais velho estendeu-lhe a mão.

— Chamo-me Antoine.

Sem qualquer óleo naqueles dedos, Elaine aceitou a mão dando um aperto firme. Os seus pensativos olhos cinzentos observaram-na de modo atento e prolongado.

— O Pierre ensinou-me tudo o que sei sobre o processo de estampagem em documentos falsos. É uma honra conhecê-la.

Outra menção ao seu marido.

Se ao menos Elaine tivesse conhecido o Joseph com quem toda a gente estava afinal tão familiarizada. Porém, ela vinha a descobrir que ele lhe era um completo estranho.

Elaine murmurou um agradecimento e debateu-se para perceber o que podia dizer em seguida, quando o homem mais alto deu um passo em frente.

— Eu sou o Jean. Faço a tipografia aqui. — Embora fosse muito jovem, os cantos dos seus olhos estavam enrugados mesmo sem ele sorrir, sugerindo que a expressão de felicidade era habitual.

Marcel olhou para Elaine.

— Se está pronta para começar com o mimeógrafo, o Jean pode mostrar-lhe onde estão as coisas.

Ela hesitou, com surpresa.

Eles queriam que começasse tão depressa?

— Eu... — Ela lançou um olhar apologético a Denise, que não

parecia nem um pouco incomodada com o rumo dos acontecimentos. — Com certeza.

Denise assentiu e partiu com Josette, que acenou brevemente na direção de Elaine.

A passo largo, Jean conduziu Elaine pela sala até à duplicadora. O tempo havia deixado uma fina camada de pó sobre a máquina, tornando a superfície opaca. Jean retirou a máquina da prateleira e colocou-a em cima de uma mesa atulhada com folhas suficientes para fazê-los parecer um fornecedor de papel.

Elaine e as outras mulheres usavam pequenos pedaços para suas mensagens, sendo que ela nunca tinha visto tanto papel, não com o racionamento a decorrer.

— Onde conseguiu tudo isto? — As pontas dos seus dedos roçaram a preciosa pilha.

Marcel e Jean trocaram um olhar divertido. A alegria brilhou nos olhos verdes de Marcel.

— Oh... Porque nós somos o Bureau de Recherché Géodésiques et Géophysiques.

Um escritório de pesquisa geodésica e geofísica? Elaine arqueou uma sobrancelha olhando interrogativamente para os dois homens e para os seus sorrisos travessos.

— Ou assim pensam os alemães — acrescentou Jean. — O Marcel registou...

Nicole entrou de repente na sala, os saltos soando, a sua roupa chique no habitual motivo branco e azul, um chapéu inclinado atrevidamente sobre um olho e os sedosos caracóis louros balançando as pontas pelo meio das costas.

Jean ficou de queixo caído.

— Da última vez que carreguei algo tão pesado, era um saco cheio de armas — gritou Nicole jovialmente, enquanto exagerava o esforço que precisava realmente de fazer.

— Quem é aquela? — perguntou Jean em voz baixa.

— É a Nicole. — Elaine lançou um olhar de reconhecimento ao homem apaixonado, depois apontou para o mimeógrafo. — Tem as folhas para transferência? E o líquido? E talvez um pano para o limpar?

— Hum? — Jean afastou o olhar de Nicole e a sua face ficou ruborizada. — *Oui*, claro. — Ele abriu uma gaveta, exibindo uma pilha de trapos. Retirou de um caixote de lixo que estava em cima da mesa a matriz de dupla página. Ela separou o formulário de papel com um texto em caligrafia ordenada do seu verso de cera, que afixou cuidadosamente no tambor rolante, com o lado ceroso para fora.

— E o líquido. — Ele agarrou numa das latas que estava na prateleira, o seu conteúdo a marulhar.

Ela recebeu-o agradecida e despejou o metanol no tanque do lado esquerdo da máquina, o seu cheiro era forte e inconfundível. Enquanto o líquido gorgolejava até chegar ao pavio, examinou a folha usada para criar a matriz de cera. Era um apelo ao povo de Lyon para se reunir à noite na Place de la Croix-Rousse no próximo Dia da Bastilha, a 14 de julho, e orgulhosamente envergar o sinal tricolor em desafio aos opressores alemães.

O coração bateu-lhe mais forte no peito. Ela estava envolvida naquela mensagem imperiosa.

Depois de limpar a camada de pó, ajustou o papel na bandeja do alimentador — um recurso que a sua tosca máquina nunca teve.

— Quantas cópias?

— Tantas quantas a máquina conseguir fazer.

O mimeógrafo podia produzir quase 500 cópias, mas a tinta impressa atenuava-se a cada passagem, de modo que a tiragem provavelmente cairia perto de 450, se tivessem sorte.

Ela agarrou a manivela, girando-a para a frente de uma maneira que lhe era tão familiar quanto o aroma acre do metanol.

— Vou precisar de mais papel.

Elaine não só era proficiente a operar o mimeógrafo, como também a sua aptidão para o reparar sem dificuldade se revelou muito conveniente. Foi assim que ela acabou por não retomar o seu trabalho com Nicole, Denise e Josette, embora a ausência da sua companhia habitual fosse sentida intensamente à medida que os dias deram lugar a semanas e depois a um mês.

Elas viam-se de vez em quando nas entregas, mas as visitas eram raras e lamentavelmente espaçadas. E além de tudo, Etienne não teve mais notícias sobre Joseph.

Elaine continuava a morar com Manon. Embora nunca fosse indelicada, a mulher parecia relutante em dar-se com Elaine. Envolta na sua própria solidão, ela movia-se pela casa como um espectro, envergando vestidos negros soltos que acentuavam a fragilidade do seu corpo magro. Ainda assim, preparava sempre uma refeição para Elaine. Embora os alimentos fossem escassos, a refeição esperava-a decorosamente num prato branco pintado com violetas e delicadas rosas amarelas.

A montagem da tipografia estava em andamento e o esqueleto

havia-se transformado numa fera poderosa — uma máquina capaz de desacreditar a propaganda nazi.

Havia uma segunda prensa — a Minerva — que não requeria eletricidade para funcionar, mas sim a ação do pé num pedal na sua base. Era uma engenhoca barulhenta quando em funcionamento, a placa tintada batendo contra a página em branco para imprimir o texto. Um esforço coordenado também era necessário, com o operador a pisar simultaneamente o pedal e a remover o papel terminado, substituindo-o por uma folha limpa e por imprimir.

Marcel operava a Minerva quando não estava ocupado com o puzzle que era a miríade de peças da prensa automática, até que finalmente esta ficou completa. A coisa soava como o monstro de cinco toneladas que era, bufando e batendo contra o fundo da própria Minerva num desempenho estrondoso. O barulho era o motivo pelo qual o armazém ficava tão longe do coração de Lyon, no interior daquele edifício enorme.

A orquestra de impressão de jornais continuava ininterruptamente ao longo do dia até aquela composição sonora se tornar música de fundo. Somente quando um problema ocorria é que a produção cessava, perdendo-se abruptamente a sinfonia do funcionamento da prensa que dava lugar a um silêncio desolador.

Elaine e os três homens encontraram um ritmo confortável para as suas rotinas. Jean imprimia texto a partir de lingotes de metal que precisavam de arrefecer antes de lhes poder tocar, encaixados em chapas para as prensas. Marcel pairava sobre a máquina automática nos primeiros dias, monitorizando cada impressão com um olhar crítico antes de acenar para si mesmo em sinal de aprovação e, só depois, colocava o papel novamente numa pilha

organizada. Antoine era aquele que Elaine mais gostava de observar no seu trabalho, com uma ferramenta afiada a riscar sobre finas folhas de zinco, gravando imagens com a habilidade rigorosa de um artista.

— Devíamos publicar a história — disse Antoine, certa manhã, quando Elaine entrou.

— Nem pensar. — Marcel manteve o olhar fixo na prensa, aparentemente sem vontade de discutir.

Antoine deslizou um dedo sob o seu *papillon*, como se aliviasse a pressão em volta do colarinho.

— Mas é verdade que o Max, Jean Moulin, morreu.

Max era um nome de código que Elaine conhecia — não por conhecer a pessoa pessoalmente, pois ela nunca se cruzaria com um homem daquele calibre, mas porque o nome surgia com frequência em conversas e mensagens codificadas. Ele era o braço-direito do general de Gaulle em Lyon, o herói de guerra que encorajara a Resistência francesa sediada em Londres. Max fora encarregado de unificar as suas diferentes fações independentes numa única.

O que significava para a Resistência a morte dele? Para o futuro da organização?

— Vê o rosto dela? — Marcel apontou para Elaine com uma expressão dura. — Se disser que France Max morreu, o nosso povo também será atingido e nós perderemos apoio, não ganharemos.

Elaine preparou rapidamente a sua expressão para disfarçar as emoções, uma lição de que nunca se esquecia. Mesmo entre amigos.

— É uma notícia — concordou Marcel solenemente —, mas o

nosso trabalho é reunir novos recrutas, e não afastá-los, ao informar que o homem mais confiável do general de Gaulle foi torturado até à morte pelo *Hauptsturmführer* Barbie. — Ele voltou a sua atenção para Elaine e falou num tom mais suave. — O Max não era o único homem que mantinha as redes em Lyon. Nós vamos continuar.

— Ouvi dizer que ele nunca falou, apesar da tortura brutal a que foi sujeito. — A voz de Jean era suave e reverente.

— Apesar disso, não é uma história que seja preciso publicar — replicou Marcel com firmeza, e afastou-se, carregando nos braços uma pilha de jornais acabados de imprimir.

— Torturado? — perguntou Elaine, com os lábios dormentes.

Jean anuiu, meditando em voz alta.

— É a verdadeira bravura e a força que nos impedem de falar.

Como Joseph.

Poderia ela ser igualmente forte? Não importava o quanto se concentrasse, era-lhe impossível medir a sua própria força face a uma dimensão tão desconhecida.

— Nenhum de nós sabe como reagiria — disse Jean, como se ele também estivesse perdido no mesmo pensamento macabro. — Acho que todos desejamos ser assim tão valentes e rezamos para nunca ter de descobrir.

Ele enfiou as mãos nos bolsos, a sua longa silhueta curvada, como se caminhasse sob um vento forte, e voltou para o pequeno escritório que usavam para criar documentos de identidade falsos.

— *Ma chérie* — ouviu-se a voz de Nicole. Ela entrou com Josette ao seu lado, os habituais cestos de compras pendurados nas dobras dos braços. Em vez de se dirigir logo a Marcel, Nicole marchou até Elaine e abraçou-a. — Sentimos tanto a tua falta.

Elaine apertou também o corpo esguio de Nicole, notando o contorno proeminente das suas costelas e vértebras. Sem dúvida que ela sentiu o mesmo no seu abraço.

Era uma lembrança de como a fome penetrante lhes corroía a barriga insatisfeita e toldava a mente de cansaço. De qualquer forma, ver Nicole e Josette de novo era um verdadeiro prazer.

Ou pelo menos Nicole.

O brilho juvenil de Josette havia decaído para uma palidez doentia desde que Elaine a vira pela última vez; até o lustro dos seus caracóis castanhos parecia ter-se apagado.

— É bom ver-te — disse ela num sussurro tímido, de sorriso acanhado.

A prensa girava em fundo e, embora Elaine já não ouvisse aquele barulho, Josette encolhia-se a cada estrondo.

— Espero que estes brutos te estejam a tratar bem — comentou Nicole em voz alta, e olhou incisivamente para os homens simulando uma ameaça.

— Ela aprende rápido. — Antoine levantou a cabeça e brindou Elaine com um sorriso gentil. — Estamos felizes por tê-la cá.

— Estou a pensar ensiná-la a usar a Minerva. — Marcel apontou para a prensa menor.

— Ah, está? — A pulsação de Elaine disparou com a possibilidade de ir além da pequena máquina de duplicação e dos seus deveres administrativos. A impressão não era feita por mulheres. Por outro lado, havia agora poucos homens por onde escolher. Porque não uma mulher?

— Tenho de ir a Grenoble em breve. — Marcel retirou uma pilha de papéis da prensa e colocou-os na mesa onde estavam vários

outros. Eles não imprimiam apenas o *Combat*, que era redigido por aquela equipa, mas também o *Défence de la France* para a região sul.

— Grenoble? — interrompeu Nicole. — Ora, acabei de regressar de lá e tenho os seus carimbos.

O que ela guardava no fundo falso do cesto era um tesouro precioso. Os carimbos eram inestimáveis numa época em que a borracha era tão difícil de obter e tão essencial. Sempre que um novo carimbo era introduzido nos vistos de viagem e nos documentos de identidade e tudo o mais, um contacto interno que trabalhava como secretário no município de Lyon fornecia informações para os originais serem replicados.

— Podes deixá-los ali. — Elaine indicou a sala para onde Jean tinha ido e sorriu para si mesma, enquanto os passos de Nicole estalavam na direção dele.

Elaine voltou a sua atenção para Josette.

— Tens estado bem?

A prensa fez um estrondo e Josette encolheu-se.

— Sim. — O sorriso a que ela forçou os seus lábios secos não era de todo genuíno. — É claro que sim.

Apesar da sua óbvia tentativa para afastar a preocupação de Elaine, os nervos de Josette estavam à flor da pele, o seu medo era tão visceral que Elaine sentiu aquele odor metálico sobrepondo-se aos aromas polposos e aveludados da tinta e do papel.

— A Denise juntou-se aos Maquis, por isso agora somos apenas eu e a Nicole. — Josette levou a mão à boca e roeu a unha com os dentes da frente, um gesto distraído e quase natural.

A sua atitude era angustiante.

Elaine nunca fora uma mulher especialmente maternal, mas teve vontade de agarrar Josette nos seus braços e confortá-la, como se faz com uma criança assustada.

— E tens a certeza de que estás bem? — insistiu Elaine.

Josette mastigou a unha mutilada, sem dizer nada por instantes. Elaine chegou a pensar que aquele silêncio significaria que a amiga lhe ia conceder uma resposta verdadeira, mas depois Josette assentiu simplesmente, semicerrando os olhos num sorriso forçado.

— Estou bem.

Ela não estava bem. Evidentemente.

Nicole passou por elas com o seu cesto, aliviado do peso, balançando na mão. Elaine abraçou-a e sussurrou discretamente ao ouvido da amiga.

— A Josette vai ficar bem?

— Vou certificar-me disso. — Nicole endireitou-se com um sorriso vivo e as duas partiram para retomar o seu trabalho com a entrega de mensagens.

— O que achou da Josette? — perguntou Marcel, depois de as mulheres partirem.

Sabendo que a resposta poderia levar ao afastamento de Josette das suas funções, Elaine permaneceu calada. Mas por mais que tentasse, não conseguia ficar tranquila com a pronta resposta de Nicole.

Marcel não a pressionou, mas semicerrou ligeiramente os olhos, concentrado nos seus pensamentos, e depois afastou o que quer que lhe passasse pela mente e acenou para ela o seguir.

— Venha comigo, deixe-me mostrar-lhe como funciona a máquina de impressão.

ONZE

Ava

Ava não foi a única a ficar entusiasmada com o jornal clandestino francês. O olhar carrancudo do Sr. Sims iluminou-se, e um mês depois ele informou-a de que Washington queria mais daqueles. Ela e Mike dividiriam a tarefa de fotografar todos os periódicos e demais publicações, e ela deveria dedicar um esforço adicional para obter tantos jornais clandestinos quanto fosse possível.

Nos meses que se seguiram acompanhou James ao Estoril em ocasiões suficientes que justificaram que ela própria acabasse por adquirir os seus vestidos formais, sendo que Peggy lhe ensinou alguns novos penteados. Lamant encontrava Ava com frequência, providenciando-lhe não apenas jornais clandestinos franceses, mas também alguns jornais da Holanda e da Polónia.

— Há uma arte nisto — explicou ele, depois de lhe entregar um pequeno maço para guardar na mala, no bar do Estoril numa daquelas noites de festa. — É a resistência face à opressão, palavras que rivalizam com a artilharia pesada, aparentemente insignificantes e ainda assim eficazes. Isto é a força na sua forma mais pura. É belo.

Lamant era uma alma singular que via algo de magnificante na

maioria das coisas. Ela sorriu com a avaliação dele.

— Isso é poético.

— Deve procurar ver além da página. — Ele levantou o seu copo, mas fez uma pausa antes de beber um golo. Uma casca de limão flutuava no líquido transparente. — Aos homens e mulheres que trabalharam tão perfeitamente juntos. Não apenas ao autor que o escreveu, mas também ao tipógrafo que fez a meticulosa montagem, ao responsável por lidar com a complexidade das máquinas de impressão, ao mensageiro que o entregou e ao cidadão que o contrabandeou de solo francês até chegar aqui a Portugal.

Esta era uma das coisas de que ela gostava nos momentos únicos que passava com Lamant. Nunca havia considerado mais do que os autores ou a peça em si. Mas ele estava certo na sua apreciação, acerca da sequência de envolvidos na circulação dos jornais clandestinos até chegarem às mãos dela.

— Até a menina. — Lamant inclinou o copo na sua direção, as suas bochechas ligeiramente avermelhadas por passar muito tempo à beira-mar. — Esses jornais morreriam aqui em Lisboa. Tornar-se-iam desperdício a determinada altura, deitados fora com o resto do lixo. História descartada. No entanto, a menina está a enviá-los para a América. Está a preservar no tempo estes momentos para que todos os possam contemplar mais tarde.

Depois daquela proclamação, ele levou o copo aos lábios e esvaziou o seu conteúdo, deixando apenas a casca de limão. Ergueu o copo quando um empregado passou e pediu mais um. Novamente. Ao perceber a expressão dela, ele piscou-lhe o olho.

— Isto é melhor do que os comprimidos para os nervos que a

maioria dos refugiados toma.

Independentemente do que ele dissesse e do ambiente luxuoso de que desfrutava, o desgaste da espera de tantos meses começava a notar-se na sua aparência. Ele permanecia esguio, apesar da abundância de canapés e pratos de carnes, doces e iguarias de todo o mundo. Na maioria dos quais nem sequer tocava. Em vez disso, a sua atenção virava-se para tudo o que podia ser vertido num copo de cristal. E embora dissesse que isso lhe acalmava os nervos, o leve tremor das suas mãos não parecia diminuir, e as rugas na testa e em redor da boca eram mais profundas de cada vez que se encontravam.

Um homem e uma mulher passaram pela mesa, a sua conversa em alemão era audível. Lamant apertou o copo com mais firmeza até os seus dedos ossudos ficarem brancos.

— Sente-se bem? — perguntou Ava, quando o homem e a mulher se afastaram.

Ele engoliu em seco, pálido sob a ligeira queimadura do Sol, e esboçou um sorriso ténue.

— Perdoe-me, menina Harper, ouvir falar alemão por perto deixa-me sempre abalado.

Ela assentiu. Embora não pudesse entender aquilo ao nível que Lamant havia experimentado, ela compreendia a mudança de emoções que ouvir alemão provocava.

— O meu pai era fluente em alemão. E francês — comentou, com um sorriso. — Em tempos, ouvir alemão trazia-mo à memória.

— Agora está corrompido — terminou Lamant em vez dela.

— Precisamente. — Um empregado apareceu e trocou o copo de Lamant por uma nova bebida, oferecida numa bandeja prateada e

reluzente. Lamant bebeu um golo generoso e descontraiu visivelmente. — Passei grande parte da minha vida a apreciar as obras de Goethe e descobri que agora só consigo digerir as suas palavras em francês. É uma pena, pois a tradução nunca é tão autêntica quanto o original.

— Não me surpreende que seja um homem que aprecia Goethe.
— Ava terminou o seu vinho quando James chamou a sua atenção do outro lado da sala.

Era a hora de voltar. E o momento de dar a Lamant a notícia que ela ocultara durante toda a noite.

— Confesso, tenho tentado obter um visto para si na embaixada americana. — Ava olhou para seu copo vazio, uma circunferência desenhada pelo vinho acumulado no fundo, como uma gota de sangue. — Mas falhei.

Lamant pestanejou, surpreendido.

— Eu nunca lhe pediria isso.

— Eu sei. — Ava pousou o seu copo na mesinha entre as cadeiras de ambos. — De qualquer forma, eu queria ajudar.

E ainda tentou, para recompensá-lo por tudo o que ele havia feito com a aquisição das publicações estrangeiras. Os pedidos foram negados de todas as vezes. Ela tinha sido avisada por Peggy, depois ignorada pelos vice-cônsules da embaixada — que se recusaram a ouvir os seus apelos —, e, por fim, o pedido foi rejeitado por um contacto em Washington que ela conhecia através de uma das suas ex-colegas de casa.

— Eu não queria que pensasse que eu não tentei — disse ela delicadamente. — Não que tenha servido de alguma coisa.

Um empregado passou rapidamente e o copo dela desapareceu.

Lamant observou-a por um longo momento.

— Nenhum ato de bondade, por menor que seja, será desperdiçado — declarou ele, citando Esopo.

— O meu pai usava muitas vezes essa citação.

— Então, ele ficaria orgulhoso de si. — Lamant pousou a mão sobre a dela, os dedos frios de segurar a bebida. — Está destinada a alcançar grandes feitos.

Embora o elogio a confortasse, era mais um peso de expectativa a que podia não conseguir corresponder. Nos meses que já passara em Lisboa não tinha sido capaz de ajudar os refugiados a não ser com alguns livros dados às crianças, e, apesar de trabalhar arduamente na recolha dos jornais, ela ambicionava fazer mais. Não foi capaz de encontrar o vizinho que havia sido preso pela PVDE, Daniel ainda corria perigo, o mundo continuava em guerra e ela não conseguiu obter sequer um visto para a América.

Estava a falhar.

A sensação de impotência não diminuiu à medida que os meses se desenrolaram até outubro, quando o frio do outono dourava a folhagem, deixando as árvores banhadas a ouro polido. Contudo, foi nessa altura que recebeu duas cartas. Uma de Daniel — curta e doce, contornando a censura, mais comedida do que elaborada. E uma outra, debaixo da porta do seu apartamento, de Lamant, que ela não via há várias semanas.

Eu consegui finalmente o visto americano e parto já amanhã no navio.

Desejo aproveitar a última noite em Lisboa com as pessoas que mais estimo nesta cidade deslumbrante.

Aquela carta, requintada e cheia de luz, envolveu-a em pura alegria. Apesar dos obstáculos no caminho de Lamant, ele conseguira superá-los e estaria em breve do outro lado. De facto, era um motivo digno de celebração.

Era esse o motivo pelo qual ela e James estavam a atravessar a zona antiga de Lisboa, conhecida por Alfama, com uma Lua lá bem alta e cheia num céu escuro cravejado de estrelas. O resto da cidade fora traçado segundo um moderno padrão pombalino, em forma de grelha e com ruas largas, mas Alfama mantivera as suas passagens estreitas e sinuosas com um complexo labirinto de escadas e declives íngremes, exatamente como nos tempos medievais.

Aquela área era uma das poucas que haviam sobrevivido ao fatídico 1 de novembro de 1755, quando um terramoto destruiu a maior parte da cidade. Contudo, a tragédia não terminou aí. A terra estremecida enfureceu o rio Tejo, que inflou em maremotos e arrastou pedaços de Lisboa. Como se isso não bastasse, as velas e lanternas derrubadas pelo terramoto incendiaram o que não havia sido reduzido a escombros ou submerso.

A devastação foi assinalável e resultou em dezenas de milhares de vidas perdidas. As notícias espalhadas por todo o mundo impactaram profundamente Voltaire, que não só incorporou a tragédia nos seus contos em *Candide*, como também escreveu um longo poema lamentando o desastre.

Embora, como que por milagre, Alfama ainda estivesse de pé, as

estruturas de reforço visíveis nos exteriores pintados das casas de tempos arcaicos eram como suturas em pele rasgada.

James conseguia orientar-se através daquele traçado complexo com uma perícia que ela admirava. Os prédios à sua volta tinham entre três e cinco pisos, as suas fachadas de tons pastel eram pontilhadas por janelas com portadas, das quais os moradores se inclinavam para conversar uns com os outros, alguns apenas a um braço de distância. Os aromas de jantares caseiros enchiam as ruas; enchidos na brasa e mariscos grelhados.

A água acumulava-se na boca de Ava graças aos aromas tentadores, sobretudo porque eles haviam sido aconselhados a não comerem antes.

Enquanto desciam cuidadosamente por uma escada íngreme em direção a um prédio degradado, Ava avistou Lamant esperando-os lá em baixo com um homem mais jovem de sorriso franco e vestindo uma camisa simples e calças largas, e não fato à medida como James e Lamant. Apesar da sua juventude, havia uma exaustão evidenciada pelo inchaço sob os olhos e que, de algum modo, tornava a sua aparência macilenta.

Lamant apresentou o homem como Ethan Williams, funcionário no Comité Judaico-Americano de Distribuição Conjunta.

— CJDC — abreviou Ethan, enquanto estendia a mão.

Ava retribuiu o aperto firme, o que lhe rendeu um aceno de aprovação por parte do homem.

— Ethan trabalha em estreita colaboração com os refugiados e pode ajudá-la a adquirir mais jornais como os que lhe tenho fornecido — elucidou Lamant. — Daí ter achado imperativo apresentar-vos antes da minha partida. — Ele colocou a mão no

ombro de Ethan e deu-lhe um aperto afetuoso, como um pai faria a um filho. — O Ethan tem sido crucial na recolha da maior parte do material que lhe tenho entregado, bem como para que a minha ida para a América finalmente aconteça.

— Que bom que pôde ajudar o Lamant. — Ela sorriu ao francês mais velho e conteve a emoção que ameaçava dominá-la. Não só a tristeza de saber que em breve estaria privada da sua companhia para sempre, mas também a alegria pela sua partida.

Ethan anuiu.

— Com certeza. Fico feliz por ajudar.

Lamant sorriu a todos eles.

— As minhas pessoas favoritas estão reunidas aqui neste lugar de refúgio, ainda que os meus compatriotas me tenham tentado deportar. Tive muito mais sorte do que a maioria, ao poder desfrutar do esplendor de Portugal. É um país de beleza, arte e amizade, e eu quero desfrutar deste último dia com aqueles que amo.

As suas palavras eram verdadeiras. Ele *tinha* sorte. Não só pelo luxo que a sua riqueza lhe proporcionara durante a espera, mas também pela forma como via o mundo, como um bolo de camadas com novas delícias sob cada cobertura opaca.

— E agora devemos apressar-nos ou perderemos a próxima cantora. — Lamant conduziu-os até à porta.

Ava permitiu que ele a encaminhasse para dentro.

— Cantora?

O interior do prédio não combinava com o exterior deteriorado e estava repleto de mesas e cadeiras de madeira robustas, os assentos acolchoados com um tecido vermelho requintado. Acima, o

teto côncavo expunha a alvenaria estriada que ela se acostumara a ver nos últimos meses em Portugal.

— Fado — respondeu Lamant com reverência.

Embora não tivesse saído até tarde o suficiente para apreciar aquela música, ela sabia o que era o fado. As letras lamentosas eram exclusivas de Lisboa, de um povo que tinha sido submetido à pobreza e à perda, especialmente no século seguinte ao famoso terramoto enquanto a cidade era reconstruída, quando o fado começou a ser notado.

Foram servidos de imediato copos de vinho verde, o líquido efervescente de ouro pálido feito com uvas do norte de Portugal, consumidas antes que a bebida amadurecesse, por isso as bolhas subiam pelas laterais do copo. Seguiram-se vários pratos de peixe e polvo grelhados, bem como algo que parecia ser um pedaço de enchido enrolado em forma de ferradura.

— Não é porco. — Lamant ergueu o dedo indicador da mesma forma que o professor de Filosofia de Ava fazia quando ela estudava na Pratt. — Isto é alheira. — Ele ergueu a faca e o garfo e cortou o enchido. — É ave e pão com especiarias, habilmente disfarçados de porco. Já conhecia?

James olhou para ela também, esperando provavelmente os habituais detalhes que sempre fornecia. Mas, naquele caso, ela não podia dar nenhum.

— Nunca tinha ouvido falar de alheira — confessou Ava.

Lamant assentiu sabiamente, como sempre fazia quando encontrava algo que Ava ainda não tinha descoberto por si própria.

— Esta não foi a primeira vez que Portugal ficou cheio de judeus, pois o nosso povo foi obrigado a fugir das suas casas para escapar

à perseguição. Perto do final do século XV, os judeus procuraram refúgio nestas mesmas paragens. No entanto, o rei português queria casar-se com uma princesa espanhola e prosseguiu com a opressão num esforço para agradar a Espanha.

Ava anuiu, familiarizada com a terrível história.

— Os enchidos sempre foram um alimento popular em Portugal, o que infelizmente facilitou bastante a identificação dos judeus. — Ele apresentou a comida com a mão estendida. — E assim nasceu a alheira. Podia ser pendurada e seca em fumeiros como os outros enchidos e comida em público para não chamar a atenção. Genial, não é?

Ele cortou uma rodela do meio e entregou-a a Ava. Ela deu uma dentada e uma explosão de sal e alho, à mistura com picante e uma especiaria que lhe atçou as papilas, atingiu-lhe o palato.

De repente, as luzes baixaram e dois homens com guitarras em forma de pera aproximaram-se da lareira. Instantes depois, juntou-se a eles uma mulher com um xaile preto, fino como uma teia de aranha, sobre os ombros do seu vestido estampado com rosas.

A sala inteira ficou em silêncio.

Os dedos dos homens moveram-se sobre as cordas dos instrumentos, suscitando notas límpidas que dançavam pela sala, realçadas pelo teto curvo e vasto. A mulher balançou ao ritmo, os seus olhos fechados como que absorvendo o delicado som até se tornarem unos.

A sua mão pressionou o centro do peito e ela começou a cantar, a sua voz rouca e tomada por uma dor que atingiu profundamente todos os recantos da alma de Ava que alguma vez estiveram em carne viva. A agonia e a mágoa repuxavam a testa da mulher

enquanto ela levantava a cabeça, estendendo a mão de maneira suplicante ou fechada em punho quando as notas claras e vivas se desvaneciam num vibrato.

Quando a sua palma da mão foi mais uma vez ao coração, ela olhou em redor da sala com lágrimas brilhando-lhe nos olhos enquanto a música continuava. Uma amante cujos afetos não eram correspondidos, a dor transmitida estava tão habilmente estampada no seu rosto quanto nos dedos dos guitarristas que tocavam aqueles seis pares de cordas.

Sem parar, a mulher cantou até que as lágrimas também arderam nos olhos de Ava. As últimas notas chegaram e a mulher baixou a cabeça contra o peito.

A sala explodiu em aplausos que a cantora recebeu gentilmente com a mesma emoção sincera com que havia cantado. As luzes voltaram a ligar-se e Ava pestanejou para se lembrar de onde estava, tão extasiada com a atuação que esquecera todo o espaço e tempo. Na mesa diante dela, o vinho verde estava quente e a comida fria. Mas ninguém se importou. Estavam todos a aplaudir com entusiasmo aquele que foi o desempenho mais incrível que Ava já havia presenciado.

A fadista e os guitarristas deixaram o palco improvisado, agradecendo aos clientes enquanto passaram para outra sala, e os convidados voltaram a comer e a beber. Enquanto Ava observava a retirada de cena, ela avistou um rosto conhecido, um que fez o seu apetite definhar apesar do verdadeiro banquete diante de si.

Lukas.

Tinham passado meses desde que ela o vira. A sua presença era inconfundível — não apenas pela sua aparência de costas direitas

numa mesa distante, escondida num canto, mas também pelo modo como ele a observava, sem pestanejar; intencionalmente. Mas ela recusou-se a evitar aquele olhar descarado de Lukas e encarou-o também. Ela não era cobarde e não demonstraria medo.

Lukas sorriu então a Ava, com os seus dentes brancos, que ela um dia admirara, a brilharem desde o outro lado da sala. Ela não sorriu de volta.

No final, foi ele quem se levantou da mesa e abandonou a sala, parando apenas para lhe lançar um último olhar antes de sair. Qualquer desconforto com o primeiro encontro de ambos que Ava tivesse esquecido voltou a enraizar-se, mais uma vez, na sua mente.

Ela fez por esconder esse descontentamento dos acompanhantes, recusando-se a permitir que a última noite de Lamant em Lisboa fosse manchada. Para seu alívio, nem ele, nem Ethan pareceram notar. James, porém, olhou várias vezes para ela, com um ar preocupado.

Depois de terminarem toda a comida e todo o vinho, a noite estendeu-se até tarde com atuações que continuaram a surpreendê-la. A dada altura, antes da meia-noite, Lamant afastou-se e declarou que queria um último cálice de ginjinha — um licor de ginja, afirmou ele, feito na perfeição por uma mulher que ele conhecia em Alfama — antes de cair nos braços da América.

Enquanto serpenteavam pelo coração do bairro medieval, Ava distraiu-se no espírito de convívio, esquecendo Lukas. Em vez de pensar nele, viu-se fascinada pelas estrelas que cintilavam acima dos becos estreitos, para lá das cordas esticadas entre os prédios

adornadas por restos de flores de papel das festividades de Santo António, que sucedera alguns meses antes.

Pararam debaixo das portadas pintadas de azul, onde Lamant chamou a Sra. Ferreira, que considerava a mulher mais gentil de Alfama. A idosa abriu as persianas com um sorriso, revelando um apartamento arrumado atrás das cortinas de renda. Ela serviu-lhes um copo de licor vermelho por apenas alguns escudos. Os olhos da senhora encheram-se de lágrimas quando Lamant se despediu, claramente mais alguém cuja vida havia sido tocada pelo perspicaz francês.

Quando a última gota de ginjinha se dissolveu na boca de Ava, e era tudo o que conseguia enfiar no seu estômago já cheio, ela apertou a mão de Ethan e abraçou Lamant numa derradeira despedida.

— Lembre-se de procurar ver sempre além da página, *ma chérie* — disse ele, antes de lhe beijar cada bochecha e deixar a pairar na camisola dela o aroma da sua água de Colónia.

No dia seguinte ele estaria num navio com destino à América, que lhe ofereceria a segurança que em Lisboa, na melhor das hipóteses, era escassa. Ele escaparia ao medo da vigilância nazi e da ameaça da PVDE. Depois de quase um ano martirizado pelo problemático sistema de vistos, estaria livre.

— Gostou de ouvir os fados? — perguntou James, enquanto seguiam pelas ruas iluminadas pelos astros numa Alfama agora tranquila.

— Foi comovente — disse Ava.

— Não é comum que a maioria dos refugiados aprecie aquela tristeza. Não quando eles já têm tristeza suficiente.

Ava assentiu em compreensão.

— O Lamant vê as coisas de forma diferente dos outros.

— E é por isso que eu sabia que vocês se iriam dar bem. — James lançou-lhe um sorriso.

Passos sincopados soaram atrás deles. James colocou a mão na parte inferior das costas dela, empurrando-a para andar um pouco mais rápido. Não que Ava precisasse de encorajamento. Os passos que se misturavam com os deles no ar rarefeito da noite de outubro tinham um tom de autoridade e importância. Não se tratava de um bêbedo cambaleando até casa depois de uma noite de farra.

James virou abruptamente para um beco estreito, depois subiu um lance de escadas e passou a outro beco estreito. Lukas entrou nos pensamentos de Ava mais uma vez. Como ele tinha aparecido naquela noite, como ele estava tão fixamente a olhar para ela.

Embora Portugal fosse neutro, isso não significava que uma corrente subterrânea de atividade clandestina não operasse debaixo do nariz do governo. Os nazis ainda arranjavam maneiras de fazer com que certas pessoas desaparecessem.

James puxou Ava para um recanto, de modo que as costas dela ficassem contra a parede, e ele encobriu-a com o seu próprio corpo. Ficaram frente a frente. Próximos. As feições obscurecidas dele, os olhos escuros na noite tardia, o maxilar liso e barbeado.

No entanto, ele não a observava como ela a ele. A cabeça dele inclinava-se, tensa, esforçando-se para ouvir.

Passos ecoaram ao longe. Quem quer que os perseguisse conhecia Alfama tão bem quanto James.

— É a PVDE — sussurrou ele.

A atenção dele mudou e de súbito reparava nela, os seus olhos percorrendo o rosto como uma carícia. Ele levantou a mão e deixou as pontas dos dedos roçarem os contornos do queixo dela.

A pulsação de Ava acelerou e sentiu a cabeça andar à roda.

Os passos ficaram mais altos.

— Beije-me — disse James.

Ela olhou para ele com surpresa. Nunca tinha beijado um homem. Os estudos haviam ocupado toda a sua vida, e depois a biblioteca e o esforço de guerra. Os avanços de homens eram sempre com muito afinco, a ânsia deles era tão evidente que lhe induzia cautela nas veias e a recusa na ponta da língua.

Não era assim que ela queria o seu primeiro beijo, num beco, a fugir de alguém, como num filme de espionagem ridículo.

— Já viu demasiados filmes — respondeu ela.

O som dos passos, de sapatos de sola rígida, vinha agora do cimo da rua.

James virou o olhar para a direita, de onde provinha o som.

— Não leu pelo menos livros suficientes para se deixar tentar?

Ela lera. E ele não era nenhum Darcy.

Ainda o pensamento lhe passava pela cabeça e já ele se inclinava, mais próximo, os olhos fixando os dela.

— «E a luz do Sol abraça a terra, e os raios de Lua beijam o mar. De que vale todo este doce trabalho se não me beijares?» — As pontas dos seus dedos tocaram o rosto dela. — Não é a única que lê — murmurou ele.

À medida que os passos se aproximavam e Ava inclinava a cabeça, o seu coração batia como um tambor, e os seus olhos

fecharam-se. Ela não estava a oferecer o seu primeiro beijo a um colega de trabalho enquanto escapavam a uma dificuldade num país estrangeiro. Não, ela estava a ser cortejada sob um céu estrelado, na cidade mais romântica do mundo, por um homem que recitava poesia.

Ele tinha vencido e ela estava feliz por recompensar o vencedor.

A boca dele tocou levemente a dela, apenas o suficiente para sentir o calor, a suavidade dos seus lábios. Os passos interromperam-se perto deles e o desconhecido resmungou qualquer coisa sobre a tolice da juventude, ou algo parecido, antes de se afastar.

James encostou a sua boca à dela mais uma vez, mesmo quando o eco dos passos já ecoava longe. O sabor a licor de ginja e a excitação permaneceu na sua língua.

Somente quando o silêncio os envolveu de novo é que James se inclinou para trás, com um sorriso assimétrico.

— Atrevo-me a dizer que nos salvaste.

— Byron? — perguntou ela numa tentativa para adivinhar o autor do poema que ele havia recitado de modo tão belo.

— Percy Bysshe Shelley — corrigiu ele gentilmente. — De «A filosofia do amor». No entanto, se gostas de Byron, há um lugar onde posso levar-te um destes dias.

Ela deveria recusar, mas ficou intrigada.

— Acho que gostaria de ir, sim.

O sorriso dele expandiu-se um pouco mais.

— Também eu. — Ele ofereceu-lhe o braço. Desta vez, ela aconchegou a mão na dobra quente do seu braço, permitindo que

ele a guiasse por Alfama e, esperançosamente, para longe do olhar atento da PVDE.

Embora a razão pela qual a polícia os seguia naquela noite fosse insondável, sobretudo porque nunca a haviam marcado desde que chegara, Ava não podia descartar a sua suspeita de que tinha algo que ver com Lukas.

DOZE

Elaine

A incumbência de aprender a trabalhar com a máquina impressora mostrou-se muito mais complicada do que manobrar simplesmente o grande volante da Minerva e dar ao pedal.

A tinta tinha de ser espalhada sobre o disco plano e circular que alimentava os rolos. Em seguida, o papel na placa tinha de ser perfeitamente alinhado com a zona onde seria estampada a chapa. Uma vez concluído, o papel era então deslocado para um tabuleiro de secagem e substituído por uma nova folha. Tudo isto resultava numa delicada coreografia para coordenar em simultâneo.

No início, os movimentos de Elaine eram inevitavelmente desajeitados e lentos, as manobras eram difíceis e o papel ficava ligeiramente torto, a impressão ou resultava manchada e escura ou pouco visível. Mas foi teimosa nos seus esforços e ao longo dos meses seguintes o seu corpo foi encontrando um ritmo para a menor das duas prensas. Os pés e as mãos recriavam uma espécie de valsa, movendo-se com entusiasmo e libertando a mente, sem ter de estar tão diligentemente focada na tarefa.

Quando passou a dominar a arte de criar os jornais na prensa manual, Marcel treinou-a para operar a máquina automática na sua ausência. No entanto, a maior das duas máquinas apresentava uma

fria distância que nunca atraía Elaine — incomparável à intimidade e à destreza possíveis na Minerva.

Não era incomum que a luz do dia desse lugar à escuridão da noite, muito depois do recolher obrigatório, tornando impossível regressar a casa de Manon. Embora cansada e sobrecarregada pelo trabalho, que a perseguia nos sonhos, Elaine nunca trabalhou de má vontade. Pelo contrário, desfrutava do que fazia, ansiando pela necessidade de imprimir no papel o poder das palavras certas e assim ser parte de algo maior do que ela mesma.

E até dormir no pequeno quarto improvisado no escritório, naquelas longas noites, não a incomodava. O que achava desconcertante, porém, era o silêncio assim que as máquinas paravam e a imaginação era deixada à solta para criar explicações assustadoras para cada estalo ou rangido.

Uma noite, quando o frio se infiltrava no piso de cimento e as batidas e os silvos da máquina gigante se transformaram apenas num zumbido, indicando que as últimas páginas haviam sido impressas, o silêncio penetrou no armazém como neve acabada de cair. Elaine suspirou de alívio.

A agonia de uma dor de cabeça pulsante subsistia desde aquela manhã e ainda não havia diminuído. Embora habitualmente os sons se misturassem com o ambiente de fundo, naquele dia cada batida da chapa de impressão parecia alvejar o seu crânio macio.

Elaine desligou a máquina e reuniu os jornais impressos, tomando cuidado para não os encostar à sua blusa rosa-pálido. A tinta não saía facilmente e o sabão era impossível de encontrar. Era mais uma das anteriores comodidades da vida tidas por garantidas, nunca se apreciando o que estava tão prontamente disponível.

Depois de depositar os jornais na secretária, o silêncio pesou sobre ela, denso e aparentemente eterno. Ela aclarou a voz para minimizar aquele peso. O som ecoou em seu redor.

A sala era cavernosa e o seu vazio ameaçava engoli-la inteira. Um arrepio percorreu-lhe as costas. Caminhou até a porta, apagou as luzes e seguiu pelo corredor em direção à cozinha. Uma caneca de cevada torrada e chicória acalmava-a sempre antes de dormir.

Um rumor audível veio do corredor.

Elaine congelou.

O edifício estava apenas a suspirar, a sua velha estrutura rangia, sem dúvida. Nada que justificasse pânico.

Abanando a cabeça pela sua própria paranoia sem motivo, ela entrou na lúgubre e exígua cozinha e colocou uma chaleira no fogão para ferver água. Algo no corredor bateu, o ruído audível sobrepôs-se ao jorro da torneira.

Elaine fechou os olhos com força e exalou um suspiro, recusando-se a deixar a sua mente pregar-lhe partidas cruéis.

Depois ouviu-se um espirro ao longe.

Calafrios atravessaram-na, do coração até à sua pele, de tal modo que os pelos dos braços se arrepiaram. Nenhum som comum de um edifício a ranger poderia assemelhar-se a um espirro.

Antoine e Jean tinham saído há várias horas e Marcel estava em Grenoble. Os membros da Resistência por vezes abrigavam-se com eles, quando não conseguiam localizar os refúgios, mas nesses casos Elaine e os outros eram avisados.

Que ela soubesse, ninguém deveria estar ali.

Calmamente, ela abriu uma gaveta e tirou uma faca de talhante. A faca seria ineficaz contra uma arma de fogo, claro, mas o cabo frio

contra a palma da mão oferecia-lhe alguma sensação de segurança. Por mais falsa que fosse. Tirou os sapatos e arrastou-se em direção à porta, esforçando-se para ouvir no silêncio algum indício de onde poderia estar o intruso.

Um assobio atravessou o ar e provocou-lhe um susto tão forte que ela quase se separou da sua própria pele. Com o coração acelerado e as mãos a tremer, retirou a chaleira do fogão e desligou-o. O grito estridente foi interrompido imediatamente.

Era tarde demais. Quem quer que estivesse ali dentro sabia agora exatamente onde ela estava. Saiu da cozinha, com todo o corpo tenso, enquanto o cérebro lhe gritava para fugir.

Mas para onde poderia ir? Já passava da hora de recolher e ela estava descalça, os seus documentos de identidade na mesa dentro do armazém. Para não falar no frio húmido enquanto as chuvas de outubro caíam sobre Lyon. Lá fora, ela ficaria ainda mais vulnerável. Pelo menos ali sabia onde podia esconder-se. Ou, possivelmente, surpreender o intruso. Se conseguisse apanhá-lo desprevenido, ainda teria hipótese de lutar.

Deslizou pelo corredor, os seus pés nus e frios contra o chão. A porta do quarto continuava fechada, mas uma suspeita insistente dizia-lhe que o som vinha de lá.

A adrenalina era tão grande que o seu estômago vazio se agitou com náuseas. Ela obrigou-se a seguir em frente, empurrando a porta para que esta se movesse silenciosamente.

Com a faca em riste e o coração a bater como um tambor, dobrou a esquina.

Uma mulher de cabelo escuro, apanhado atrás, olhou para cima, carregando uma criança nos braços.

— Por favor. — Os braços apertaram-se à volta do menino. — Não temos para onde ir.

A cautela perturbava a atenção de Elaine. A tipografia não era fácil de descobrir, sobretudo numa zona com tantos armazéns abandonados e seus andares devastados pela ocupação.

Elaine examinou a sala.

— Há mais alguém aqui convosco?

A mãe abanou a cabeça.

— Somos só nós.

Elaine baixou a faca, mas por precaução manteve-a na mão.

— O meu marido, o Lewis, está na América — explicou a mulher, com o olhar fixo na lâmina. — Nós estamos sozinhos. — Embargada, a voz acabou por lhe falhar.

— Porque é que veio até aqui e como é que conseguiu entrar?

— Nós fugimos. — Ela acariciou o cabelo escuro do seu filho e falou num tom doce. — Ouvi a Gestapo à nossa porta a dizer que havia relatos de movimento na casa, onde um casal mais velho nos manteve escondidos, depois de os ocupantes terem saído. Escapámos pela porta das traseiras e caminhámos até onde pudemos. Mas quando o recolher obrigatório soou, entrei em pânico e escalei o muro do terraço na parte de trás deste edifício. A porta estava aberta e não havia ninguém por perto. Foi assim que entrámos no armazém...

Elaine exalou um lento suspiro. O seu engano poderia ter sido bem mais desastroso. O odor nocivo da graxa e do óleo agravou a sua dor de cabeça, os gases eram mais do que ela conseguia suportar, ainda por cima com os barulhos repetidos da prensa. Mas

ela nunca suspeitou que alguém poderia invadir o terraço, sendo o bairro tão antigo e estando praticamente abandonado.

Mas, afinal de contas, o desespero leva muitas vezes a decisões irrefletidas.

Ambas as mulheres se observavam com desconfiança. Embora Elaine tivesse recebido treino para estar sempre vigilante, havia algo que lhe dizia para acreditar na mulher assustada. O filho pequeno encostava-se ao peito da mãe, aninhado no casaco preto que ela trazia vestido.

Por fim, Elaine arrumou a faca e a tensão dissipou-se, sobretudo dos seus músculos rígidos.

— Já jantou?

A mulher engoliu em seco.

— Por favor, se tiver algo para o meu filho.

— Também se arranja algo para si. — Elaine tinha visto muitas mulheres famintas a darem toda a comida aos filhos.

Apesar disso a mulher hesitou, com os olhos esbugalhados e cautelosos, obviamente pouco tentada a confiar, tal como Elaine.

— Eu chamo-me Elaine. — Ela acenou para que mulher a seguisse.

A mulher observou-a por um longo momento.

— Eu chamo-me Sarah e este é o Noah. — O rapazinho nos braços dela ergueu a cabeça e pestanejou com olhos iguais aos da sua mãe — cor de avelã e pestanas espessas, um ar angelical. Caracóis escuros caíam sobre a sua testa séria, e um vinco delineava a bochecha corada sobre a qual ele estivera a dormir, aninhado na mãe.

Ele era pequeno e magro, o que tornava difícil dizer que idade

tinha. Talvez entre 2 e 4 anos. As crianças já não eram anafadas como antes, o seu desenvolvimento era atrofiado pela ausência de uma nutrição adequada.

Sarah segurou Noah enquanto se levantava. Ele deitou a cabeça no ombro dela, mais pelo conforto do que por cansaço; o olhar dele estava alerta.

Elaine conduziu-os até à cozinha.

— Por favor, sente-se. — Ela apontou para a pequena mesa de madeira pouco firme.

Um velho exemplar do *Le Nouvelliste* — a publicação aprovada pelos nazis para o público francês — estava amassado por baixo da perna mais curta da mesa, como um pedaço de lixo ali preso, o texto enrugado e desfeito pela estaca. Muitas pessoas que compravam o jornal faziam-no com a intenção de o queimar para se aquecerem, uma vez que o combustível era escasso.

Sarah afundou-se com o filho numa das cadeiras, todas desirmanadas. Os tornozelos do rapaz estavam expostos, as suas calças cinzentas amarrotadas não as cobriam na totalidade, e o seu casaco de inverno azul-marinho estava abotoado até ao pescoço magro.

A água na chaleira ainda estava quente e, enquanto a chicória fervia, Elaine fatiou o resto do pão.

— A senhora faz parte da Resistência? — perguntou Sarah.

A faca que deslizava pela crosta dura parou, e Elaine ficou tensa.

— Este é um escritório de pesquisa geodésica e geofísica — disse Sarah lentamente. — O que não requer máquinas como as que aqui tem. Além disso, tem ao longo das bancadas exemplares do *Combat* e do *Défence de la France*. — Ela fez uma pausa,

observando Elaine. — Não estou a perguntar para a assustar, mas simplesmente para eu ficar mais à vontade.

Sarah passou a mão em volta do filho para retirar do bolso do casaco um documento de identidade, que abriu sobre a mesa. A imagem a preto-e-branco da mulher, o carimbo vermelho brilhante JUIF sobrepondo-se ao ombro.

— É judia — disse Elaine.

— É da Resistência? — pressionou Sarah.

As duas mulheres entreolharam-se, uma batalha silenciosa travada em nome da confiança, fomentada pelo medo e pela ameaça da traição.

— *Oui* — respondeu, por fim, Elaine, enquanto apanhava com a colher o último e precioso pedaço da compota de morango. A colher tinia contra o frasco de vidro à medida que ela o raspava, a mancha do vermelho translúcido salpicada de minúsculas sementes.

Salivava devido àquele aroma ácido e doce, enquanto dispunha o seu jantar sobre a mesa, num tilintar abafado de porcelana contra a madeira.

O olhar de Sarah era em parte corajoso e em parte amedrontado.

— *Oui*, somos judeus.

Os olhos de Noah arregalaram-se com a visão da comida à sua frente, mas ele não tocou em nada até Sarah lhe acenar ao de leve com a cabeça. De imediato, ele agarrou num pedaço e deu uma dentada tão grande quanto a sua pequena boca permitia.

Elaine serviu uma caneca de chicória para ela e Sarah. Noah devorou a sua fatia e tirou uma outra.

— Eu já comi — mentiu Elaine. — Sirva-se, por favor.

Sarah inclinou a cabeça com gratidão e aceitou um pouco de

comida, mastigando devagar.

Enquanto comia, Elaine juntou os restos de pão na tábua de corte formando uma pilha organizada e retirou da prateleira uma lata para guardar cuidadosamente as migalhas, juntando-as a uma coleção de outras. Era um hábito desde o início do racionamento, como sugeria uma das suas revistas para mulheres. Esses pedacinhos de pão, em vez de serem desperdício, podiam fazer render coisas como ovos e leite, valorizados nas receitas, e aumentar a sensação de saciedade após uma refeição.

Ou o mais próximo de ficar saciado que alguém conseguia naqueles dias.

— Disse que o seu marido estava na América. — Elaine juntou-se a eles na mesa com a sua própria caneca, enquanto Noah comia alegremente um quarto pedaço de pão, com a pegajosa compota vermelha a brilhar em torno dos seus lábios angelicais. — Porque não está com ele?

Sarah bebeu um golo de chicória.

— Era suposto fugirmos todos de Paris quando os rumores diziam que Hitler poderia tentar passar a Linha Maginot. Antes que pudéssemos ir, a minha mãe ficou doente. Ao que sabíamos, eram apenas os homens que estavam em perigo por causa dos alemães, daí ter insistido para que o Lewis seguisse sozinho. Não sabíamos...

Eles não sabiam como os boches viriam a tirar a liberdade aos judeus até estes serem relegados a uma vida quase inexistente. Até serem expulsos. Até os restantes que ficavam não terem outra escolha senão esconderem-se para sobreviver.

Sarah olhou com reverência para a mão direita.

— A minha mãe morreu alguns meses depois. Antes do Cerco de Paris. Uma organização ajudou-nos a chegar até Lyon, mas foi o máximo que puderam fazer. Custou-me o anel de rubi da minha mãe, mas valeu a pena. — Afagou a base do dedo, onde provavelmente usava a joia. — Não esperávamos ficar presos aqui, mas os nazis ocuparam a Zona Livre. — Ela alisou os cabelos do filho, afastando-os da face, enquanto o menino agarrava a última fatia de pão. — Aqueles que nos ajudaram queriam levar o Noah para um lugar seguro, dizendo que seria mais fácil protegê-lo assim do que aos dois.

O menino fitou a mãe com um olhar cheio de carinho.

— É egoísta mantê-lo comigo, eu sei, mas sofremos muitas perdas antes de finalmente termos o Noah. — Observou o filho enquanto ele mastigava descaradamente a comida. — Eu ouvi histórias assustadoras de organizações com crianças capturadas, os pequenos faziam demasiado barulho e confusão para permanecerem escondidos como deviam. — A dor brilhou no seu olhar. — Também sei que existe a possibilidade, se eu o deixar ir, de ele nunca mais voltar para mim. Ele é muito pequeno para se lembrar do seu nome, assim como do meu e do meu marido. Eu não conseguia suportar a ideia de perder o Noah.

Embora Elaine não tivesse a experiência da maternidade, ela e Joseph tinham passado o casamento com a esperança de que isso acontecesse. Quando um bebé não conseguiu criar raízes no seu útero, nenhum deles ficou especialmente perturbado. Agora ela achava que talvez tivessem sido abençoados ao não terem tido um filho num mundo como aquele.

— A nossa família está desfeita. — A voz de Sarah estava

carregada de emoção. — Quero estar com o meu marido, todos juntos de novo. Conhece alguém que nos possa ajudar?

Elaine desviou a sua atenção para a bebida escura e turva na caneca. Uma coisa era encontrar um lugar para os dois, outra bem diferente era arranjar uma forma de chegarem à América.

— Por favor — implorou Sarah, depois de Elaine permanecer em silêncio por muito tempo. — Não consegui falar com ele depois da sua chegada a Nova Iorque, quando ele escreveu enviando o endereço do lugar que assegurou para nós. Já passaram mais de dois anos desde a última vez que nos escrevemos. — Uma lágrima correu pela sua face, mas ela enxugou-a abruptamente. — Eu só penso em estar com ele. Cada dia afastada dele corta mais fundo a minha alma, como se o meu coração fosse arrancado.

Elaine conhecia essa perda. Ela inspirou profundamente, de tal modo que os seus pulmões e o peito doeram.

Não havia notícias de Joseph desde que partira para o campo. E apesar de ela se esforçar para que o desespero não a deixasse debilitada, o marido nunca desapareceu completamente dos seus pensamentos, mantendo viva a esperança.

Era essa mesma esperança que agora brilhava nos olhos lacrimajantes de Sarah. No seu colo, Noah enfiou o resto do pão na boca, mastigando sonolento, as suas pálpebras fechando-se aos poucos.

— Amanhã vou perguntar — disse, por fim, Elaine, decidida a abordar o assunto com Marcel. — Entretanto, tem de descansar.

O pavimento da estreita sala usada para fabricar documentos de

identidade e carimbos era duro e gelado, mas ainda assim mais confortável do que se Elaine dormisse na imensidão fria do armazém. Pelo menos, estando ali nas proximidades, significava que ela acordaria com a chegada de Marcel.

Na manhã seguinte, ele lançou-lhe um olhar interrogativo quando ela saiu do pequeno cubículo. Elaine, sem consciência disso, passou a mão pelo seu cabelo louro.

— Eu preciso de falar consigo.

— A zona de dormir inundou outra vez?

Ela abanou a cabeça e o rosto de Marcel relaxou. O edifício estava sujeito aos problemas de todas as construções mais antigas, com eletricidade pouco fiável, humidade e frio sempre a infiltrarem-se. E, claro, inundações ocasionais.

— É muito mais sério do que isso — advertiu ela.

A preocupação voltou a notar-se no rosto dele, e ela informou-o rapidamente sobre Sarah e Noah.

— Há algum contacto que possa ajudá-los com a viagem para a América? — perguntou ela, depois de lhe explicar tudo.

Ele olhou-a como se ela lhe tivesse pedido ajuda para os enviar até à Lua.

— Toda a gente quer ir para a América.

— Então, certamente haverá uma possibilidade.

Ele abanou a cabeça.

— Nenhuma, que eu saiba. Posso colocá-la em contacto com uma rede de judeus.

— Eles iriam apenas realojá-la mais uma vez ou deixariam o filho aos cuidados de outra pessoa.

— Eles não conseguem chegar à América — disse ele com uma

determinação que Elaine se recusava a aceitar.

Foi então que lhe ocorreu uma ideia, inspirada nas mensagens secretas por vezes incluídas nos artigos e imagens publicados nos jornais clandestinos. Embora Elaine não conhecesse todas as formas de construir aquelas mensagens, Antoine poderia ajudá-la ou ela poderia usar o método de codificação que experimentara quando se juntara à Resistência.

Ela tentou novamente.

— E se eu escrever um artigo com um código...

— Não. — Ele virou-se para os jornais que haviam sido impressos já tarde na noite anterior.

Não havia erros naquelas frágeis páginas. Elaine cuidara disso com o mesmo nível de rigor que o próprio Marcel aplicava. A sua atenção aos detalhes era o que fazia dela uma ótima aprendiz, e Elaine sabia disso.

— Nós criamos mensagens codificadas tantas vezes — rebateu ela.

— Não para conseguir transferências para a América. — Ele continuou a observar os papéis, folheando os 50, mais ou menos, que estavam no topo da pilha.

A sua relutância em aceder não era de todo indicativa de crueldade. Nos meses em que Elaine trabalhou com Marcel, ele enfrentou muitas decisões difíceis. Nesse processo, as suas escolhas foram no sentido de melhorar o jornal, em primeiro lugar e acima de tudo, e para o bem maior da população. Ela também o conhecia suficientemente bem para perceber que aquela era uma discussão perdida.

— Vou ver se alguém dos Maquis pode ajudar, talvez.

Ele assentiu, cantarolando de modo distraído.

— Vai ser preciso encontrar outro lugar para eles ficarem. — Ele endireitou-se atrás da pilha de folhas de jornal, as suas pontas dos dedos sombreadas por uma camada de tinta. — Eles não podem ficar aqui.

A memória de todos os refúgios em que Elaine passou algum tempo vieram à sua mente, os espaços desolados com móveis esparsos cheirando a solidão e desânimo. Aqueles cujos rudes anfitriões a apressavam a sair logo de manhã, após o fim do recolher obrigatório, antes mesmo que qualquer outra pessoa andasse pelas ruas. Todas essas possibilidades não eram lugares para uma família. Não para um menino de grandes olhos cor de avelã cheios de confiança.

— Posso perguntar à Manon — sugeriu Elaine.

Marcel ergueu uma sobrancelha.

— As vossas personalidades não combinam?

Muito pelo contrário. Ambas estavam contentes por estarem entregues a si mesmas e aos seus próprios demónios naquele apartamento arrumado. Havia respeito mútuo, pois nunca faziam perguntas uma à outra, mas não tinham certamente criado vínculos. Essa era mais uma preciosidade social dos tempos anteriores à ocupação.

Sem esperar resposta, ele caminhou até à prensa automática para examinar as engrenagens e os interruptores, como um pai controlando o filho depois de uma ausência prolongada.

— Estou satisfeita por viver com a Manon, mas acho que o apartamento dela daria um bom lar, pelo menos mais do que outras opções — disse, por fim, Elaine.

— Vai ter de perguntar primeiro à Manon se ela está disposta a correr esse risco. — Marcel tirou um trapo do bolso do casaco e limpou uma mancha de óleo das mãos. — Nós podemos fornecer os documentos necessários e as senhas de racionamento, mas disse-me que ela tem um filho...?

Ele olhou-a incisivamente ao fazer a pergunta e aí surgiu-lhe a verdadeira questão. Noah, claro, seria circuncidado, o que não poderia ser ocultado por documentos falsos.

— Como pai de um rapaz, também lhe posso dizer que eles não são sossegados. — Esboçou um sorriso afetuoso, como sempre acontecia quando falava da família.

Não lhe pareceu razoável imaginar Noah, calado e com o seu olhar pensativo, a ser exuberante. Mas não deixava de ser verdade que na noite anterior ele estava cansado. Talvez depois de algum descanso ele passasse a aterrorizar toda a gente com gritos e saltos, como faria qualquer outra criança forçada a permanecer dentro de casa.

— Vou falar com a Manon e ver se consigo reunir mais alimentos enquanto estiver fora. — Elaine alisou as rugas da sua roupa, pegou na mala com a carteira completa de senhas de racionamento em seu nome e enfiou o cesto de compras no braço. Sarah e Noah haviam consumido o pão que restava e não havia mais provisões. Certamente acordariam com fome.

Enquanto esperava quatro horas na fila da mercearia na esperança de encontrar uma lata de ervilhas ou mesmo um pouco de leite, a apreensão agitava-se-lhe no peito. Ela poderia aceitar os riscos para si própria por ajudar Sarah e Noah, mas seria justo colocar Manon em perigo?

TREZE

Ava

No exterior do grande edifício branco as crianças brincavam fazendo rolar aros de metal, e os seus risos enchiam o ar refrescante de outubro. Ava sorriu para si mesma com aquela alegria desmedida enquanto se aproximava do refeitório onde o CJDC distribuía alimentos aos refugiados.

Ela tinha visto demasiados rostos de crianças, pequenos e sérios, emergindo dos barcos e comboios que depositavam tanta gente em Lisboa. Lá dentro, os seus pais encostavam-se à parede, as suas costas roçando a longa faixa azul que cruzava a superfície branca para quebrar a austeridade do espaço e dar-lhe uma aparência mais acolhedora. Eles não estavam à vontade como os seus filhos, mas sim de rostos tensos e ansiosos enquanto sussurravam uns aos outros acerca dos seus medos, evitando que os pequeninos ouvissem.

Uma menina acenou para Ava, um livro ilustrado na mão e um sorriso a iluminar todo o rosto. O livro era um dos muitos comprados por Ava com o seu próprio dinheiro, e aquilo trouxe-lhe uma alegria calorosa por vê-lo tão estimado.

Ethan caminhou em direção a ela, vestindo uma camisa simples com as mangas enroladas até aos cotovelos.

— Menina Harper. Muito obrigado por ter vindo.

— Ava, por favor — disse ela, tendo feito um pedido semelhante quando o conhecera na semana anterior. — É um prazer estar aqui.

— Eu sei que quer conhecer o homem dos jornais clandestinos, mas eu agradeço muito a sua generosidade em ajudar na distribuição de comida. Parece que nunca temos mãos suficientes. — Ele esboçou um sorriso, apesar de cansado, e ela não pôde deixar de se perguntar quantas horas por dia trabalharia ele.

— Fico feliz por poder ajudar e tenciono vir mais vezes, agora que tenho a sua permissão — disse Ava com sinceridade. E era verdade — não havia nada que ela preferisse fazer num dia de folga do escritório.

— A minha permissão? — Ele riu-se. — É mais um apelo desesperado. — Acenando para que o seguisse, ele conduziu-a até uma sala com o teto sustentado por colunas ao centro, a parede com a mesma longa faixa azul do átrio do edifício. Duas filas de mesas estavam posicionadas paralelamente uma à outra, cada lugar com um prato branco, uma colher repousando cerimoniosamente sobre os pratos e uma caneca branca com o bordo azul. O cheiro a fermento de pão resistia sob o aroma apetitoso de carnes a assarem na grelha.

— Vou apresentá-la ao Otto assim que todos tiverem comido, se achar bem.

— É claro que sim. — Ava começou a trabalhar, distribuindo bifanas, uma sanduíche simples composta de pão e carne. Embora a popular carne de porco temperada com especiarias tivesse sido substituída por carne de vaca.

Muitos não pareciam atolados na pobreza, mas ela já estava em

Lisboa há tempo suficiente para saber que isso não significava que tivessem dinheiro. Pedras preciosas e joias eram abundantes e vendidas com tanta frequência que o seu peso mal resultava em moedas suficientes para alimentar uma família por alguns dias, quanto mais uma semana.

Ava também descobrira que muitos refugiados preferiam renunciar a uma refeição em vez de perder uma tarde no café, onde se podiam reunir com os compatriotas e esquecer, nem que por breves momentos, as suas circunstâncias. Era maravilhoso o que uma comunidade podia fazer em tempos difíceis, quando tudo parecia perdido.

Organizações como o CJDC fomentavam essa comunidade e devolviam o brilho aos rostos das crianças.

Passaram-se quatro horas numa correria de reabastecimento de comida e mudança de pratos, transportando os objetos para ajudar as pessoas que já estavam assoberbadas e encontrando lugares vagos para os recém-chegados. Isto era acompanhado por uma cacofonia de inúmeras vozes envolvidas em várias conversas num ambiente onde pratos e talheres tilintavam.

No final ainda havia comida remanescente, sem que ninguém tivesse ficado com fome. Quando esses alimentos foram guardados para a refeição daquela noite e as longas mesas levantadas, Ethan levou Ava para o exterior, onde um grupo de homens se encontrava sob uma nuvem de fumo. Quando ela se aproximou, um homem mais velho de cabelos grisalhos tirou o cachimbo da boca e acenou com a cabeça.

— Este é o Otto — apresentou Ethan. — Ele encontra-se regularmente com refugiados recém-chegados e conseguiu vários

jornais para si, nomeadamente franceses. Parece-me que ele também tem algo mais. — Ele lançou um olhar interrogativo ao homem mais velho.

Otto era magro, como a maioria dos refugiados, o seu corpo esculpido pelo mesquinho racionamento francês e o rosto marcado pela preocupação, embora a opressão ainda não tivesse entorpecido os profundos olhos castanhos que a olhavam de forma direta e astuta.

— Talvez tenha — afirmou Otto de modo enigmático. — Se tiver um momento para falarmos.

— Estou por aqui o dia todo — respondeu Ava.

Ele anuiu com a cabeça e em seguida conduziu-a a uma mesa de madeira exposta ao sol, apontando uma cadeira para ela se sentar enquanto ele ocupava a outra.

— É uma bibliotecária americana, não é?

— Sou, sim. Chamo-me Ava Harper.

Os dentes dele estalaram no cachimbo enquanto inalava levemente, balançando a cabeça numa saudação. O cheiro do tabaco era doce, e ela teve uma reminiscência do seu pai, de quando este se debruçava sobre vários textos pela noite dentro, com um copo de balão ao seu lado e um cachimbo pendurado na boca. Aquela imagem brilhou na sua mente, com uma vaga de afeto sincero.

Otto soltou uma baforada de fumo e acomodou o bojo polido do cachimbo na sua mão.

— A menina está aqui para reunir publicações, ao que sei.

— É isso mesmo. — Ela sentou-se direita. — Considero que os

jornais clandestinos têm valor. Eu tenho lido vários, especialmente o *Combat*, e acho-os muito informativos.

Ele concordou.

— Sou parcial em relação ao *Combat*. É para soldados e intelectuais. Eu mesmo fui soldado na Grande Guerra. E um intelectual... — A sua cabeça pendeu. — Gostaria de pensar que sou. — Sorriu com a sua humilde declaração e ergueu o dedo indicador. — Mas e se eu tiver algo muito mais grandioso do que um jornal?

— O que é que tem? — Ela tentou manter o tom casual. Havia sempre um jogo de paciência quando se tratava de obter documentos e textos importantes, uma sensação de que estar demasiado ansiosa poderia afastá-los das suas mãos.

Folhas secas farfalharam lá no alto e a brisa fez ondular a saia de Ava.

— É algo muito especial para mim. — Otto afagou o cachimbo.

— Posso garantir que lhe é devolvido nas mesmas condições em que for recebido — disse Ava. — Só preciso de o fotografar na embaixada.

Ele anuiu e levou o cachimbo à boca, soltando baforadas de fumo enquanto enfiava a mão no bolso junto ao peito e retirava um envelope. O papel creme estava deteriorado e enrugado, a sujidade espalhada em manchas ásperas por toda a superfície. Estava endereçado a Otto Müller numa morada algures em Marselha.

O seu olhar encontrou o dela e ele afastou o cachimbo dos lábios finos.

— Está ciente da perseguição aos judeus, certo?

— Estou, sim — respondeu Ava em firme concordância. — Basta

ver o êxodo de refugiados dos países ocupados pelos nazis para entender a real opressão.

— O seu país não quer acreditar que estamos a ser excluídos, que o nosso povo está a ser aprisionado. — O vermelho coloriu a face dele. — Que em toda a Europa os judeus estão a desaparecer, mortos em grande número. — As pontas dos dedos bateram no envelope surrado e ele olhou-o com uma reverência solene. — Pessoas como a Petra.

Um ímpeto de patriotismo exigia que Ava defendesse o seu país, protestando que lá acreditavam realmente no que se passava. Mas, infelizmente, não era o caso de muitos outros. Relatos sobre a perseguição judaica haviam sido enterrados nas páginas dos jornais e as atrocidades atribuídas a «rumores de guerra» a que poucos davam crédito.

Um aro passou a girar e um menino perseguia-o, com uma menina de vestido às riscas imediatamente atrás; ambos exibiam sorrisos rasgados, com cabelos voando ao vento.

— Estamos seguros aqui em Lisboa. — Otto seguiu as crianças com o olhar e ergueu a mão com um encolher de ombros. — Bem, relativamente seguros.

Ava sabia o que ele queria dizer. A PVDE mantinha a distância, aplacada pelas verificações mensais junto dos refugiados. Porém, assim que os vistos expiravam, a polícia secreta ficava agitada e a sua atitude tornava-se menos cordial e mais contenciosa. Como se os refugiados quisessem permanecer em solo português onde os alemães desfilavam de costas direitas e cabelos rapados, com um olhar duro e relances vis.

Além disso havia o perigo de a Alemanha cumprir a sua ameaça

de tomar Portugal...

— Todos nós sacrificámos muito para podermos estar aqui — continuou Otto. — Não apenas os nossos pertences, mas as nossas vidas. — Deu uma baforada no seu cachimbo, os seus dentes estalando contra a haste. — Para si, eu sou um homem velho. — Expelia fumo por entre os lábios enquanto falava. — Um homem que saberia produzir estes jornais que procura para o seu país. — Ele encolheu os ombros ligeiramente. — Eu não a culpo — está a fazer o seu trabalho. — Ele mexeu-se na cadeira e apontou o edifício branco com o seu cachimbo. — Para o CJDC sou mais uma boca para alimentar, um corpo que precisa de uma cama para descansar. Para os outros refugiados sou uma pessoa solitária sem família. — Ele recostou-se na cadeira e olhou para o fumo aromático que ascendia do seu cachimbo. — Aqui, eu não sou ninguém.

— Isso não é verdade. — Mas mesmo ao discordar, Ava estava ciente do peso que as palavras do homem ocupavam na consciência dela.

Ele franziu o sobrolho perante aquela frase feita.

E não foi o único a ficar dececionado. Ava entendeu o que ele quis dizer, muito melhor do que a maioria podia entender. Houve um tempo em que ela recomeçara a sua vida, marcada por rótulos humilhantes com os quais não queria identificar-se. Uma órfã, uma criança sem pais que cuidassem dela. Uma nova rapariga numa nova escola, sem amigos e com uma pronúncia estranha. Uma menina que afastara o seu irmão mais velho da educação universitária que ele deveria ter tido.

Porém, aquele momento não era acerca dela ou da sua história

de vida. Compreensão e conhecimento eram desperdiçados se não fossem aplicados durante a vida.

Ava empurrou o envelope na direção dele e colocou as mãos sobre a mesa, focando-se no homem e somente nele.

— Conte-me quem é o Otto Müller.

Ele ergueu o queixo.

— Sou engenheiro. Estudei na Arts et Métiers ParisTech.

Ava reconheceu aquele nome de um texto sobre engenharia francesa que tinha fotografado recentemente. Com tantas fábricas francesas, a sua esperança era a de identificar pontos fracos que pudessem ajudar os Estados Unidos a interromper as operações nazis em França.

Surgiu-lhe um sorriso nos lábios.

— Sabe qual é a escola.

— É conhecida.

Ele assentiu num gesto grato.

— Eu estudei Engenharia Industrial, e concluí o curso com mérito. Assim, entende o motivo pelo qual eu não pude permanecer em Paris quando os nazis chegaram.

Um homem com a sua experiência teria sido imediatamente obrigado pelos alemães a trabalhar no fabrico de armas. Pelo menos, até que todos os judeus fossem obrigados a deixar os empregos e fugirem.

— Tentei convencer a minha irmã a juntar-se a mim — continuou Otto. — Mas vivíamos em França desde crianças, quando os nossos progenitores se mudaram para lá por causa do emprego do meu pai. Ele também era engenheiro. — Suspirou. — A França é a nossa casa. Eu deveria ter insistido mais para que a Petra e a

família saíssem de lá também. — Ele abanou a cabeça, como se isso o libertasse do arrependimento.

» Mesmo em Marselha eu não estava seguro. À medida que os alemães varriam a fronteira, as embaixadas foram invadidas, tal como as bilheteiras. Não consigo contar as horas que passei à espera numa fila interminável, dormindo ali, sem comer. Mas quando se é um judeu francês e a outra nacionalidade é a alemã... — Esboçou um sorriso cínico. — Acabei por pagar a alguém para falsificar um visto de saída de França e um visto de trânsito para Espanha e depois Portugal. Resultaram todos, exceto o de Espanha, onde me prenderam por duas semanas antes que um amigo pudesse suborná-los e pagar o preço da minha liberdade. Assim que cheguei aqui, caí mais uma vez numa espera exasperante. Um dos sortudos que conseguiu escapar... — Ele soltou um som algures entre um engasgo e uma gargalhada.

» Os nazis tiraram-nos tudo. — A dor cobriu o seu rosto e os ombros baixaram em derrota, o seu cachimbo solto e esquecido na mão esquerda. — As nossas famílias foram desfeitas; as nossas casas, confiscadas e entregues a quem falou contra nós; os nossos empregos não existem, o nosso futuro é desconhecido e não temos nada além dos poucos pertences que trazemos numa mala ou às costas. Conseguimos escapar, mas eles conseguiram destruir-nos.

— Não — replicou Ava, abanando a cabeça.

As sobrancelhas de Otto ergueram-se, o seu olhar estava incrédulo.

— Eu era um homem de grande riqueza e influência. Eu impunha respeito onde quer que fosse. Agora não sou nada.

— Não é verdade — declarou Ava com veemência. — Não

quando está aqui para contar a sua história. Não quando há pessoas como o Ethan que fazem milagres com recursos limitados, que vos levam até paragens seguras. Não quando pessoas como eu estão a fotografar os vossos livros, correspondência, jornais, e a registar as vossas vidas para compartilhar essa herança, para garantir que Hitler nunca possa transformar nenhum de vós em nada. Ele não conseguirá destruir-vos.

Otto encarou-a e a emoção brilhava nos seus olhos.

— Cada geração tem medo de que os jovens em ascensão destruam este mundo. — Ele empurrou o envelope para perto dela. — Eu acredito que pode salvá-lo.

Ela hesitou ao pegar no envelope.

— Menina Harper, permita que a história da Petra viva para sempre, pois acredito que ela já não pertence a este mundo. — Otto engoliu em seco, demorando-se um pouco antes de retirar outro envelope do seu casaco, este novo e limpo. — Vou conseguir mais jornais, mas por agora aqui está o que tenho para si.

— Obrigada por confiar em mim. — Ava aceitou com deferência ambos os envelopes.

— Obrigado por compreender. — Otto fez-lhe um aceno de despedida e levantou-se da mesa, deixando uma nuvem de fumo cinzento e doce no seu rasto.

A tentação de tirar da mala o envelope de Otto e ler o seu conteúdo era quase insuportável. O que quer que contivesse era precioso para Otto, e isso tornava-o precioso para Ava. Assim, ela iria

aguardar até se encontrar dentro da grande sala de conferências da embaixada, no dia seguinte.

Quando estava na Biblioteca do Congresso, tinha de lidar com muitos objetos delicados dignos de atenção. Houve um texto medieval, do século XIII, sobre medicina e o poder das pedras, com tinta apagada sobre um pergaminho amarelado e manchado de castanho. Houve o *The Federalist*, do século XVIII, com a cuidadosa assinatura de Eliza Hamilton, da coleção particular de Thomas Jefferson e que ele vendera à biblioteca depois de um incêndio ter devastado o seu arquivo. Ela até havia tido nas suas mãos o exemplar da Bíblia de Gutenberg que pertencia à Biblioteca.

Foi com o mesmo cuidado e respeito que retirou a carta do envelope e a colocou sobre a mesa para ler.

Querido irmão,

Neste momento estou sentada em Vél d'Hiv, o recinto desportivo que uma vez visitaste, quando torcias pelos ciclistas nas Olimpíadas de há mais de 15 anos. O teto de vidro foi pintado de azul para cortar a visibilidade por causa dos bombardeiros, e deixa-nos a todos mergulhados numa medonha palidez verde. Pior do que isso, atrai o calor do intenso sol de verão. Eles pretendem manter-nos confinados cá dentro — os milhares de nós que capturaram e transportaram para onde estamos agora encurralados como animais. As janelas são hermeticamente fechadas, de modo que o ar não entra nem a sujidade pode sair. E há muita coisa imunda. As casas de banho estão trancadas ou entupidas, e o cheiro é tão forte por causa do calor que mal consigo respirar.

Era minha intenção escrever apenas para que soubesses onde estávamos, mas agora que tenho caneta e papel e nada mais além de uma eterna espera pela frente, vejo-me compelida a partilhar contigo o que aconteceu de facto nestes anos em Paris. O que nos conduziu até onde nos encontramos agora...

Peggy entrou na sala, trazendo uma lancheira na mão, e parou quando viu Ava.

— Ups, desculpe. Não sabia que estava aqui alguém.

Ava acenou-lhe.

— Não me importo que fique, desde que a comida não esteja perto de nenhum papel, incluindo este.

— Obrigada. — Peggy sentou-se no lado oposto da longa mesa e remexeu no seu saco. — O que é isso que tem aí?

— Uma carta — respondeu Ava. — De um engenheiro francês que conheci e que escapou aos nazis. Foi escrita pela irmã dele. — Com a explicação, ela lembrou-se de que Otto supunha que Petra já não estava viva. — Ela esteve na prisão em Vél d'Hiv e conseguiu fazer-lhe chegar esta carta.

Peggy aproximou-se.

— O que diz?

Ava olhou para o papel, o texto inclinado e confuso sob a luz forte do microfilme.

— Coisas horríveis sobre as condições em Paris e também a alegria pelo facto de o irmão ter ido para a Zona Livre.

Ava continuou a ler aquelas injustiças — a privação do direito de ouvir rádio, de andar de bicicleta e de carro e, finalmente, de trabalhar, tudo registado na carta com detalhes dolorosos. Depois, chegou à parte do Cerco propriamente dito:

Não fomos os únicos aprisionados no edifício. Centenas de nós estavam reunidos no pátio, cada um com aquele emblema amarelo intenso cosido nas roupas. Estrelas que encalharam, mantidas em cativeiro pelo céu em que outrora brilharam livremente. Era um cenário inimaginável, meu irmão, um cenário que jamais esquecerei. Pais assustados tentavam acalmar os filhos

assustados, pessoas com os seus pertences amarrados a lençóis em vez de guardados em malas, amigos clamavam por aqueles que eram levados. Uma mulher saltou do piso mais alto com os seus dois filhos. Não vou compartilhar o que vi naquele terrível momento, mas não consigo apagar o horror gravado pela minha memória de cada vez que fecho os olhos.

Depois do Cerco, eles tinham sido colocados no Vélodrome onde permaneceram por quatro dias sem comida ou casas de banho funcionais e apenas com uma bica de água para milhares de pessoas. Enquanto sofriam naquela espera interminável, algumas pessoas começaram a morrer, desesperadas e indefesas.

O final da carta, de grande desolação, atingiu Ava e deixou-lhe um nó no peito enquanto lia aquelas palavras resignadas e desditosas.

Disseram-nos que devemos ir para campos de trabalho forçado na Alemanha. Não digo isto em voz alta para que a Sophie não ouça, nem mesmo o David, que está a esforçar-se tanto para ser corajoso por todos nós, mas eu acho que não será um campo de trabalho.

Há muitas crianças aqui connosco. Não apenas jovens com membros fortes e energia ilimitada, embora este calor tenha diminuído a sua vitalidade. Não, são pequeninos que ainda se agarram às pernas das mães e olham em volta com um medo silencioso. Eu não sei como poderiam eles trabalhar, tal como as pessoas que estão em cadeiras de rodas. Talvez os alemães permitam que as pessoas permaneçam sentadas enquanto trabalham. Ou talvez as crianças possam realizar pequenas tarefas. Mas sinto uma tensão na barriga, a mesma que senti quando a Oma morreu. Eu não acho...

Não, não posso formalizar estes medos no papel.

Não sei para onde vamos, mas quero dizer que te amo, meu querido irmão.

Peggy havia parado de almoçar, ouvindo com uma atenção

arrebatada a explicação de Ava sobre a carta, à medida que esta a lia.

— Isso é tão terrível — disse Peggy em voz baixa.

Ava engoliu em seco e sentia a garganta endurecida.

— É por essa razão que temos de salvar isto, bem como todas as publicações que vamos encontrando.

Peggy concordou e deu uma dentada distraída na sua sanduíche antes de pegar no resto da refeição e ir-se embora.

No silêncio da sala vazia, Ava recostou-se na cadeira e observou a correspondência; a mesma reverência com que Otto a contemplara ressoava agora dentro de si.

De repente, a pressão do que eles enfrentavam era demasiada. A raiva queimava-a por dentro, lambia as suas entranhas e fervia-lhe no coração. As histórias podiam ser enterradas nos jornais, minimizadas pelo governo e negadas por aqueles que tinham palas nos olhos, mas Ava conhecia, sem dúvida, a crua verdade.

A porta abriu-se e Mike entrou, seguido por Peggy e pelo Sr. Sims.

— Agora anda a fotografar cartas? — O olhar do Sr. Sims penetrou-a.

Ava olhou para Peggy, que ergueu as mãos num gesto ténue.

— Eu contei-lhes acerca disso. Eu não conseguia parar de pensar na história daquela mulher e mencionei-lhes isso. Eu não...

— Temos um pequeno espaço a cada duas semanas nessa máquina — gritou o Sr. Sims. — E a menina está a desperdiçá-lo com cartas de família? — O seu rosto carnudo ficou vermelho. — Tem alguma ideia de quão difícil é encontrar película de filme?

— E um panfleto alemão de uma hélice é muito mais importante?

— ripostou Ava, referindo-se a algumas das coisas mais ridículas que tinham enviado para Washington, e recusando-se a ser intimidada pela reprovação dele.

O Sr. Sims semicerrou os olhos.

— Pode ser útil para entender a mecânica de outros elementos.

Ava levantou-se, para ficar ao mesmo nível dele.

— Isto é importante. As pessoas têm de saber isto.

— Já sabem. Está nos jornais — zombou ele. — Essa carta é uma perda de tempo.

Ira e irritação agitavam a mente de Ava.

— Sr. Sims, há muito mais além disso — respondeu ela calmamente. — O «hoje» é efêmero.

O rosto dele contorceu-se pelo atrevimento dela.

— Que raios quer dizer com isso?

Ela estava a dizer a coisa errada de novo, atropelando o que queria realmente dizer, com a urgência em defender a sua posição. Respirou fundo e reorientou os seus esforços em mais uma tentativa.

— Quero dizer que o presente em que vivemos é a história de amanhã. Pergunta-me se isto é importante. Esta é a educação para o nosso futuro, aprender com os erros que são cometidos agora e nunca permitir que atrocidades como esta continuem ou se repitam.

Fez-se silêncio na sala.

— Ela tem razão, Simsie.

— A voz de Mike quebrou o gelo, e o Sr. Sims virou o seu olhar para o jovem.

— Não me chame Simsie — rosnou. — Ou estará de volta a solo

americano antes de tentar um pedido de desculpas. — E com isto, ele saiu da sala intempestivamente.

Peggy murmurou «Desculpe-me».

Mas Ava abanou a cabeça. Aquela era uma discussão que tinha de acontecer, uma que ela tinha de ganhar. Dali para a frente, faria o possível por obter mais cartas como aquela, para que o mundo soubesse com rigor o que os judeus europeus enfrentavam.

CATORZE

Elaine

Elaine encontrou Manon sentada no banco acolchoado do piano, os seus dedos finos descansavam nas teclas. Como se o instrumento já não emitisse som. Ou talvez fosse a mulher que havia perdido a melodia.

— Manon? — Elaine entrou ao de leve na sala para não a assustar.

Manon tirou as mãos do piano.

— Não a esperava tão cedo.

— Eu preciso de falar consigo.

Manon virou-se no banco para encarar Elaine. Os seus olhos escuros pareciam maiores do que o habitual; as suas faces, cavadas sob as maçãs do rosto. Houvera sempre uma fragilidade naquela mulher, mas de repente ela parecia imensamente delicada, suscetível de ser derrubada pelo mais ténue sopro de vento.

Talvez a conversa devesse ser evitada.

— O que se passa? — perguntou Manon.

A língua de Elaine imobilizou-se, indecisa.

— Precisa da minha ajuda? — Manon indicou que ela deveria sentar-se no sofá de veludo azul. — Seja o que for que vai na sua mente, vejo que está a lutar consigo mesma para me dizer, por isso

eu quero saber o que é. — Apesar da sua aparência esquelética, a voz dela era assertiva.

Elaine acomodou-se obedientemente no sofá, sem se recostar, e as palavras foram arrancadas com teimosia do seu peito.

— Conheci uma mãe e um filho que estão sem casa de momento. Esta seria mais adequada para eles do que outros refúgios. — Elaine esboçou um sorriso de arrependimento. — Eu sei que isso significaria desistir da minha permanência aqui consigo, mas acho que é o melhor para eles.

— Pode ficar também — sugeriu Manon. — O sofá...

— Eu não posso aumentar o seu risco ou o deles.

Manon sorriu pensativamente.

— É atencioso da sua parte colocá-los em primeiro lugar. Eles podem vir, claro.

— Eles são judeus — disse Elaine. — O menino...

Manon assentiu.

— Eu entendo.

— Isso vai deixá-la em maior perigo do que comparativamente com os hóspedes anteriores.

Manon exalou uma gargalhada amarga.

— Perigo.

Aquela reação deixou Elaine um pouco surpreendida.

— A criança pode ser barulhenta...

A breve alegria escapou do rosto de Manon e ela voltou para o piano, observando as fotografias.

— Será bom ter novamente uma criança aqui. — A afirmação foi feita mais para si própria do que para Elaine. Ainda a contemplar as fotos, Manon continuou em voz baixa. — Sabia que eu tive um filho?

Tive.

Elaine não pôde deixar de olhar para os retratos, onde num deles uma Manon a preto-e-branco inclinava a cabeça para um homem de cabelos escuros, e noutro um bebé fixava-a com olhos grandes e um sorriso que lhe desenhava covinhas no rosto. A guerra era cruel para todos, mas principalmente para os vulneráveis.

— É ele? — perguntou Elaine, interrompendo o peso do silêncio que se instalara entre elas. — O seu filho.

Manon ergueu uma pequena moldura do tamanho da palma da mão.

— Sim.

Com um cuidado lento e gentil, ela passou um dedo pela fotografia.

— O meu marido foi morto em Dunquerque, pouco depois de eu descobrir que estava grávida.

De algum modo, Elaine sentiu que não era digna de ouvir aquela história, mas uma parte de si questionava-se se o recontar não seria uma espécie de bálsamo para o espírito de Manon.

— Quando o Claude nasceu, eu dediquei-me a ele — continuou Manon. — Ele era o único pedaço que restava do homem que eu tanto amara. — Ela ficou em silêncio por algum tempo, mas Elaine não a pressionou, aliviada por deixar a conversa findar se fosse essa a vontade de Manon.

Manon suspirou, como se respirar lhe doesse, um desconforto que Elaine conhecia tão bem.

— Um dia eu estava a cozinhar e precisava de um pedacinho de manteiga — prosseguiu Manon. — Eu e uma amiga no prédio ao lado costumávamos partilhar os nossos parques alimentos. O Claude

estava a dormir, tão belo e tranquilo que eu não queria acordá-lo por um passeio tão curto. No fundo, eu ia sair apenas por alguns minutos. E deixei-o estar.

A moldura tremeu-lhe na mão antes de ela a acomodar cuidadosamente no seu colo.

— Quando fui ver da Georgette, ela não estava lá, mas os alemães estavam. Ao que parece, ela fazia parte da Resistência e foi apanhada. Fui presa como cúmplice.

Elaine susteve a respiração, sem vontade de saber o resto da história, mas incapaz de dizer à outra mulher que não continuasse.

— Eles recusaram-se a acreditar na minha inocência, por mais que eu implorasse. — O tom de Manon tornou-se monótono, desligado de qualquer emoção. Em nome da sobrevivência. E não foi nenhuma surpresa o que disse a seguir. — Em vez de me ajudarem, eles bateram nas grades da cela com os seus bastões e mandaram-me ficar calada. Quando, por fim, me libertaram, os meus braços e mãos estavam ensanguentados e doridos de tanto bater na porta da minha cela. Fiquei sem voz de tanto chorar para que me ouvissem. A minha camisa... — Interrompeu o discurso. — A minha camisa estava endurecida com o leite desperdiçado que o meu corpo produzia para o meu querido filho. — Ela acariciou a imagem daquela visão feliz de Claude. — Mantiveram-me presa durante nove dias.

Elaine soltou um suspiro profundo e tentou disfarçá-lo com a mão. Mas não havia como esconder a sua reação de choque perante tal horror.

Manon distraiu-se da fotografia do filho e fixou a parede branca ao fundo.

— Quando voltei para casa, fiquei à porta do prédio mais de uma hora antes de conseguir entrar. Eu sabia que era tarde demais para ele.

— Sinto muito — sussurrou Elaine. Ela teria preferido uma resposta mais conveniente, algo que pudesse dar mais conforto. Mas não havia consolo para uma ferida como a de Manon. Nada poderia curar o que tinha sido tão violentamente roubado.

Quando Manon olhou para cima, os seus olhos negros já não estavam rasos de lágrimas, e brilhavam agora com mais energia do que alguma vez Elaine lhes vira.

— Eu juntei-me à Resistência, a que me acusaram erroneamente de pertencer, e não me preocupo com o perigo. Não tenho mais nada a perder. Se não fosse pela minha fé, eu ter-me-ia juntado ao meu marido e filho há meses. — O brilho da sua expressão diminuiu, tal como a energia depois de se fazer notar e desaparecer com a mesma rapidez. — Talvez este menino seja uma outra oportunidade para mim. Para o salvar, coisa que não consegui com o meu.

Ela olhou novamente para a foto, perdida nos seus pensamentos. Elaine levantou-se e assentou a mão no ombro ossudo de Manon. A mulher não se mexeu.

A sua história ficou na mente de Elaine ao longo do dia e permaneceria consigo para toda a vida. Agora, porém, ela estava feliz por ter falado com ela e esperava que, ao ajudar a salvar Sarah e Noah, Manon pudesse também salvar uma parte de si própria.

Quando Elaine regressou ao armazém, encontrou a sala de impressão em plena produção, com os preparativos para o último jornal. Antoine estava curvado sobre a mesa, a sua atenção era tão

aguçada quanto a ponta metálica com a qual desenhava artisticamente sobre as chapas.

Marcel corria entre as máquinas como uma galinha e Jean estava sentado à mesa onde Elaine trabalhava ocasionalmente com o mimeógrafo, com o pequeno Noah à frente dele.

Jean cobria os olhos com as mãos e depois atirava-as para trás, revelando o rosto, com um sorriso exagerado como o de um artista numa feira. Sarah estava ao lado de Noah, olhando para o filho enquanto o menino fixava Jean com os seus olhos cor de avelã arregalados. De cada vez que Jean mostrava o seu rosto, a boca de Noah abria-se num sinal cauteloso de alegria.

Aquela visão era agri-doce. Os efeitos da guerra estavam por toda a parte em Lyon e as crianças também tinham sido afetadas — o maravilhoso brilho da juventude apagado pela opressiva ocupação nazi.

— Encontrei um pouco de pão e uma lata de sardinhas — anunciou Elaine enquanto se juntava a eles. — E alguns tupinambos e nabos.

Noah sentou-se direito, desinteressando-se de Jean com a perspectiva da comida.

Elaine entregou o seu cesto a Sarah.

— Também encontrei um lugar seguro para ficarem. A mulher é pouco conversadora, mas gentil, e a casa é acolhedora.

Sarah assentiu em agradecimento.

— Estou a fazer o que posso para encontrar uma maneira de chegarem à América — disse Elaine em voz baixa.

Sarah fechou os olhos, o seu rosto aliviou numa expressão de gratidão. Noah puxou a borda do cesto de compras para tentar ver o

que havia lá dentro, quase derrubando o precioso conteúdo. Com uma gargalhada paciente, Sarah afastou o cesto e puxou o filho para os seus braços, levando-o para a cozinha.

Elaine e Jean observaram os dois a sair do armazém, os passos de Sarah abafados pelo zumbido cacofônico e pelo estrondo da prensa automática.

— Eu gostava de vir a ter filhos — disse Jean melancolicamente.
— De me casar depois desta guerra.

— Com uma certa loura — brincou Elaine.

O jovem rosto de Jean ficou ruborizado.

— Eu quero ajudar a Sarah e o Noah — disse ela, a seguir, num tom sério. — Eles precisam de chegar à América para terem a sua família reunida.

Um olhar impreciso marcou o rosto de Jean, do mesmo modo que as nuvens bloqueiam o Sol.

Era um pedido impossível que ela sabia requerer um ato divino para se poder concretizar.

— A Sarah não vê o marido há dois anos.

— muitas mulheres não veem os seus maridos há muito tempo.
— Isto foi dito com uma empatia sóbria, perceptível nos olhos azuis e brilhantes de Jean.

— Sim, mas ela tem uma oportunidade real de chegar até ele e estaria mais segura se o fizesse — replicou Elaine, surpreendida pela maneira como a verdade daquelas palavras a atravessou. — Talvez eu esteja verdadeiramente empenhada nisto por causa do meu marido.

A porta do armazém abriu-se, com o som de um guincho, e Josette correu lá para dentro. Mesmo à distância, ela parecia

pequena, os seus ombros estavam dobrados para a frente como se desejasse silenciosamente encolher-se até desaparecer.

Elaine dirigiu-se à amiga e esforçou-se para conter um suspiro de admiração. As clavículas de Josette projetavam-se sob a pele pálida como se fossem ramos, e o pequeno crucifixo de ouro parecia suspenso um centímetro mais abaixo.

— Tens estado doente? — perguntou Elaine, e não a abraçou com medo de a magoar.

O olho direito de Josette estremeceu com um tique.

— Não. — Ela esforçou-se por esboçar um sorriso pouco convincente.

Elaine não pôde deixar de a olhar com espanto.

— O que é que te aconteceu?

— Ultimamente ando nervosa. — A mão de Josette apertou a asa do cesto, como se estivesse a conter-se para não levar as unhas irregulares aos lábios.

— Talvez se tirasses algum tempo...

— Não. — Josette protestou com tamanha veemência que a sua voz se sobrepôs ao barulho da prensa e chamou a atenção de Jean, Marcel e até de Antoine. O seu olhar varreu a sala e ela baixou a cabeça, abanando-a em autocensura. — Ontem à noite o meu vizinho foi preso por acolher judeus, tal como os que estavam escondidos — informou Josette no seu tom habitual. — A cada dia que deixamos de fazer algo, mais pessoas são condenadas à prisão e aos campos de trabalho.

Campos de trabalho.

Aquelas palavras ficavam sempre agarradas a um lugar dorido no coração de Elaine e faziam borbulhar na sua mente toda a

preocupação com Joseph. Apesar da promessa constante de Etienne em desenterrar informações, nenhuma notícia havia chegado.

Josette retirou um envelope do fundo falso do seu cesto, com um ligeiro tremor nas mãos.

— Tenho de entregar isto ao Marcel, depois vou encontrar-me com a Nicole no apartamento.

Elaine anuiu e aceitou o envelope.

— Toma bem conta de ti. Por favor. — A cabeça de Josette acenou em concordância, mas o baixar de olhos para o chão revelou a Elaine que ela não atenderia ao aviso. — E dá um beijo à Nicole por mim. — Elaine abraçou Josette com ternura, sentindo apenas os ossos frágeis sob o casaco cinzento da amiga.

Marcel aproximou-se enquanto Josette se afastava.

— O que se passa com ela? — A mesma pergunta que ele já fizera antes.

Mas dessa vez, Elaine não conseguiu ficar em silêncio.

— Estou preocupada. — Ela entregou o envelope a Marcel.

— Eu também. — Ele não olhou para o envelope, mas continuava a observar a porta pela qual Josette havia saído.

Elaine deixou-o com a sua entrega e dirigiu-se à prensa automática. A máquina zumbia com o deslizar de papéis e o movimento das engrenagens e braços de metal que se estendiam, prendiam e infletiam. Os pensamentos de Elaine estavam exatamente assim: em constante movimento, em torno de receios e preocupações. Por Josette, cujo temperamento controlado se desfazia como uma camisola de fios soltos. Por Sarah e Noah, que

conheciam a pungência da perda e o medo de perder ainda mais. Por

Manon e pela dor que teve de suportar. Por Joseph e devido à pouca informação que tinha sobre o seu paradeiro ou estado de saúde.

Talvez por estar tão perdida nos seus pensamentos nem reparou que Etienne entrara na sala.

— Elaine.

Ela assustou-se com a voz ao seu lado.

A ponta do nariz de Etienne estava rosada, os seus olhos injetados de sangue.

— Eu preciso de falar contigo.

Um abalo de medo percorreu-a.

Ao invés de partilhar ali as notícias, ele levou-a para a porta das traseiras, pela qual Sarah e Noah haviam entrado no armazém na noite anterior. Os joelhos de Elaine ficaram tão trémulos que ela pensou que poderia estatelar-se no chão antes de chegar ao terraço.

Lá fora estava um lindo dia de outubro, sem uma brisa a cortar o ar fresco, com o Sol a brilhar através das nuvens volumosas e brancas. Era o género de tempo que Elaine teria notado e apreciado em qualquer outro dia. Agora, tudo o que lhe importava era o que Etienne tinha a dizer e o que isso significaria acerca de Joseph.

— Elaine. — Etienne tirou o velho chapéu e agarrou-o pela aba com força, expondo os seus nós dos dedos brancos.

— *Oui?* — Como conseguiu ela falar, nunca entenderia.

— É sobre o Joseph. — As sobrancelhas de Etienne uniram-se

com a intensidade de alguém em profunda concentração. Como se ele não soubesse o que dizer.

Elaine acenou para ele continuar, não confiando na sua própria voz.

Ele exalou um suspiro hesitante.

— Sinto muito em dar-te esta notícia...

Foi como se o estômago dela se afundasse no chão. Elaine abanou a cabeça e recuou, não querendo ouvir o resto. Se não ouvisse, era como se não soubesse. E se não soubesse, não seria real. Ainda podia haver uma hipótese de Joseph estar vivo. Ainda podia haver esperança.

Etienne estendeu-lhe a mão. Ele fedia a tabaco e desespero e arrependimento.

— O Joseph morreu.

Naquele momento, uma rajada de vento cortante varreu o terraço, arrancando as folhas cor de âmbar do plátano, que voaram e raspavam umas nas outras.

Elaine cerrou o punho e olhou para os longos ramos que se estendiam em direção ao céu. A luxuriante folhagem verde tinha desbotado e era agora de um dourado outonal. Mais uma estação passara, com o futuro pela frente, num ciclo interminável.

Mas Joseph não veria mais estações. Ele não testemunharia o esplendor do mundo alterando-se numa miríade de cores ao longo do ano, nem sentiria a temperatura subir e descer.

Tal como não estaria ali para colocar o braço à volta dela no meio da multidão, impedindo-a de ser empurrada, ou para preparar o café de manhã enquanto ela descansava na cama apenas mais cinco minutos.

Tantas vezes o olhar dele se evadia nos confortáveis momentos de silêncio a dois. Ela poderia jurar que a mente dele era composta por uma série de rodas e engrenagens complexas que solucionavam os problemas com uma precisão mecânica. Ela nunca mais iria testemunhar aquele olhar familiar e acadêmico e se perguntaria que dilema mundial estava ele a resolver internamente.

Ele era um farol de conhecimento, e, num instante, todo o brilho e toda a inteligência foram apagados como uma chama, não deixando nem sequer um fio de fumo como sinal.

Tudo o que restava era um coração partido.

O dela.

— Elaine — disse Etienne com a voz rouca. — Eu sinto muito.

Ao olhar para ele, a sua raiva encontrou o alvo. A dor marcava profundamente o rosto abatido de Etienne, os seus ombros curvados perante a derrota, um soldado que perdera o seu camarada.

Todavia, naquele momento, quando a dor da perda fervia por dentro e tornava difícil de suportar a respiração no seu peito estilhaçado, ela não conseguiu sentir empatia por ele. Não quando havia confiado nele para libertar Joseph de Montluc há tanto tempo.

— A minha mensagem foi-lhe entregue? — A raiva afiou as suas palavras como uma arma.

A expressão dela era a do desamparo que emanava de um qualquer lugar profundo na dor crua da sua alma.

— Não tenho como saber se ele recebeu a mensagem. Posso dizer que pedi todos os favores que podia para que isso acontecesse.

As palavras eram poderosas.

Ela aprendera isso na fatídica discussão, a última, que tivera com Joseph, ao perceber dolorosamente que as palavras ditas nunca poderiam ser retiradas — palavras que não poderiam ser retificadas com um pedido de desculpas. Aquele erro era um que ela não repetiria, mesmo quando a injúria lhe subiu pela garganta como fel.

Ele falhara a Joseph. Enquanto Joseph era espancado por Werner, Etienne estava livre. Ele deixara morrer o seu melhor amigo.

Ela quase se engasgou ao ter de engolir tanta amargura. No entanto, a sua recusa em fazer aquelas acusações tão pesadas não significava que ela o perdoasse.

Em vez disso, ela virou as costas a Etienne e voltou para o armazém, o seu corpo dormente e o seu coração em chamas. Sabe-se lá como, conseguiu conter as lágrimas. No fundo, tinha plena consciência de que, quando chegassem, seriam como um dique a rebentar, fluindo numa onda incontrolável e impossível de deter.

Os seus gestos foram duros durante o resto do dia, enquanto coordenava esforços para que Sarah e Noah se instalassem na casa de Manon. Elaine deixou de lado as preocupações com o seu bem-estar para retomar o trabalho. Os homens rodeavam-na com olhares atentos, passando por ela de vez em quando como se esperassem a sua queda.

Houve muitos momentos em que ela própria desconfiou que pudesse cair.

Não importava qual a tarefa escolhida, pois os pensamentos dela estavam em Joseph. Desde os tempos em que passeavam à noite ao longo do Ródano, com as estrelas pontilhando o céu como se fossem diamantes, até às inúmeras manhãs em que ela lhe dava

um beijo de despedida quando ele saía para o trabalho. Com grande pesar, ela também se lembrava de ter comprometido a afeição conjugal depois da discussão que pusera em risco o seu casamento.

Quando o dia começou a escurecer, Marcel aproximou-se dela.

— Vá para a sala das traseiras, Elaine. Descanse um pouco.

— Eu prefiro continuar o trabalho — respondeu ela, entorpecida.
— Estar ocupada ajuda-me.

A empatia notou-se nos olhos dele, tão pungente que quase rachou a frágil casca da sua compostura.

— Se acha que vai ajudar — disse ele com lentidão, claramente não concordando com ela. — Mas só esta noite.

Tal bondade puxou por um fio de culpa na sua consciência, por causa daquilo que estava prestes a fazer. Ela acenou obedientemente a Marcel, que vestiu o seu casaco e pegou no chapéu; o topo do chapéu escuro preso entre os seus dedos, ainda hesitante.

— Eu ficarei bem — assegurou ela.

Ele lançou-lhe um último olhar preocupado, acomodou o chapéu na cabeça e saiu da sala. Vários longos segundos depois, a porta do prédio bateu e fechou-se.

Ela estava sozinha.

Não havia um segundo a perder. Pegou num pedaço de papel e começou imediatamente a trabalhar no código, usando o poema que circulava entre os Resistentes naquela semana: *Mignonne allons voir si la rose*, de Pierre de Ronsard. Feito isso, dirigiu-se à máquina de linótipo que Jean a ensinara a usar e premiu meticulosamente as teclas, digitando um artigo sobre o bombardeamento de fábricas

vizinhas. Só que, dessa vez, ela converteu o código em palavras, digitando de forma errada intencionalmente.

O esforço ainda levou um tempo considerável naquele estranho teclado. Com as minúsculas à esquerda, as maiúsculas à direita e todo o espaçamento e pontuação no meio, provavelmente demoraria uma eternidade até que conseguisse digitar sem olhar ou alcançasse uma velocidade como a de Jean.

As linguetas de metal com as linhas de texto desceram e arrefeceram enquanto ajustava a folha de impressão. A sua pulsação rugia-lhe nos ouvidos enquanto ela trabalhava, removendo cuidadosamente o palavrado anterior e encaixando as frases alteradas no mesmo espaço.

Reajustou a placa de impressão na prensa automática e esta ganhou vida, com os papéis a passarem pela tinta. A primeira página completa caiu na bandeja, seguida rapidamente por outras. Pegou nelas e examinou o conteúdo, confirmando que o produto final estava exatamente como havia imaginado. Quando as palavras incorretas fossem identificadas e o código decifrado, a sua mensagem seria lida assim:

Mãe e filho judeus precisam de transporte para a América.

Estava declarado da forma mais simples possível. Os membros da Resistência saberiam onde se dirigir para oferecerem a sua ajuda. Marcel ficaria, naturalmente, irritado com aquela desobediência direta, em particular pelo facto de as palavras parecerem erradas a um leitor casual.

Elaine voltou aos seus pensamentos de Joseph, imaginando

quantos judeus teria ele salvado ao refazer os seus documentos de identidade. E lembrou-se da mulher a quem ela havia dado o seu, a mulher que agora usava o apelido de Joseph.

Na ausência do marido, Elaine continuou a luta pela qual ele havia sacrificado tudo. E embora estivesse ciente de que ele não queria que ela participasse na Resistência, Joseph teria ficado orgulhoso.

Esse pensamento apertou-lhe o coração.

Uma lágrima caiu na página. A tinta fresca foi sugada pela gota, obliterando as letras delicadas e manchando a lágrima de um negro turvo. Foi seguida por outra e depois outra ainda.

As pernas de Elaine ficaram, de repente, demasiado fracas para que se aguentasse de pé. Caiu no chão sob o peso da sua profunda dor, a dor que explodia dentro de si, demasiado insuportável para aguentar. As paredes que suportavam a sua tristeza tornaram-se frágeis e o dique desabou quando ela cedeu à agonia de um coração despedaçado.

QUINZE

Ava

Na tarde seguinte, Ava foi ao CJDC para devolver a carta a Otto.

— Foi uma honra ter-me confiado algo tão precioso e poderoso — disse ela ao entregar-lha.

Ele assentiu e guardou o envelope no seu casaco de *tweed*, batendo de modo terno no bolso com a ponta dos dedos.

— A correspondência da Petra levou vários meses para chegar até mim. Nem sei como é que pôde ser remetida. — Otto olhou para o céu, semicerrando os olhos. Daquela maneira reconhecível, quando alguém tenta esconder a profundidade das suas emoções. — Obrigado por registrar as palavras dela.

— Estou grata pela oportunidade e ficaria feliz por fazê-lo de novo se alguém tiver outras cartas como a sua.

Otto anuiu.

— Posso perguntar por aí. — Ele retirou outro envelope do bolso e entregou-lho. — Mais jornais de França.

Ela agradeceu-lhe, prometeu voltar na semana seguinte para ajudar Ethan, e depois regressou à embaixada.

E assim foi nas duas semanas seguintes, recebendo não só

jornais franceses como também cartas de familiares de refugiados e até publicações clandestinas de outras regiões da Europa.

Ava conhecia o *Combat* e o *Libération*, mas *Biuletyn Informacyjny* era um título polaco que nunca tinha visto antes. Os jornais clandestinos eram fáceis de identificar, não apenas pelo tamanho menor, como como pela página única, impressa em frente e verso. Ainda assim, com o racionamento do papel e os rígidos regulamentos nas áreas ocupadas pelos nazis, era incrível que os grupos clandestinos conseguissem encontrar algo para imprimir.

Os criadores dessas publicações teriam de ser muito engenhosos e totalmente destemidos. Ela pensava muitas vezes em todas as pessoas envolvidas, depois da sua conversa com Lamant acerca do assunto.

O tempo era escasso quando os depositava na mesa da embaixada para fotografar, mas ela não conseguiu reprimir a tentação de passar os olhos pelos conteúdos franceses e alemães. Sobretudo o *Combat*, cuja escrita clara a atraía. Não havia falhas ou preenchimento adicional de texto para expandir artigos. Era conciso, direto ao assunto e imaculadamente editado.

E por isso estranhou encontrar não um erro de digitação, mas vários numa edição recente.

A peça era sobre uma série de bombardeamentos em fábricas por toda a cidade de Lyon que impactaram a produção nazi, com erros de digitação espalhados do início ao fim.

Como se fossem migalhas.

O pensamento sussurrava lá no fundo da mente de Ava, mas ela

descartou-o como um capricho e apontou a câmara para registar o jornal na película de celuloide.

Mike entrou na sala com uma pilha de livros.

— Olha bem para isto. Encontrei um conjunto inteiro de manuais de máquinas alemãs numa papelaria, aquela do Chiado mesmo ao lado da loja de luvas. — Com uma grande braçada, dançou alguns passos de *jitterbug* e exibiu um sorriso rasgado.

— Isso é excelente. — Ava colocou de lado a câmara quadrada e aproximou-se dele para examinar o achado. — Posso ver?

— Na verdade, eu ia pedir-te para espreitares com os teus olhos de quem lê alemão e para me dizeres se é tão bombástico quanto eu espero. — Abanou a cabeça para a frente e para trás sugerindo que ele já sabia que aquele tesouro seria «bombástico».

Ava riu-se e estendeu a mão para o primeiro livro.

— Vamos ver.

Mike colocou o objeto pesado na palma da mão de Ava e ela abriu a capa. Desenhos de máquinas eram legendados com intrincados detalhes, as peças eram identificadas e explicadas à margem com a clássica precisão alemã. Era uma tragédia que conhecimentos mecânicos tão avançados como aqueles fossem usados para a guerra e o genocídio, quando tal conhecimento poderia salvar o mundo em vez de o destruir.

Ela assentiu em reconhecimento e abriu um segundo livro.

— Isto é incrível.

— Não é uma loucura pensar que isto estava ali numa papelaria?

— Mike abanou a cabeça, incrédulo, e olhou para os jornais ao lado da câmara. — Isso são mais jornais clandestinos de França?

— São — respondeu Ava, juntando-se a ele. — E um da Polónia.

O engenheiro cuja irmã escreveu a carta sobre Vél d'Hiv guardou-os para mim.

— Grande feito — elogiou Mike. — É por isso que és tão boa neste trabalho. Crias ligações pessoais. Eu sou meio parvo às vezes, bem sei. — Ele ergueu a mão como que para a impedir de protestar contra a sua declaração, e depois apontou na direção do escritório de Sims. — E todos nós sabemos que o grande chefe não é propriamente alguém que goste de pessoas. Mas tu, tu consegues, miúda.

Foi o elogio genuíno de alguém que, no fundo, era um bom rapaz, apesar de sua arrogância.

— Obrigada. — O olhar de Ava vagueou pela edição do *Combat* que estava a fotografar.

— E não há mal nenhum em seres uma beldade. — Mike agitou as sobrancelhas. Ava revirou os olhos para cima, e Mike piscou o olho dando a entender que sabia o quão desagradável estava a ser, antes de retornar à sua pilha de textos sobre maquinaria alemã. — Eu preciso de despachar isto. Se quiser sair daqui a horas, tenho de me atirar a estes como um louco.

Assobiando alegremente para si mesmo, como costumava fazer, abriu um dos livros e dobrou a encadernação, de modo que a lombada estalou quando a cola se partiu. Ava ficou boquiaberta com tal abuso.

Não era a sua primeira falha. Ele também dobrava os cantos de páginas de que queria lembrar-se, colocava os livros abertos na horizontal com as páginas viradas para baixo, e ela reclamou disso mesmo.

— Devias ter cuidado com esses. — Mesmo ao dizê-lo, ela sabia

que o seu aviso seria em vão.

Ele olhou sem qualquer emoção para o livro com a lombada danificada.

— São apenas livros.

Ava nem se incomodou em disfarçar a sua careta enquanto voltava ao trabalho. Depois de ter terminado de fotografar os jornais clandestinos, ajudou Mike com a sua pilha de livros, como ele também havia feito por ela inúmeras vezes. A partilha do trabalho nunca fora realmente discutida, e nenhum deles jamais pedira ajuda ao outro. Fora apenas algo que surgira naturalmente para ambos e era parte do que os tornava uma equipa tão eficaz.

Foi também uma boa oportunidade para lidar com os livros como estes mereciam.

Porém, até enquanto ela descrevia os movimentos repetitivos da fotografia, o artigo do *Combat* com os erros de digitação mantinha-se irritantemente no seu subconsciente como uma erva daninha.

Ava levou a edição do *Combat* para casa naquela noite. Primeiro, leu-o novamente, pesquisando os outros artigos para verificar se também continham erros de digitação que lhe tivessem escapado inicialmente.

Não tinham.

Depois descartou o jornal e repreendeu-se por estar a ser ridícula. Mas mesmo enquanto escovava os dentes, mais tarde, ela não conseguia tirar aquilo da sua mente.

Dirigiu-se até à sala onde a publicação estava sobre a mesa de

refeições, pegou num bloco de notas em branco e apontou todas as letras erradas. Cinquenta e oito letras à sua frente.

Cinquenta e oito letras erradas num jornal que nunca apresentara um único erro de digitação dificilmente seria um engano. Não, era sem dúvida intencional.

Ela reorganizou as letras, marcando-as enquanto tentava criar palavras em francês, mas nada parecia funcionar. Havia muitas variações, o que gerava muitas possibilidades.

Quando os ponteiros do seu relógio passavam das 2 da manhã, resignou-se a não insistir mais naquela noite. A lista de letras seguiu-a até ao sono, girando no seu cérebro e atijando o seu subconsciente. Não que isso tenha ajudado. De manhã, ela estava tão perdida como antes.

Acordou com a mente nebulosa e um mistério por resolver. Seria melhor esquecer o assunto, achava ela, mas apesar disso não conseguia deixar de reconsiderar vezes sem conta aquelas 58 letras, em fundo no seu pensamento.

Era um dia limpo de novembro, com um sol pleno no céu e uma brisa forte o suficiente para a despertar do torpor. Afonso acenou quando ela se aproximou do quiosque.

Tagarelaram brevemente em português, como sempre faziam, embora ele a corrigisse cada vez menos. Porém, enquanto conversavam havia uma leve tensão nele, uma inquietação que o fez desviar o olhar várias vezes.

— Eu tenho jornais para si. — Ele inclinou-se para agarrar a pilha. — Há um que eu acho que deveria ver. Logo depois da última cópia do *Das Reich*.

Ava agradeceu, mas ele continuou a fixá-la. O sorriso dele era

receoso, e fez-lhe um aceno rápido, claramente para que ela o olhasse naquele momento.

O *Das Reich* estava em cima da pilha. Ela abriu-o e encontrou um bilhete.

«O alemão tem perguntado sobre os seus horários.»

Ava voltou a dobrar o jornal, tão casualmente quanto pôde, e tentou ignorar o desconforto que a percorria.

— Isto parece interessante. — Ela sorriu e agradeceu.

O alemão.

Lukas.

Ele acenou com um ar preocupado e voltou a sua atenção para outro cliente, uma mãe com uma criança inquieta.

Ava olhou em volta, mas não viu o nazi nas proximidades. Talvez mais tarde pudesse pedir informações a Afonso, se é que havia mais alguma. Independentemente disso, a sensação de ser observada rastejou depressa sobre a sua pele como se fosse algo vivo.

Um calafrio percorreu-lhe as costas.

— Alguém te pregou um susto?

Ava virou-se e descobriu James parado atrás dela, com um jornal debaixo do braço, a palavra *Standard* do *Evening Standard* apenas visível na dobra. Era a primeira vez que se viam desde o beijo, quando a PVDE os seguira.

— Eu espero que não. — Foi tudo o que ela respondeu.

Ele franziu o sobrolho.

— Aconteceu alguma coisa?

Por mais que ela não quisesse admitir, ele poderia saber o que fazer. Acenou para que ele a seguisse.

— Vem comigo.

Ele juntou-se a ela sem questionar enquanto caminharam para um café e se sentaram a uma mesa ao fundo. Ela pôs a pilha de jornais sobre a áspera toalha de mesa branca e levantou a primeira página para que ele pudesse ler o bilhete, ciente de que o português dele seria suficiente para tal.

— O austríaco? — Ele arqueou uma sobrancelha. Ava confirmou.

— Eu posso acompanhar-te de manhã, se quiseres. — Ele largou o jornal. — Afinal, tenho as minhas próprias publicações para recolher.

— Mas a PVDE não te anda a seguir? — perguntou ela numa voz sussurrada.

Ele acenou com a mão num gesto de desdém.

— Já não. Foi uma questão que ficou esclarecida. Mas eu nunca agradeci a tua ajuda naquela noite.

O rosto de Ava ficou quente como uma chama, ao recordar o momento.

— Não é necessário e não se repetirá.

Os cantos dos lábios dele ergueram-se numa sugestão de sorriso.

— Nem eu o presumiria.

— Ainda bem — disse ela, sentindo-se estranha repentinamente.

— Porque não vai repetir-se.

Ele acenou com a cabeça, aquele sorriso ainda mais aberto.

— Café?

— Por favor — respondeu ela de modo rígido.

Dessa vez, ele não se deu ao trabalho de disfarçar o sorriso enquanto se levantava e pedia as bebidas.

Enquanto ele se ausentou, ela abriu a sacola para depositar os jornais, quando viu o *Combat* ainda lá dentro. Refletiu por momentos

e voltou a sua atenção para James enquanto ele esperava pelas bebidas.

Todos os Aliados trabalhavam juntos e, embora ela odiasse admitir, James era experiente em vários tópicos. Mais do que Mike, como percebera. E James era muito mais acessível do que Sims.

Ela puxou a dita página do *Combat* da sacola, substituindo-a pela pilha que trouxera do quiosque de Afonso. A aba superior da sacola estava torta, apesar dos seus melhores esforços para arrumar tudo corretamente.

James avistou o jornal francês enquanto voltava com as chávenas da bica e despejou uma generosa porção de açúcar no líquido escuro.

— O que é isso?

— A última edição. — Ela virou a página para ele, e hesitou. — Lê em francês?

James inclinou a cabeça.

— *Mais oui.*

— Ainda bem. — Ela inclinou-se para a frente na cadeira. — Notas algo estranho nesta peça? — Indicou o artigo sobre bombardeamentos em fábricas.

Ele estremeceu.

— Precisa de uma revisão atenta.

Ela assentiu.

— Só que este jornal em particular é normalmente o mais meticuloso. Não acho que seja um acidente.

— Então, provavelmente não é. — James apertou a pequena asa da sua chávena e bebeu um golo de café.

Ava deixou os seus ombros caírem para a frente.

— É só isso, Watson?

— Queres dizer Sherlock, presumo. — Ele inclinou a cabeça de maneira arrogante. — Ouso dizer, acho que daria um Sherlock mais adequado. Tenho sotaque e tudo.

— O Watson também era britânico.

— É verdade, mas devo dizer que tu não és nada britânica.

— É justo. — Ava deitou um pouco de açúcar na sua chávena e mexeu. — Então, qual é a tua teoria?

— É uma mensagem codificada — disse ele calmamente. — Presumivelmente da Resistência.

— Há 58 letras deslocadas. — Ava perscrutou o pequeno café para garantir que ninguém estava ao alcance da voz. — Tentei reorganizá-las de todas as maneiras que consegui imaginar.

James abanou a cabeça e baixou a voz para um sussurro, apesar de não haver ninguém por perto.

— A Resistência usa um novo poema a cada semana. Mas acho que estás a olhar para isso de forma errada, pois o código é baseado em números. — Ele puxou o jornal para si mais uma vez. — O erro de digitação está no lugar de outra letra. Pega na letra que deveria lá estar e usa o número da sua ordenação no alfabeto. Depois de teres os números listados e o código do poema que eles usaram, terás uma forma de deduzir a mensagem. Vês? As letras têm o seu próprio sistema de descodificação.

Ava não viu exatamente, mas ele viu e isso era o que importava. Afinal, ela sempre entendera de literatura e palavras muito mais do que de números e matemática. Mas nenhum dos seus esforços seria produtivo sem o poema correto.

— Eu posso ajudar, se quiseres — ofereceu-se James. —

Especialmente se estiver contigo pela manhã. — Ele lançou-lhe um sorriso que deveria tê-la irritado. Mas havia algo de irremediavelmente encantador na forma como um dos seus dentes era ligeiramente torto e na firme determinação da sua persistência.

Ela deu um suspiro dramático.

— Se fazes questão...

— Faço — respondeu ele, sem hesitação.

— Embora eu não tenha ideia de onde obter o poema necessário.

— Ela ergueu uma sobrancelha. — Alguma sugestão, Sherlock?

Ele sorriu.

— Eu suponho que a própria fonte junto da qual recolheste o jornal saberá aquilo que procuras.

Otto não sabia que poema usar, mas no período em que Ava ajudou a servir a refeição — para grande apreciação de Ethan — ele conseguiu encontrar alguém que conhecia o poema usado para codificar na semana em que o artigo foi redigido.

— *Mignonne allons voir si la rose*, de Pierre de Ronsard.

Na manhã seguinte, Ava acenou para James entrar no prédio e levou-o até ao pequeno apartamento, onde poderiam conversar sem o risco de serem ouvidos. Só quando ele estava a entrar pela porta do apartamento é que ela reparou na intimidade que era estarem juntos no local onde morava.

Peggy era muito melhor em termos de decoração do que Ava. O pequeno espaço estava praticamente igual ao dia em que Ava se mudara, à exceção de uma fila de livros na estante e uma camisola verde pendurada nas costas de uma cadeira da sala de jantar.

— Eu não tenho muito jeito para decoração. — Ava agarrou conscientemente a camisola e vestiu-a à falta de um lugar para a guardar, antes de acenar para ele se juntar a ela na mesa.

Um bloco de notas e uma caneta esperavam-no, perfeitamente paralelos um ao outro, com cada número do alfabeto para as 58 letras impressas ordenadamente no topo. Abaixo estava o poema do século XVI.

— Se preferes decorar com livros em vez de casacos e sapatos espalhados, garanto que não vou julgar. — Ele lançou-lhe um sorriso fácil e sentou-se numa das cadeiras à mesa da sala de jantar.

Ava sentou-se ao lado de James, que se recostou para criar espaço de modo que ela pudesse assistir à decifração do código. Ele cheirava a sabonete e a sol caloroso, apesar do dia frio de novembro.

De cabeça baixa, ele meteu mãos à obra. Usou as primeiras cinco letras, atribuindo números à sua ordem no alfabeto-padrão. A partir daí, encontrou a palavra correspondente no poema que combinava com esse número. Essas cinco palavras foram escritas e, dessa forma, James gerou um alfabeto baseado nessa ordem.

Ava assistia, tão perplexa com a complexidade quanto impressionada com a rapidez com que James avançava. Ele escreveu uma nova linha abaixo do bloco de quadrados que havia criado para o novo alfabeto; a sua escrita, caótica e carregada.

Como se viu, James era realmente o melhor Sherlock para aquele Watson, o que Ava atribuiu exclusivamente à sua falta de interesse pela matemática. Os traços dele eram confiantes e seguros, com o código calculado que ele havia decomposto e reconstruído numa

sequência de texto. Era uma linha longa e confusa que ele separou com uma barra, dividindo o texto em palavras que, de repente, fizeram sentido.

Mãe e filho judeus precisam de transporte para a América.

Eles olharam para o bloco e depois um para o outro.

Havia muitas pessoas que não acreditavam no destino. O pai de Ava, por exemplo, alegando que qualquer pessoa educada deveria ter a confiança suficiente para comandar a sua própria vida. Mas Ava nunca deixara ninguém pensar por ela e desenvolvera a sua própria interpretação do destino. Não era uma fatalista, de todo, assumindo uma vida inteiramente predestinada, mas também não deixava de apreciar um milagre quando este cintilava sobre ela.

Como aquele que experimentava agora.

Alguém lhe pusera nas mãos aquele jornal onde o código fora publicado. Encontrou James, que sabia como o decifrar. A mãe e o filho precisavam de viajar para a América, de onde ela era. E a melhor maneira de fazer isso seria pedir a ajuda dos agentes britânicos que voavam para França, dos quais James era o contacto perfeito.

E foi aí que o destino ficou em segundo plano. Foi aí que a ação entrou em jogo.

— Temos de fazer alguma coisa — disse Ava.

James esfregou o maxilar.

— Não é assim tão fácil. Além disso, existem muitas organizações que podem colocá-los num refúgio.

— Se isso fosse possível, em princípio já o teriam feito.

Provavelmente eles correm perigo, James. Ela remexeu-se na cadeira, agitada com a hesitação dele. — Viste os refugiados aqui em Lisboa. Já ouviste as histórias deles. Não te atrevas a dizer-me que entendes o que eles disseram como meros rumores de guerra. — Ela encarou-o, desafiando-o a contradizê-la. — És demasiado inteligente para isso.

Ele exalou de modo frustrado.

Ela apontou para o código traduzido.

— Eles querem ir para a América. Eu posso ajudá-los a chegar lá. — Ou pelo menos, ela esperava poder. — Certamente, há alguém na Inglaterra a saber onde está localizada a tipografia. A Resistência recebe mercadorias da Grã-Bretanha a todo o momento.

Ele inclinou a cabeça para trás e olhou para ela.

— Como sabes isso?

— Porque não me limito a fotografar os jornais, leio-os também. A Grã-Bretanha está a trabalhar em estreita colaboração com a Resistência.

James torceu os lábios, pensativo.

— Achas que podes organizar o acesso à América para eles.

— Sim — respondeu Ava imediatamente. A dúvida apertou-lhe o peito. Não correra bem quando tentara ajudar Lamant. Mas ele era um homem, não uma mulher e uma criança. E depois de ver Peggy fazer magia com uns telefonemas para Washington, Ava tinha a certeza de que poderia pedir-lhe alguns conselhos.

Ela estava determinada.

James tamborilou os dedos sobre a mesa.

— Como sabemos que eles ainda não foram realojados? — Ele

ficou mais atento e apontou para o jornal. — Isto foi publicado há quase uma semana.

— Imagina que eles não conseguiram, que podemos fazer alguma coisa. — Ava fitou-o, suplicando tanto com os olhos quanto com as palavras. — E se, neste tempo de dúvida e indecisão, eles morrerem, quando poderiam ter vivido? Por causa de nós.

James observou-a e depois ergueu a cabeça.

— Se eles permitirem que as mulheres se tornem presidente nos Estados Unidos, tu deverias concorrer. — James sorriu. — Ganhavas!

— Então, estás a dizer-me que vais ajudar? — A esperança cresceu-lhe no peito, ainda assim conteve um pequeno grito de alegria até que ele confirmasse.

— Vou ver o que posso fazer. — Ele assentou a mão sobre a mesa e aí ela bateu suavemente com a sua mão na dele. — Isso não é o mesmo que prometer ajudar.

Não, não era, mas ainda assim era o suficiente. Por agora.

Era esperança.

DEZASSEIS

Elaine

O esforço de arriscar tudo pela mensagem codificada havia sido em vão. Duas semanas passaram e ninguém tinha atendido ao pedido de ajuda de Elaine. Ao menos, Marcel havia recomeçado a falar com ela outra vez.

Discutiram sobre o assunto durante algum tempo, mas depois de ela perguntar como se sentiria ele se fosse com a sua esposa e filho, os protestos abrandaram. Marcel não reconheceu apenas que ela tinha feito a coisa certa, como também permitiu que introduzisse novos textos em código nas edições seguintes até que alguém oferecesse ajuda.

Na verdade, Elaine ficara profundamente desapontada quando ninguém a contactou nos primeiros dias após a edição do jornal. Ao assumir tal risco, ela tinha a certeza de que haveria uma alma corajosa disposta a dar um passo à frente.

Embora o otimismo de Elaine tivesse sido um pouco ofuscado pela falta de uma resposta imediata, ela não compartilhou essa reação com Sarah, cuja esperança permaneceu firme.

Não que Elaine a pudesse censurar por isso quando ela própria acolhera desejos secretos acerca da sobrevivência milagrosa de Joseph. Que o informante estava enganado, que o marido estaria

ainda vivo algures, sonhando com ela da mesma forma que ela sonhava com ele, aguardando o dia em que pudessem reencontrar-se.

Nas semanas em que Manon abrigou a mãe e a criança, a cor retornou às suas bochechas pálidas e os sorrisos refletiam-se ocasionalmente no seu olhar. Testemunhar aqueles vislumbres de alegria momentânea era como ver o Sol romper por entre uma sequência de dias nublados. É verdade que o quarto no armazém não garantia os confortos aos quais Elaine se acostumara, mas os efeitos de Sarah e Noah em Manon valiam bem o sacrifício.

Aqueles eram os momentos que mereciam ser celebrados, os fiapos de alegria num mundo cinzento e doloroso para Elaine.

Dezembro substituiu o frio de novembro por gelo, os seus dias escuros pareciam ainda mais sombrios sob a mortalha do luto de Elaine. O trabalho mantinha-a ocupada, sim, mas nada parecia preencher o abismo cavado na sua alma pela morte de Joseph.

No dia seguinte seria a *Fête des Lumières*, um dia para homenagear a Virgem Maria por ter salvado Lyon da peste no século XVII. Desde então, todos os anos era realizada uma procissão dedicada à Virgem — apelidada de Nossa Senhora de Lyon — em sinal de gratidão.

Elaine lembrou-se de um dezembro em que ela e Joseph passaram férias em Lyon, antes da ocupação nazi, quando o rio brilhava com milhares de luzes e vendedores a chamar a multidão. As suas bancas estavam repletas de café aromático e cones de papel com batatas fritas acabadas de sair da frigideira, incrustadas com cristais de sal e fumegando no ar gelado quando partidas ao meio.

Na outra margem do Ródano havia as casas aglomeradas umas sobre as outras, em tons pastel de rosa, amarelo e azul e, no topo do monte, a estátua da Virgem erguia-se orgulhosa na Basílica de Fourvière. Joseph abraçara Elaine, o seu calor envolvendo-a, o seu aroma ainda mais reconfortante. Nesse momento o primeiro conjunto de fogos de artifício disparara no céu noturno — o seu brilho refletido na superfície agitada do rio. Brilhara ininterruptamente à medida que dezenas de fogos de artifício enchiam o céu de fumo e mostravam como a Nossa Senhora de Lyon permanecia iluminada para sempre no topo da basílica, enquanto os guardava lá em baixo.

Elaine tentou reter a memória o máximo de tempo que podia, mas esta varreu-se dos seus pensamentos, soprada como as nuvens de fumo dos fogos de artifício naquela noite longínqua.

Aquelas celebrações pertenciam a uma vida anterior. Aquelos momentos tranquilos com Joseph pareciam ainda mais distantes. Elaine não pôde deixar de se perguntar se alguns achariam que a Nossa Senhora de Lyon os havia abandonado, deixando a sua cidade outrora sagrada e os lioneses devastados pela fome e pelo medo, debaixo da mortalha lançada pela bandeira nazi da cor do sangue.

Sobretudo com tanta gente de luto pela perda dos seus entes queridos. Como lhe sucedia agora com Joseph.

Ela tinha um trabalho a fazer. A tarefa iminente afastou-a do seu devaneio.

Uma olhadela ao seu relógio confirmou que eram quase 21h15, o horário noturno em que a *Radio Londres* emitia a partir dessa cidade.

O delicado relógio era um modelo *Type 18* da *LIP*, que fabricava relógios desde o início do século XIX. A pulseira era de couro castanho texturado, com um elegante mostrador retangular folheado a ouro, e tinha sido um presente de casamento de Joseph. Até há pouco tempo, ela só o usava de vez em quando, como uma joia — dependendo da sua roupa —, pois habitualmente permanecia guardado em segurança no respetivo estojo delicado.

Agora aquele acessório tornara-se um objeto de uso corrente. De alguma forma, lembrava-a de que Joseph pensara bem nela quando o escolheu, de como os seus dedos se moveram suavemente sobre a fina bracelete enquanto ele a ajudava a colocá-lo no pulso pela primeira vez, do sorriso orgulhoso quando ela usava o relógio — aquelas eram memórias que lhe traziam conforto.

O ponteiro dos minutos marcava as 9h15.

Ela inclinou-se sobre a mesa e girou o botão para ajustar a afinação o melhor que pôde. Não importava o quão perfeitamente alguém deslocasse a agulha para o local exato, a mensagem seria sempre obscurecida em parte por um gemido agudo e metálico; e a irrelevante tentativa de Vichy para bloquear as mensagens provenientes de Londres, ao proibir as pessoas de ouvirem, provou ser inútil.

«*Ici Londres...*», começou por dizer aquela voz num timbre nítido o suficiente para se ouvir sobre o desagradável fundo. «Antes de começarmos, por favor, ouça algumas mensagens pessoais.»

Elaine sentou-se, com a caneta pousada sobre um pedaço de papel, pronta para apontar rapidamente as declarações sem sentido que devia seguir, comunicações destinadas à Resistência. Algumas eram para o grupo do *Combat*, outras para gente espalhada por

toda a França, e outras ainda não se destinavam a ninguém e serviam simplesmente para despistar os inimigos que tentassem decifrar o código.

«Jean tem o bigode comprido.»

«Os gatos estão num campo de lavanda.»

«A avó encontrou uma cenoura grande.»

Seguiu-se uma série de proclamações igualmente ridículas. Marcel e Antoine foram os únicos que conseguiram descodificar as frases a partir dos detalhes pertinentes e necessários. Quando as «mensagens pessoais» da *Radio Londres* terminaram, seguiu-se o habitual programa denunciando as notícias falsas da Alemanha. As informações compartilhadas naquela transmissão geral e não codificada eram essenciais para os artigos dos jornais clandestinos. Não apenas para combater a desinformação e a propaganda, mas também para chamar mais cidadãos franceses para as suas fileiras. Em edições recentes instaram a Resistência a seguir o exemplo da Córsega, a ilha que se ergueu com os Aliados e que, após 25 dias de batalha, foi libertada.

A Córsega tinha sido um farol avistado em mares turbulentos, um raio de luz que atravessou a escuridão para evitar que todos colidissem contra as rochas do desespero. Se a Córsega pôde ser resgatada da mão de Hitler, também a França poderia.

Contudo, a liberdade da ilha não apenas convocou a Resistência a redobrar os seus esforços, como também enfureceu a Gestapo e a sua homóloga francesa, a Milice.

Antoine chegou bem cedo na manhã seguinte e já estava curvado, com toda a concentração, sobre o seu trabalho.

— Tenho os novos códigos da *Radio Londres* — informou Elaine

em jeito de saudação.

Ele assentiu emitindo um grunhido.

Elaine foi à cozinha e voltou com uma caneca de cevada torrada e chicória.

— Pode olhar para as mensagens quando tiver um momento?

— A probabilidade de alguém responder ao seu artigo é praticamente nula. — As unhas dele estavam azuis, no local onde os dedos apertavam a fina ponta de desenho. — Sobretudo de Londres. — Ele inclinou o seu nariz aquilino para cima e fungou.

— Ainda assim... — Ela colocou a caneca ao lado dele em cima da mesa. O vapor enrolava-se no ar gélido do armazém como uma gavinha esbranquiçada.

Antoine lançou-lhe um olhar de quem sabia exatamente o que ela estava a fazer. Mas apesar disso pegou na bebida.

Elaine sorriu e posicionou diante dele os apontamentos cuidadosamente escritos.

Ele passou os olhos pelas notas enquanto sorvia cautelosamente um golo da bebida quente, recostando-se depois para observá-las com uma atenção redobrada.

Ela sentiu um aperto no peito.

— O que é?

Ele deu uma contida e incrédula gargalhada.

— Parece que a sua mensagem foi recebida.

Elaine, surpreendida, inspirou profundamente. *Londres* recebera a sua mensagem. Ela havia previsto que alguém na França seria o candidato mais provável a oferecer ajuda. Nunca nos seus mais ousados sonhos imaginara que a ajuda viria de Londres.

— Terem recebido o seu pedido não significa que farão alguma

coisa — alertou Antoine.

— Eu sei — respondeu ela, incapaz de disfarçar o seu sorriso.

Ele retomou o trabalho com um grunhido descrente, mas ela viu o esboço de um sorriso nos lábios do homem antes de baixar a cabeça novamente. Por mais avisos que ele pudesse fazer, Elaine não iria desanimar.

Naquela tarde, ela e Jean trabalharam juntos lado a lado, preparando a tipografia para a próxima edição do *Combat*.

— *Bonjour*. — A voz musical de Nicole tilintou sobre o barulho da prensa automática.

— *Bonjour*, Nicole — respondeu Jean, com um aceno tímido. — Está linda, como sempre.

Ela agitou a mão no ar com um certo desdém, mas com um notório prazer por ouvir tal elogio.

O rosto de Jean corou.

— Devias falar com ela — encorajou Elaine em voz baixa.

Jean abanou a cabeça num gesto vigoroso de recusa. Com um suspiro, Elaine afastou-se da série de resmas tipográficas empilhadas e aproximou-se de Nicole, que parecia a meio de uma conversa séria com Marcel. Elaine ia afastar-se, mas um nome familiar chamou a sua atenção.

Josette.

— Ela está a ir-se abaixo — disse Marcel. — A desfazer-se. Não nos podemos dar ao luxo...

— Ela está bem — insistiu Nicole. — Eu cuido dela.

— Vale a pena arriscar a sua vida por ela? — pressionou Marcel.
— Arriscar a do seu pai e do seu irmão?

— Isso não é justo.

— A guerra não é justa.

Nicole avistou Elaine e chamou com um aceno, a sua expressão de alegria forçada, o rosto ruborizado.

— *Ma chérie*, como estás? — perguntou Nicole, abraçando-a.

— Preocupada — respondeu Elaine com honestidade, numa voz que sabia impercetível para Marcel. — Com a Josette. E com o facto de a queres ajudar.

Nicole riu-se com o aviso.

— Ela vai ficar bem.

— Ela não está bem, Nicole.

Algo tremeluziu nos seus olhos azul-pálido, mas ela descartou-o tal como fazia com todas as preocupações que se atravessavam no caminho, como se não passassem de mosquitos irritantes prontos a ser esmagados. De facto, ninguém em toda a França possuía a bravura de Nicole, o que deixou Elaine ainda mais preocupada.

— Não sejas medricas, Elaine. — O olhar dela era gentil quando disse aquilo. — Confia em mim, por favor.

Elaine assentiu com lentidão, mas mesmo assim não conseguiu impedir que os seus argumentos internos atacassem a fé equivocada de Nicole. Porém, a amiga era uma força da natureza, mais até do que Denise. Nicole não podia ser advertida; ela teria de ver por si própria.

Elaine só podia esperar que isso acontecesse antes de ser demasiado tarde.

Naquela tarde, depois de a tipografia estar preparada e de a última edição estar a ser impressa automaticamente, Elaine decidiu

esquecer a conversa com Nicole e fazer uma visita a Manon. Um encontro anterior com um fornecedor do mercado negro deixara a cozinha do armazém abastecida o suficiente para levar alguns alimentos adicionais a Sarah e Noah. Com o maior cuidado, Elaine embalou no seu cesto um saco de lentilhas que poderia durar toda a semana, dois ovos e um precioso frasco de compota de morango. Este fora caro, contudo, Elaine lembrava-se do prazer de Noah com a guloseima e isso fazia com que a despesa valesse a pena.

Uma vez no apartamento de Manon, bateu à porta e gritou.

— *Bonjour*, prima.

A porta abriu-se e Manon saudou Elaine com um sorriso discreto, mas genuíno. Ela acenou para que Elaine entrasse depressa. Assim que a porta se fechou, um pequenino rosto espreitou pela porta da sala principal.

— É o Noah? — perguntou Elaine.

O rosto dele abriu-se num sorriso, e ele correu em direção a ela de braços abertos. Ela pousou o cesto no chão, com cuidado, e apanhou-o a meio da corrida, agarrando-o contra si para evitar que caíssem.

Provavelmente, a reação devia-se à comida que conseguia trazer a cada visita, mas, independentemente disso, ela continuava a deliciar-se com a excitação dele.

Talvez se o seu ventre tivesse sido mais propício, ela pudesse ter agora um filho como Noah, com os olhos escuros iguais aos seus e a mente afiada de Joseph. Eles poderiam ter sido uma família, passeando juntos na margem do Ródano, com brioche salpicado de praliné cor-de-rosa nas suas mãos e pura felicidade nos seus corações.

Ela havia perdido uma parte de Joseph por nunca ter tido filhos seus. A aspereza dessa percepção atingiu-a no peito, visceral e lancinante.

— Não esteja triste, Elaine. — Noah olhou-a com os seus grandes olhos cor de avelã.

Ela pestanejou e limpou depressa a sua mente daqueles pensamentos negativos.

— É claro que não estou triste. Hoje é a *Fête des Lumières*.

Sarah encostou-se à porta e observou o filho, com os braços cruzados placidamente sobre a sua camisola rosa-claro. Um olhar de orgulho fazia-a sorrir abertamente.

Elaine tirou as lentilhas do cesto.

— Trouxe comida.

— Não era preciso — repreendeu Manon. Mas ainda assim, ela aceitou o pequeno saco.

— Agora vocês são muitos para as suas senhas apenas. — Elaine retirou com curiosidade os dois ovos; as suas cascas ainda estavam intactas, graças ao cuidado durante a caminhada.

Sarah juntou-se a eles e aceitou os ovos gentilmente.

— Onde encontrou isto?

— Alguém do mercado negro foi ter connosco antes. — Elaine enfiou a mão no cesto uma última vez. — E foi assim que consegui comprar isto. — Ela ergueu o frasco para que o vissem bem. A luz atravessou a viscosa compota vermelha, deixando o conteúdo brilhar.

O rosto de Noah irradiava alegria.

— Segura com as duas mãos. — Elaine colocou o frasco nas suas palmas das mãos. — E leva-o para a cozinha.

Noah fez o que ela pediu e caminhou com um cuidado exagerado, como um acrobata no arame, o seu corpo tenso devido à concentração, considerando a sua coordenação precária de criança.

— Foi muito gentil da sua parte trazer estes alimentos. — Sarah pairava sobre Noah, depois depositou os ovos na cozinha e voltou para falar com Elaine. — Manon nunca conta muita coisa, mas sei que estamos a ficar sem abastecimento. Sobretudo porque o Noah come muito.

— Ele é um menino em crescimento. — Elaine pegou no cesto vazio. — Deixe-o comer o que ele quiser.

— Soube de alguma coisa? — perguntou Sarah, interrompendo ligeiramente a sua compostura, o que denotava a sua tensão.

— Londres confirmou ter recebido o meu pedido. — Elaine teve de se esforçar para que a emoção não se notasse na sua voz. — Mas isso não garante...

— Eu sei — disse Sarah de imediato. — Mas *Londres*. — Ela apertou as mãos sobre o coração, como se trancasse a esperança dentro de si para que não desaparecesse. — Isso é mais do que eu podia imaginar.

— Darei o meu melhor — prometeu Elaine.

Os olhos de Sarah encheram-se de lágrimas.

— Obrigada.

Naquela noite, quando o Sol desceu atrás das colinas para lá das ruínas romanas da antiga cidade de Lugdunum, aconteceu um milagre. A luz suave e dourada das velas ocupava as janelas de Lyon. Havia apenas algumas almas corajosas determinadas a participar da celebração, mas as ruas escuras iluminaram-se com o brilho etéreo da sua bravura.

Não foi um frenesim de fogos de artifício comemorativos nem uma procissão subindo a colina íngreme até à basílica, mas sim uma exultação de amor pela Nossa Senhora de Lyon, com o pouco que alguns guardavam para oferecer.

Elaine caminhou lentamente para casa naquela noite, saboreando o calor que iluminava o seu caminho, mesmo com o vento cortante que soprava do Ródano. Pela primeira vez em muito tempo, por entre a contemplação silenciosa da *Fête des Lumières*, Elaine sentiu que a sua dor dava lugar a uma réstia de esperança.

Josette estava atrasada.

Elaine olhou discretamente para o seu pequeno relógio de pulso, que mostrava que já passava das 18 horas, muito depois da hora a que Josette devia ter chegado. Secretamente, Elaine desejava que a jovem não chegasse, que Marcel tivesse conseguido convencer Nicole de que Josette precisava de um tempo para acalmar os seus nervos agitados.

Enquanto o pensava, Elaine não conseguiu deixar de sentir uma ponta de culpa. Ela não culpava Josette pela fragilidade da sua condição. Era provável que qualquer pessoa pudesse sofrer um colapso daqueles. Todos viviam em alerta constante perante um frio olhar alemão que se demorasse um pouco mais, ou face a uma série de passos marchando ao mesmo ritmo num beco estreito, ou mesmo um rosto desconhecido entre os habituais. Como poderiam não o sentir quando o perigo era tão omnipresente?

Ainda assim, os jornais tinham de ser entregues nos devidos

locais. Elaine olhou para a pilha de papel de jornal, a tinta tão fresca que o seu cheiro a pó pairava no ar.

— Será que a Josette vem? — perguntou ela em voz alta.

A boca de Marcel cerrou-se numa fina linha. Mesmo que Josette chegasse à hora destinada, ele provavelmente não concordaria em aceitar a ajuda dela.

Havia orgulho na edição atempada dos jornais, no facto de a sua equipa ser pontual, não só na produção como também na distribuição dos mesmos. Não importava se algum deles podia ser preso ou que materiais se esgotavam devido ao racionamento ou não. Ou mesmo se nervos podiam levar a melhor sobre um deles. Depois de ter passado meses como uma das muitas engrenagens da máquina de imprensa clandestina, Elaine sentia uma profunda necessidade de continuar a antiga tradição de impressão que atingira o auge em Lyon durante o Renascimento, quando a cidade era o principal centro de produção em toda a França.

— Eu vou tratar da entrega da Josette — ofereceu-se ela. — Já terminei o que havia para fazer hoje na Minerva. — A pilha de jornais estava numa fila organizada sobre a mesa ao lado da antiga prensa.

Jean ergueu a cabeça atrás da máquina de linótipo, com os seus dedos pairando sobre as teclas enquanto o rápido estalo da sua digitação ficava em suspenso.

— Eu posso fazer isso.

Marcel considerou-o por momentos.

— Preciso da chapa finalizada dentro de uma hora, para que eu possa terminar esta impressão no próximo jornal ainda hoje.

Isso significava que era um trabalho que apenas Jean poderia

fazer. Elaine ainda era desajeitada naquele teclado em língua estrangeira. Certamente muito lenta para completar a peça a tempo de Marcel colocar a máquina a funcionar.

— Não seja tonto, demoro apenas alguns minutos. — Elaine levantou-se e vestiu o casaco antes que Jean pudesse insistir em substituí-la. — Estarei de volta antes de acabarem isso.

Ao longo dos últimos meses, os homens tinham-se tornado extraordinariamente protetores em relação a Elaine. Ainda mais depois da morte de Joseph, embora tivessem, por fim, parado de a tratar como se ela estivesse prestes a partir-se, como a pobre Josette. Sempre cuidaram dela com preocupação — fosse pela possibilidade de ser presa ou pelas suspeitas dos nazis, ou como agora — detestavam mandá-la para fora a meio do brutal frio de dezembro.

Ela embrulhou os jornais e escondeu a pilha no seu cesto de compras.

— Voltarei a tempo de verificar a chapa de impressão quando chegar, não se preocupe.

— Os seus olhos são os mais aguçados — disse Jean, sempre generoso nos elogios.

Com um aceno amigável por cima do ombro, Elaine saiu do armazém e confrontou-se com o choque daquele vento invernos. Quanto mais arrefecia, mais difícil era reter o calor. Os corpos eram muito leves; o combustível, bastante escasso, e o frio, demasiado penetrante.

Todos eles faziam o que podiam naquele mundo subterrâneo, pela persistente batalha de resistir aos opressores. A parte dela, agora, era entregar os jornais e evitar ser notada pelos nazis.

Uma rajada de vento gélido queimava-lhe a ponta do nariz e ardia-lhe nos olhos. Ela cerrou os olhos o máximo que pôde para minimizar o desconforto, ao mesmo tempo que lhes permitia uma pequena fresta para ver a rua à sua frente sem bater numa parede ou tropeçar num lancil. Mais fácil falar do que fazer na escuridão daquele pôr do Sol do início de inverno.

Os elétricos estavam parados devido a um ataque da Resistência naquele dia. Não havia mais nada a fazer senão caminhar. O jornal não chegaria atrasado por sua responsabilidade.

Apressada pelas rajadas de vento, correu para o local de entrega nos arredores de Croix-Rousse. O pátio do prédio estava vazio e às escuras. Mas, enfim, o inverno era uma época tão sombria. Os ramos estavam despidos de folhas a lembrar membros esqueléticos e o céu pesava num cinzento opaco que se refletia no Ródano, banhando o mundo numa existência sem graça e sem cor.

Uma luz fraca brilhava no corredor onde se localizavam as caixas de correio, iluminando apenas o espaço aberto e húmido encaixado no prédio.

Ao canto do pátio havia um caixote que se podia usar para carregar mercadorias ou simplesmente para servir de apoio para espreitar através das janelas. A caixa de madeira aparentava estar ali há tanto tempo, as tábuas estavam manchadas de negro e abauladas, com um borrão de lama espessa e de cascalho a cobrir o lado de fora. Elaine deslizou para a sombra junto à parede, levantou o caixote debaixo do qual a terra permanecia seca e, cuidadosamente, depositou os jornais nesse espaço. Quando retirou a mão, as pontas dos dedos estavam molhadas e sujas de uma substância orgânica, negra e verde, que ela preferiu nem identificar.

Esfregou as mãos para as limpar o melhor que pôde. A envolvente era desoladora — as paredes lascadas, o nicho com apenas uma lâmpada, a iluminação quase abafada por um eclipse de traças.

Qualquer coisa à distância estalou e a luz apagou-se, cobrindo-a de uma escuridão que a desorientou por momentos.

Naquele instante, ela estava completamente sozinha na glacial escuridão do mundo.

A imensidão da mágoa cresceu dentro de si, sem qualquer calor ou vida. Naquele momento, o pátio tornou-se um espelho imediato da sua própria alma, transportando a agonia da sua dor, do seu luto. Ela cambaleou de volta para a rua e esforçou-se para respirar, mesmo que isso lhe queimasse os pulmões. Mais por hábito do que de propósito, ergueu o relógio de pulso e percebeu que eram quase 20 horas.

A *Radio Londres* começaria a emissão em breve, pouco depois de ela regressar se se apressasse. Poderia haver mais detalhes relacionados com Sarah e Noah.

O pensamento despertou-lhe os sentidos, arrastando-a do marasmo pelas suas pesadas botas.

— Alto!

Ela deu meia-volta e deparou-se com um oficial alemão imediatamente atrás de si.

— O que está a fazer aqui? — questionou ele em francês.

— Eu vim visitar uma amiga — disse ela, enquanto a sua mente tentava acompanhar a mentira que a sua boca expeliu.

— Uma amiga. — Os olhos semicerrados dele brilharam na

escuridão como algo maligno e despojado de alma. — Este prédio foi desocupado, todos os moradores foram presos hoje à tarde.

— Isso explica porque é que a minha amiga não estava — respondeu ela num tom delicado, mas com a pulsação acelerada. — O que fizeram eles para serem todos presos?

Ainda que fingisse não estar a par, ela sabia. O medo arrepiava-lhe o couro cabeludo e gritava-lhe para correr. Alguns meses antes teria sido capaz disso. Antes de a Córsega vencer a batalha pela sua libertação dos opressores nazis.

Agora, os alemães atiravam sem questionar, inundavam as ruas de sangue, determinados a manter o seu domínio sobre a França.

O oficial chamou alguém em alemão. Um menino-soldado de rosto lavado, que nem parecia crescido o suficiente para se barbear, emergiu das sombras, além do círculo perfeito de luz amarela emitida por um candeeiro de rua.

— Entra e verifica se foi colocada alguma mensagem lá dentro. — O oficial falou em francês, para que ela o entendesse.

Elaine usou toda a sua força de vontade para recriar uma expressão neutra, recusando-se a deixar escapar o medo que vibrava em todas as células do seu corpo. Se encontrassem os jornais, seria assassinada.

Eles esperaram por longos momentos, enquanto o rapaz fazia o que lhe fora ordenado. Ela cerrou os dentes para os impedir de bater, tanto de terror quanto de frio. O oficial parecia impermeável ao clima, provavelmente por causa do casaco pesado e da sua barriga proeminente. O soldado apareceu alguns minutos depois e falou em alemão.

O oficial olhou para Elaine e o pavor ferveu-lhe na pele.

Teriam encontrado os jornais?

— De certeza que ele provou a minha inocência — disse ela num tom brusco, rezando para que fosse convincente.

O oficial não se dignou a responder. Nem parecia convencido. Em vez disso, ele alcançou-a com a mão, de modo hostil, não a deixando sair de onde estava.

— Está presa.

DEZASSETE

Ava

Todos os dias, James encontrava-se com Ava à porta do seu prédio para caminharem juntos até ao quiosque, e todos os dias ele tinha a mesma resposta sobre a possibilidade de um plano de resgate para a mãe e a criança judias em Lyon: «Ainda não há novidades.» Embora Ava estivesse relutante em aceitar a oferta dele em acompanhá-la pela manhã, teve de admitir que não tinha visto o alemão desde que James começara a ir com ela.

Além do mais, Afonso acenava num gesto silencioso que confirmava se estava tudo bem. Assim, esse tempo passou sem incidentes e o Dia de Ação de Graças chegou e passou. A ocasião foi celebrada através de um encontro tranquilo na embaixada, com muito mais aves assadas, molhos pesados, batatas e inhame cristalizado do que qualquer um deles conseguiria comer. Ava havia convidado James, por brincadeira, que recusara respeitosamente.

Na semana seguinte, a nova edição do *Combat* chegou às mãos de Ava com uma mensagem semelhante que havia sido colocada noutro artigo. O que significava que o pedido de ajuda ainda não tinha sido respondido. A recorrência assaltava-lhe o pensamento muitas vezes, de tal modo que ela tentou encontrar um caminho mais direto.

Porém, todas as tentativas para obter ajuda por parte dos Estados Unidos foram recebidas com uma rejeição inflexível de Sims e de qualquer outra pessoa em Washington a quem ela conseguisse telefonar.

Novembro passou e veio dezembro, com o Natal a trazer uma pequena árvore triste a um canto do apartamento de Ava, carregada de enfeites como a sua mãe sempre lhe fazia na infância. Por baixo da árvore havia um V-Mail de Daniel, que ela guardou para abrir depois e tornar o dia mais especial. Mas trouxe-lhe pouco conforto quando a leu, pois foi incapaz de bloquear a imagem dele a saltar de um avião para o abismo e a abrigar-se algures numa trincheira gélida. Estes pensamentos deixaram-na de lágrimas nos olhos e com uma dor cavada no peito.

James apareceu depois com um peru assado, grande demais para os dois, e com todos os doces que conseguira encontrar — todos a brilhar com crostas de açúcar e alguns com transbordantes compotas coloridas. Ele levou-lhe também um presente, uma nova sacola, larga o suficiente para guardar os jornais da sua recolha diária. Foi uma sorte ela ter comprado também um presente para ele: um exemplar de *Um Estudo em Vermelho*, o primeiro livro em que figura Sherlock Holmes, e que James recebeu com um sorriso expressivo.

Quando o Ano Novo chegou, não havia sequer discussão sobre se eles iriam passá-lo juntos. Foram simplesmente até ao Palácio no Estoril, onde beberam champanhe e petiscaram canapés, vestidos com as suas melhores roupas. O que não se antevia foi o beijo que deram à meia-noite e o facto de James não ter precisado de recitar um único verso para a convencer.

Aquele beijo nunca mais foi mencionado, mas quando Ava olhava para a data, uma névoa de champanhe e alegria impediam-na de se lembrar exatamente se fora ele a tomar a iniciativa... ou ela. Independentemente disso, nenhum dos dois abordou novamente o assunto e a primeira semana de janeiro passou sem cerimónias.

Ava recebeu mais uma cópia do *Combat* através de Otto, e dessa vez já não havia nenhuma mensagem codificada, o que lhe trouxe uma sensação de incerteza. Haviam desistido ou já tinham sido resgatados?

As duas possibilidades continuavam a intrigá-la quando se juntou a James na manhã seguinte para fazer as suas rondas habituais pelos quiosques e livrarias de Lisboa.

A gola do seu casaco escuro de lã estava levantada para se proteger da aragem fresca de janeiro, que não era de forma alguma comparável ao frio cortante de Washington. Ainda assim, o ar frio nas suas pernas, sob a saia azul-marinho, fê-la sentir falta de épocas em que os collants eram fáceis de encontrar. Ela também estava contente por não ter alinhado num penteado estilo «refugiado» quando o tempo estava quente, assim designado devido ao cabelo curto, em voga na Europa, quando os refugiados fugiam dos seus lares. Os longos cabelos, puxados para trás e para cima num discreto estilo *victory roll* do lado direito, mantinham-lhe o pescoço quente.

— E se eu te disser que trago boas notícias? — James olhou em redor enquanto caminhavam, o seu olhar varrendo as ruas, vigilante mesmo quando ela se distraía de modo complacente.

Ava ficou imóvel e o seu coração ousou bater um pouco mais rápido, pela antecipação do que ele poderia dizer.

— Eu não acredito.

— Não acreditas? — Ele lançou um sorriso encantador na sua direção, o que a fez perguntar-se novamente se não teria sido ela a beijá-lo à meia-noite na véspera de Ano Novo.

— Suponho que depende do que me disseres — respondeu ela cautelosamente, com medo de ganhar falsas esperanças. Não quando algo tão frágil podia ser tão facilmente esmagado, e sobretudo quando a probabilidade de sucesso era baixa.

Ele virou-se para ela.

— A Grã-Bretanha vai ajudar.

— Como? Quando?

— Tomaram a decisão há pouco e têm planos em andamento. Eu não pude partilhar a notícia até agora. — Ele fez uma careta. — Desculpa-me.

Ela deu uma gargalhada sonora de descrença.

— Não é necessário qualquer pedido de desculpas. Isto é incrível! Como conseguiste finalmente uma resposta?

Ele pôs as mãos nos bolsos.

— Tive de pedir alguns favores. Agora sou eu quem está em dívida, mas o custo vale a pena. Fá-lo-ia novamente, já a seguir, só para sabê-los seguros.

Era uma das muitas coisas que ela descobrira sobre James ao longo do tempo que haviam passado juntos — ele importava-se realmente com aqueles que estavam encurralados na Europa enquanto lutavam pela sua segurança. Ele nunca se referira a essas pessoas como refugiados e chamava-os pelos seus nomes, perguntava pelas suas famílias e discutia com eles detalhes sobre os seus antigos empregos. Num mundo onde se sentiam como que

despojados da sua pele e da sua personalidade, James lembrava-os de quem ainda eram, e que tinham toda a importância.

E mesmo que essas interações tornassem a recolha de jornais muito mais demorada a cada mesa na qual ele parava e conversava, ela não se importava nada com isso. Na verdade, juntava-se a ele e trazia o habitual sortido de livros e guloseimas para as crianças.

— Eu é que estou em dívida para contigo — disse Ava. — Eu nunca poderia ter feito isto sem a tua ajuda. Não apenas pela ajuda para transportar a mãe e a criança até aqui, como também para decifrar o código.

— Não me deves nada — protestou James. — Estou contente pelo resultado. Porém, quando chegarem aqui a Lisboa, terás os teus próprios obstáculos a vencer para conseguir levar a família até à América.

Ela engoliu a sua agitação e fez um aceno firme.

— Eu consigo fazer isso.

E conseguiria mesmo.

De alguma forma.

O aroma quente e aveludado do café flutuava na brisa gelada, lembrando que as bebidas os esperavam no pequeno café da esquina do Rossio. Visitavam-no tantas vezes, todos os dias à mesma hora, que o dono tinha passado a servir as bebidas deles na mesa habitual.

James devia ter pensado o mesmo que Ava e gesticulou para que ela seguisse à frente.

— Já estiveste em Sintra? — perguntou ele abruptamente.

Ela franziu o sobrolho e abanou a cabeça.

— Confesso que não li muito sobre Sintra, mas sei que tem um palácio.

— Não se pode vir a Portugal e não ir a Sintra. — Ele parou no quiosque de Afonso e trocou uma saudação com o dono.

Assim que Ava guardou o maço de jornais na sua sacola, agora perfeitamente encaixados com uma aba que fechava sem problemas, graças a James, retomaram ambos a caminhada em direção ao Rossio.

Um carro aproximou-se e esperaram que ele passasse antes de atravessarem a rua.

— Vou a um jantar no Palácio de Monserrate, daqui a dois dias, e ficaria honrado se me acompanhasses — disse James.

O carro passou veloz e o vento que deixou atrás de si agitou a saia de Ava e despenteou-lhe o cabelo. Ela passou a mão cuidadosamente sobre o seu *victory roll*.

— Um palácio? Como poderia eu recusar?

— Tinha esperança de que fosse essa a tua resposta.

Viraram na praça do Rossio e James foi imediatamente interpelado por franceses, numa das mesas, que o saudaram com um aceno.

James tinha razão ao prever a dificuldade em garantir passagens para a mãe e criança. Ava sabia disso. Mas embora a tentativa de ajudar Lamant há muitos meses lhe tivesse mostrado tudo o que fizera erradamente, agora tinha ainda menos hipóteses.

— Como assim, não sabe os nomes deles? — perguntou Peggy, com uma expressão algo carregada.

— São os do artigo que lhe mencionei antes, o do *Combat* — explicou Ava.

— Desconhecia que não sabia os nomes deles. — A perna direita de Peggy estava cruzada sobre a esquerda, e agora balançava para a frente e para trás enquanto ela franzia os lábios esforçando-se por pensar. — Não tenho ideia de como pode iniciar o processo sem essa informação. Tem de jurar pelo caráter deles numa declaração de honra, garantindo que são boas pessoas. Como é que pode fazer isso quando nem sabe os nomes?

Embora fosse um bom argumento, isso não atenuou a crescente frustração de Ava.

— Existe alguma maneira de eu começar este processo antes da chegada deles?

A perna de Peggy parou de balançar e ela cruzou os braços.

— Não.

— Eles precisam de vistos de trânsito, pelo menos.

— Para quem seriam atribuídos? — perguntou Peggy.

Na verdade, ela deveria ter dito «a quem», mas Ava absteve-se de apontar o erro, no interesse da precária situação.

— Nós trabalhamos para a embaixada americana — protestou Ava. — Certamente teremos alguma influência.

Peggy abanou a cabeça, fazendo com que os seus caracóis ruivos ondulassem em volta do rosto.

— Vai demorar algum tempo, mesmo que esteja aqui a tentar fazer por eles. Vai precisar de uma declaração de apoio para demonstrar que eles se podem sustentar sem ajuda financeira, uma vez na América, mais as declarações de honras que mencionei, bem como seis cópias do Formulário B com o seu pedido.

— Seis?

— São algumas páginas, frente e verso. — Os lábios vermelhos de Peggy desenharam uma linha de simpatia quando ela assentiu. — Eu posso ajudá-la a preenchê-los quando chegar o momento.

Ava fez-lhe um aceno triste, mas agradecido.

— Também pode tentar travar amizade com os funcionários e oficiais da delegação, lá em baixo. — Peggy encolheu os ombros. — Eles estão cheios de trabalho e quase no limite. Tenho a certeza de que algum reconhecimento vai adiantar caminho.

Embora estivessem todos no mesmo edifício, Ava quase nunca via os restantes funcionários da embaixada. Quando os via, os homens e as mulheres corriam com passos curtos, algures entre uma caminhada e uma corrida, de cara franzida e lustrosos com o suor.

— E pode ainda perguntar à PVDE o que deve fazer para se preparar para a chegada deles. — Peggy levantou-se e colocou a mão no ombro de Ava. — Eles podem informá-la sobre o que há a preparar, pelo menos. Todos os refugiados têm de passar por eles para permanecer em Portugal. Seja como for, vai ter de falar com eles. Mais vale obter já algumas informações prévias.

Foi mais uma boa sugestão e, mal Ava acabou de fotografar os livros e periódicos que ela e Mike tinham acumulado nos últimos dias, dirigiu-se ao Chiado onde ficava a sede da PVDE, na Rua António Maria Cardoso.

Ava subiu a rua inclinada e entrou no grande edifício, sentindo-se como se tivesse penetrado nas entranhas do monstro.

Não temos nada a temer, a não ser o próprio medo. A citação de Júlio César ressoava na sua mente, empurrando-a para a frente.

Os seus saltos troavam no chão polido e ecoavam nas paredes frias. Um homem de fato preto, sentado à secretária, olhou para cima; o seu rosto absorto e sem demonstrar interesse.

Era um homem de meia-idade e dir-se-ia que não estava em forma, exibindo um brilho prateado no seu cabelo escuro. Apesar da sua aparência afável, Ava sabia que não era bem assim.

Qualquer pessoa que estivesse mais de um mês em Portugal conhecia a polícia secreta e a sua brutalidade. Dizia-se que haviam sido treinados em técnicas de tortura pela Gestapo. Por mais gentil que o povo português fosse para com os refugiados, a PVDE poderia ser igualmente cruel. Inflexíveis com as regras, pedantes com os detalhes e rápidos na execução dos castigos. Quando as pessoas entravam na prisão, nem sempre saíam, e mesmo as que saíam traziam histórias aterrorizantes para contar.

Ela conteve um calafrio e dirigiu-se ao oficial em português, perguntando se havia uma maneira de registar a mãe e a criança agora e fornecer os seus nomes mais tarde, ou se havia algo que pudesse fazer para se preparar para a chegada. Intencionalmente, ela omitiu os detalhes de como vinham eles e de como ficara a par da sua existência. A PVDE deveria manter-se imparcial perante os dois lados da guerra, preservando a alegada neutralidade por parte de Portugal. Nem todos seguiam as regras, porém, e não era incomum encontrar alguns ao lado dos Aliados e outros ao lado do Eixo.

O homem suspirou, irritado com uma pergunta que ele, aparentemente, considerou descabida.

— Quando eles vierem, certifique-se de que se registam aqui. —

A sua expressão era severa. — Ou eles vêm todos os meses, ou nós iremos ter com eles.

Ava condescendeu um sorriso doce à ameaça daquele homem careca.

— Eu não pensaria em agir de outro modo.

O único lugar, além daquele, em que ela conseguia pensar para recolher ideias ou informações, e do qual por algum motivo se havia esquecido, era o CJDC. Enquanto saltava para o elétrico, a sua mente já percorria todos aqueles que alguma vez conhecera em Washington e pensava em como poderiam ajudar. Ava não era daquelas pessoas que tinham imensos amigos próximos. Ela também não tinha muitos conhecidos, pela sua forma de ser. E, certamente, nenhum deles em posição de dar apoio numa situação como a presente.

Ela percebera isso há bastante tempo, ao tentar encontrar uma maneira de Lamant obter um visto de trânsito para a América.

O elétrico deixou-a na paragem e ela percorreu o resto do caminho em direção ao habitual edifício branco, aproveitando o calor do Sol naquele frio dia de janeiro. Crianças perseguiram-se umas às outras a jogar à apanhada, enquanto os pais bebiam café e chá, envolvidos nas suas tristes conversas em surdina. Os rostos mudavam de tempos em tempos, mas a situação era sempre a mesma. Adultos à espera de que as crianças se distraíssem para sussurrarem os seus receios uns aos outros.

E se o visto não chegasse a tempo e a PVDE fosse buscá-los? E se não conseguissem obter um bilhete de barco e tivessem de iniciar o processo a partir do zero? E se o dinheiro acabasse? E se a Alemanha atacasse Portugal e eles não tivessem para onde ir?

O pior de tudo era que não havia respostas para nenhuma daquelas perguntas. Também não havia resposta para Ava, sem dúvida, mas ela não desistiria antes de pedir conselho à pessoa que, provavelmente, melhor conhecia todas as falhas do instável e perturbador sistema de vistos portugueses.

Ethan atirou por cima do ombro a toalha com a qual estava a limpar uma mesa.

— Ava, como sabia que devia vir cá?

Ela riu-se, bem-disposta.

— Porque precisam sempre de mais um par de mãos.

Ele abanou a cabeça, sem sorrir, e foi quando ela percebeu que os olhos dele estavam vermelhos.

— Ava... — O nome dela saiu-lhe de uma forma zangada e sentida, que a deixou em alerta.

— O que se passa?

Ele pestanejou e uma lágrima caiu-lhe pelo rosto. Ele afastou-a.

— Foi o Otto.

— O Otto? — O sangue gelou-se-lhe. — O que é que aconteceu?

— Ava... ele...

Ela olhou para Ethan, o seu coração apertado pelo medo.

— Ele, o quê?

— Ele acabou com a sua própria vida.

Tudo ao seu redor congelou naquele instante. Ela permaneceu imóvel, atordoada, a sua mente a debater-se com a enormidade daquela notícia.

— Porquê? — sussurrou ela, enquanto as perguntas se

sucediam. — Quando? Como?

Ethan passou o dedo indicador e o polegar sobre os olhos e fungou.

— Foi encontrado esta manhã, com um frasco vazio de comprimidos de morfina ao lado da cama e um bilhete.

Comprimidos de morfina. Infelizmente, tornara-se uma maneira comum de pôr termo à vida, um golo amargo seguido por um cobertor de sono sem sonhos do qual já não se acordava.

Otto era um homem que havia lutado pelo seu sucesso, por uma oportunidade. O que poderia fazer um homem tão determinado desistir ao fim de tanto tempo?

— Porquê? — perguntou ela. — O bilhete dizia porquê?

— Recusaram-lhe um visto americano, de novo — disse Ethan, pausadamente. — Ele já tinha tentado duas vezes, e esperou os seis meses entre as rejeições antes de tentar novamente. Acho que depois da terceira vez...

— Se ele me tivesse contado, talvez eu pudesse ter...

Ethan abanou a cabeça.

— Os pais dele eram alemães. Não havia nada que pudesse ter feito.

A dor estrangulava o peito de Ava perante a verdade das palavras de Ethan. De facto, não havia nada que ela — ou qualquer outra pessoa — pudesse ter feito por Otto. Um sistema intrinsecamente errado deixara-o ficar para trás.

— Ele deixou algo para si — disse Ethan num tom gentil. — Um instante, por favor. Ethan desapareceu no escritório, deixando Ava de pé no local onde estava; o corpo dela entorpecido.

Ava olhou em redor da sala, sem ver nada. Como poderia ver,

quando os seus pensamentos transbordavam? Ela tinha intenção de ver Otto depois de falar com Ethan, para aproveitar o cheiro doce e familiar do seu cachimbo e contar-lhe sobre a mãe e o filho que em breve chegariam a Lisboa. Para lhe pedir conselhos.

Como é que não percebera a gravidade do seu sofrimento? Como é que ele tinha ocultado tanto desespero?

A sala ficou turva.

— Ava. — Ethan colocou a mão quente no ombro dela.

Ela olhou para ele. A garganta doía-lhe, com uma emoção que não lhe permitia falar.

Ele estendeu-lhe um maço de papéis. O *Combat* visível em cima. Ela abanou a cabeça com veemência. Ava não queria que o último ato dele fosse recuperar jornais para si. Ele era muito mais do que isso.

— São só estes. — Ethan vasculhou a pilha, encontrando primeiro a carta já gasta de Petra e depois um segundo envelope com o nome de Ava, à frente, escrito em letras curtas e elegantes.

— O que é isso?

Ethan entregou-lhe a pequena pilha, o envelope espesso que parecia conter várias folhas de papel.

— Eu creio... — Ele aclarou a voz. — Eu creio que é a história de Otto e ele queria que ficasse para si.

DEZOITO

Elaine

O *Citroën* deslizava sob uma chuvada, com Elaine sentada de modo tenso no banco traseiro forrado a couro áspero, e com o oficial e o jovem nazi à frente. Eles falavam entre si em alemão, língua que ela não conseguia entender, mas reconheceu uma única palavra que a deixou sem pinga de sangue: Montluc.

Como que por milagre, conseguiu manter-se calma. Contudo, sob a superfície ela sentia uma torrente de medo, preocupação e dúvida. Se os alemães encontrassem a pilha de jornais debaixo da caixa imunda, se os prisioneiros revelassem um nome, se se descobrisse que o seu cartão de identidade era falso — talvez nunca mais fosse libertada.

De acordo com a sua própria inspeção, o documento parecia uma réplica exata dos que eram emitidos oficialmente. Mas nunca tinha sido submetido a escrutínio. Será que a sua credibilidade se aguentaria?

O carro parou e ela foi puxada do banco de trás diretamente para o dilúvio. A chuva açoitava-a vinda de todas as direções, atingindo-lhe os olhos e deixando-a momentaneamente cega. O oficial empurrou-a para um pequeno prédio, gritando-lhe ordens que ela não entendia. A sua mala foi-lhe retirada, o seu documento de

identidade apreendido para ser examinado. Felizmente, o seu cesto com o maldito fundo falso ficara na rua, onde o deixara cair ao ser detida.

Ainda que envolvida naquele confuso turbilhão, uma parte de si permaneceu calma o suficiente para protestar de modo conciso e declarar a sua inocência, alegando ser uma mera dona de casa de visita a uma amiga. Mesmo quando ninguém se dava ao trabalho de reconhecer que Elaine havia falado, ela continuava a expor as suas objeções.

Descartaram o seu documento de identidade, mostrando desinteresse, e ela suspirou de alívio discretamente. Foi empurrada mais uma vez, impelida através de outra porta para a chuva torrencial. Um ruído, como a nota inicial de uma sirene, soou ao seu redor tão subitamente que ela se encolheu.

Naquele momento em que ela congelava, encharcada e mais assustada do que gostaria de admitir, eles agarraram os ombros do seu casaco e arrastaram-na até um edifício maior; pararam quando chegaram a uma pequena antecâmara.

O seu vestido ensopado colava-se-lhe às pernas, e os sapatos tinham o dobro do peso. Uma corrente gélida percorreu a sala de paredes altas e deixou-lhe a pele arrepiada. O oficial passou-a a um guarda sem demonstrar qualquer emoção, como se ela não fosse mais do que uma encomenda a ser entregue.

O guarda levou-a para um corredor com várias portas de cada lado.

— Estou inocente — gaguejou ela.

O homem ignorou os apelos, continuando a empurrá-la para a frente com uma força que a fez cambalear.

— Por favor, eu...

Um odor atingiu-a como um golpe físico — corpos sujos e o cheiro doce e bafiento a doença. O ar fétido fervilhava de conversas em tom baixo que vibravam nos corredores ecoantes e zumbiam no cérebro de Elaine. Um tremor profundo instalou-se nos seus ossos, o frio e o medo juntos até nenhum deles se distinguir um do outro.

— Sou simplesmente uma dona de casa — declarou numa voz à qual faltava força.

O guarda arrastou-a por um lanço de escadas, os seus passos reverberando nas paredes sólidas. Um recorte no chão corria ao comprimento das fileiras de portas, refletindo o nível abaixo e o acima — imagens espelhadas um do outro. Ele conduziu-a pelo corredor até chegarem a uma porta à direita, que abriu.

Dois rostos assustados, lá dentro, encararam-na. Antes que Elaine pudesse reparar na cor dos cabelos e olhos, foi empurrada pela porta escancarada. A porta fechou-se atrás dela com um estrondo que ressoou através do poço do inferno em que havia sido aprisionada. Uma luz zenital iluminava o espaço, difundindo uma palidez amarela doentia que revelava uma pequena sala quadrada, com uma janela estreita ao fundo e uma aba de metal na parte inferior da parede ao lado da porta.

As duas estranhas olharam-na com uma curiosidade apática.

— Porque é que foste presa? — perguntou a mais alta das duas, de cabelo ruivo tão baço quanto a palidez dos seus olhos cor de avelã.

Elaine cruzou os braços sobre o peito para acalmar o calafrio que atormentava o seu corpo, enquanto o cérebro lutava para processar

o que havia ocorrido nos últimos minutos. Teria sido assim com Joseph?

Estaria ele tão confuso, assustado e oprimido por tudo aquilo quanto ela?

— Eles acham que faço parte da Resistência — disse ela, por fim, por entre dentes.

— Não fazes? — perguntou a outra. Era morena, com olhos fundos e maçãs do rosto projetadas sobre as cavidades do rosto, aquela luz fraca dando-lhe uma aparência de caveira.

— Não, não faço! — Desta vez Elaine falou sem hesitação. Ela não devia nenhuma explicação às mulheres, nenhuma verdade. Tanto quanto sabia, até podiam ser colaboradoras, colocadas na cela para comprometer os membros da Resistência.

Elaine observou o rosto esquelético cujos olhos azuis eram grandes e luminosos, contrastantes com as feições magras. Provavelmente, ela já não comia uma refeição decente há bastante tempo.

Num lugar como aquele, mesmo os que faziam parte da Resistência poderiam vender segredos por um pouco de comida.

Não, Elaine não podia colocar-se numa posição em que alguém conseguisse refutar a sua história. Era um risco demasiado grande.

— És uma colaboradora? — Os olhos da ruiva brilharam.

— Collette, basta — refilou a morena magrinha para a outra. — Ela estaria aqui se fosse colaboradora?

— Sou uma dona de casa — começou Elaine.

O sorriso frágil da mulher magra interrompeu a sua débil explicação.

— Somos todas.

Abriu-se a pequena porta metálica ao fundo da cela e uma bandeja foi empurrada lá para dentro, quase entornando a sopa aguada pela borda da única tigela. O pedaço de pão bolorento rolou do tabuleiro de metal e caiu no chão.

Não era comida suficiente para uma pessoa, quanto mais para as três mulheres. As duas olharam para Elaine, mas esta abanou a cabeça. Claramente, precisavam mais da comida. As mãos delas tremiam enquanto comiam, roubando a refeição uma à outra, mais do que passá-la entre si. Os golos ávidos foram seguidos pelo movimento das suas línguas sobre a tigela, procurando engolir o que quer que restasse. A cena fazia lembrar animais famintos, mais do que humanos.

Foi àquilo que os nazis as reduziram, famintas a ponto de replicarem um comportamento primitivo e bestial. Ter-se-ia Joseph tornado assim também?

A pulsão da dor transformou-se em raiva por tudo que os nazis haviam roubado. Vidas, carreiras, amores, humanidade. Os franceses haviam perdido tudo sob a sua ocupação brutal. Elaine também tinha perdido tudo.

Não muito depois da refeição imunda, as luzes foram desligadas, sufocando-as na escuridão.

— É hora de dormir, dona de casa — disse a morena, já sem malícia na voz.

Talvez a recusa da escassa comida tivesse garantido a Elaine alguma vantagem, afinal.

— Onde? — sussurrou Elaine.

Não havia camas na cela de betão, na qual mal caberia uma.

Para descansar no chão, as três deitaram-se lado a lado, os seus corpos aninhados e juntos, com as pernas dobradas.

— Isto é um luxo comparado com o que os homens têm, dona de casa — disse Collette em voz baixa. — Eles às vezes põem nove homens numa cela como esta.

Os pensamentos de Elaine agitavam-se ao imaginar como poderiam nove homens ficar de pé num espaço daquele tamanho, quanto mais deitados.

— Como é que eles dormem?

— Por turnos.

O calor do corpo atrás de Elaine atenuou o frio, e o casaco com o qual felizmente pôde ficar oferecia-lhe alguma proteção para os ossos salientes dos quadris contra o chão implacável. Mas ainda assim não conseguiu descansar.

Não era o roer da fome na barriga vazia, as comichões enervantes de insetos rastejando-lhe na pele ou mesmo o alarme incessante e estridente a impedir que os seus olhos se fechassem. Era a necessidade de testemunhar o que Joseph vivera quando estivera em Montluc.

Ao experienciar pessoalmente aquele desespero desolador, assombrada pelos soluços que ecoavam ameaçadoramente no espaço aberto, Elaine conectou-se com Joseph da única maneira possível. De súbito, sentiu-se grata pelas noites em que adormecera com fome para que pudesse guardar para ele um pedaço de pão ou um nabo cozido ou até mesmo um ovo. Se ao menos os seus presentes lhe tivessem sido entregues em Montluc.

Ela tinha de pensar que sim. Pensar o contrário era uma

consideração muito sombria e trazia-lhe tamanho desespero que mal conseguia respirar com o aperto da dor no seu peito.

A manhã demorou a chegar.

Por fim, a batida forte de um bastão na porta de metal fez um estrondo ecoar na cela e acordou Elaine.

Com os olhos turvos de exaustão e roupas amarrotadas, ainda húmidas da tempestade, foi forçada a sair da cela com as outras duas mulheres para as abluções matinais. Uma grande pia disposta ao longo da parede traseira da prisão, como uma manjedoura onde o gado poderia ser alimentado. Foi lá que elas levaram com um jato de água tão fria e de tão curta duração que lhes tirou o fôlego a todas, ficando com água a pingar do queixo. Várias detidas mais experientes afastaram-se, de rostos sujos e mãos em concha cheias de água que levaram às bocas ansiosas para saciar a sede.

Observá-las fez com que Elaine sentisse a sua garganta seca a arder, o que a levou a lambear as gotículas que haviam ficado nos seus lábios.

As suas companheiras de cela não tentaram falar mais com ela, e Elaine não se obrigou a puxar conversa. Era melhor não conhecer ninguém, pois mesmo os simples conhecidos poderiam deixá-la vulnerável.

Algum tempo depois, sem que soubesse dizer quanto, a porta abriu-se novamente e mostrou um guarda tão infeliz por estar a cuidar delas quanto as próprias detidas.

— Elaine Rousseau — latiu ele. — Venha.

As outras duas mulheres olharam para baixo, procurando evitar

qualquer associação não intencional. Elaine não as culpou. Ela própria teve um comportamento semelhante quando as conheceu.

Sentiu um arrepio ao lembrar-se da exclamação de Etienne a propósito de como as pessoas enviadas sem bagagem estavam destinadas a ser mortas e as que tinham bagagem eram realojadas em campos de trabalho. Como Joseph havia sido.

Mas, na verdade, nenhuma daquelas tinha qualquer tipo de bagagem. Era apenas um código para viver ou morrer.

Aquele tremor profundo recomeçou, aquele que sacudiu a sua alma por dentro e a fez cerrar os dentes para suportar a onda de ansiedade.

— Para onde me leva? — questionou ela com mais bravura do que poderia reunir fisicamente.

O guarda, em silêncio, levou-a lá para fora, onde a chuva ainda pingava das carregadas nuvens cinzentas. Os pés dela pareciam desajeitados e os seus joelhos fracos. O desconhecido estendia-se diante de si e pesava com uma pressão arrebatadora que lhe deixava um grito silencioso e um nó no peito.

Elaine foi colocada mais uma vez no *Citroën*, com outro prisioneiro, um homem cujo rosto estava eivado de hematomas. O cabelo escuro caía-lhe sobre a testa à medida que a sua cabeça pendia para frente, e um cheiro azedo e espurco corrompia o espaço fechado. Foi então que notou nele um ferimento na ponta do dedo, raivoso e em carne viva, onde caberia um prego. Ele moveu a mão e ela percebeu que cada dedo estava assim, e que cada unha havia sido selvaticamente removida.

A ira queimava-lhe a garganta, mas ela engoliu em seco. No seu lugar permanecia algo estranho e metálico que nunca havia

provado, mas que ainda assim podia reconhecer de forma inata: terror.

Ela não sabia quanto tempo tinha passado enquanto eles conduziam, pois as visões outrora familiares de Lyon confundiam-se agora numa corrida vertiginosa. Mas reconheceu o prédio quando eles viraram na avenue Berthelot — École de Santé Militaire —, usada antigamente como escola de Medicina para os militares e recuperada enquanto sede da Gestapo.

Usando cada gota de força dentro de si, evitou que o seu olhar rastejasse em direção às unhas em falta daquele homem. Tal destino poderia, em breve, ser o dela.

Ela tinha lido relatos no jornal de como a Gestapo extraía segredos das pessoas, a crueldade era inimaginável.

Aquele era o caminho exato que Joseph percorrera, puxado para a escuridão desconhecida, conduzido por uma trela de medo e incerteza.

Seria ela suficientemente forte para suportar a tortura? Seria ela o fio vital que se romperia, condenando todos os seus companheiros Resistentes a um destino semelhante? Uma vez tentara imaginar como seria a tortura, mas, mesmo assim, não podia supor a pungência do seu próprio pânico.

Na sua imaginação, ela mantinha a cabeça erguida e as costas retas. Mas os seus joelhos estavam muito fracos e o seu estômago demasiado apavorado.

Foi conduzida escada acima, com o homem, e obrigada a esperar num corredor, ao lado de vários outros prisioneiros. Estes estavam todos em silêncio e de cabeça baixa, os seus corpos revelavam múltiplos sinais de agressão. Ouviam-se ruídos, vindos dos

gabinetes fechados, que preenchiam as lacunas do desconhecido de formas que Elaine não queria conhecer.

Esmagar e quebrar, salpicar e ofegar, gritar e soluçar. Os sons dos pesadelos. Aqueles gritos involuntários arrancados às vítimas eram de longe os piores — primitivos, crus e totalmente indefesos.

Seria ela forte que bastasse?

Elaine fechou os olhos e reuniu as suas forças, como uma parede a ser construída tijolo a tijolo. Mas antes que o cimento da sua recém-construída fortaleza pudesse secar, o seu nome foi chamado mais uma vez.

Ela levantou-se e as suas pernas vacilaram. Ainda assim, conseguiu enrijecer as costas ao lembrar-se de todos aqueles que sofreriam se falasse. Jean, com o seu sorriso pronto; Antoine, com a sua sábia sensatez que surgia sempre que era preciso; Marcel, cuja esposa deveria dar à luz a qualquer momento. Mas não apenas eles — Josette e Nicole também. E Manon, Sarah e o pequeno Noah.

Esses nomes avolumaram-se, num poder maior do que qualquer tijolo ou cimento. Eles haviam-se tornado a sua família, uma família pela qual estava disposta a morrer.

A sala para onde foi levada tinha o odor metálico de um açougue, agravado pelo cheiro latente a urina e suor. Um homem, vestindo um engomado uniforme da Gestapo, esperava por ela, e uma medalha de prata com uma cruz de ferro brilhava ao seu peito. Havia uma frieza nos seus olhos cinzentos que ela reconheceu de imediato a partir dos relatos que lera.

Werner.

Uma tontura invadiu-a e por um instante horrível sentiu que podia desmaiar.

— Sente-se. — Ele apontou para uma cadeira de madeira isolada no meio da sala. A humidade tinha escurecido o assento e o chão em redor. Ainda assim, ela deixou-se afundar lentamente na superfície dura e tentou não pensar no que poderia ser o líquido que molhava as suas roupas.

Provavelmente, Joseph estivera naquela mesma sala a dada altura, frente àquele homem.

Ele tinha sido forte. Ela seria também.

Werner fechou a porta e aproximou-se da secretária com um ar terrivelmente casual enquanto pegava numa pasta.

— Elaine Rousseau. É você, certo? — perguntou ele em francês.

Elaine assentiu.

— Embora eu não entenda porque estou detida.

— Foi vista a sair de um prédio conhecido por estar associado à Resistência. — O olhar dele era frio e sem qualquer empatia quando pousou a pasta. — Já foi informada disto.

Ele caminhou em direção a ela com passos lentos e calculados que fizeram a sua pulsação acelerar.

— Mas eu não faço parte da Resist...

A mão dele voou até ao rosto dela, batendo-lhe com força suficiente para empurrar a cabeça para o lado. O gosto acobreado e salgado do sangue espalhava-se pela sua boca, e a mente lutou por um momento para acompanhar o que acabara de acontecer.

Ela pestanejou para contrariar a dor que a desorientava.

— Não me minta — disse Werner. — Quem é que ia visitar?

— Lisette Garnier. — Ela acabara de inventar aquele nome, um nome não associado a ninguém que conhecesse. Ela rezou para

que não houvesse mesmo ninguém em toda a França com aquele nome.

Werner ergueu a pasta mais uma vez e examinou o conteúdo.

— O nome dela não consta na lista dos que lá moravam.

— Ela vivia com a tia, uma mulher que eu nunca conheci. — Elaine construiu a mentira com uma facilidade que a surpreendeu. — Não me lembro do nome dela.

— Tente com mais empenho. — Algo brilhava no seu olhar predatório, provocando calafrios que rastejavam sobre a pele dela.

O conselho de Nicole veio à tona nos pensamentos de Elaine, no sentido de usar os preconceitos masculinos acerca das mulheres contra os homens.

— Sou apenas uma dona de casa. — Ela deixou os seus olhos arregalarem-se para que ele pudesse sentir a profundidade do seu medo. — A Lisette e eu andámos no mesmo liceu. Ela esteve doente há vários meses e eu queria garantir que ela tinha recuperado.

Ele semicerrou os olhos.

— Você faz parte da Resistência?

— Nunca — exalou Elaine, fingindo-se ofendida.

Com isto, ele permaneceu em silêncio por algum tempo, como se estivesse a deliberar sobre tudo o que ela havia dito. Ele observou a cruz de ferro prateada que trazia ao peito e esfregou um ponto opaco com a ponta do dedo até a cruz recuperar o brilho.

— Eu acho que está a mentir.

Ele abriu um estojo de couro em cima da secretária e desenrolou-o, revelando uma série de objetos de metal brilhante. A imaginação dela agitou-se, indagando-se com as funções de cada um dos

objetos, e não conseguia esquecer a imagem do homem ao seu lado na viagem. A forma como as suas unhas eram pouco mais do que feridas abertas.

A sensação de tontura regressou.

— Eu posso dizer-lhe como se lava sem usar sabão — disse ela abruptamente. — Como se reúnem migalhas de pão suficientes para fazer uma refeição satisfatória, ou como garantir que as roupas brancas permaneçam sempre assim, ou mesmo como guardar o feijão-verde para que dure até ao ano seguinte.

— Essa não é a informação que eu quero.

— Mas isso é tudo o que lhe posso dizer — implorou Elaine. — Eu sei como governar uma casa, é tudo o que eu sei.

Alguém bateu à porta, demonstrando urgência e insistência.

Werner fez um olhar irritado devido à interrupção, antes de dizer algo em alemão. A porta abriu-se e um jovem, de bochechas coradas, entrou na sala.

Elaine não conseguia entender a conversa deles, mas não deixou de reparar no olhar de arrependimento que atravessou o rosto de Werner enquanto ele a observava. Werner caminhou em direção a ela, com uma expressão dura e maliciosa.

— Saia.

A palavra foi tão inesperada que ela quase congelou. Mas não era tola para desperdiçar a oportunidade. Saltou da cadeira, praticamente tropeçando com a pressa, e seguiu o outro homem. No andar de baixo, ele conduziu-a à entrada onde uma mulher a esperava, vestindo uma saia azul-marinho reconhecível.

Nicole deu meia-volta quando eles se aproximaram, os seus lábios vermelhos abrindo-se num sorriso.

— Elaine — gritou ela. — Estava tão preocupada contigo quando não chegaste para jantar. — Ela voltou a sua atenção para o nazi e pestanejou os seus longos cílios negros. — *Merci, monsieur*. O senhor é o meu herói.

— Foi um prazer, *mademoiselle*. — O homem esboçou um sorriso distraído e apaixonado.

— Vamos para casa, *ma chérie*. — Nicole deu o braço a Elaine e puxou-a para perto de si, sussurrando: — Podes apoiar-te em mim se precisares.

— Eu não lhes darei essa satisfação — respondeu Elaine.

Elas caminharam juntas até à porta. Mesmo quando se aproximavam da saída em direção à liberdade, aquela ação parecia irreal.

Poderia ter sido assim tão fácil escapar? Seriam mandadas parar e voltar atrás, seria mais uma desagradável graçola dos nazis? Afinal de contas, eles eram conhecidos por essas partidas cruéis.

Mas ninguém as interrompeu enquanto atravessavam as portas. Um vulto permaneceu perto de uma janela, no andar de cima, observando-as enquanto partiam. Apesar da vaga involuntária de desconforto, ninguém as chamou. Elas continuaram em silêncio por vários minutos, descendo a rua, antes de Nicole entrar num prédio e levar Elaine para um refúgio seguro. Havia sido ali que Elaine ficara nos seus primeiros dias com a Resistência, uma casa abandonada sem quaisquer inquilinos.

Assim que a porta foi trancada em segurança, toda a força de Elaine se esvaiu do seu corpo, expulsando o medo que a mantivera cativa durante o último dia e noite. Ela deixou-se cair na estrutura robusta da cadeira, com a sua saia ainda fria e húmida.

Nicole atarefou-se na cozinha, movendo-se com um à-vontade que demonstrava familiaridade.

— Não devias ter vindo por minha causa — disse Elaine, quando se recompôs o suficiente para conseguir falar novamente.

— Essa é uma péssima forma de me agradeceres. — Nicole encheu uma chaleira com água e colocou-a no fogão.

— Obrigada — agradeceu Elaine do fundo do coração. — Obrigada por te teres arriscado para me salvar.

— Obrigada por teres continuado a história de seres uma mera dona de casa — respondeu Nicole. — Se não o tivesses feito, estaríamos agora as duas no gabinete do Werner. — Nicole sentou-se em frente dela e, com dedos gentis, virou o rosto de Elaine para o lado. — Se jogares com o que eles esperam de ti e recorreres a uma certa sedução, podes alcançar quase tudo o que quiseses.

— Acho que me esqueci da sedução — murmurou Elaine.

Nicole soltou uma leve gargalhada ao mesmo tempo que as lágrimas brilhavam nos seus olhos azul-pálido. Elaine tentou juntar-se a ela, mas o movimento da sua bochecha magoada fê-la estremecer.

Com um som de lamento, Nicole entregou a Elaine um pano frio e deixou um vestido lavado sobre a cadeira.

— Coloca isto no rosto para diminuir o inchaço. Eu posso ajudar-te a trocar de roupa quando estiveres pronta, se precisares. Nicole respirou suavemente. — Eles fizeram-te mais alguma coisa?

A lembrança daquelas ferramentas no estojo de couro voltou à mente de Elaine. Ela havia sido salva daquele destino, mas Joseph provavelmente não. Lágrimas quentes inundaram-lhe os olhos.

— O que é que te fizeram? — interrogou Nicole, com uma

expressão endurecida.

Elaine abanou a cabeça.

— Nada como o que fizeram ao Joseph.

O rosto de Nicole suavizou e ela puxou Elaine para si.

— Eu sei, *ma chérie*. Eu sei.

Elaine derreteu-se com o conforto dos braços de Nicole e pela genuína afeição daquele abraço, permitindo que a torrente das poderosas emoções que sentia transbordasse. Quando não tinha mais lágrimas para chorar, perguntou pelos jornais que havia deixado momentos antes de sua detenção. Por milagre, haviam sido recuperados, cada um deles entregue no local apropriado sem quaisquer problemas.

Por esse motivo não haviam sido mencionados pela Gestapo. Elaine nunca mais desdenharia de um recetáculo imundo como aquele.

Elas permaneceram no refúgio até ao dia seguinte, antes de se mudarem para outro e depois ainda para outro, garantindo assim que não seriam seguidas. Nessa altura, Elaine continuou a ouvir a *Radio Londres* e tentava entender as mensagens, incapaz de deixar de se perguntar se alguma diria respeito a Sarah e Noah.

Quase uma semana depois, voltou finalmente ao armazém, acompanhada por Nicole. Era estranho como um espaço que antes parecia tão frio e utilitário se tinha tornado de alguma forma num lar. Sentiu falta do quarto onde a sua cama improvisada e a caixa das roupas permaneciam, tal como da pequena cozinha e do constante zumbido e dos estrondos da prensa automática. Antoine, Jean e Marcel correram para abraçá-la, com aquele cheiro familiar e

aveludado de tinta em todos eles, e ela ficou grata por estar de volta à sua família da Resistência.

— Tiveram notícias da *Radio Londres*? — perguntou Elaine, assim que o frenesim de desejos de boas-vindas acalmou.

Naqueles árduos dias de espera os pensamentos acerca de Sarah e Noah zumbiam no seu cérebro, de resto o único alívio que teve da sua tortuosa imaginação sobre o que, provavelmente, Joseph enfrentara às mãos de Werner.

O olhar de Antoine deslizou para Marcel.

— Eu tive — respondeu Marcel.

Elaine respirou fundo.

— E?

Ele anuiu lentamente, em sinal de aprovação.

— Conseguiu, Elaine. A realocização deles está a ser coordenada com os Maquis.

A vitória naquela sua tarefa impossível atravessou-a como uma onda. Naquele momento, ela estava contente por ter desafiado Marcel. E parecia-lhe que também ele estava feliz; o impulso da sua exuberância retirou-lhe anos e peso na sua expressão.

Nicole deu um grito de excitação e sorriu para Elaine.

— Eles vão para a América? — perguntou Elaine.

— Isso não sabemos — interveio Antoine.

— Mas ainda assim está a ajudá-los a sair de França. — Os olhos de Jean enrugaram nos cantos. — Na pior das hipóteses, provavelmente ficarão na Inglaterra, em segurança.

Segurança.

Tal seria mesmo possível? Naqueles dias de se esgueirar pelas sombras, esconder explosivos e combinar palavras para que

tivessem um impacto poderoso, a noção de segurança parecia tão ilusória quanto um estômago cheio.

— E agora que está de volta — disse Marcel, retornando à sua atitude profissional —, temos muito trabalho a fazer. — Ele ergueu a pilha de papel de jornal que havia recolhido há pouco tempo e atravessou a sala, enquanto Antoine voltava para a sua mesa com uma piscadela de olho.

O olhar de Jean deteve-se em Nicole com uma timidez cativante antes de ele fugir para a máquina de linótipo. Ao dar meia-volta para se afastar, Elaine pegou na mão da amiga.

— Ele está apaixonado por ti, Nicole. — Ela falou baixinho para não envergonhar Jean.

A expressão alegre de Nicole ficou em branco enquanto observava o homem. Por instantes, um olhar melancólico atravessou o seu rosto.

Eles dariam um belo casal — jovem e cheio de *joie de vivre*. Uma faísca entre eles poderia muito bem ser a coisa certa para ofuscar o lampejo do perigo e da desolação.

Mas antes que Elaine se pudesse antecipar e oferecer a Nicole um favorável encorajamento, a sua amiga estacou e os seus olhos azuis ficaram gélidos como um céu de inverno.

— Não há lugar para o amor nesta guerra.

A ferocidade no rosto dela era algo que Elaine mal tinha vislumbrado antes, um olhar de ódio absoluto, de determinação em fazer com que os alemães pagassem pela destruição da França e da sua família.

Um olhar que desapareceu tão depressa como havia chegado,

derretendo-se sem esforço num sorriso brilhante que Elaine agora entendia ser pouco mais do que uma máscara.

— *Au revoir, ma chérie*. Fica em segurança.

Elaine abraçou-a.

— Tu também.

Nicole afastou os desejos de segurança acenando com a mão e fez soar a sola dos seus sapatos no pavimento, deixando Elaine a refletir sobre o que ela dissera.

Não havia lugar para o amor naquela guerra.

E não estava errada.

DEZANOVE

Ava

As notícias da morte de Otto não abandonaram a mente de Ava durante o resto do dia, o envelope como um peso na sua sacola. Ela não o levou diretamente para a embaixada, ao invés levou-o para casa. Lá, afundou-se na cadeira e retirou a espessa missiva com as mãos a tremerem.

Não há ninguém a quem eu possa confiar isto como posso consigo, minha querida Ava, pois foi a única que se esforçou para me ver.

O conteúdo detalhava uma vida de força, sucesso e enorme perda. A história dele era marcante, à medida que contava o horror na carta da sua irmã, a desolação de estar numa cela em Espanha quando fora preso e não tinha comida e uma persistente corrente de medo em seu redor.

Talvez o mais impactante para ela tivesse sido a descrição da vida em Lisboa, onde a cada dia mais um muro se fechava sobre ele, com os agentes da PVDE a pairarem como abutres à espera de que os documentos expirassem, o que teria acontecido até ao final da semana. A última rejeição de um visto americano, que ele sabia ser

provável devido ao seu legado alemão, foi o deslize dos seus dedos no parapeito da sanidade.

Ele não tinha para onde ir, para onde se virar. Ninguém em quem confiar.

Quando Ava terminou a carta, lágrimas pontuavam a parte inferior da página, e ela foi tomada pela profunda compreensão da sua própria impotência. Talvez não pudesse ter feito nada para o ajudar, mas ele poderia ter-lhe contado. Ela poderia ter tentado.

Com ternura, enxugou os olhos e dobrou as páginas mais uma vez. Não tinha tido a oportunidade de salvar Otto, mas agora tinha a possibilidade de ajudar a mãe e o filho que estavam de partida de França. Não importava o que custasse, não importava em que escritório tivesse de assentar arraial, ela não lhes falharia.

Felizmente, conseguir um lugar para eles foi muito mais fácil do que a questão dos vistos e, naquela tarde, Ava havia arranjado um apartamento perto da praça do Rossio. A senhoria era uma senhora gentil, cuja família havia aberto o prédio a inquilinos há duas gerações, e os atuais ocupantes deveriam partir daí a uma semana a bordo de um dos navios que já esperavam no cais.

A melancolia pela perda de Otto era como uma névoa em redor de Ava e seguia-a em cada ação. Ela estava tentada a cancelar o jantar com James. Ele até lhe sugerira isso quando ficara a saber de Otto, mas, no fundo, não queria dececionar James quando ele contava com ela. Até agora, ela havia falhado perante demasiadas pessoas.

Sem saber o que esperar e ligeiramente intimidada por ir visitar um palácio, vestiu-se como convinha para uma noite no Palácio, com um vestido azul-escuro aberto nas costas e que combinou com

luvas brancas até aos cotovelos. Alguns ganchos para puxar para cima elegantemente o cabelo e mais tarde um toque de *Victory Red* nos seus lábios, e ela ficou pronta.

James apanhou-a e conduziu até Sintra, tendo eles chegado no momento em que o Sol se punha. O céu estava banhado por um *dégradé* de cores do arco-íris, mas em tons pastel, até meio da serra distante; o seu pico era tão alto que se encontrava escondido por um véu de névoa.

— Existe um castelo lá em cima — disse ele.

Ela olhou com mais atenção, esforçando-se para ver através das espessas nuvens cinzentas.

— Existe?

As sobranceiras de James ergueram-se em surpresa.

— Não sabias?

Ela tinha a intenção de pesquisar sobre Sintra antes de ele chegar, mas andava tão consumida pela perda de Otto que se esquecera.

— É um castelo medieval construído pelos muçulmanos que habitavam a povoação até ao século XIII — explicou James, ignorando uma rara oportunidade de a provocar pela sua falta de preparação. — A construção começou por volta do século VIII. Houve alguns danos após o terramoto, claro, mas recentemente o governo começou os esforços de restauro. — Ele olhou para o castelo. — Em dias límpidos é possível ver aquelas paredes antigas em ruínas, pois de outra forma ficam escondidas sob a névoa.

— Há algo de mágico nisso. — Ava expressou o seu pensamento melancólico em voz alta, e as suas bochechas arderam mal o disse.

No entanto, James não se riu dela. Em vez disso, assentiu e

virou-se para Ava com um sorriso meio malandro.

— Espera, vais ver. — Ele deu-lhe o braço. — Vamos?

A humidade sentia-se no ar, mas o calor do corpo dele ao seu lado impediu-a de ficar com frio enquanto caminhavam juntos.

O caminho era ladeado por folhagens exuberantes com folhas verdes brilhantes e pequenas flores brancas. Grandes árvores por toda a parte, com as suas copas entrecruzadas, estendiam-se até à camada de névoa, que se agarrava ao topo da vegetação como finas teias de aranha, dando a sensação de que ali a natureza era completamente una.

Lugares como aquele faziam-na sempre recordar as obras de Ralph Waldo Emerson e Henry David Thoreau.

— Se já leste «A peregrinação de Childe Harold», de Lord Byron, esse poema era sobre esta mesma propriedade. — James inclinou a cabeça e acrescentou: — Antes das atualizações feitas pelo atual proprietário.

Ava olhou para a vegetação em redor deles através das lentes da narrativa de Byron, maravilhada por estar a replicar os mesmos passos que ele dera. Havia uma aparência natural na paisagem que afastava por completo o habitual ar rígido e encaixotado das plantas, conferindo àquela zona uma beleza selvagem. Ela conseguia facilmente imaginar o lugar invadido pelas plantas, como Byron havia descrito, enquanto respirava profundamente, saboreando o aroma fresco e viçoso da flora dominante e da terra fértil e humedecida.

— O que é que isto te lembra? — perguntou James. — Além de Lord Byron, claro.

Ela olhou em volta, forçando a sua mente a recordar os muitos

livros que havia lido ao longo da vida.

— *Robinson Crusoe*, por causa das árvores selvagens. E, claro, *O Jardim Secreto*, de Frances Hodgson Burnett.

James concordou.

— Eu achava que ias mencionar esse último.

— E tu leste-o?

— Li.

Ela viu-o sob um novo olhar, reconsiderando aquele homem que conhecia Byron, recitava sonetos ao luar e havia lido *O Jardim Secreto*.

— Acho que a minha mãe me leu esse livro numa tentativa de me manter bem-comportado. — Ele levou a mão que estava livre ao bolso, o seu caminhar era solto e casual enquanto se ria.

— Funcionou?

Ele abanou a cabeça.

— Em vez disso, eu queria ser como o Dickon e voltei para casa tão sujo, ao tentar brincar com os habitantes da floresta, que ela jurou que nunca mais me deixaria ler essa história.

Era uma ideia estranha imaginar James a correr pela floresta, tentando fazer amizade com pássaros e esquilos, pelo que não pôde deixar de rir. Esse gesto parecia-lhe, de alguma forma, peculiar, após a névoa melancólica em que ela estivera imersa pela morte de Otto.

— E contigo, como foi? — perguntou ele.

— Eu li-o com a minha mãe. — Ava lembrava-se de terem conversado sobre a história durante o chá, quando ela era ainda uma rapariga, e de como se sentira muito crescida ao partilhar os seus pensamentos e opiniões. — Gostei imenso do livro. Eu achava

a Mary insuportável, mas odiei que os seus pais tivessem morrido. Mesmo antes de perder os meus.

James desenlaçou o braço e bateu com a palma da mão na testa.

— Que idiota. Ava, desculpa-me por não...

— Não, está tudo bem. — Ela puxou gentilmente o braço dele de novo e pousou a mão dela junto à dobra do braço, sentindo o calor.

— A verdade é que a Mary, sendo tão horrível, na verdade, ajudou-me. Depois de os meus pais morrerem, tive de ir viver com o Daniel, como já te contei.

Durante a conversa o ritmo da caminhada abrandou e os pés deles pisavam ruidosamente o pavimento. O Sol acelerara a sua descida em direção ao horizonte, deixando uma tonalidade azulada sobre todo o jardim em seu redor, o suficiente para distinguir o aceno de cabeça de James.

— O que eu não te contei foi quão terrível fui para o pobre Daniel.

— Ava estremeceu. — Eu só conseguia pensar em quão magoada estava, em quão sozinha me sentia, em como eu tive de esquecer a minha vida para acomodar a dele. Não pensei uma única vez no que ele sacrificou para cuidar de mim, um jovem com a vida toda pela frente, sobrecarregado com uma irmã de 13 anos que ele nem conhecia.

— Eu acho que o Daniel é realmente um santo — interrompeu James.

Ava deu-lhe uma cotovelada em jeito de brincadeira.

Ele sorriu.

— Ele era forte — concordou ela. — Numa noite em que eu estava a sentir tremendamente a falta da minha mãe, peguei n' *O Jardim Secreto*. Ao lê-lo, a Mary era de repente muito diferente do

que me lembrava. Não era uma miúda mimada, mas sim uma miúda magoada, com uma dura concha protetora desenvolvida em torno de si mesma. E percebi, pelo meu comportamento reprovável, que eu estava a portar-me exatamente como ela.

— Talvez seja esse o propósito dos livros. — James colocou a sua mão sobre a dela. — O de nos mostrarem a direção, mesmo quando achamos que o caminho é demasiado escuro para ser avistado.

Ava permaneceu com a mão debaixo da dele e deliciou-se com a ligação daquele toque, bem como com a das suas mentes.

Distinguiram uma fonte diante de um requintado edifício com colunas e uma grande entrada em arco. As janelas eram pontiagudas no topo, tal como a porta principal, todas com ornamentos tão delicados que pareciam feitos de fina renda, numa mistura de influências indianas com detalhes mouriscos.

— É lindo — exalou Ava.

— Vais gostar ainda mais do interior. — James conduziu-a pelo curto lanço de escadas e pela porta escancarada, onde as notas subtis de um piano flutuavam no ar noturno. Entraram numa sala octogonal com corredores que prosseguiram em quatro direções diferentes. À direita e à esquerda eram mais impressionantes, com arcos com arabescos embutidos caindo em cascata ao longo de todo o corredor, e aquilo que parecia ser uma colunata de mármore rosa alinhada de ambos os lados.

James apontou para cima. Ava inclinou a cabeça para trás enquanto admirava a cúpula do edifício, também esculpida com arabescos e iluminada em fundo por uma luz avermelhada.

— James. — A voz de um homem interrompeu a contemplação

maravilhada de Ava, e esta voltou a sua atenção para o cavalheiro que caminhava em direção a eles.

— Walter. — James apertou-lhe a mão. — Que bom vê-lo de novo, meu velho amigo. — Ele acenou na direção de Ava. — Sr. Walter Kingsbury, permita-me apresentá-lo à menina Ava Harper.

Walter pegou na mão dela e beijou-a.

— É ainda mais encantadora do que tinha dito, James.

Ava lançou um olhar a James, que olhou fixamente para o teto decorado, evitando claramente o julgamento dela.

— Venha, menina Harper. — Walter Kingsbury ofereceu-lhe o seu braço, roubando-a a James. — A minha adorável esposa ficará muito contente por poder conversar consigo sobre livros.

— Tem uma casa lindíssima — elogiou Ava, desejando poder ficar durante uma hora naquele mesmo espaço para absorver por completo a opulência do palácio.

— Monserrate não é meu. — Walter riu-se. — Estou a tomar conta da propriedade a pedido de um amigo.

Ele conduziu Ava e James para a sala de jantar, onde uma longa mesa estava decorada com arranjos de orquídeas exóticas e posta para a refeição com porcelana fina com fio de ouro. Os criados estavam a postos, com as mãos atrás das costas. Os aromas saborosos que pairavam no ar prometiam uma refeição tão irresistível quanto o local.

Ava e James estavam sentados perto do topo da mesa, ela ao lado da esposa de Walter e ele ao lado de um homem corpulento com um sotaque alemão. Minutos após se sentarem, serviram-lhes uma deliciosa sopa com pedaços de enchido e de legumes, depois veio a carne de veado assada e embebida num espesso molho

castanho, tão macia que se desfazia com o garfo. Em seguida, foi servido um delicado e cremoso merengue, doce o suficiente para os satisfazer.

Walter estava certo ao dizer que Ava gostaria de conversar com a sua esposa, que era muito culta e contou-lhe tudo sobre a vida no palácio. O edifício era grande demais para a família de quatro pessoas, pelo que eles usavam apenas alguns dos quartos, e ela contou-lhe como Walter criara um lugar para os filhos nadarem, ao subir o leito do grande lago com recurso a areia trazida de propósito para o tornar menos fundo e mais seguro.

Era um estilo de vida tão encantador que Ava quase não reparou no instante em que a voz de James mudou para um tom mais baixo e quase impercetível. Ela aproveitou aquele momento para bebericar o vinho e esforçar-se por ouvir o que ele dizia. A palavra *volfrâmio* foi mencionada, bem como *contrato* e *esta semana*.

Foi preciso muito para não se mostrar tensa. Sobretudo por causa do volfrâmio — ou tungsténio, como era conhecido entre os Aliados. Não se podia viver em Portugal sem estar profundamente consciente do seu poder sobre os Aliados e o Eixo.

O metal era necessário para a criação de invólucros de balas e outras armas inerentes ao esforço de guerra. Portugal era o seu principal fabricante, um trunfo que lhes permitia manter a neutralidade.

O que quer que James estivesse a dizer soava mais a espionagem e menos a uma vulgar conversa para se ter à mesa. Pior do que isso, quando o homem levantou o seu copo para beber, a manga do seu casaco escuro desceu e revelou um botão de punho dourado em forma de suástica.

A deliciosa comida azedou no estômago de Ava.

A que tipo de encontro James a tinha levado?

O que quer que estivesse em causa, parecia-lhe que ele acabara de revelar segredos importantes para os Aliados a um nazi.

Ela pousou o copo e voltou-se novamente para a Sra. Kingsbury, sem ouvir o que a mulher dizia.

— Desculpa-me — disse James abruptamente ao ouvido de Ava.

Antes que ela pudesse reclamar, James já se tinha levantado, o seu guardanapo de pano foi deixado na cadeira acolchoada, e ele dirigiu-se até à porta e saiu para o corredor. Os criados entraram mais uma vez, as suas costas direitas com o decoro exigido, enquanto retiravam os pratos de sobremesa. Foi nessa altura que Ava avistou um rosto familiar entre eles: bonito como uma estátua grega, de cabelo louro e curto.

Sentiu a cabeça andar à roda.

Teria Lukas estado com os outros criados durante toda a noite? E estaria James a par disso? Teria sido essa a razão de ele a ter convidado?

— Sente-se bem, menina Harper? — perguntou a Sra. Kingsbury.

— Perdoe-me, Sra. Kingsbury, mas acho que preciso de ir à casa de banho. — Ava esforçou-se para se erguer sobre as pernas que fraquejavam.

— Claro. Fica no corredor, ao fundo.

Ava assentiu com a cabeça em agradecimento e saiu da sala o mais depressa que as suas pernas permitiram, parando do lado de fora da porta para recompor o seu raciocínio errático. Ou tentar. Os seus palpites pareciam dispersos em todas as direções.

Saberia Lukas que ela iria ao jantar? James estaria em conluio

com os nazis?

Os seus pensamentos agitavam-se.

Se James estava a entregar segredos dos Aliados aos alemães, ela seria obrigada a partilhar essa informação com a embaixada. As vidas dos soldados dependiam disso. Como a de Daniel.

Mas se James fosse retirado do seu posto, ela poderia ainda contar com ajuda para salvar a mãe e a criança que fugiam de Lyon?

Apesar de tudo, não queria acreditar que ele pudesse estar associado aos nazis, que ele não era o homem generoso que ela pensara.

Ali próximo soaram vozes, abafadas por uma porta fechada. Sem questionar o que estava a fazer, ela descalçou os sapatos e correu silenciosamente pelo frio piso de mármore. Parou diante de uma porta dupla em madeira, com a imagem de um belo casal descansando debaixo de uma grande árvore esculpida, a mulher nua como era muitas vezes o caso das deusas. Muito provavelmente seriam Órion e Artemisa, a julgar pelos motivos de caça.

— É melhor voltar antes que minha ausência se prolongue demais. — Era a voz de James do outro lado da porta.

Ava susteve a respiração e assim ficou.

— Antes de se ir embora — disse outra voz. — A menina Harper sabe?

— É claro que não — respondeu James com uma confiança que Ava não esperava de todo.

Era tão crédula que acreditaria em qualquer coisa que ele dissesse? Um protesto surgiu na sua mente, mas conteve-o.

Ela tinha passado tanto tempo da sua vida entre os livros que conhecia as personagens de ficção melhor do que as pessoas reais. Sim, conseguia recitar datas de eventos e nomes de filósofos e de autores mortos há muito tempo, mas também sabia que havia uma inacreditável ingenuidade em si e que ela não conseguia superar.

Isso levara-a a cometer erros descuidados como, por exemplo, confiar em James.

— Certifique-se de que assim continua — disse a voz secamente.
— Se ela descobrir, pode ser perigoso.

Soaram passos no pavimento e ela assustou-se ao perceber que a conversa havia terminado. Frenética, voltou para o outro lado do corredor, calçou os sapatos o mais rápido que conseguiu e entrou na sala de jantar com um ar que esperava ser descontraído.

— Encontrou? — perguntou a Sra. Kingsbury de modo educado.

Ava pestanejou, a sua mente estava desprovida de qualquer pensamento além da conversa que tinha acabado de escutar.

— Desculpe?

O sorriso agradável da Sra. Kingsbury não se desfez, mas formou-se na sua testa uma ruga de ligeira confusão.

— A casa de banho.

— Sim — respondeu Ava rapidamente para disfarçar a sua própria distração. — Sim, obrigada.

Ela não teve de acrescentar mais nada, uma vez que James acabava de regressar à mesa. Agora seria o momento ideal para fazer um qualquer comentário espirituoso que encorajasse os convidados a uma discussão animada, para que ela pudesse ponderar nos próximos passos. Mas não lhe ocorreu nada.

O silêncio cresceu em redor de Ava, pressionando-a com

urgência à medida que a sua pulsação acelerava, acelerava, acelerava, ecoando-lhe nos ouvidos.

— O jantar foi maravilhoso — disse ela.

— Sim, foi — concordou James, com a sua pose habitual de genuína descontração.

Essa indiferença custou a Ava, pois ele abusava tão prontamente da sua confiança e não mostrava qualquer vestígio de culpa. Ela não se incomodou em abordá-lo durante o resto da noite. Quando chegou a hora de partir, levantou-se da cadeira e caminhou à frente dele em direção à saída, ansiosa para permanecer longe do ornamentado palácio e de toda a fealdade que a sua beleza nunca poderia compensar.

Havia algo de estranho nos seus sapatos à medida que ela andava, como se os pés não estivessem equilibrados corretamente. James olhou para baixo e ergueu uma sobrancelha.

— Os teus sapatos estão trocados?

Ela olhou para o ponto onde os seus dedos arredondados apontavam ligeiramente na direção errada, dentro dos sapatos pretos de salto alto. Com a pressa de voltar à sala de jantar, ela tinha calçado os sapatos ao contrário.

A viagem de regresso a Lisboa foi sufocante, com Ava a tentar evitar qualquer tipo de conversa com James, um feito difícil quando antes a conversa fluía tão facilmente entre eles. Antes de saber que ele a traía.

Ela tinha a intenção de esperar até falar com Theo e Alfie, os dois bibliotecários com quem James trabalhava, para ver se ainda

ajudariam a mãe e o filho oriundos de Lyon. Mas quando o carro parou na Rua de Santa Justa em frente ao prédio de Ava, James virou-se para ela, com uma preocupação evidente no seu olhar.

— Aconteceu alguma coisa em Monserrate?

Ela abanou a cabeça.

— Ava, eu conheço-te — disse James de modo paciente. — Tens agido de forma estranha desde que voltei à sala de jantar.

Respirar tornou-se um pouco mais difícil.

Raios. James conhecia-a mesmo e isso era uma desvantagem naquele momento.

De repente, não podia mais guardar a verdade dentro de si, não quando estava a lutar tanto para ser livre.

— O meu irmão está algures no campo de batalha. — Ela olhou para ele. — Sabes o que é isso?

— É claro que sim. — James teve a temeridade de parecer ofendido.

Ava recusou-se a permitir que o seu inflacionado sentimento de culpa a atormentasse. A raiva explodia dentro do seu crânio.

— No entanto, estavas a conversar com um nazi ao jantar. Compartilhavas segredos com ele.

— Eu não fiz isso.

— Eu ouvi o que disseste àquele homem com os botões de punho em forma de suástica! — Ela colocou a mão no manípulo da porta, pronta para a abrir e sair daquele ambiente fechado com James. Não havia espaço suficiente para os dois dentro do pequeno carro.

— Não é o que tu pensas, Ava.

— Tu estavas a partilhar segredos dos Aliados, James? —

interrogou ela. — O meu irmão está lá, algures. Tal como outros irmãos, pais e maridos.

— O meu irmão também — disse ele bruscamente.

Ava calou-se, atordoada. De todas as vezes que haviam conversado, ele nunca mencionara a existência de um irmão.

— Não é algo que eu goste de contar. — James desligou o motor e o silêncio caiu sobre eles. — É melhor eu não pensar nele, a andar por aí, preocupado com a possibilidade de ele passar frio, fome ou estar em perigo. — O olhar dele encontrou o dela. — Eu nunca poria a vida dele em risco.

Ava voltou a sua atenção para os seus sapatos. Por mais que detestasse admitir, ela conseguia entender aquilo de não querer pensar no irmão a combater na guerra. Se a mãe deles estivesse viva e em contacto com Daniel, Ava faria o mesmo?

Uma dor no peito deu-lhe a resposta que já conhecia. Mas também, se os seus pais não tivessem morrido, ela e Daniel nunca teriam ficado próximos, sobretudo com ele a viver em Washington e os pais em Chicago.

— O que disseste ao alemão? — Ela olhou-o mais uma vez.

James suspirou.

— Eu prefiro não dizer.

— Porque, aparentemente, não é suposto eu saber? — A amargura da sua dor encontrou o alvo. — Eu também ouvi isso. Quando estava atrás da porta decorada com Artemisa e Órion.

— Como sabias que eram Artemisa e Órion?

— Os arcos de caça — disse ela distraidamente. — Eu ouvi-te lá dentro, James.

Uns sinos de igreja repicaram ao longe.

Os lábios de James arquearam para baixo.

— É perigoso.

— Isso também foi dito.

Ele fixou-a por um longo instante, como se estivesse a pensar se devia contar ou não.

— Desinformação — disse ele, por fim.

— O quê?

James passou a mão pelo cabelo espesso e escuro.

— Eu entreguei-lhe desinformação. Forneci-lhe dados que ele acha que são verdade, mas que de facto são mentira. Era o verdadeiro propósito para eu ir ao jantar. Da última vez, fui sozinho e pensei que fazê-lo novamente chamaria a atenção.

Ela considerou o que ele disse, pesando as palavras para determinar a sua franqueza e tentando reprimir a sua própria raiva, a fim de conseguir pensar corretamente.

— É bastante comum — continuou ele. — A disseminação de informações falsas. Em vez de contar a muitos, conta-se apenas a um e é como uma chama a atear um pavio.

— Se isso for verdade — disse ela suavemente —, usaste-me como disfarce.

— Pessoalmente, não foi um sacrifício. — Ele esboçou um sorriso hesitante. — Espero que para ti também não.

— Eu teria preferido saber de antemão, James. — Como era evidente, um aviso prévio teria evitado a indignidade em que agora estavam envolvidos.

Isto se ele estivesse mesmo a dizer a verdade. Os factos amontoavam-se, tornando impossível distinguir entre o que podia ser verdade e o que podia ser mentira.

— Eu não tinha certeza de como agirias com as pessoas se soubesses. — O seu sorriso fechou-se, com os lábios a descreverem uma linha dura. — Mas há mais ainda. Ava, não é seguro o envolvimento com espiões. Se não soubesses, não correrias perigo.

— É por isso que o Lukas estava lá? — Uma inquietação percorreu-a ao lembrar-se de o ter visto.

— Quem?

— O austríaco — respondeu Ava de modo impaciente.

Mas em vez de confirmar a suspeita dela, a pele à volta dos olhos de James ficou tensa.

— Ele estava lá?

— Sim, disfarçado de empregado de mesa. Eu não o vi até saíres da tal sala.

Um músculo moveu-se no seu maxilar.

— Tens a certeza?

— Sim — disse Ava com exasperação. — Eu não o confundiria.

James assentiu devagar.

— Estou a ver.

Ela franziu o sobrolho.

— Isso é algo com que eu me deva preocupar?

— É claro que não. Vá, eu acompanho-te. — James saiu do carro e acompanhou-a até a porta. Mas apesar dos modos habitualmente gentis, havia algo mais, algo que o tinha deixado distraído.

E algo que eles poderiam, provavelmente, discutir da próxima vez que se encontrassem, depois de ela ter uma noite para meditar em tudo o que ele dissera e formular novas perguntas. Por agora, a

exaustão tomava conta de Ava, agravada pela refeição pesada no seu estômago e pelo vinho forte que havia bebido.

Na manhã seguinte, contudo, não foi James quem Ava encontrou em frente ao prédio, mas sim Alfie. O jovem envergava um casaco cor de café e usava um chapéu de feltro, que combinava com o cabelo ruivo. Era uma vestimenta tão formal para o jovem que o fazia parecer uma criança a usar roupas de homem. Mais ainda quando ele acenou timidamente.

— Bom dia, Alfie. — Ela sorriu enquanto se aproximava, ignorando o desconcertante pensamento no seu subconsciente. — O James está bem?

— É claro que sim — brincou Alfie. — Ele foi enviado numa missão especial e provavelmente ficará fora durante vários meses. Disseram-me para cuidar de si na ausência dele. — Ele encolheu os ombros de modo hesitante. — Se estiver de acordo.

— Porque é que o mandaram embora? — perguntou Ava, insistindo no assunto. — Ele sabia que iria para fora?

— O James recebe missões diferentes das nossas. — Havia uma intencionalidade na maneira como aquilo foi dito que lhe deu a entender que ela não poderia saber mais nada.

Mas Ava não conseguia deixar de se interrogar em relação ao súbito desaparecimento de James. Para onde teria ido e o que estaria a fazer para não voltar tão cedo?

E o que — se é que de alguma forma — tinha isso que ver com Lukas?

VINTE

Elaine

Não seria difícil levar Sarah e Noah da cidade até aos Maquis na floresta. Tinham documentos falsos, bem feitos, caso fossem mandados parar, e se viajassem à noite isso tornava os seus cartões de identidade mais difíceis de examinar. Na verdade, era a expressão nos olhos de Sarah que mais preocupava Elaine.

Por mais confortável que Sarah estivesse na casa de Manon, ela ainda não tinha perdido uma sombra assustada no seu olhar. Era uma expressão que não podia ser disfarçada — olhar cabisbaixo e hesitante, procurando sempre possíveis ameaças à sua volta, ombros curvados como se desejasse desaparecer e fazer desaparecer o filho da vista de todos. O comportamento não poderia ser apagado apenas por vontade própria. Estava enraizado no trauma de estar sempre em fuga de esconderijos que, de repente, se tornavam uma ameaça, na sensação de que qualquer um podia ser um colaborador — o velho a fumar no café da esquina e a sorrir, ou a professora gentil que se dirigia às crianças pequenas.

A noite da sua partida chegou depressa. Elaine esperou pelo elemento de ligação entre a Resistência e os Maquis, que se

juntaria a ela no armazém de onde partiriam juntos. Mas quando a pessoa chegou, por fim, ficou sem chão.

Etienne.

No entanto, ele não parecia o mesmo Etienne que sempre conhecera. A sua pele estava pálida, fina como papel e sombreada por uma camada de pelos espessos e eriçados nos maxilares por barbear. As olheiras eram ainda mais evidentes, como se ele não dormisse há várias semanas.

Ele olhou-a com uma expressão ferida, visivelmente aflito.

O último encontro deles não tinha corrido bem e ainda espreitava, de vez em quando, entre os pensamentos de Elaine, como quando um som a tirava do sono profundo e o seu coração acelerado conduzia à agitação da mente, nas primeiras horas da madrugada de mais uma longa noite.

Eles acenaram com a cabeça, em saudação um ao outro, ocultando tudo o que precisava de ser dito sob o verniz da civilidade.

Uma vez lá fora, no ar gelado de fevereiro, sob um céu noturno tão escuro como um veludo negro, Etienne foi o primeiro a falar.

— Foste presa pela Gestapo.

O pesadelo de enfrentar Werner veio à memória de Elaine, o medo da tortura a que poderia ter sido sujeita com aquelas cruéis ferramentas de metal e a dúvida de fazer estremecer a alma sobre se teria conseguido manter-se em silêncio.

Ela anuiu e ficou tensa, esperando por uma acusação ou uma explosão de raiva pelo quanto havia arriscado.

Em vez disso, ele esfregou a nuca e pestanejou lentamente.

— Estás segura, graças a Deus.

— Graças à Nicole — corrigiu ela.

— Fui eu que recomendei que trabalhasses para o Marcel.

— Foste tu? — Elaine olhou para ele. — Porquê?

— Eu sabia que acabarias por te juntar à Resistência. — A expressão dele estava escondida pela sombra do seu chapéu. — Eu pensei que pudesse ser, ao menos, mais seguro. Prometi ao Joseph que cuidaria sempre de ti.

De repente fazia sentido que Marcel tivesse aceitado Elaine simplesmente com base na sua experiência com o mimeógrafo. Muitas pessoas sabiam como usar as pequenas máquinas duplicadoras. Etienne tinha influência dentro da Resistência; ela estava ciente disso, mesmo que não estivesse certa do que ele poderia ter feito.

— Ser presa foi culpa minha — confessou Elaine. — Eu teria ficado segura no armazém, mas ofereci-me para fazer uma entrega. Foi nessa altura que me apanharam.

A tensão nos ombros dele relaxou um pouco. Um silêncio confortável estabeleceu-se entre os dois.

— Sabes que o Joseph só queria a tua segurança — disse Etienne. — Foi por isso que ele te pediu para não ajudares.

Passou um grupo de oficiais alemães com mulheres ao seu lado envergando vestidos justos e estolas de pele. Os homens nem repararam em Elaine e Etienne, completamente fascinados com as suas parceiras extravagantes. Eles mantiveram-se imóveis até os oficiais passarem; o agressivo perfume floral usado pelas mulheres assinalava o seu rasto.

— Pouco depois de os nazis ocuparem Lyon, o Joseph e eu tivemos de viajar para Grenoble — disse Etienne numa voz grave e

distante. — Passámos pela floresta no regresso, pois tínhamos borracha para os carimbos, material de que o Joseph precisava para fabricar os documentos de identidade. Os alemães estavam a revistar todos os que embarcavam nos comboios e não podíamos permitir que eles vissem a nossa carga.

Pelo que Elaine sabia da sua vida antes da Resistência, Joseph sempre estivera em Lyon por causa do trabalho. Desde então, ela ficou a saber não apenas dos seus esforços heroicos, mas também de como ele se movimentava por França.

— Quando estávamos a atravessar a floresta, encontrámos um corpo — continuou Etienne no seu tom monótono. — No início vimos apenas um pé, coberto pelas folhas. Não podíamos deixá-lo lá e decidimos enterrá-lo. Ao fazê-lo, descobrimos que o cadáver era de uma jovem. Perdoa-me por dizer estas coisas, mas ela estava nua e havia sinais de tortura...

Elaine estremeceu de horror e a sua mente viajou de imediato para a cadeira no centro do escritório de Werner. O brilho daquelas ferramentas de metal, o assento húmido a passar a sensação fria e molhada para as suas nádegas e parte inferior das pernas, a antecipação da dor que fazia disparar o coração...

Um arrepio percorreu a pele de Elaine.

— O Joseph viu a mulher e pensou em ti. — Etienne evitou um poste de luz enquanto caminhavam, mantendo o anonimato sob a escuridão. — Ele conhecia a tua feroz determinação em libertar a França, em ajudar os outros, sem olhar a perigos. E embora o preço a pagar por isso pudesse ser facilmente aceite por ti, como ele percebeu, esse não era um destino a que estivesse disposto.

De súbito, a mudança abrupta de Joseph fez sentido, a maneira

como ele insistira tão veementemente para que ela abandonasse todos os esforços para lutar contra os nazis e, ao invés, se entregasse a ser uma boa esposa.

Uma dor brotou dentro dela.

— Ele poderia ter-me contado — disse num tom áspero.

— Tê-lo-ias ouvido?

Elaine fungou e deu uma gargalhada triste.

— Não.

Etienne levantou a palma da mão, como se dissesse «ora aí está».

— O Joseph amava-te — disse Etienne com veemência. — Nunca vi um homem tão apaixonado pela sua mulher.

A agonia no peito dela estilhaçou-se com a dor da perda. Tinha sido demasiado teimosa ao não querer enviar-lhe um bilhete enquanto ele estava na prisão, pensando que poderia dizer mais ao vivo. Era um arrependimento que iria assombrá-la para o resto da vida. Pela milésima vez desde que recebera a notícia da sua morte, ela perguntou-se sobre o pequeno pedaço de papel que Etienne prometera tentar entregar-lhe.

— O Joseph sabia que o amavas também — continuou Etienne.

— Sabia? — perguntou Elaine, com a sua voz a falhar. — Muita coisa não chegou a ser dita. — As palavras engasgadas em contrição.

— Mesmo que ele nunca tenha recebido o bilhete, sabia.

Ao mesmo tempo que Elaine rezava para que ele estivesse certo, não conseguia eliminar o resquício de dúvida na sua mente.

— Eu devia ter-lhe escrito mais cedo. — Aquela admissão cavou um abismo fundo e ferido dentro de si, um que ela própria criara.

Um que ela assentara injustamente nos ombros de Etienne. — Estou com raiva de mim. Não de ti. Perdoa-me por ter sido tão injusta contigo.

— Eu dececionei o Joseph.

— Não. — Elaine abanou a cabeça. — Se fosse possível salvá-lo, tu tê-lo-ias feito.

Ele enfiou as mãos nos bolsos do casaco e não disse nada.

O barulho de passos a aproximarem-se atraiu os olhos de Elaine para a sombra de uma mulher esbelta que corria em direção a eles. Um lampejo de luz passou pelo seu rosto, junto a um poste, revelando Nicole, que vinha com uma expressão aflita.

— Alguém avisou os boches — disse ela muito rápido. — Estão a caminho da casa da Manon neste momento.

O rugido de um motor próximo retumbou no ar, como se confirmasse as palavras dela. Sendo a gasolina tão rara, os únicos veículos em funcionamento eram os que pertenciam aos nazis.

Elaine não esperou para ouvir mais. Ela e Etienne correram pela rua, deixando Nicole.

— Por aqui. — Etienne enfiou por uma porta entrando numa *traboule*, onde a escuridão da noite passou de delicada a absoluta. Ele orientou-se às cegas pelas passagens, tendo Elaine permanecido atrás dele para garantir que não o perdia. Foram cuspidos por outra porta e abriram caminho pelas ruas, as pedras da calçada húmidas e escorregadias sob os seus pés.

Ao chegarem à rue Lanterne, Denise veio do lado oposto da rua, de um café frequentado por muitos alemães. Ela estava de calças largas e casaco escuro, cabelo preso atrás, o seu maxilar rígido e

com uma expressão dura. Sempre houvera uma intensidade em Denise, mas naquele instante o brilho dos seus olhos era selvagem.

Ela passou por eles sem se incomodar em acenar na sua direção, como estranhos que se cruzavam na rua e Elaine entrou no jogo. Tudo o que importava agora era proteger Sarah e Noah. E encontrar uma forma de manter Manon em segurança.

Uma explosão irrompeu no prédio de onde Denise havia saído: uma efusão laranja e vermelha através de uma nuvem de fumo negro e um som ensurdecador nos ouvidos de Elaine. Um braço forte envolveu a sua cintura e puxou-a para a porta do prédio de Manon.

O calor da explosão apenas lhe raspou a pele antes de a luz brilhante desaparecer na escuridão do átrio; até mesmo o estrondo violento foi abafado pelas paredes grossas. Etienne agarrou na mão dela e conduziu-a ao andar superior, onde morara vários meses.

Quando o barulho da bomba foi desvanecendo, foi substituído pelo ronco dos motores. Os boches estavam a aproximar-se deles. Elaine bateu à porta, tentando evitar que o som fosse muito alto ou muito rápido.

Manon abriu a porta com um olhar aflito. Certamente, ela também tinha ouvido a explosão.

Elaine entrou.

— Os alemães — disse ela tão audivelmente quanto podia. — Temos de ir.

Sarah estava junto à porta que dava para a sala de estar, imóvel e com Noah nos braços, os olhos arregalados como os de um coelho encurralado por um predador.

— Isto foi uma explosão?

— Uma distração — confirmou Etienne. — Por favor, não temos muito tempo — por aqui. — Ele indicou a porta da varanda com a cortesia de um *maître* num bom restaurante parisiense.

Por mais deslocado que o gesto parecesse, Sarah reagiu seguindo-o rápida e silenciosamente.

Elaine puxou o braço magro de Manon.

— Tem de vir.

A batida das portas do carro lá fora ouviu-se no apartamento, seguida pelo som cortante de gente a correr e de uma mulher a gritar de indignação.

Denise.

Elaine agarrou a amiga com mais firmeza.

— Temos de ir agora.

Manon olhou-a simplesmente com os seus grandes e calmos olhos castanhos e abanou a cabeça.

— Não há tempo.

— Manon...

— Perdi um filho para estes monstros. — Ela afastou-se com um puxão firme, havia fogo no seu olhar. — Não vou perder mais um.

— Elaine. — Etienne falou num sussurro agudo, a sua mão estendida para a guiar até à varanda.

— Vá — disse Manon corajosamente. — Ponha-os em segurança. Eu vou distrair os sacanas.

Etienne agarrou Elaine pelo braço e com força arrastou-a para longe. Deixando Manon.

Elaine ficou momentaneamente atordoadada de horror.

— Pensa na Sarah e no Noah — disse Etienne numa voz áspera ao ouvido dela.

Era o que Elaine precisava de ouvir para que os seus pés começassem a mexer-se, enquanto corria para a varanda. Desse espaço eles conseguiram passar facilmente para uma outra casa, outro refúgio seguro, sem qualquer mobília, que mais parecia um apartamento vago para arrendar do que uma casa onde alguém já vivera. Etienne guiou-os pelo espaço vazio e pelas escadas das traseiras, que desciam para uma saída alternativa no tardo do prédio, onde uma rua tranquila os esperava.

Mas não havia possibilidade de suspirar de alívio. Não quando os gritos raivosos e inclementes pontoavam aquele final de noite. Sarah agarrou-se a Noah enquanto ele enterrava o rosto no seu casaco, a boca dela fechada engolindo o choro.

Elaine entendeu o terror deles. A sua própria pele ardia-lhe e o estômago ficou apertado. Se Etienne fora afetado pelo medo violento que os assolava, então não o mostrou, inclusive enquanto os orientava pelo beco até à rua principal, onde fugiram na direção oposta. Uma luta ouvia-se ao longe, severas ordens alemãs em tom de acusação e maldade. A resposta veio numa recatada voz feminina, tão suave e gentil que só poderia ser de Manon.

Elaine abrandou o passo, lutando contra a vontade de voltar atrás para ajudar a mulher, mas Etienne colocou a mão no seu cotovelo e apressou-a. Aquele pequeno grupo caminhou apressadamente e esgueirou-se por um beco estreito, antes de se lançar a escalar a colina íngreme e sinuosa de Croix-Rousse, quando um barulho de tiros de metralhadora atravessou o ar da noite.

Elaine levou a mão à boca para não gritar. Ainda assim, continuou, tentando pensar apenas no que se seguia. Imaginar o

que acontecera lá atrás era demasiado doloroso. Naquele momento, qualquer distração poderia significar a morte deles.

Os elétricos ainda estavam a funcionar, transportando gente que trabalhava em Lyon para as áreas periféricas onde muitos habitavam. Etienne guiou o grupo em direção a um elétrico parado onde se instalaram juntos numa das filas de trás, perto dos outros, cujos corpos estavam cansados e de estômago vazio. Foi uma viagem difícil, na qual cada empurrão ou solavanco, cada voz ou batida de pé, deixavam os nervos de Elaine em franja.

Sarah olhou para longe de uma forma que sugeria que também ela tinha forçado a sua mente a ficar em branco. A sua contenção não era diferente da dos outros em redor, pois Noah tinha-se agarrado a ela com uma determinação tão obstinada que parecia estar a dormir como qualquer criança da sua idade. O cotovelo de Etienne repousava distraidamente na lateral da janela enquanto ele olhava para a cidade; a sua postura era calma o suficiente para aliviar um pouco a ansiedade agitada de Elaine.

Todos os medos que a deixavam tensa persistiam quando o arco do cabo elétrico abateu e o veículo abrandou até parar, depositando-os perto de uma pequena cidade situada na orla da floresta.

Embora os bosques fossem lindos durante o dia, com a luz dourada do Sol e o movimento sereno das folhas na brisa, não era de todo assim durante a noite. O breu de uma noite sem Lua obscurecia o caminho de tal modo que nem se conseguiam distinguir os próprios pés. E ainda que o cenário da floresta pudesse ser calmante, os ruídos, gritos e outros sons errantes dos seus

habitantes deixavam agora Elaine assustada com o que poderia emergir dos aglomerados de árvores e folhagem.

Ouviu-se um chamamento, como um piar subtil, misturando-se com outros sons noturnos, e ela observou em volta enquanto os seus olhos se ajustavam à escuridão. Etienne.

Os arbustos agitaram-se e apareceu um homem. Sarah respirou fundo, em silêncio, surpreendida. Mas Elaine não teve medo, não quando o homem se movia silenciosamente como os Maquis costumavam fazer. Nenhum nazi, com botas pesadas e postura rígida, poderia deslizar sem ser visto em qualquer lugar, muito menos na floresta onde o solo estava coberto de folhas e galhos quebradiços.

— São estes? — perguntou o jovem *maquisard*.

— *Oui*. — Etienne deu um passo à frente. — Tens as instruções?

— Claro.

Sarah era pouco mais do que do uma figura contra as sombras. Elaine virou-se para ela.

— Tem sido tão corajosa. — Ela colocou a mão nas costas de Noah para não o assustar. — E tu também, Noah.

Elaine inclinou-se mais e Noah enrolou o braço em volta do pescoço dela. Sarah juntou-se ao abraço do filho com Elaine.

— Obrigada — sussurrou ela.

— Eles podem não ser capazes de os levar até à América. — Era um aviso que Elaine já havia feito muitas vezes, mas não podia deixar de o expressar mais uma vez.

Sarah soltou-a.

— Mas estaremos em segurança.

Em segurança. Sim. Longe de França. E longe de Elaine. Ela

nunca mais veria Sarah ou Noah. Ela poderia nunca chegar a saber do destino deles ou acerca dos detalhes da sua viagem. Tomar disso consciência deixou-lhe um aperto no fundo da garganta enquanto se despediam.

Noah manteve os olhos fixos em Elaine enquanto se afastavam, o seu olhar descansando confortavelmente no ombro de Sarah, até que eles desapareceram.

Com a missão cumprida e a segurança deles garantida, os pensamentos de Elaine regressaram a Manon. Àqueles terríveis gritos e à rajada de tiros.

Ela sabia o que isso significava sem precisar que lhe contassem, mas de qualquer maneira temia receber a notícia.

Foi nesse momento que ela compreendeu inteiramente por que motivo Joseph a havia impedido de se juntar à Resistência. Tinham sido feitos tantos sacrifícios na guerra contra os opressores. Demasiados. Cada um tão doloroso quanto o anterior.

E, tristemente, era provável que outros se sucedessem mais adiante.

VINTE E UM

Ava

Ava cambaleou através da porta do seu apartamento ao contorcer um dos pés, enfiado nuns sapatos de salto alto pretos, enquanto punha uns brincos de pérolas artificiais. A sua elegante mala amarela balançava-lhe no braço, com a última carta de Daniel lá dentro.

Um objeto como uma carta do irmão era demasiado importante para deixar no seu apartamento, especialmente agora que ela tinha a certeza de que alguém entrava lá por vezes quando estava ausente.

O simples pensamento de um intruso a invadir-lhe a casa, a vasculhar as suas coisas e a mexer nos seus livros, deixava-a com uma sensação de formigueiro a percorrer-lhe a pele. Ela odiava estar naquele pequeno espaço que a dada altura parecera privado e agora carregava uma sensação de invasão e exposição que ela não conseguia esquecer.

Começou pouco depois de James ter partido, com pequenas mudanças no apartamento que eram fáceis de descartar enquanto eventuais distrações suas. Primeiro fora o exemplar de *Mulherzinhas*, que quando ela voltou para casa estava em cima da cama em vez de estar na mesa de cabeceira. Ela ficara

extremamente confusa, convicta de que nem o tinha aberto naquele dia.

Da vez seguinte fora uma cadeira afastada da mesa, aquela no canto mais distante onde ela nunca se sentava.

Depois disso ela passara a colocar cuidadosamente uma chávena e um pires à beira da mesa da cozinha, numa posição precária o suficiente para caírem e partirem-se em pedaços ao mínimo movimento. Ela voltou para casa naquele dia e encontrou a louça delicada ao centro da mesa. Não só a posição estava errada, como faltava um conjunto do que antes era um serviço de quatro peças guardado no armário.

A sua casa estava a ser revistada.

A partir desse dia, deixou de guardar lá tudo o que fosse importante.

Olhou para o relógio, notando que faltavam 20 minutos para as 9. Aquela hora exata fazia-a sempre lembrar dos relógios parados da Sra. Havisham, em *Grandes Esperanças*, mas deixou o pensamento de lado. Não havia nem um segundo a perder, pois precisava de se encontrar com Alfie e chegar à estação de comboio antes das 9 horas.

Parou apenas para trancar a porta, nomeadamente a fechadura recém-instalada, e saiu a correr do prédio para encontrar Alfie à sua espera; o seu sorriso reservado e afável como era costume.

— Desculpe, estou atrasada. — Ela caminhou tão rápido quanto se atreveu, apesar dos saltos. Como sempre, as solas eram escorregadias sobre a calçada e ainda prendia os saltos entre as pedras.

— Ele vai compreender se chegar um pouco atrasada —

descansou-a Alfie, enquanto se juntava a ela.

— Não é com o James que eu estou preocupada — respondeu Ava. — É com a mãe e o filho. Eu quero estar lá para recebê-los quando chegarem.

Haviam passado quatro meses desde que Ava vira pela primeira vez o código no *Combat*. O que nunca mais se repetira assim que James a informara de que a Inglaterra concordara em ajudar a trazê-los para Lisboa.

James tinha estado fora durante dois meses, por um motivo desconhecido para Ava, até ela receber a notificação de Alfie de que James chegaria à estação de comboio naquele dia, às 9 da manhã, com duas pessoas que ela estava ansiosa para conhecer.

Não teve de pensar muito para saber exatamente o que ele queria dizer.

Atravessaram o Rossio e dirigiram-se para as grandes portas em forma de ferradura da estação. Grupos de pessoas aglomeravam-se em redor do edifício branco ornamentado com a estátua de D. Sebastião, o rei desaparecido de Portugal, junto à entrada.

Alguns eram voluntários bem vestidos e funcionários de instituições de caridade que davam assistência a refugiados, com os seus rostos cansados enquanto seguravam cartazes com vários nomes rabiscados. A maioria era composta por refugiados recém-chegados, de olhos arregalados com o primeiro vislumbre de Lisboa, carregando sacos com os seus pertences, malas surradas e crianças. Línguas de toda a Europa ouviam-se entre a multidão, misturando francês, alemão, checo, húngaro, polaco e muitas outras naquele zumbido cacofónico.

Ava e Alfie abriram caminho através da multidão, como salmões

subindo a corrente, até que finalmente passaram os arcos interiores da estação, estendendo-se o calcário branco lascado até às plataformas que acolhiam os comboios. Entre a multidão de passageiros que desembarcavam, Ava avistou James, com os maxilares estranhamente sombreados por uma barba curta, preparado para proteger da multidão que se acotovelava uma mulher que segurava junto ao peito um menino de cabelos escuros.

A respiração de Ava suspendeu-se com a imensidão daquele momento. Durante meses, havia sonhado com a chegada deles, pago para que o apartamento ficasse vazio à sua espera e preparado, tanto quanto possível, a papelada necessária para facilitar os vistos. Eles não tinham ainda um rosto nem um nome, mas isso não a impediu de sentir uma dor palpável no seu peito por aquelas pessoas com quem ela passara a preocupar-se tão profundamente.

Agora, por fim, ia conhecê-los.

James avistou Ava e ofereceu-lhe um sorriso cansado e assimétrico que fez o seu coração disparar. Voltando a sua atenção para a mãe com a criança, ele conduziu-os para mais perto. James parecia estar a coxear um pouco. Ava esticou o pescoço para conseguir ver através da multidão. Ele avançou numa passada firme, mas depois no seu próximo passo, sim — coxeava.

Ele tinha sido ferido. Mas como? Quando? O que teria acontecido durante a viagem?

À medida que os três se aproximavam, ela podia perceber que carregavam uma história por contar nas manchas lamacentas que cobriam os seus casacos e os seus sapatos gastos, bem como nos rostos cansados pela jornada. Traziam apenas uma pequena mala.

O olhar de Ava foi atraído de novo para James, tendo ficado alarmada pela evidente perda de peso, patente nas faces ossudas e no pescoço magro, desde a última vez que o vira.

Alfie e James apertaram as mãos numa saudação cavalheiresca.

— Ava Harper? — A mulher chamou a sua atenção, pelos grandes olhos castanhos cor de avelã, de súbito marejados de lágrimas. O filho enterrou-se no casaco da mãe como um ratinho assustado.

A garganta de Ava estava demasiado apertada para dizer qualquer coisa, pelo que acenou apenas.

— A bibliotecária americana — disse a mulher em francês. — A menina foi a pessoa que nos ajudou a chegar aqui?

— *Oui*. — Ava engoliu em seco. — Eu vi a mensagem no *Combat*. Tenho estado a preparar a vossa chegada, para ajudar...

As lágrimas corriam pelo rosto da mulher.

— Obrigada. Por tudo o que fez. Obrigada por ver a mensagem da Elaine, e também a si, James, por nos conduzir nesta viagem até estarmos seguros.

Os olhos de Ava arregalaram-se de comoção, e ela assentiu enquanto tentava retomar o controlo das suas emoções.

— Ava — disse James —, estes são a Sarah e o Noah Cohen.

— É tão maravilhoso poder finalmente conhecê-los — disse Ava, soluçando. — Estou feliz por terem chegado em segurança.

Alguém passou por Ava e, com o ombro, esbarrou contra ela, com força suficiente para a fazer tropeçar. Alfie estendeu a mão para a segurar, mas James antecipou-se; a sua mão sólida no ombro dela, enquanto lançava um olhar à pessoa que chocara acidentalmente contra Ava.

— Está tudo bem? — perguntou-lhe ele, de sobrolho franzido pela preocupação.

— E contigo?

Ele deu uma gargalhada franca.

— É claro que sim.

— Estás a coxear.

Ele sorriu.

— Estou certo de que um tipo a coxear é bastante encantador.

Ava revirou os olhos, da mesma forma que Peggy sempre fazia, mas sem qualquer verdadeiro aborrecimento por detrás daquele gesto.

— Venham, vocês precisam de comer alguma coisa.

Saíram juntos da estação, diretamente para o sol de março.

Sarah parou abruptamente, para ver bem a cidade à sua volta, absorvendo tudo, desde a extensão do céu azul-claro até ao reflexo da luz do Sol no calcário, bem como o trânsito intenso que passava rugindo. Uma menina passeava com a mãe, com um grande bolo na mão. Noah ergueu a cabeça e seguiu-a em silêncio, de olhos fixos no doce.

Dois alemães ali perto começaram a falar em voz bem alta. Sarah abraçou Noah com força e o corpo dela ficou paralisado de medo.

— Ninguém te vai fazer mal aqui — tranquilizou Ava. — Portugal é neutro. Os alemães não têm poder.

Era quase verdade. Embora o povo português não tivesse preconceitos e partilhasse livremente os seus bens e alimentos com

os refugiados, havia sempre alguns cuja lealdade podia ser comprada.

Felizmente, os Aliados também tinham apoiantes.

— O Rossio fica já ao virar da esquina — disse Ava suavemente.
— Eu assegurei lá um apartamento para os dois. Estará perto de restaurantes, mercearias, tudo o que precisa.

— Nós não temos senhas de racionamento — sussurrou Sarah, de olhos postos em tudo em seu redor, mas de postura tensa.

— Não há racionamento aqui. — Ava colocou a mão no ombro da mulher e gentilmente guiou-a em frente. — Comprei-vos alguns mantimentos, mas não preparámos nada para comer. Se quiser, podemos pedir uma refeição aqui.

Viraram a esquina e entraram na praça do Rossio, com o seu padrão ondulado em calçada branca e preta e a sua imponente estátua, onde os clientes dos cafés se apertavam para além dos toldos gozando o exuberante sol primaveril. Chávenas vazias à sua frente, cigarros entre os dedos e refeições dispostas nos pratos em fases díspares da refeição.

— Há peixe, carne, uma coisa chamada alheira, que é linguiça sem carne de porco, recheada com carne de aves, batata e pão ralado. — Ava olhou para Sarah, que observava o mundo à volta como se estivesse receosa de que desaparecesse no instante em que ela se permitisse acreditar que era real.

— Tem alguma preferência? — perguntou Ava.

Noah observava tudo com olhos brilhantes e ansiosos.

— *Frites* — gritou ele.

Sarah fez um aceno distraído enquanto examinava com ansiedade a envolvente.

— Eu... eu gostaria de uma chávena de café. Café a sério. — O seu olhar preocupado encontrou o de Ava. — Se for realmente seguro.

Aquela era indiscutivelmente a primeira vez que ela saía do refúgio após vários anos escondida. Ava tentou colocar-se na posição da outra mulher, imaginar a vulnerabilidade de estar ao ar livre depois de ter passado tanto tempo confinada, longe de olhares indiscretos e ouvidos treinados.

— É — respondeu Ava num tom compenetrado.

Os ombros de Sarah relaxaram ligeiramente.

— O Nicola tem uma excelente variedade de tudo o que possa imaginar — disse James, liderando o caminho para o popular café e coxeando de forma galante.

Ele e Alfie conseguiram uma mesa quadrada para os cinco. Estava lotado, mas ninguém reclamou. Um empregado recebeu os seus pedidos. Quando chegou a vez de Sarah, ela ficou simplesmente a olhar para a lista de pratos.

— Se gosta de peixe, aqui é muito bom — sugeriu Ava.

Sarah ergueu o rosto, atordoada, e anuiu com a cabeça.

Noah não hesitou sobre o que queria, dando um pontapé contra a cadeira por entre as suas calças um pouco curtas.

— *Frites, s'il vous plaît.*

Ava registou para si mesma que deveria encontrar algumas roupas ajustadas ao tamanho do menino.

Os olhos dele, cor de avelã, e as longas pestanas, tal como os da sua mãe, reluziam de prazer.

Ava olhou discretamente para James, observando-o à luz do Sol para ver se havia sinal de hematomas ou golpes. Não havia

nenhum. Apenas se notava o crescimento de uma barba escura, com alguns dias, e aquele coxear cuja explicação ela ainda não conhecia. Estava-lhe na ponta da língua a pergunta sobre o que tinha acontecido, e o que os havia separado por mais de um mês. Mas a expressão tensa e cansada nos rostos de James e Sarah fez com que Ava se contivesse.

O que quer que fosse, poderia ser conversado mais tarde, quando tivessem a oportunidade de falar a sós.

O empregado trouxe bicas e um açucareiro. Sarah olhou para os cristais brancos e brilhantes como se fossem feitos de ouro. James colocou açúcar no café e ela seguiu-lhe o exemplo, acrescentando apenas uma pequena porção da colher. Depois de um movimento lento e cuidadoso, ela levou a chávena aos lábios, cheirou o café forte numa longa e vagarosa inspiração, e só depois sorveu um golo.

Os seus olhos fecharam-se de prazer e ela manteve o café na boca por uns segundos, antes de o engolir, por fim. Quando abriu os olhos novamente, estes estavam inundados de lágrimas.

Em toda a sua vida, Ava nunca havia apreciado nada tanto quanto Sarah tinha gostado de saborear aquela chávena de café.

Sarah notou que Ava a observava e as suas bochechas coraram.

— Desculpe. Há anos que não bebia café verdadeiro.

Ava abanou a cabeça, envergonhada por ter interrompido aquele simples prazer.

— Por favor, não peça desculpa. Eu quero que aproveite tudo.

O empregado veio, então, com pratos cheios de comida dispostos ao longo dos seus braços. No espaço de um minuto, o banquete cobria a pequena mesa quadrada e saturou o ar com os aromas da

carne assada, do fermento e do pão fresco, das salgadas batatas fritas e ainda o rico e defumado cheiro a sardinhas assadas.

Sarah olhava para tudo aquilo e depois baixou a cabeça, cobriu os olhos com as mãos e chorou em silêncio.

Era demasiado para ela, como Ava acabou por entender, penalizando-se por não o ter antevisto. Ela queria levá-los ali em sinal de generosidade, mas tinha sido demais para Sarah. Estar no exterior, onde Sarah se sentia mais vulnerável, e com aquela quantidade de comida, com acesso a tudo o que quisessem comer... Foi uma bênção e uma maldição, naquele primeiro dia num país estrangeiro, depois de uma jornada angustiante como a que eles haviam enfrentado.

Debaixo da mesa, Ava pegou na mão de Sarah e segurou-a gentilmente, oferecendo-lhe uma demonstração silenciosa, mas solidária, de empatia e paciência.

Sarah sorriu, agradecida, e, num instante, enxugou os olhos e desfrutou da sua primeira refeição consistente em Lisboa, e, indiscutivelmente, em anos.

Depois de terminarem, Alfie levou James de volta à embaixada britânica. Ava tinha-se esforçado para não olhar para James enquanto ele ia embora. Quando finalmente olhou para cima, ela encontrou-o de olhar fixo nela, demonstrando uma saudade que a fez sentir um aperto no peito.

Ava acompanhou Sarah e Noah ao apartamento que havia reservado para eles, com uma porta sólida e um pesado ferrolho como ela própria tinha agora em sua casa.

— Tem apenas um quarto com uma cama grande, mas é espaçoso que baste para os dois — disse Ava enquanto lhes

mostrava o apartamento. — Comprei os mantimentos que achei que poderia precisar.

Sarah ficou no centro da casa, como se estivesse com medo de tocar no que quer que fosse, e segurava Noah. O olhar dela fixou-se em algo entre os produtos arrumados na bancada.

— Isto é sabão? — sussurrou ela na sua voz trémula.

— Sim — respondeu Ava.

Quando a outra mulher continuou a olhar para ela, Ava contemplou a pequena caixa.

— Não gosta deste tipo de sabão? Eu posso arranjar...

— Não. — Sarah fungava. — É perfeito. Seja qual for, é perfeito. Obrigada.

— Para baixo, *maman*. — Noah contorceu-se, mas a mãe manteve-o preso nos seus braços.

Ava assentiu.

— Aqui é seguro, Sarah.

Lenta e silenciosamente, Sarah colocou-o no chão. Ele arrancou a correr como um brinquedo de corda. Sarah deu um passo em direção a ele.

— Está tudo bem, a sério — assegurou Ava para a tranquilizar. — Não há aqui nada com que ele se possa magoar. Eu certifiquei-me de que seria seguro para uma criança.

Sarah anuiu, mais para si mesma do que para Ava, antes de olhar para cima.

— Obrigada — disse ela calmamente. — Por tudo.

Ava sorriu e lutou contra as suas emoções mais uma vez.

— Fico feliz por poder ajudar. Vou deixar-vos em paz para se

instalarem, mas passo mais tarde para ver como estão, se acharem bem.

Visto que eles já estavam em segurança e com tudo o que necessitariam, Ava voltou para o seu próprio apartamento. Quando ela chegou o ferrolho estava firme e no devido lugar, e as pequenas armadilhas que deixara no apartamento continuavam intactas. Havia uma folha de papel perto do lava-louça que poderia facilmente cair no chão, com um ponto impercetível a marcar um dos lados. A colcha estava tão apertada que revelaria a mais leve dobra ou marca se alguém se sentasse. E havia ainda o fio de cabelo de Ava colocado delicadamente sobre os livros, tão fino que facilmente passaria despercebido a qualquer um, exceto a ela própria.

Tudo estava como devia estar.

Foi naquele momento, ao permitir-se relaxar e sentir-se confortável por saber que o seu espaço permanecia só seu, que ela viu o seu apartamento com novos olhos, como Sarah tinha encarado a sua própria casa temporária.

Ava nunca tivera de lidar com essa dificuldade, mesmo durante o racionamento na América. Sempre se dera ao luxo de ver a sua casa como um lugar de liberdade, para ir e vir quando quisesse, em vez de o entender como o único local onde estava segura e do qual não podia sair. Ela nunca se preocupara com quão forte era o seu passo sobre o pavimento ou quão alto se ouviam a sua tosse ou os seus espirros.

Levar Sarah e Noah para Lisboa não tinha sido fácil. A dificuldade da viagem estava estampada no rosto de James. Mas agora que estavam ali, agora que Ava tinha testemunhado com os seus próprios olhos o espanto por coisas tão básicas de que ninguém

deveria ser privado, ela sentia-se imensamente grata pela segurança deles.

Na manhã seguinte, não era Alfie quem esperava por ela à porta do prédio, mas sim James. Exatamente como ela desejara.

O fato em tecido fresco e leve estava-lhe um pouco largo e ele apoiava-se numa bengala negra e brilhante.

Ela sorriu-lhe abertamente, sem se importar se ele reparava em quão feliz estava por vê-lo. Embora nunca o admitisse, Ava escolhera cuidadosamente a roupa que iria usar naquela manhã. O vestido camiseiro verde realçava os seus olhos, principalmente porque o combinara com um cardigã preto, cinto e sapatos de couro.

— Se soubesse que me olharias assim, eu teria voltado ainda mais cedo. — O rosto dele estava barbeado revelando o queixo proeminente, que antes não lhe parecia tão atraente, por algum motivo que agora lhe escapava.

O seu cabelo estava ainda mais comprido do que o habitual e o seu chapéu escuro puxado para baixo, numa tentativa de tornar menos visíveis os caracóis desgrenhados. Ele era um homem confiante, e a mais leve demonstração de que sabia isso ressoava no peito de Ava.

— Se podias ter voltado um mês antes, não deverias ter demorado tanto. — Ela reajustou a sacola pendurada ao ombro.

— Se ao menos fosse assim tão fácil. — Havia algo no fundo dos seus olhos, uma centelha de dor.

— O que é que aconteceu? — perguntou Ava.

— Queres dar uma volta comigo?

— Precisas mesmo de perguntar?

Ele inclinou a cabeça, reconhecendo que aquilo ficara algures entre a arrogância e a timidez. Enquanto caminhavam juntos, ele apoiava-se ligeiramente na bengala, conduzindo Ava pela Rua Augusta, onde as lojas eram mais movimentadas e onde um arco rematava uma das extremidades desenhando um pórtico que abria para o rio cintilante mais além.

— Pronto, eu admito — disse ela num tom conciliatório. — A bengala faz-te parecer bastante distinto.

— Não vou recordar-te de que eu bem avisei. — Ele desviou o olhar com uma inocência exagerada.

— Mas vais recuperar em breve? — perguntou ela, o tom preocupado a transparecer nas palavras mais ligeiras.

— A seu tempo. — Ele inclinou a cabeça. — Espero.

Passaram pelos toldos de vários cafés que se estendiam em direção ao centro da rua, onde mesas e cadeiras já estavam dispostas sobre a calçada de pedra, preparadas para a multidão que em breve as ocuparia. O doce aroma de bolos ainda quentes pairava no ar.

— Vais contar-me o que aconteceu à tua perna? — perguntou ela, hesitante, consciente de que estava a cruzar uma barreira de confiança. Não entre a amizade deles, mas entre a aliança dos respetivos países. O que quer que tivesse acontecido era com os serviços de espionagem britânicos, não para ela ficar a saber.

— Fui baleado. — Ele olhou em redor. — Em Toulouse. Estávamos escondidos no escuro, com o objetivo de atravessar os Pirenéus, quando um oficial nazi nos viu e disparou. Para nossa sorte, tinha péssima pontaria. — Ele deu uma gargalhada seca, como as pessoas fazem ao contar uma anedota que perdeu a

graça. — Uma bala fez ricochete num edifício e atingiu-me na barriga da perna.

— Pelo menos foi apenas na perna — exclamou Ava.

— Sim e não — hesitou James. — Uma perna ferida antes de escalar os Pirenéus poderia ter significado a minha morte. Felizmente, a bala raspou uma área bastante pequena e consegui limpar e proteger a ferida.

Ava adorava a Rua Augusta, com as pitorescas lojas que vendiam chás e cafés, bem como doçaria, cerâmica pintada e utensílios de cozinha. Mas agora ela achava impossível olhar sequer para as exposições artísticas, pois o seu foco estava em James. — Não devias ter arriscado uma travessia dessas. Podias ter sido morto.

— Se eu não tivesse arriscado, eles estariam mortos. — A sinceridade no rosto dele impressionou Ava.

— Perdeste muito peso — comentou ela, incapaz de conter a sua preocupação.

— Há pouca comida disponível em França. Com os escassos alimentos que tínhamos, eu queria garantir que a Sarah e o Noah conseguiram manter a sua força. Eles saíram-se realmente bem e foram muito determinados e corajosos. — Parou por um instante. — É sempre curioso regressar a Lisboa e observar a abundância de comida e de roupas. Até de luzes. — Os lábios dele descreveram um sorriso. — Hoje em dia, Londres está sempre às escuras para evitar bombardeamentos. Comparativamente, aqui a noite é quase ofuscante.

— Eu quero saber tudo. — Ela cruzou os braços sobre o peito enquanto atravessaram a sombra de um prédio, com o vento a

empurrar as suas roupas e cabelos à medida que se dirigiam até ao rio. — Porque é que te mandaram para lá?

— Nem todos os favores são oferecidos.

Ava observou-o. Ela nunca teria sido autorizada a assumir uma tarefa tão perigosa. Mas, enfim, era uma mulher, muitas vezes subestimada num terreno dominado por homens. Se ela fosse um homem, as coisas aconteceriam da mesma forma? Acompanhar Sarah e Noah teria sido uma opção?

— Não era suposto demorar tanto. — James encaminhou-a debaixo do enorme arco construído onde o antigo palácio real se situava, para assinalar a reconstrução de Lisboa após o fatídico terramoto.

As perguntas sobre o envolvimento de James foram rapidamente esquecidas em nome de detalhes mais importantes.

— O que aconteceu para te atrasares? — perguntou ela.

A praça era grande e aberta, virada para o rio Tejo. As poucas pessoas nas proximidades estavam fora do alcance das vozes deles. James olhou em redor antes de continuar.

— A agressão nazi em França intensificou-se. Apesar do que os alemães dizem nos jornais, a sua derrota chegará. Ao que parece, a perda da Córsega provocou uma onda de choque em França e encorajou a Resistência nos seus esforços, obrigando os alemães a redobrar a sua determinação para aguentarem a ocupação. — Os olhos dele fixaram-se no horizonte, na agitada superfície de água diante deles. — Eles têm perseguido a Resistência sem piedade, especialmente os Maquis, que eram os nossos principais contactos. Por várias vezes tivemos de encontrar nós mesmos o caminho, pois alguns grupos de Maquis foram eliminados. Protegemos o Noah o

mais que conseguimos. Sei que ele é jovem o suficiente para recuperar, mas nem sempre consegui proteger a Sarah de certas coisas que ela viu...

— James. — Ava colocou a mão no ombro dele. — Lamento muito.

Ele dirigiu o seu olhar atormentado para ela.

— Fá-lo-ia de novo para garantir a segurança deles. Se fossem deixados lá, certamente teriam sido descobertos e enviados para um daqueles campos.

Ava queria puxá-lo para si e abraçá-lo para o ajudar a mitigar a sua mágoa, mas uma parte dela tinha medo de, se o fizesse, não mais ser capaz de o largar.

James suspirou e aproximou-se da água. Ondas bordejadas de espuma branca lambiam um conjunto de degraus de pedra que mergulhavam nas profundezas da maré, lugar onde duas colunas se erguiam do rio; ali atracava a realeza para visitar o palácio.

— Os documentos que arranjámos não chegaram — continuou James. — Achamos que os homens que deveriam entregá-los foram capturados, o que significava que poderiam falar sob tortura. A falta de documentos e a possibilidade de os nossos planos serem revelados fez com que tivéssemos de mudar de rumo. Isso levou-nos pelas montanhas cobertas de neve onde a França e a Espanha se encontram. Durante muitos dias tivemos pouca comida e suportámos temperaturas baixas. Mas cá chegámos.

Havia mais naquela história, uma verdadeira odisseia sob a simples aparência, uma história plena de tragédia que enchia de tristeza o olhar cintilante de James. Talvez um dia ela pudesse ouvir mais detalhes, mas, por enquanto, a solenidade do comportamento

dele aplacou a sua necessidade de saber mais. Ele conseguira levar Sarah e Noah em segurança para Lisboa.

— A Sarah está a tentar contactar o marido na América — disse James. — Ele partiu antes da invasão de Paris, e eles receberam apenas uma carta com o endereço onde estaria hospedado. Não conseguiram enviar-lhe mais nenhuma desde então.

Ava ia oferecer-se para enviar uma carta por eles quando James retirou do bolso um envelope; os lábios dele curvavam-se naquele sorriso habitual.

— Eu presumi que te irias oferecer para tal. — Ele entregou-lhe o envelope com um endereço de Nova Jérсия.

— Vou garantir que isto chega às mãos dele — prometeu Ava. — E vou fazê-los chegar à América em breve, para ficarem juntos.

Embora ela soubesse que cumpriria o voto de enviar a carta, a última parte da sua promessa era muito mais complicada. Mas depois de tudo o que Sarah e Noah tinham sofrido, ela recusava-se a dececioná-los.

VINTE E DOIS

Elaine

Quem assistiu, afirmou que Manon parecia um anjo a preparar-se para ascender aos céus. No meio das violentas ondas carmim com que os alemães varreram Lyon, a crueldade deles estendeu a sua mão perversa naquela noite, quando a Gestapo carregou Manon para fora do prédio na rue Lanterne. Ela não lutou contra as suas dolorosas garras, nem se encolheu quando lhe apontaram os canos das metralhadoras.

Elaine não sabia o que eles tinham dito a Manon, mas enquanto as suas vozes deixavam o bairro em alvoroço, a mulher fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás, com um ar seráfico, como que deliciada com o calor e o brilho dourado dos céus. Os homens soltaram-na e ela abriu os braços em súplica, e logo depois as balas cortaram o ar da noite e rasgaram o frágil corpo.

Aquela morte fora uma das muitas perdas gravadas no coração de Elaine, pelo que todas as noites a partir daí e ao longo de quatro meses, ela rezou para que Manon tivesse finalmente encontrado a paz ao lado do marido e do filho.

Denise foi presa naquela noite ao escapar da bomba que ela mesma fizera explodir para distrair as atenções. Também havia histórias sobre ela — de como lutou, qual dragão, para evitar ser

capturada. Mas, no final, nem mesmo uma criatura com a força desse ser mítico conseguiria vencer o domínio considerável dos alemães, enviados para prender Sarah e Noah. Denise ficou em Montluc apenas uma semana e o seu resgate foi impossível, acabando por ser mandada para um campo de trabalho forçado, tal como Joseph.

Desde então não tinham recebido quaisquer notícias de Sarah e Noah. Embora tal pudesse ser um bom sinal. Independentemente disso, mãe e filho permaneciam na mente de Elaine. Provavelmente para sempre, já que aquela ausência na sua vida era algo que a fazia pensar e recordar.

O jornal rolou através da máquina, num ritmo que a embalava à medida que as pilhas de papel impresso se acumulavam. Estava a meio do dia, mas Elaine deu por si a ter de lutar contra o peso da exaustão a pesar-lhe nas pálpebras. Marcel tinha sido preso há quase dois meses por suspeita de operar o jornal clandestino, embora ninguém tivesse ainda a certeza se ele estava em Montluc ou na sede da Gestapo... ou em qualquer outro lugar. Independentemente do seu paradeiro, ele não havia revelado nada, caso contrário estariam todos na sua companhia.

E como tal, faziam horas extraordinárias para compensar a ausência de Marcel, até que ele voltasse. Se voltasse.

A cabeça de Elaine pendeu para a frente, cedendo à fadiga, quando o repentino *clique-clique-clique* da máquina a acordou mais uma vez, indicando que o trabalho de impressão estava completo. Cansada, ela juntou os jornais e colocou-os ao lado da pilha que havia completado uma hora antes na Minerva.

A Gestapo tinha sido implacável na perseguição aos combatentes

da Resistência e aos Maquis. As luvas suaves com as quais os nazis lidavam com a população francesa haviam sido arrancadas; agora, tinham as suas garras à vista, cheias de sangue.

Doze prisioneiros haviam sido executados em retaliação pela morte de um alemão e, por todo o país, os suspeitos de ajudar os Maquis eram arrastados das suas casas e assassinados. As detenções eram uma ameaça constante, à medida que a Milice e a Gestapo apertavam a garganta à cidade de Lyon. As rações de pão haviam sido cortadas, o recolher obrigatório fora alargado a horários absurdos, gritos ásperos ecoavam pelas estreitas ruas de pedra.

Os nazis pairavam sobre Lyon desde a ocupação francesa, mas agora a sua respiração era quente e fétida como um sopro no pescoço dos Resistentes. Sobretudo em cima das tipografias, pois os nazis tentavam destruir todas os jornais clandestinos.

Era essa a razão pela qual Elaine e os outros não se importavam com as horas extraordinárias resultantes da falta de Marcel. Se o jornal continuasse a sair a tempo, talvez ficasse provado perante a Gestapo que ele não estava envolvido. Até agora, pelo menos, não havia notícias da sua morte. Todos estavam gratos por isso.

E por cada dia que a Gestapo não invadia o armazém com base no que quer que tivesse saído à força da boca de Marcel, eles ficavam ainda mais gratos.

Com o trabalho de impressão concluído, Elaine arrastou-se até à pequena cozinha para preparar uma chávena de chicória, e assim se fortalecer e abafar o vazio que roncava no seu estômago enquanto esperava a vinda de Nicole para recolher os últimos jornais. O corredor obscurecido estava estranhamente silencioso,

com a máquina automática já desligada, e todo o corpo de Elaine ficou subitamente em estado de alerta.

Cada passo lá fora podia ser da Milice a cercar o armazém. Cada voz murmurada poderia ser da Gestapo a infiltrar-se naquele perímetro. Cada pessoa que passava por ali poderia ser um colaborador que notara algo de estranho na fachada daquela empresa geológica.

Agora, essa era a vida de todos os dias — a par da dor corrosiva da insaciável fome e do puído cobertor de conforto e segurança arrancado pelas táticas bárbaras dos alemães. Mesmo no estado de exaustão em que Elaine se encontrava, cada estalo ou rangido do edifício antigo assentando nas suas fundações a assustava. Ela estava a chegar à cozinha, de nervos tensos como o arame de um funâmbulo, quando a porta principal se abriu, inundando o corredor escuro com a luz do exterior.

O coração de Elaine saltou e ela ficou imóvel, como um cervo diante do caçador. Apanhada.

Porém, aquela figura em contraluz, tropeçando junto da porta, não era nenhum nazi.

— Ajudem-me — disse Nicole, ofegante, cambaleando com o peso de um homem que trazia apoiado nos seus ombros.

Elaine correu para a amiga sem hesitar e fechou primeiro a porta depois de eles entrarem, colocando-se em seguida debaixo do outro braço do homem para ajudar. Ele estava esquelético, mas ela e Nicole não estavam em melhores condições, e esforçavam-se agora para o manter de pé.

— Eu consigo andar. — A voz do homem tinha um timbre familiar, sério e autoritário ao mesmo tempo.

Marcel.

Ele endireitou-se, com a pouca força que ainda lhe restava, e o peso do seu corpo nos ombros de Elaine aligeirou-se. Elas guiaram-no até ao interior do armazém silencioso.

Antoine levantou a cabeça e arregalou os olhos. Mas não hesitou.
— Jean, vem cá imediatamente. Traz o teu *kit*.

Elaine puxou uma cadeira para Marcel se sentar. Quando este se acomodou cautelosamente no assento, ela pôde finalmente ver o seu rosto. Várias contusões tingiam a sua face, colorindo a pele com o vermelho-vivo de marcas recentes, o roxo de nódoas provocadas há dias e o verde-amarelado de manchas quase curadas. Havia um corte no seu lábio inferior, e o seu cabelo, geralmente cortado rente ao couro cabeludo, tinha pelo menos uma polegada de comprimento, brilhando da cor do sangue num dos lados da cabeça.

Tal como sucedera com o homem em Montluc, as unhas de Marcel tinham sido arrancadas, deixando apenas manchas furiosas de raiva.

Ninguém se esquivava ao sangue por aqueles dias, com o abuso a ser tão comum. Além disso, Elaine nunca havia testemunhado a agressão e os ferimentos em alguém tão próximo como agora com Marcel. Naquele rosto maltratado ela ainda reconhecia o sorriso de um pai orgulhoso, um homem que amava a esposa e cuidava de todos com quem trabalhava, um profissional incansável que apenas queria ver o seu país livre e seguro.

Jean acomodou-se em frente a Marcel com um saco aberto ao seu lado. Embora o rosto de Jean permanecesse calmo, havia um tremor nos seus dedos enquanto espalhava no rosto de Marcel um pouco daquilo a que chamou de *Carrel-Dakin*, um líquido para

desinfetar feridas, no qual Elaine nunca tinha reparado. Embora Jean não fosse médico, ele tinha sido treinado em primeiros socorros no último ano de escola, quando os alemães chegaram a Lyon no início da guerra.

— Werner — murmurou Marcel. — Eu não revelei nada.

— Nós sabemos — disse Elaine, sossegando-o. — E os jornais saíram sempre nos últimos dois meses.

— Dois meses? — As suas sobrancelhas juntaram-se.

Elaine conseguia lembrar-se com muita facilidade da cela horrível em Montluc e do cheiro a medo e sangue que impregnava o escritório de Werner. Essas memórias visitavam-na frequentemente à noite, acordando com suores gelados. Era fácil perceber como o tempo se diluía num estado assim tão permanente.

— Yvette. — O nome da esposa emergiu de um lugar profundo dentro do seu peito.

— Ela já teve o bebé. — Um sorriso triste estremeceu nos cantos dos lábios de Nicole. — Uma menina chamada Claire.

Uma lágrima escorreu pela bochecha ferida de Marcel.

— Órfã — murmurou ele.

— *Oui* — sussurrou Elaine, naquela que era mais uma onda de dor para ele. — Yvette levou-a para o orfanato, como tinha instruído.

Sem dúvida que isso havia devastado a esposa, o seu útero e o seu coração estavam vazios. Mas uma criança poderia ser usada contra Marcel. Ele e Yvette tinham desistido de muita coisa em nome da Resistência, incluindo dos filhos, enviados para um orfanato nos últimos meses mais brutais. Tudo isso para os proteger da melhor maneira que sabiam. O fim da guerra juntá-los-ia, por fim, mas nada poderia trazer de volta os primeiros passos e as primeiras

palavras e todas as outras primeiras vezes que o sacrifício implicava.

A tensão desapareceu dos ombros de Marcel à medida que relaxava na cadeira e todos deixaram Jean a cuidar dele em paz. Antoine voltou logo ao trabalho, com o sobrolho franzido numa esforçada concentração que Elaine já conhecia bem, de modo a afastar o horror do que estava diante deles.

Nicole seguiu Elaine até à pilha de jornais.

— Soubeste alguma coisa da Josette? — perguntou Elaine. A curta janela de tempo em que se viam, a cada duas semanas para a entrega de jornais, era a única oportunidade que tinham para trocar impressões.

Os olhos claros de Nicole escureceram quando esta abanou a cabeça.

Os nervos de Josette haviam-se descontrolado e perdera-se algo de vital dentro dela. Os pais, temendo pela sua única filha, tinham decidido mantê-la trancada em casa para que os nazis não descobrissem mais nada e arrumassem o assunto.

— Denise? — perguntou Nicole.

— Nada de novo.

Nicole assentiu lentamente enquanto o seu olhar vagueava para o local onde Jean estava a tratar de Marcel. Uma rispidez tomou conta dos olhos dela, imbuídos de vingança e rancor.

— Quem me dera matar o Werner.

O olhar era visceral, uma animosidade que fervia também na alma de Elaine como numa panela prestes a transbordar. Todos eles viviam num estado de agitação, os seus corpos exaustos, mas profundamente alerta, o estômago vazio apenas com ácido que se

agitava e crescia. E a arder sob tudo isto, um ódio absoluto pelos nazis.

Ou a Resistência ganhava vantagem aos opressores, ou cada um deles morreria a tentar.

Um mês depois, Elaine reclinava-se sobre a mesa, com a caneta pousada no bloco de notas e o corpo tenso como um cavalo nas corridas à espera de que o portão se abrisse e revelasse a pista.

As notas iniciais da Quinta Sinfonia de Beethoven ganharam vida; as notas curto-curto-curto-longo em código Morse equivaliam ao V — simbolizando a vitória pela qual todos rezavam. E agora, depois das perdas pungentes e do intenso sofrimento, esse tempo poderia finalmente estar a chegar.

Elaine não estava sozinha a ouvir o rádio; os ouvidos a esforçarem-se para discernir os sons através do penetrante lamento e da estrepitosa estática que atrapalhavam a compreensão da mensagem. Nada poderia impedi-los de reunir os códigos que tinham sido libertados num fluxo aparentemente interminável durante a última semana. No dia 1 de junho houve mais de 200 mensagens.

Marcel havia-as traduzido com os olhos rasos de lágrimas. Os Aliados estavam a caminho.

Agora, ele estava ao lado dela, tal como Antoine, cada um com o seu bloco e caneta para garantir que nada se perdia.

— Os longos soluços dos violinos de outono — disse a voz do locutor em francês.

Antoine, um homem que nunca se rendia às emoções, respirou

fundo.

— Está a acontecer — disse Marcel com solenidade. Um mês após ter escapado aos nazis, os seus hematomas estavam todos curados e ele ficou apenas com um ligeiro coxear e dez manchas de pele estranhamente lisa onde antes cresciam as unhas.

Antes que Elaine pudesse perguntar o que ele queria dizer, ouviu-se a segunda mensagem.

— «Fere o meu coração com uma languidez monótona.»

Marcel olhou para Antoine e assentiu.

— Vai.

Antoine já estava a meio caminho quando recebeu a ordem.

— Os Aliados estarão aqui em menos de 24 horas — disse Marcel rapidamente, no intervalo entre mensagens.

Um formigueiro de excitação durou um segundo nas veias de Elaine, antes de chegar o código seguinte, exigindo a sua total atenção para o registar. Mas enquanto ela apontava, linha após linha, as declarações aparentemente sem sentido, aquele formigueiro incipiente desabrochou numa chama tangível de esperança.

Assim que a corrente de mensagens terminou, Marcel virou-se para Elaine com um sorriso aberto no seu rosto já curado.

— A Sarah e o Noah estão em segurança e partirão em breve para a América, assim esperamos.

A euforia disparou dentro de Elaine.

— É mesmo verdade?

Ele sorriu a Elaine, revelando um canino inferior em falta no lado esquerdo.

— Conseguiu, Elaine. Salvou-os, ainda por cima antes destes

meses angustiantes.

Estes meses angustiantes — mesmo palavras assim tão fortes eram uma descrição trivial para o que eles haviam suportado. Todos os dias havia relatos da agressão nazi, quando estes descobriam os esconderijos dos judeus. O pior desses relatos veio de Izieu, não muito longe de Lyon, quando três camiões nazis chegaram a um orfanato que acolhia crianças judias e prenderam cada uma das 44 almas inocentes, bem como os sete corajosos adultos que ali permaneciam. Elaine tinha escrito a história para o *Combat*, com o coração pesado, digitando as palavras muitas vezes interrompidas pelos instantes necessários para enxugar as lágrimas que caíam sem parar. Os órfãos e os seus cuidadores tinham sido levados para Drancy, um campo militar em Paris, de onde foram enviados para os campos de trabalho.

O que poderiam as crianças fazer nos campos de trabalho?

Elaine pensou imediatamente em Sarah, depois de saber daquelas pobres crianças em Izieu. Se Sarah tivesse feito o que muitos haviam sugerido e deixado Noah aos cuidados dos que procuravam salvar as crianças judias, talvez ele tivesse sofrido um destino idêntico.

Elaine recostou-se na cadeira enquanto o noticiário da *Radio Londres* detalhava as perdas que a Alemanha havia sofrido recentemente, apesar de os nazis se gabarem em delirantes alegações de vitória. Ela permaneceu ali sentada por muito tempo após o programa terminar, remoendo no sucesso com Sarah e Noah.

A tarefa de os levar para a América fora considerada inalcançável, mas as ações de Elaine iniciaram o processo de libertação,

juntamente com os esforços heroicos de muitos outros que conseguiram que o impossível se tornasse realidade.

Finalmente, parecia haver esperança para todos eles.

Os jornais clandestinos não mencionavam a invasão dos Aliados, mas as armas guardadas na cave foram distribuídas pela Resistência em Lyon, bem como entre os Maquis. Os Aliados estavam finalmente a chegar; a guerra pela independência tinha começado.

No passado, os bombardeamentos pelos Aliados não tinham tido sucesso em Lyon, como aquele que ocorrera no final de maio. Embora o poder das explosões tivesse causado estragos na sede da Gestapo, a destruição também causara danos na área envolvente, matando mais de 700 civis e ferindo várias centenas de outros.

Contudo, um exército a avançar pelas colinas verdejantes e pelas ruas empedradas de França seria muito mais eficaz.

A prensa continuava o seu processo de impressão, mas Elaine mal conseguia concentrar-se para operar a velha Minerva. Olhou para o relógio, o delicado ponteiro já passava meia hora do que tinham combinado. Nicole estava atrasada.

A ansiedade de Elaine trouxe-lhe uma indesejada sensação de desconforto. A qualquer momento, ela esperava que a porta se abrisse e a voz de Nicole ressoasse entoando uma saudação.

Mas não chegou.

Nicole nunca se atrasara. Nem uma vez.

Um pressentimento arrepiou a pele de Elaine.

Ela olhou para a porta e desejou que esta se abrisse. Porém, quando tal, enfim, sucedeu, não foi Nicole quem entrou pela porta, mas sim Marcel, de regresso de uma reunião em Paris com outros impressores. O avanço dos Aliados significava que, provavelmente, não seria necessário recrutar mais gente para a Resistência. Decerto, a guerra terminaria a qualquer momento.

Elaine correu para ele, seguindo os seus passos largos enquanto atravessava a sala.

— A Nicole está atrasada.

O olhar dele fixou-se na secretária de Elaine, onde os jornais estavam já encadernados e empilhados, prontos a serem recolhidos. Franzindo o sobrolho, ele observou o relógio.

— Ela devia ter chegado há 45 minutos — declarou Elaine solenemente. Uma sensação estranha vibrava no seu peito. Olhou para Marcel na esperança de que ele pudesse reprimir aquele terrível sentimento com uma nota de segurança. — Ela nunca se atrasou.

— Vamos esperar um pouco mais. — A exaustão cobria o rosto abatido de Marcel e escurecia-lhe a pele macia em redor dos olhos, a ponto de essas manchas parecerem uma reminiscência dos hematomas que ele exibira, há mais de um mês, fruto da violência dos alemães.

— O que disseram eles acerca de pararmos com a produção do jornal? — perguntou Elaine.

Marcel afundou-se numa cadeira e tirou o chapéu, deixando-o cair sobre a mesa. O seu cabelo continuava curto, pois ele preferia usá-lo assim, sendo muitas vezes confundido com um soldado. Curto o suficiente para que ninguém pudesse agarrá-lo pelos cabelos

escuros e mergulhar a sua cabeça na água de *baignoire*, a tortura da banheira que os nazis adoravam aplicar.

— Paris disse que devíamos aumentar a produção em vez de a parar — respondeu Marcel com firmeza.

A centelha de determinação no seu olhar tinha-se tornado algo apagada e irreconhecível. Derrota.

Naquele momento, Elaine quase podia ouvir os pensamentos de Marcel. Ele queria que a sua função terminasse, reencontrar-se com a esposa, recuperar os filhos relegados ao orfanato, reviver aquelas memórias que em tempos desenhavam nos seus lábios um sorriso involuntário.

Embora Elaine não aguardasse, no final das suas funções, um desfecho assim tão feliz, ela entendia o apelo dos desejos dele. Se Joseph estivesse vivo, ela iria querer o mesmo — ficar livre do seu trabalho com a impressão, trocar a tinta, o papel e os incandescentes caracteres tipográficos de metal, abandonados num tabuleiro de arrefecimento, em nome do conforto e do amor.

Porém, agora os seus esforços eram uma forma de esquecer tudo o que não mais lhe pertencia. Embora quisesse que a guerra terminasse, ela não desejava que o seu trabalho acabasse. Quando isso acontecesse, teria de enfrentar a imensidão de tudo aquilo que efetivamente havia perdido.

— Talvez possam enviar um substituto? — sugeriu ela, enquanto os seus olhos vigiavam a porta fechada pela qual Nicole não chegava. — Ou posso ir eu.

Ele levantou o olhar para Elaine e assentiu.

— Eu sei que conseguiria fazer o trabalho, mas eu nunca colocaria um fardo tão pesado nos seus ombros.

— Mas eu podia...

— Não. — Havia uma firmeza na resposta dele. Apesar de o seu corpo ter sarado daqueles dois meses em que esteve preso, o seu comportamento continuava ferido. Durante todo o tempo em que Elaine o foi conhecendo, de todas as prisões das quais havia escapado anteriormente, Marcel nunca demonstrara medo até àquele último regresso. A ansiedade e o nervosismo notavam-se nas suas negociações com todos eles, já que Elaine e os outros mal podiam deixar o armazém ou assumir qualquer tarefa que implicasse riscos adicionais.

Por exemplo, operar sozinha a prensa, como ela tinha sugerido.

Ele arrastou lentamente o olhar até à porta fechada do armazém e a preocupação acentuava as novas rugas na sua testa.

— A Nicole está muito atrasada — sussurrou Elaine.

Os músculos moveram-se no maxilar dele e o olhar tornou-se suave e distante.

— Acho que não a veremos hoje.

Marcel estava certo. Nicole não apareceu. A angústia venceu, por fim, quando Nicole voltou a falhar no dia seguinte.

Não houvera relatos de que estivesse na prisão de Montluc, o que podia significar apenas uma coisa.

— Eu vou tentar encontrar a Nicole. — Elaine pegou no cesto de compras e na sua mala antes que os nervos a dominassem.

Depois de os bombardeamentos terem destruído a antiga escola médica militar, o quartel-general da Gestapo fora transferido para um prédio na esquina da Place Bellecour com a rue Alphonse Fochier. Se Elaine se apressasse e apanhasse os elétricos certos, chegaria lá em meia hora.

Nicole já se havia arriscado para libertar Elaine das garras de Werner. Elaine não abandonaria agora a sua amiga.

Marcel mexia-se como uma cobra em pleno ataque, agarrando Elaine pelo braço.

— Está louca?

— Não posso ficar aqui sentada sem fazer nada. — Elaine não queria que aquilo soasse a uma acusação, mas ele recuou como se tivesse sido atingido.

— Nem sequer sabe se ela lá está — disse ele num tom agressivo. — Se aparecer à procura dela, eles matam as duas.

Não ocorria a Elaine nenhum outro lugar onde Nicole pudesse estar. Ela nunca desapareceria deixando o pai e o irmão sozinhos e sem os mantimentos que reunia com tanto esmero para lhes enviar. Nem abandonaria as suas tarefas para a Resistência, pois era uma das suas mais ardentes defensoras.

Elaine abanou a cabeça.

— Ela não pode estar noutro lugar senão a prisão. Eu não a posso abandonar! Ela não me abandonou a mim.

Jean aproximou-se, sem dúvida atraído pela paixão com que Elaine falava.

— O Marcel está certo, Elaine. É muito mais perigoso agora do que antes. — A sua expressão normalmente jovial era abafada pela gravidade da situação e pela dor notória que o desaparecimento de Nicole lhe causava. — É por isso que eu vou consigo.

A porta do armazém abriu-se e entrou uma jovem de cabelos curtos e escuros. Era Celine, a substituta de Nicole. Havia um peso no seu semblante, uns olhos envelhecidos num rosto jovem. Não

tinha a expressão alegre de Nicole e ficou com o seu lugar apenas enquanto mensageira substituta.

Era preciso preencher a vaga, claro, mas a pressa com que o tinham feito era quase um insulto. Como se todos fossem simplesmente substituíveis. Como se nenhum deles se importasse mais com o papel que ocupavam. Não eram pessoas, mas sim peças sem nome que faziam funcionar a grande máquina da Resistência.

Que alguém como Nicole pudesse ser tão facilmente esquecida, que a organização pudesse seguir em frente tão precipitadamente... era mais do que Elaine conseguia suportar.

— Eu vou agora.

Antes que Marcel pudesse alcançá-la novamente, Elaine correu em direção à porta do armazém, seguida por Jean. O mundo zumbia quando ela saiu para o calor daquele dia de junho.

Jean juntou-se a ela, acompanhando o seu ritmo sem dizer nada, abrandando apenas quando chegaram ao Ródano. A sombra dos plátanos ao longo do rio ajudou a secar o suor acumulado na testa de Elaine e que humedecia a parte inferior das costas do seu vestido. Mas o farfalhar das folhas pontiagudas nas árvores chamou a sua atenção, o seu som ameaçador, empurrando-a para a frente com a mesma determinação que sentia há pouco.

— O que estão eles a ver? — Jean apontou para um grupo de gente debruçada sobre o muro de pedra que dava para o rio.

Uma premonição gélida caiu sobre Elaine, que continuou a andar descontroladamente. Um homem virou-se para o lado e vomitou, criando uma brecha na multidão, um lugar para espreitar em direção ao rio reluzente lá em baixo.

Uma mulher nua flutuava na água, balançando de braços nas ondas ligeiras. O corpo rígido foi empurrado com uma longa barra metálica por um polícia, em direção ao passadiço de pedra. O cabelo louro flutuava em redor dela como uma névoa pálida, e sua pele era branca como uma estátua de mármore, manchada por hematomas escuros que cobriam as pernas e as costas. Horrendas faixas de cor rosada, em carne viva, mostravam onde a pele estava em falta, como se tivesse sido arrancada.

A ira queimava a garganta de Elaine.

— Não desça — advertiu Jean, ao seu lado.

Mas ela já estava a descer as escadas, guiada pela mesma mão macabra e invisível que a havia levado por aquele caminho.

Ela tinha de saber.

Ou melhor, já sabia, mas tinha de ter a certeza.

Os policiais gritaram-lhe, mas estavam demasiado ocupados a tirar o corpo da água para a impedirem de descer. Ela chegou quando puxaram o cadáver das ondas e o viraram sobre o passadiço de pedra.

Olhos azuis leitosos olhavam para o nada, num rosto tão desfigurado que as feições da mulher eram indistinguíveis. Se os sinais de tortura nas suas costas eram monstruosos, não eram nada em comparação com o que havia sido feito na parte da frente.

O estômago de Elaine revolveu-se de náusea. Aquela mulher não podia ser Nicole. A sua luz era muito brilhante para poder ser apagada, a sua astúcia demasiado terna para ser aprisionada, a sua beleza tão deslumbrante que não podia tornar-se hedionda, mesmo sob tortura.

Ainda assim, quando Elaine se tentava convencer de tudo isso,

ela não deixou de reparar no braço direito da mulher, logo acima da dobra do cotovelo, onde uma pequena verruga em forma de coração surgia negra contra a pele pálida.

Nicole tinha sido encontrada.

VINTE E TRÊS

Ava

Todos os dias, ao meio-dia em ponto, o Sr. Smith — um dos vice-cônsules da legação no primeiro piso da embaixada — ia ao piso superior para tomar um café. E todos os dias, ao meio-dia em ponto, Ava encontrava-se com ele lá.

Primeiro, ela levou uns pastéis de nata da melhor pastelaria de Belém. Depois, e ao saber que o pessoal do piso inferior mal tinha tempo para comer, ela ofereceu ao Sr. Smith alguns enchidos e uma lata de sardinhas de qualidade superior para um almoço rápido. No dia seguinte, presenteou-o com uma garrafa de vinho verde.

Ele sabia que Ava andava a tramar alguma coisa, com sorrisos doces e tanto interesse no seu dia a dia. Apesar disso, quando ela lhe perguntou pela primeira vez se havia recebido as seis cópias do Formulário B, meticulosamente preenchido e revisto, ele teve o descaramento de lhe responder que ainda faltava uma cópia.

Eram agora 11h58 e estava farta de ser simpática.

Levantou-se da secretária, calçou os seus sapatos de salto alto e endireitou a saia. Peggy cruzou o seu olhar desde a outra ponta do escritório e ofereceu-lhe um aceno de encorajamento; semicerrou os olhos num gesto de assertividade.

Às 11h59, Ava deixou a sua secretária e caminhou lentamente até

a sala de pessoal. Certamente, o Sr. Smith estaria lá, com o seu fato cinza mal composto e um tom de pele a combinar. O seu bigode escuro lembrava-a das longas vassouras usadas pela equipa de limpeza e a sua testa permanecia sempre brilhante. Ele tinha a mesma expressão exausta e derrotada dos colegas vice-cônsules, todos eles trabalhando a ponto de esgotarem a paciência e à beira de perderem a sua humanidade.

Ele olhou-a com cautela.

Ava brindou-o com o seu sorriso mais encantador, exatamente como Peggy a havia instruído.

— O senhor recebeu as minhas cópias atualizadas do Formulário B?

— Menina Harper. — De modo exagerado, ele passou o apoio do seu corpo de um pé para o outro, como se carregasse o mundo aos ombros. — Era realmente necessário enviar mais de oito cópias do pedido de visto?

— Absolutamente. — Ava cruzou os braços sobre o peito. — Considerando que deixei dez para si.

Esta também fora uma ideia de Peggy. Ao décimo formulário elas tinham cãibras nas mãos, mas a expressão nos lábios do Sr. Smith, debaixo daquele bigode, valia realmente a pena. O sistema era complicado e cheio de burocracia, mas ela estava a aprender a equilibrar-se nas suas cordas, um extenuante passo de cada vez.

E ganharia.

Os formulários para pedir os dois vistos americanos eram excecionalmente longos e exigiam seis cópias por cada pessoa, que ela preencheria meticulosamente. Estavam concluídos em março, quando Sarah e Noah chegaram a Lisboa. Embora ela mesma os

tivesse entregado no piso inferior, os funcionários tinham-se recusado a dar uma vista de olhos e deixaram os formulários de lado. Durante esse tempo, conseguiram perder uma das cópias e levaram um mês e meio para informá-la de que faltava uma página. Ela já estava à espera há mais de um mês depois de entregar o segundo conjunto de papéis, pelo que se recusava a esperar mais um dia que fosse.

— Foram recebidos — respondeu o Sr. Smith com firmeza.

— Eu acompanho-o hoje lá abaixo para o senhor os aprovar — disse Ava.

— Não é assim que se processa, menina Harper. — A condescendência do seu tom só tornou mais fácil o que ela tinha a fazer de seguida.

— Estou bem ciente de como se processa. — Ela descruzou os braços e endireitou-se, totalmente preparada para a batalha. — O senhor atrasa os vistos para não ter de os emitir. Eu assisti a isso diversas vezes. Toda a papelada necessária foi apresentada, não uma, mas duas...

— A papelada estava incompleta da última vez que entregou.

— Não estava quando a submeti — corrigiu-o ela. — Ainda estou para perceber como se perdeu alguma coisa quando estava tudo dentro de um envelope.

O Sr. Smith semicerrou os olhos.

— Preciso de a lembrar da Quinta-coluna?

Não precisava. Ela estava bastante familiarizada com a expressão que fazia referência a simpatizantes nazis que poderiam entrar nos Estados Unidos como refugiados. A expressão era sussurrada a

medo na América e os jornais mencionavam-na com tanta frequência que se tornara praticamente banal.

— Falamos de uma mãe com o seu filho — disse Ava com exasperação. — Cujo marido já está em Nova Jérсия a trabalhar como médico. As declarações de apoio e de honra foram recebidas e aceites há mais de um mês. Eles deviam estar livres desse escrutínio e desse preconceito.

Mike entrou na pequena sala e parou para os ouvir, encostado ao batente da porta com os braços casualmente cruzados sobre o peito e um sorriso nos lábios.

O Sr. Smith lançou-lhe um olhar irritado.

— Eu vou aparecer de hora em hora se o senhor não o fizer agora — ameaçou Ava. — Dia após dia, todos os dias. — Ela adicionou um pouco mais de açúcar ao seu sorriso já melífluo.

— Ela é mesmo muito persistente. — Mike deu uma dentada numa maçã e mastigou ruidosamente enquanto observava o Sr. Smith com um ambíguo sorriso forçado.

O Sr. Smith exalou, expirando de modo pesado e derrotado, o que dizia a Ava que tinha vencido.

— Estão aprovados — resmungou ele. — Vai recebê-los dentro de um mês...

— Hoje — interrompeu ela. — Espero receber os vistos hoje ou teremos de conversar todos os dias.

— Muito bem. — O Sr. Smith falava por entre dentes. — Mas os vistos serão válidos por apenas duas semanas.

Isso daria bastante tempo para garantir um barco até Nova Iorque.

— Perfeito.

— É tudo, menina Harper? — A pergunta era mais sarcástica do que propriamente fruto de genuína solicitude.

— Sim, claro — respondeu ela num tom vívido. — Obrigada pela sua ajuda, Sr. Smith.

Ela ainda não tinha terminado de falar quando ele saiu da sala, murmurando algo sobre a sua solidariedade para com um eventual marido dela.

Mike sorriu.

— Bem feito.

Ava assentiu, mais satisfeita consigo mesma do que gostaria de admitir. Quando saiu da sala de pessoal, Peggy estava a apenas alguns passos da porta e fez-lhe um sinal de aprovação com os polegares para cima.

— Conseguiu! — gritou ela.

Sim, Ava tinha conseguido. Finalmente.

Mas e o que acontecia a todos os outros refugiados que não tinham um americano para travar aquela batalha por eles? Não era de admirar que os seus vistos levassem meses para serem aprovados, sendo a maioria forçada a esperar. Apesar da vitória de Ava neste caso, era impossível naquele momento não pensar em Otto. No quão desolador devia ter sido o seu futuro a cada rejeição de uma oportunidade para ficar livre.

Por mais coisas que ela conseguisse, seria sempre assombrada pelo que não tinha podido fazer por Otto.

Conforme prometido, os vistos americanos de Sarah e Noah foram enviados para o piso superior nessa tarde, juntamente com a

correspondência do dia. Para grande decepção de Ava, não havia notícias de Daniel. Tinha passado quase um mês desde a sua última carta e, embora ela tentasse afastar a preocupação, aquilo não lhe largava os seus pensamentos a cada dia que passava.

Ao menos tinha conseguido os vistos.

Uma semana depois, num dia particularmente ensolarado, os vistos estavam guardados em segurança na mala de Sarah, presa debaixo do seu braço. Ava levou Sarah e Noah até ao Cais do Sodré, em Lisboa, onde uma multidão de gente se apertava de forma caótica naquilo que nem pareciam ser filas.

Era a terceira tentativa de Sarah para obter bilhetes num dos navios, pelo que o tempo estava a esgotar-se. Eles aproximaram-se do escritório da American Export Lines e juntaram-se à multidão expectante. Sem qualquer sombra, o sol de junho rapidamente se tornou impiedoso. Seria sobretudo assim para os que esperavam na fila com os seus casacos de inverno, evitando deixar para trás quaisquer dos seus pertences, quando já tinham tão poucos.

Na primeira vez em que recusaram a Sarah uma reserva, os funcionários haviam alegado que não falavam francês e declarado que havia outras pessoas cujos vistos iriam expirar antes do dela. Na segunda vez, Sarah disse que um homem de cabelo louro os interrompera, sussurrando algo à funcionária. O comportamento da mulher mudara logo depois, recusando entregar-lhe bilhetes. Quando Sarah descreveu o homem como alto e bonito, com uma covinha na bochecha, Ava percebeu exatamente de quem se tratava.

Lukas.

Ele era a sua némesis e aparecia sem aviso onde quer que fosse,

deixando-a ansiosa sobre onde e quando iria vê-lo da próxima vez.

Não importava se ele apareceria agora ou não. Esta terceira tentativa seria a última e Ava não voltaria costas sem conseguir o que queria.

A preocupação marcou o semblante de Sarah enquanto Noah brincava distraidamente com um pequeno barco que Ava lhe dera para acalmar a sua ansiedade por viajar em mar aberto. Apenas um mês antes, um submarino *U-boat* capturara o *Serpa Pinto*, um navio cheio de refugiados de Lisboa, e a tripulação e os passageiros haviam sido mantidos em cativeiro. Se os boatos fossem verdadeiros — e muitos nesta guerra estavam a mostrar-se reais — um bebê havia-se afogado no meio daquele caos.

— Vai correr tudo bem — assegurou Ava a Sarah.

Elas tinham-se tornado próximas naqueles últimos meses, daí ter sido difícil para Ava testemunhar a gradual transição de Sarah enquanto passava pelas várias fases que todos os refugiados em Lisboa pareciam atravessar. Primeiro, o espanto de olhos arregalados por tanta comida, duches quentes e roupas, tal como pela liberdade de andar à vontade pela cidade.

Mas depressa o espanto deu lugar à ansiedade, quando os vistos não foram aprovados prontamente. O estado permanente de nervos em franja. Se a liberdade não fosse alcançada, entretanto, seria então substituída por desalento e total ausência de esperança.

Como sucedera com Otto.

O coração de Ava apertou-se.

Ela esperou na fila com Sarah e Noah o tempo suficiente para que os seus estômagos comesçassem a roncar. Nessa altura algumas crianças percorriam toda a extensão da fila, trazendo sacos de bolas

para venderem. As guloseimas húngaras eram bolos com crosta de açúcar, a massa era doce e macia e tinha um recheio cremoso de creme. Tornaram-se imediatamente populares quando os refugiados começaram a vendê-los à chegada a Portugal e rapidamente foram adotadas nos cafés locais.

Com leis rígidas a fim de impedir que os refugiados trabalhassem em Portugal, havia poucas maneiras de conseguir dinheiro. De um momento para o outro, os homens que antes sustentavam as suas famílias tiveram de se sentar e permitir que as mulheres ganhassem a vida em tarefas como cozinhar, lavar roupa ou costurar.

Ava comprou quatro bolos. Um para ela, outro para Sarah e dois para Noah, cujo estômago não tinha fundo. Nos dois meses que passaram em Lisboa, as suas bochechas ficaram rechonchudas e com um brilho saudável, e ele cresceu pelo menos uma polegada.

A fila condensou-se num aperto de pessoas à medida que se aproximavam da entrada do edifício, como se crescesse o sentido de urgência em função dos escassos bilhetes a atribuir. Por cada pessoa que emergia da bilheteira com um olhar de alívio no rosto, havia menos uma vaga aberta para outro refugiado que esperava.

Sarah puxou a mala e colocou-a à sua frente, encostando-a ao peito presa pelo braço.

— E se eles nos mandarem embora?

— Não vão fazer isso — disse Ava com convicção.

Na verdade, não havia qualquer razão para que o fizessem. Ava podia traduzir do francês para eles, Sarah e Noah estavam vestidos com as suas roupas mais limpas e recentes, que ela adquirira para a mãe e filho. E os vistos expirariam em breve.

Este último ponto pesava a Ava todos os dias. Os bilhetes de

navio deveriam ter sido mais fáceis de obter. Afinal, o CJDC tinha fornecido os 375 dólares necessários, um preço exorbitante, generosamente oferecido pelo comitê através de Ethan e como agradecimento por todas as vezes que Ava ajudou nos seus dias de folga. Não que ela se voluntariasse para pedir favores em troca, o que Ethan sabia, mas não podia recusar a oferta para auxiliar Sarah e Noah. É claro que as tarifas elevadas para viajar naqueles navios eram muito mais do que Ava podia pagar por sua conta.

Essa pequena fortuna estava guardada na bolsa de Sarah com os preciosos vistos.

Por fim, entraram no prédio e o calor do Sol foi substituído pela sombra de um teto. Embora estivesse abafado lá dentro, pelo menos eles viram-se livres do brilho impiedoso que lhes queimava o cocuruto.

No interior, uma grande bandeira americana encontrava-se hasteada e o pequeno espaço estava lotado de pessoas, embora apenas com seis balcões disponíveis para os candidatos preencherem mais um longo formulário. Sarah passou a Ava a carteira onde tinha os vistos e o pacote de dólares americanos para pagar os bilhetes, e depois puxou Noah para si.

Ele contorceu-se.

— Eu quero brincar, *maman*.

— Fica ao meu lado — advertiu ela. — E não armes confusões.

Ava compreendia a preocupação dela. Os funcionários podiam negar a passagem por qualquer motivo, legítimo ou meramente pessoal. Todos os candidatos estavam à sua mercê. Uma criança errante poderia significar um desastre para Sarah e Noah, mesmo com Ava ali para ajudar.

Quando o balcão seguinte ficou livre, Ava aproximou-se da zona onde uma mulher com cabelos grisalhos e uma expressão cansada a encarava. Auréolas de suor escureciam as axilas da sua camisa vermelha.

— Eu quero dois bilhetes para Nova Iorque, partindo na próxima semana para garantir que os vistos deles não expiram. — Ava mostrou os vistos para a mulher os inspecionar.

— Tem de preencher o formulário. — A mulher estendeu duas cópias a Ava, que havia aprendido a desenvolver uma paciência invulgar com situações do género nos últimos meses. Ninguém suporia que o papel estivesse em racionamento, com todas aquelas candidaturas, declarações e formulários que eram obrigados a apresentar.

Se o processo fosse para ela mesma, Ava suspeitava que a sua tolerância seria mínima. No entanto, à luz do que Sarah e Noah já tinham sido obrigados a passar, uma mão com cãibras não era digna de nota nem justificava reclamação.

Enquanto preenchia cuidadosamente todos os detalhes, olhou em volta, quase à espera de que Lukas aparecesse novamente.

Sarah permaneceu ao lado dela, imóvel como um soldado, com as costas de Noah obedientemente travadas contra a sua perna. O barquinho de brincar estava erguido na mão dele, vogando por um mar invisível, e o rapaz franzia os lábios enquanto imitava o barulho das ondas num sussurro quase inaudível.

A funcionária aceitou o formulário e passou os olhos pela cuidadosa caligrafia de Ava. A mulher franziu os lábios. Passaram-se alguns segundos, arrelhando os nervos de Ava.

A funcionária olhou para Sarah com o pequeno Noah de pé ao

seu lado, ainda a segurar o navio de brincar. Ele parou de o agitar e sorriu para ela de uma maneira doce e pura, como só uma criança consegue.

Ela exalou um suspiro.

— Tenho exatamente duas vagas disponíveis para esta quarta-feira no USS *Siboney*.

Faltavam dois dias.

— Ficamos com eles — declarou Ava, pousando o dinheiro no balcão.

Minutos depois, eles deixavam o escritório de viagens com os preciosos bilhetes, em vez do dinheiro, guardados num compartimento da mala de Sarah. Depois de um gelado comemorativo num dos cafés perto do apartamento, Ava acompanhou-os até a porta.

— Queres subir? — perguntou Sarah, como sempre fazia quando almoçavam juntas.

— Gostava muito. — Ava seguiu-a por um lanço de escadas até ao apartamento, que se tornara tão familiar para Ava quanto a sua própria casa.

— Deixa-me acalmar este pequeno para a sua sesta — disse Sarah. — Fica à vontade.

— Mas eu não estou cansado — choramingou Noah, enquanto esfregava um olho com o punho fechado.

Embora Ava não estivesse acostumada a crianças, os hábitos de Noah eram bastante regulares e tornava-se fácil discernir o que lhe convinha, apesar dos seus protestos. Dois meses tinham sido suficientes para perceber que Noah precisava realmente de uma

soneca, pois de outro modo a sua disposição alegre azedaria em gritos de desagrado.

— Não há pressa, não por mim. — Ava acenou para Sarah e foi à cozinha preparar uma chávena de café para cada uma delas.

Sarah surgiu alguns minutos depois com um sorriso ainda visível nos lábios.

— Adormeceu antes que eu lhe cantasse *Fais Dodo*.

Ava, que sabia como ele adorava a música de embalar, riu-se e serviu café acabado de fazer nas duas chávenas. Quando Sarah conheceu Ava, ela contou-lhe como era Paris durante a ocupação nazi. Houve dias tão frios em que as pessoas acordavam com geada sobre os cobertores e a comida era tão escassa que foram afixados letreiros para lembrar que era perigoso comer ratazanas. Havia também os momentos em que se escondiam em espaços exíguos destinados a guardar objetos e não pessoas, com uma tremenda capacidade de ficarem completamente imóveis para que ninguém os ouvisse durante o dia. Sem falar na angústia de manter calada uma criança...

As histórias eram desoladoras e faziam com que Ava apreciasse o conforto que lhes era proporcionado em Lisboa. Sarah também falava com frequência de Elaine, a mulher que criara a mensagem codificada no *Combat*.

Sarah sorria sempre que falava de Elaine, que pusera em risco o seu papel na Resistência ao criar a astuta mensagem e que sacrificara a sua própria cama por Noah e Sarah. Acabava por contar detalhes da fuga, e seguiam-se lágrimas por Manon, a mulher que lhes abrira a sua casa e o seu coração.

Foi através dessas histórias, e daquelas que Ava ouvira a Otto,

que realmente começou a entender as expressões atormentadas nos rostos dos refugiados, a existência brutal de estar sob o jugo nazi. Embora se preocupasse constantemente com o irmão, ela estava grata pelo seu papel naquela guerra, o de salvar os inocentes de serem tão cruelmente oprimidos e assassinados.

Ao mesmo tempo que Ava estava aliviada por finalmente garantir a passagem de Sarah e Noah num navio para Nova Iorque, ela sentiria muita a falta deles. Os almoços e as idas à praia do Estoril ou ao antigo castelo medieval oculto pelo véu enevoadado de Sintra não seriam iguais sem eles. As aventuras tinham começado como uma forma de distrair Noah, mas rapidamente os aproximaram, tornando-os grandes amigos.

— Estou ansiosa, Ava. — Sarah colocou as mãos à volta da sua caneca apesar de o dia estar quente.

— Não precisas de te preocupar com os submarinos — disse Ava, oferecendo-lhe o mesmo encorajamento que lhe vinha a dar desde que ouviram falar no *Serpa Pinto*.

— Não é isso. — Os lábios de Sarah franziram enquanto pensava. — Não vejo o Lewis há três anos. Ele esteve nos Estados Unidos todo este tempo, enquanto nós permanecemos em França. — Ela passou a mão pelo cabelo escuro. — Eu não pareço a mesma mulher que o beijou na despedida. Cá dentro também não sou a mesma mulher por quem ele se apaixonou. É possível que depois de três anos separados... já não nos conheçamos.

— Então isso dá-vos a ambos a possibilidade de se apaixonarem de novo. — Ava estendeu a mão sobre a pequena mesa redonda e pegou na mão da amiga. — Foste tão corajosa e sacrificaste tanto

pelo Noah, e ainda assim mantiveste a tua bondade. Como poderia ele não te amar?

A preocupação no rosto de Sarah aliviou e deu lugar a um sorriso. Ela assentiu.

— Tudo ficará bem. — O seu olhar recaiu no maço de cartas do marido, atadas com uma preciosa fita de veludo carmim que havia sido da mãe dela. — Agora só precisamos que o navio chegue a tempo.

Na tarde de terça-feira, o USS *Siboney* ainda não havia chegado ao porto. James insistira em acompanhar Ava até ao Cais do Sodré ao final do dia para verificarem se o navio tinha chegado.

Ele já quase não coxeava. O ferimento de bala sarara completamente, deixando apenas uma pequena hesitação na sua passada.

— Estás muito calada — observou ele com ternura.

— Estou preocupada — admitiu Ava.

O Sol estava a descer no horizonte por entre faixas de púrpura, dourado e rosa vívidos que incendiavam as nuvens com aquela luz de fim de dia. Uma brisa fresca varria o Tejo e espalhava-se sobre a sua pele quente, trazendo consigo um cheiro salgado e conhecido.

— Se eles não conseguirem embarcar no navio, os seus vistos irão expirar — disse Ava. — Foi preciso um milagre para os conseguir. Teria de começar o processo outra vez.

Aquela ideia provocou-lhe um nó de raivosa frustração no fundo da garganta. Mesmo com as ligações dela e a sua posição na embaixada, Ava estava ainda assim à mercê de navios atrasados.

Tolstoi disse uma vez que os dois guerreiros mais poderosos eram a paciência e o tempo.

No início da sua vida, Ava esforçara-se para guardar essas palavras sábias no coração, aprender com elas e crescer. Agora, ressoavam na sua cabeça como que zombando da situação presente.

Ava preferia ser ela a ter de enfrentar o atraso do navio de passageiros em vez de Sarah e Noah, cujas esperanças dependiam da sua fuga de Lisboa.

Uma mão quente envolveu a de Ava. Assustada, olhou para baixo e notou os dedos de James envolvendo os dela.

— Vai ficar tudo bem — disse ele com confiança.

— Eu continuo a pensar que eles já poderiam estar a caminho da América se eu os tivesse acompanhado aos escritórios nas outras duas vezes. — Ava apressou o passo quando se avistaram os navios atracados. A multidão encheu-se de viajantes, as escassas malas a abarrotar com os seus pertences à medida que os que chegavam e os que partiam se adensavam numa única massa contorcida.

— Se eu estivesse lá para traduzir — lamentou ela. — Se o Lukas não tivesse interferido.

James ficou tenso.

— Ele estava lá? — O estômago de Ava afundou-se mais um pouco. — Porque é que não me contaste?

— Eu não te queria preocupar. Pelos vistos, um dia ele entrou e falou com um dos funcionários antes de a Sarah e o Noah serem mandados embora. — Ela abanou a cabeça. — Eu não estava lá.

James respirou fundo como se pretendesse dizer mais alguma

coisa, mas Sarah e Noah emergiram da multidão de viajantes. Noah sorriu-lhes e ergueu triunfantemente um gelado na mão, mas Sarah parecia abalada.

Ava não precisou de perguntar o motivo.

— O USS *Siboney*... — Os olhos de Sarah encheram-se de lágrimas. — Ainda não chegou.

O que significava que não havia como zarpar até sexta-feira. Ava teria de recomeçar o processo. Ela engoliu a amargura da sua própria decepção. Depois concentrou-se em tranquilizar a amiga, assegurando que iria encontrar uma maneira de os levar para a América.

E Ava conseguiria. Com paciência e tempo — ambos agora escassos.

VINTE E QUATRO

Elaine

Os dias que se seguiram à morte de Nicole foram alguns dos mais sombrios que Elaine havia experienciado.

Elaine não se lembrava de como tinha regressado ao armazém depois de ver o corpo torturado de Nicole; apenas da sensação de estar envolta em cobertores e de como nem o calor das suas camadas conseguia acalmar o tremor incontável. Depois, quando finalmente se viu livre daquele estado de fuga, ela voltou ao trabalho rotineiro, realizando movimentos mecânicos instilados por meses de repetição.

No passado, ela tinha sido capaz de superar os horrores da guerra, mas não agora, não com imagens tão terríveis aprisionadas na sua mente. Sussurros perseguiam-na — os de Nicole, o que ela poderia ter revelado através da persuasão de tamanha dor física.

— Ela nunca revelaria nada. — Elaine repreendeu Antoine, a sua própria voz a soar tão estranha aos seus ouvidos após quase uma semana sem falar.

— Não podes ter a certeza disso — disse ele num tom solene, sempre realista.

— Eu conhecia a Nicole — rebateu Elaine. — Ela nunca teria dado à Gestapo qualquer informação sobre nós.

— Ainda assim — interveio Marcel, no seu tom paternal —, acho melhor encontrarmos um lugar diferente para a Elaine dormir, em vez de continuar aqui.

Embora o armazém não fosse de todo uma casa, era-lhe familiar. A ideia de ir para mais um refúgio com paredes despidas e um colchão irregular cavou um vazio no peito de Elaine. Mas não podia negar que a sugestão era sensata, independentemente do pavor que lhe causava.

Elaine saiu pela porta do estreito apartamento, de apenas um quarto, assim que o recolher obrigatório terminou, ansiosa por deixar aquela fria solidão. As pilhas de papel de jornal da noite anterior estavam à sua espera no armazém, inacabadas — algo que poderia ter concluído se tivesse dormido no quarto das traseiras como antes sucedia.

Quando ela chegou, a porta da frente estava entreaberta. Elaine endireitou-se e ficou com os seus sentidos em alerta.

O mais provável era que alguém tivesse chegado antes dela. Todos trabalhavam incansavelmente durante a ocupação e ainda mais agora para atender ao enorme aumento da produção que lhes era solicitado. Certamente, alguém chegara cansado, e a exaustão tornava-os mais descuidados.

Mas não fechar a porta por completo...

Andavam todos exaustos, mas tal erro era impensável. Irresponsável. Elaine empurrou a porta e certificou-se de que ficava trancada corretamente. A luz da cozinha brilhava através de uma fresta, banhando o corredor com um clarão de ouro fosco.

Ela caminhou em direção ao quarto e empurrou a porta com uma mistura de alívio e irritação ao descobrir qual deles tinha sido tão distraído.

— Deixaste a porta da frente aberta.

Não estava ninguém lá dentro; a sala, no entanto, tinha sido completamente revirada. As cadeiras estavam ao contrário, a mesa não tinha uma das pernas, os armários estavam abertos com as roupas revolvidas, as gavetas puxadas dos seus nichos. Até a sua preciosa coleção de migalhas de pão das últimas duas semanas estava espalhada pelo pavimento como se fosse comida para os pombos.

Ela recuou instintivamente.

Antes que pudesse recuperar daquele cenário esmagador, mãos fortes agarraram-na pelos ombros. Ela virou-se, com o punho cerrado no ar.

Antoine baixou-se antes que a mão dela o atingisse no rosto. Ela lançou-lhe um olhar exasperado, demasiado assustada para falar. Ele encolheu os ombros desculpando-se e permanecendo calado, levantando em seguida a mão para indicar que ela deveria esperar na cozinha. Essa era uma ordem à qual ela não podia obedecer. Abanou a cabeça, recusando-se a que qualquer um deles ficasse sozinho. Quem quer que tivesse destruído a cozinha ainda podia estar lá dentro.

O pensamento deixou-a gelada. A sua mente evocou de imediato a imagem de Nicole, como tantas vezes acontecia, do que ela devia ter sofrido naquelas terríveis horas antes da sua morte.

Elaine foi percorrida por um arrepio e recusou com um aceno uma

última vez. Certamente dois teriam melhor sorte do que apenas um por sua conta.

Tal como a cozinha, o resto do armazém fora revirado: todas as gavetas e armários estavam abertos. Faltava uma máquina de escrever, bem como um cofre que continha vários milhares de francos.

Nenhum dos dois falou, mas Elaine sabia o que Antoine pensava. Ela não conseguia parar de pensar nisso, embora tivesse recebido esse pensamento com o peso da culpa.

Talvez Nicole *tivesse* confessado.

E se assim fosse, quem poderia censurá-la?

Enquanto examinavam os danos, Marcel e Jean juntaram-se a eles, fazendo também o inventário. Alguns minutos depois, Marcel saiu da sala onde produziam os documentos de identidade falsos, de rosto pálido ao perceber que o seu cartão de identidade, que tinha o seu nome verdadeiro, havia sido levado juntamente com os francos em falta.

Embora o substituto de Marcel chegasse daí a dois dias, o ataque parecia uma corda apertada à volta do seu pescoço. Fizera uma chamada discreta naquela tarde, implorando para interromper a produção do jornal, mas haviam-lhe negado essa hipótese mais uma vez.

Elaine estava ao seu lado quando Marcel desligou o telefone, de rosto sombrio enquanto murmurava para si mesmo palavras que, provavelmente, não esperava que ela ouvisse.

— Eles mataram-nos a todos.

Elaine desviou o olhar para que ele não percebesse que ela tinha

ouvido, ainda que a sua pulsação tivesse disparado com aquelas palavras sinistras.

Independentemente do perigo, o jornal sairia e eles seriam a equipa responsável por que isso acontecesse.

Dois dias depois, chegou um homem atarracado conhecido como Albert, de óculos redondos com lentes grossas e uma mecha de cabelos brancos, para seguir os passos de Marcel e ocupar o lugar deste. O homem tinha uma postura séria e não havia rugas à volta dos olhos, o que sugeria que ele nunca sorrisse.

Apesar disso, Elaine estava contente por alguém ir assumir a posição de Marcel, permitindo a este a oportunidade de voltar à sua vida. Para voltar a estar com a esposa, que não via há vários meses.

À exceção da presença de Albert, o dia foi igual a qualquer outro, com Antoine debruçado sobre uma obra de arte, Jean a manejar a máquina de linótipo, Elaine a movimentar o pedal da velha Minerva, com as mãos ocupadas puxando as gravuras impressas e substituindo-as por novo papel em branco retirado da pequena prateleira.

Uma voz gritou, algures num sítio próximo, uma palavra quase inaudível abafada pelas batidas rítmicas da Minerva.

— Rendição.

Elaine olhou em volta, interrompendo a sua tarefa enquanto a máquina abrandava a velocidade. Foi o tempo suficiente para ver Antoine e Jean compartilharem um olhar assustado, antes de o armazém explodir.

Aconteceu tudo tão rápido que o estado de confusão de Elaine nem sequer teve hipótese de se converter em medo. A porta do armazém foi projetada e uma névoa vermelha atingiu Antoine. Ele foi atirado ao chão e uma poça de sangue espalhou-se à volta da sua cabeça, o seu lápis a tilintar contra o pavimento e os seus olhos fixados no vazio.

Elaine cambaleou para trás, atordoadas.

A Gestapo e a Milice estavam ali, lideradas por um homem cujo rosto aparecia nos pesadelos de Elaine, a medalha com a cruz de ferro brilhando no peito.

Werner.

Ele observou Marcel com os seus olhos cinza-metálico.

— Marcel — disse ele numa voz calma e uniforme que fez arrepiar cada pelo dos braços de Elaine.

Jean ergueu as mãos em sinal de rendição, enquanto Elaine recuava em direção à porta das traseiras. Outra rajada de metralhadora fez Albert tombar no local onde estava. Ele ficou caído no chão e do seu cabelo branco escorria uma cor carmim.

Marcel correu então até ele, depressa apesar de coxear, enquanto agarrava o braço de Elaine e a arrastava para fora dali.

A energia atravessou Elaine como se fosse eletricidade, intensificada pela saraivada de balas cravando a parede e o chão enquanto corriam para a porta. Uma dor aguda atingiu a parte de trás da sua perna, mas não foi suficiente para lhe abrandar o passo, tendo escapado pelo terraço atrás do armazém.

Juntos, correram para a parede que limitava o espaço ao fundo. Antes que Elaine conseguisse pensar em como escalá-la, Marcel já estava a levantar o corpo dela como se não pesasse nada,

lançando-a sobre o murete coberto de hera. A perna doía-lhe, mas ela não parou para a examinar enquanto se esforçava para permanecer de pé. Marcel estava mesmo ao lado dela e agarrou-a pelo braço mais uma vez.

Mais à frente, agentes da Gestapo enchiam o beco.

Elaine imobilizou-se. O seu olhar varreu o beco procurando quaisquer portas ou janelas que pudessem usar para escapar. E não encontrou nenhuma.

Não havia nada além da força letal atrás deles. E a mesma força à sua frente.

Estavam encurralados.

— Alto! — gritou a Gestapo. O som metálico das suas armas ecoava nos muros de pedra que os cercavam.

Ao lado de Elaine, Marcel retirou um revólver das suas calças cinzentas. Vários ferimentos de bala surgiram no seu casaco, molhado com manchas de sangue salpicando-o por todo o corpo.

No entanto, quando olhou para Elaine, havia uma estranha sensação de serenidade.

— Eles não me vão levar vivo. — A voz dele era fraca, como se o fio da sua vida estivesse prestes a ser cortado.

Naquele instante, uma miríade de pensamentos passou pela mente de Elaine. Joseph e a vida sem ele depois da guerra. Nicole e o que lhe acontecera. Marcel e tudo aquilo a que havia sido submetido e a certeza de que não aguentaria mais. O seu próprio medo de não conseguir suportar a tortura sem revelar segredos que poderiam condenar os outros à morte. E naquele momento, ela percebeu com toda a clareza que também não queria ser levada.

— Eu também não quero isso — exalou Elaine.

Marcel abanou a cabeça.

— Não me peça isso.

Ela endireitou-se, apesar da dor na parte de trás da perna e da sensação de ardor de lado.

— Não permita que me levem viva, Marcel — sussurrou ela com veemência.

— Elaine. — O rosto dele enrugou-se e os olhos encheram-se de lágrimas.

As botas soavam contra a calçada, aproximando-se.

A mão dele tremia ao erguer a arma, o cano a poucos centímetros do torso de Elaine.

— Que Deus me perdoe — murmurou ele.

A arma disparou e a dor explodiu no peito de Elaine, com um impacto que a fez voar e depois cair no chão. Parecia que um peso se tinha fixado no seu plexo solar, pressionando o ar dos pulmões e fazendo o coração bater de forma pesada. À distância ouviu-se outro tiro e o mundo começou a escurecer.

Ao menos, naquele terrível mundo de fealdade, ódio e guerra, ela conseguira salvar Sarah e o pequeno e doce Noah. Foi deles o seu último pensamento, enquanto se afundava num abismo de veludo. Sem medo. Sem dor. Sem esperança.

VINTE E CINCO

Ava

Ava aconselhou-se com Peggy para saber mais sobre as suas táticas e descobriu que resultavam. Entre a persistência de Ava e mais alguns milagres que surgiram, ela conseguiu garantir a extensão dos vistos de Sarah e Noah. O envelope contendo os vistos atualizados estava pronto e à sua espera naquela manhã ao chegar à embaixada, embora na verdade devesse ter saído para recolher jornais. Era um sacrifício que valia a pena. Infelizmente, não havia tempo suficiente para garantir a viagem no USS *Siboney*, mas ela teria tempo de assegurar novos bilhetes.

Mais uma vez, Ava reconheceu a posição privilegiada que o seu emprego na embaixada lhe garantia, tornando possível ajudar os seus amigos. Um benefício ao qual outros refugiados não tinham acesso.

Porém, no meio daquela vitória com os vistos atualizados, não pôde deixar de sentir um certo desapontamento quando o correio foi distribuído. Mais uma entrega sem qualquer carta de Daniel.

Um nó contorceu-lhe o estômago. Um nó que ela apenas havia sentido uma única vez — quando os seus pais não voltaram de França.

— O que está aqui a fazer?

Ava ergueu os olhos acima da pilha de correspondência e viu o Sr. Sims a espreitar sobre a sua secretária. Um estremecimento ameaçou percorrer-lhe a coluna, mas ela reprimiu essa reação.

— Tinha uma coisa urgente para tratar.

O olhar dele fixou-se nos vistos. Um rubor espalhou-se pelo seu pescoço e ele endireitou os ombros.

— Menina Harper, o seu trabalho não é...

O crepitar de um rádio soou no gabinete.

— Escutem isto. — Peggy acenou-lhes.

A voz do locutor preenchia agora todo o escritório.

— Acaba de ser recebido um boletim do escritório londrino da Associated Press que cita a agência de notícias alemã Trans-Ocean, afirmando que a invasão da Europa Ocidental começou. — O locutor passou a declarar que as agências de notícias alemãs estavam a relatar uma invasão pelos Aliados nas margens da península da Normandia.

— Está a acontecer. — Havia uma insinuação no tom de Peggy que indicava que ela sabia daquilo há algum tempo — informações confidenciais a que Ava não tinha acesso. E agora ela soubera-o às 8 horas em Lisboa, tal como todos os restantes americanos que estavam acordados às 3 horas da madrugada em Washington.

Ava cobriu a boca com a mão enquanto ouvia aquela débil voz metálica através da rádio, referindo que não havia nenhum relato oriundo de Paris. Isso não era surpreendente, pois as transmissões parisienses estavam sob o controlo da Alemanha. Eles não dariam esperanças aos franceses. Não quando já estavam a lutar para

manter a posse do território após os avanços da Resistência que se seguiram à libertação da Córsega.

Porém, Ava não estava a pensar nos franceses enquanto aquela horrível sensação, já familiar, lhe roía as entranhas. Os seus pensamentos pertenciam a Daniel.

Com base no que lhe dissera sobre o seu batalhão, eles estariam onde a ação acontecia. Ele comentara isso muitas vezes e com um enorme orgulho patente nos seus vívidos olhos verdes.

— A Companhia C está lá? — perguntou Ava.

Peggy desviou o olhar.

Ava precipitou-se para a secretária de Peggy.

— A Peggy sabe e em breve todos o saberão. Não importa se mo diz agora ou não. — Os seus olhares cruzaram-se. — A Companhia C do Segundo Batalhão, do 506.^o Regimento de Infantaria Paraquedista, está lá? A 101.^a Divisão Aerotransportada. Peggy — implorou ela.

Peggy fixou Ava, com os seus olhos fortemente maquilhados e sem pestanejar.

— Por favor — sussurrou Ava. — A Companhia C está lá?

Peggy confirmou e Ava agarrou-se à secretária para não se estatelar no chão.

Daniel estava nas praias da Normandia. O seu irmão que havia desistido da juventude para criar uma irmã que mal conhecia quando os pais de ambos morreram. O seu irmão que havia sacrificado o sonho de frequentar a faculdade para que ela pudesse fazê-lo. Ela fora a razão pela qual ele se alistara no exército, pela qual ele nunca frequentara a faculdade com o dinheiro que tinha poupado e que ganhara trabalhando tão esforçadamente.

Se Daniel não voltasse para casa, a culpa era toda dela.

Lágrimas arderam-lhe nos olhos.

— Isto é uma excelente notícia, menina Harper. — O Sr. Sims aproximou-se e reconfortou-a, colocando a mão no ombro dela.

— O meu irmão está lá — disse ela com os lábios dormentes.

— Então deveria estar muito orgulhosa do que ele está a fazer pelo esforço de guerra. — O Sr. Sims assentiu com a cabeça. — O meu filho também está lá. Não me vê a chorar. — Ele afastou-se, enquanto murmurava palavras com a clara intenção de serem ouvidas. — É por isto que as mulheres nunca deviam ser autorizadas a fazer parte de operações governamentais.

Ele não entendia. Ninguém entendia.

De súbito, naquele momento de medo e incerteza pela pessoa que ela mais amava no mundo, Ava precisava de alguém com quem conversar. Alguém cujo coração estivesse preso ao mesmo fio inconstante de vida e morte, e que tivesse expectativas tão imensamente altas quanto as dela.

Peggy não tinha irmãos e os seus pais estavam em casa no Ohio, em segurança. Mike ainda estava nas suas rondas da manhã para recolher jornais.

Sarah também não sabia muito acerca de Daniel. Ava não falava nele com frequência, sobretudo quando temia que a sua preocupação se infiltrasse na conversa e Sarah já tinha preocupações suficientes para fazer transbordar o prato.

James.

Ele sabia de Daniel e quanto o irmão significava para ela. E o irmão de James também estava na guerra.

— Tenho de ir. — Ava correu para a sua secretária e agarrou

rapidamente nos vistos, enfiando-os na mala enquanto saía do gabinete. De todos eles, James entenderia.

Ava caminhou até à embaixada britânica, com os seus pensamentos a girarem em torno de Daniel. Agarrava a sua mala como se fosse uma tábua de salvação, a única coisa que a mantinha centrada num mundo arrancado do seu eixo.

Seria mesmo possível encontrar James?

Ela nunca tinha ido à embaixada e não fazia ideia de como poderia pedir ao guarda destacado para a entrada que o chamasse. Mas enquanto se apressava em direção ao alto portão, avistou um rosto familiar.

— Alfie — gritou ela.

Ele olhou-a com um sorriso rasgado.

— Já ouviste? Estamos finalmente em modo ofensivo nesta guerra. Mas não posso conversar agora, desculpa-me. Tenho uma reunião. — Ele olhou para o relógio e fez uma careta. — Já começou há cinco minutos.

— Podes dizer ao James para vir ao meu encontro depois?

Alfie franziu o sobrolho enquanto remexia nos bolsos.

— Depois de quê? — Ele abriu a sua pasta de couro e vasculhou o conteúdo, com o rosto a corar sob o olhar impaciente do guarda.

— Depois da reunião — respondeu Ava.

— Oh, ele não está na minha reunião. — Alfie lançou um olhar apologético ao guarda e retirou uma pequena carteira que abriu. — É apenas para a ASLIB.

Ava ficou imóvel.

— O James não está contigo na Associação de Bibliotecas Especiais e Comité de Informação?

Alfie retirou um distintivo da carteira e ergueu-o triunfante. Esta vitória foi de curta duração, pois ele pestanejou rapidamente quando se virou para Ava, com as suas bochechas avermelhadas a ficarem pálidas.

— Perdão?

— Se o James não está na ASLIB, em que secção está ele? — perguntou Ava.

Alfie engoliu em seco.

— Desculpa, mas eu... estou muito atrasado, sabes. Eu... eu tenho de ir. — E assim, fechou a sua pasta, mostrou o distintivo ao guarda e desatou a correr.

O que ele revelara não fora intencional, claramente.

Ava virou a sua atenção para o guarda, com a pulsação a ecoar-lhe nos ouvidos.

— Por favor, peça a James MacKinnon que entre em contacto com Ava Harper. — Como que por milagre, a voz dela conseguiu permanecer tranquila. — O assunto é urgente.

A espera para saber algo de James foi interminável. Ava andava de um lado para o outro no seu pequeno apartamento; a preocupação a crescer em torno dela como bolas de neve a rolares por uma colina íngreme. Primeiro que tudo estava Daniel e a sua segurança, e agora a sua sobrevivência nas praias da Normandia. Depois havia também a necessidade de obter bilhetes para Sarah e Noah, garantindo uma viagem segura até Nova Iorque. E ainda a questão

do trabalho de James para o governo britânico e por que razão tinha ele mentido.

Uma campainha insistente interrompeu os pensamentos de Ava e o seu coração disparou. Ela desceu e encontrou James parado à porta, sem o habitual casaco e com a sua camisa enrolada nas mangas até meio dos braços. A sua respiração estava ofegante como se tivesse corrido até lá. Ele ergueu a mão antes que ela pudesse falar.

— Temos de conversar aí dentro e eu responderei a tudo o que quiseses saber.

Ela cruzou os braços sobre o peito e conteve uma torrente de perguntas. Ele recebê-las-ia com a máxima força a qualquer instante. Ela deu um passo atrás num convite silencioso para que ele entrasse no prédio e seguiu-o até ao apartamento.

Assim que entrou, James dirigiu-se às janelas, que estavam abertas, e olhou para Ava.

— Posso fechar isto?

Ela olhou-o cautelosamente, sem esperar que a natureza das suas confissões pudesse ser tão sigilosa. O trabalho que ela e Mike faziam, bem como o dos seus colegas britânicos, não era assim tão secreto que exigisse aquela medida de segurança apertada.

— Podes. — Ela caminhou em direção ao quarto. — Vou fechar as outras.

Quando voltou, havia também uma toalha enrolada na fresta inferior da porta do apartamento.

— O que é isto? — perguntou ela. — Isto tem que ver com aquela noite no Palácio de Monserrate?

— De certa forma. — James acomodou-se no pequeno sofá

castanho, com o cotovelo casualmente dobrado sobre a lateral.

Ava sentou-se na cadeira ao lado do sofá, com o seu corpo tenso.

— Para quem trabalhas?

— Para o governo britânico — respondeu ele num tom calmo, apesar das precauções. — Mas não estou na ASLIB.

Ela inspirou.

— Eu sei.

— Por favor, perdoa-me a mentira por omissão. — Ele fixou-a com uma expressão séria, o seu olhar era afável e suave, de uma forma que ela achava cativante. — Faço parte de uma unidade de agentes especiais altamente treinados.

Ela abanou a cabeça, sem entender.

— Um espião?

Ele assentiu.

— Fui enviado a Lisboa para reunir informações de modo a auxiliar no ataque à Normandia que sucedeu esta manhã. — Ele inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. — O meu objetivo aqui era reunir detalhes. Isto foi iniciado muito antes de o plano começar a ganhar forma, para perceber se seria possível.

A sua expressão era acessível e honesta à medida que ia explicando. Contudo, se ele realmente era um espião que tinha recebido treino a sério, estaria em condições de tornar qualquer mentira convincente, não seria?

— Por que motivo me enganaste? — perguntou ela, escrutinando-o num esforço para encontrar algo de errado, um sinal que alguém que não o conhecesse tão bem quanto ela poderia não valorizar. Algo que ela certamente notaria. Ou, pelo menos, assim esperava.

Houve uma longa pausa antes de ele finalmente responder.

— Porque te envolvereste, inadvertidamente.

— O quê? Como? — Levou as mãos aos lábios quando um nome lhe veio à memória. «Diogo Silva». O homem que morava no apartamento ao lado e que tinha sido levado pela PVDE depois de ela ter falado sobre ele com Lukas.

— Não — disse James convictamente. — Embora eu não te tenha contado toda a verdade sobre ele, pois não queria que investigasses.

Ava abriu os lábios para argumentar que não o faria e James ergueu uma sobrancelha. Ela conteve o seu protesto. Ambos sabiam que ela teria continuado à procura de detalhes se algo lhe parecesse estranho.

— Ele era o dono do quiosque, sim — continuou James. — Mas ele também trabalhou para o *Avante!*, um jornal clandestino aqui em Portugal que operava à margem da rígida censura. Eu levantei algumas suspeitas quando tentei saber mais sobre o seu desaparecimento, porque me pediste, e acabei com a PVDE a seguir-me durante várias semanas. Quando te digo que a conversa que tiveste com o homem que conheces pelo nome de Lukas não levou à prisão de Diogo Silva, acredita e podes ficar com a tua consciência completamente tranquila. Não tiveste realmente nada que ver com o desaparecimento dele.

Ava expirou profunda e lentamente ao sentir o alívio do fardo que trazia aos ombros pela prisão daquele homem. Até então, ela não tinha percebido o peso da culpa que carregava desde aquela noite.

— O Lukas, porém... — James inclinou a cabeça. — Ou Dieter Hoffman, que é o seu nome verdadeiro, é um espião alemão. Infelizmente, ele está mesmo metido nisto.

Ava esforçou-se para não saltar da cadeira. A sala estava a ficar quente e abafada com a luz do Sol a entrar pelo vidro, sem uma brisa fresca que compensasse o calor.

James recostou-se no sofá e apoiou as mãos nos joelhos.

— Lembras-te daquele dia em que o conheceste?

Ainda hoje, a humilhação pela sua ingenuidade lhe fazia arder as bochechas. Ela nunca se esqueceria de que fora acusada de cortejar um nazi.

— Naquela manhã eu tinha um encontro com um colega, um outro agente, num café ao lado do quiosque — explicou James. — Só que tu apareceste antes dele. Eu devia ter-te deixado em paz, mas quando te ouvi a falar com o Dieter, percebi que eras a bibliotecária americana de quem os tipos da ASLIB me tinham falado. Eu não podia deixar-te cair numa cilada nazi logo no teu primeiro dia. — Ele desviou o olhar. Foi a primeira vez que a confiança dele diminuiu. — Eu não fazia ideia da situação em que te estava a colocar por causa daquela conversa aparentemente inócua.

A mudança no seu comportamento incendiou o desconforto inflamado de Ava.

— Que situação foi essa?

— O Dieter pensou que tu eras o meu contacto.

— Eu?

James começou a bater ao de leve com um dedo no joelho, um reflexo subconsciente.

— Eu não o desencorajei. — O seu dedo parou. — Na verdade, encorajei essa confusão.

Os pensamentos de Ava misturavam-se com a novidade, ao

perceber que James a mantivera na mira de um inimigo, mesmo depois de perceber que havia cometido um erro.

— Eu estive em perigo? — perguntou ela lentamente, à medida que todas as peças do quebra-cabeças se encaixavam numa verdade feia e perfeita.

James engoliu em seco.

— Sim.

Descrença e raiva lampejaram através dela como fogo.

— Porque não contaste ao Mike ou ao Sr. Sims na embaixada? Porque não me contaste?

— Vocês são nossos aliados. Eu não podia permitir que a relação entre os americanos e os britânicos ficasse fragilizada porque eu coloquei um dos seus em perigo. — Ele exalou um suspiro que pareceu brotar do fundo do seu ser. — Mas também não podia permitir que o contacto verdadeiro fosse exposto. Enquanto os alemães observavam cada movimento teu, a pessoa real que me cedia informações deixou de estar na mira deles. Eu não podia arriscar-me a perder as informações.

— Mas estavas disposto a sacrificar-me? — A lembrança daquele beijo no beco de Alfama sobrepôs-se aos seus pensamentos. Ela desejou poder apagar cada segundo em que pensou naquele momento íntimo, bem como o beijo que haviam dado na véspera de Ano Novo. O que ela interpretara como afeição romântica era simplesmente um jogo de espionagem.

Essa mortificação era difícil de suportar, a sua ingenuidade não lhe trazia nada mais do que uma tola humilhação. Lágrimas ardiam-lhe nos olhos, apesar da sua determinação em não as verter.

— O teu irmão está nesta guerra, Ava — disse James

gentilmente. — Tu sabes quão importante é este ataque ofensivo. Se o meu contacto tivesse sido descoberto, a batalha na Normandia poderia nem ter acontecido.

Ela pegou num fio solto do braço da sua cadeira; o verde-malva, pálido, era ligeiramente mais escuro do que o tecido.

Teria ela acedido a correr perigo por causa da guerra? Teria ela feito tudo para manter Daniel e o resto das tropas aliadas a salvo do Eixo, se ela soubesse daquele esquema?

Sim. Sem dúvida.

— Podias ter-me contado. — Ela ergueu o olhar para James, incapaz de suspender a dor no seu peito, resultante de tamanha decepção.

— Eu não podia comprometer esta missão. — A expressão dele permaneceu calma enquanto falava, um homem determinado. — Não importava o custo.

— Então porque me dizes agora?

— A missão está terminada — esclareceu James. — Não há mais nada a ser comprometido.

Sim, claro. Não havia riscos adicionais.

— Obrigada por me contares. — Ela esboçou um sorriso frio, pois só queria que ele se fosse embora.

Aqueles beijos que haviam partilhado tinham sido reais para ela. Tinham significado alguma coisa. O tempo que ela passara com James trouxera vibração e cor ao canto do seu mundo que até então, e por muito tempo, tinha sido a preto-e-branco.

Mas para James, como ela agora entendia, essas interações tinham sido a capa de um disfarce, o meio para cumprir uma missão, parte do trabalho dele.

Uma náusea revolveu-lhe as entranhas.

— Não precisas de te preocupar com o Dieter, se é essa a tua questão — disse ele de modo delicado. — Tentei pedir a ajuda da PVDE para o tirar do caminho quando percebi quão atentamente ele te vigiava, mas isso só centrou a atenção deles em mim durante vários meses. O lançamento dos Aliados marcou agora uma viragem significativa na guerra e, embora Portugal reclame a neutralidade, eles não podem ser assim tão teimosos a ponto de ignorar que um dos lados está a vencer. De repente, a PVDE tornou-se mais colaborativa. — Ele cruzou as mãos. — Dito isto, o Dieter já não te volta a incomodar.

Ava, mais uma vez, olhou para o fio no braço da sua cadeira e puxou-o com o indicador e o polegar. Ela não queria saber se Lukas — Dieter ou outra pessoa qualquer — estava morto ou não. Apenas queria ter a certeza de que ele não poderia voltar a interferir na vida de Sarah e Noah, na sua viagem para a América.

— Há uma outra razão pela qual te conto isto. — James inclinou-se para a frente. — Ava, eu preocupo-me...

— Não. — A palavra irrompeu da sua boca antes que ela pudesse detê-la, mas Ava estava feliz pela rápida resposta. Ela não queria ouvir aquelas frases feitas.

— Por isso lutei para resgatar a Sarah e o Noah — disse James. — O meu chefe insistiu que se assim fosse, tinha de ir eu mesmo, pois os planos para hoje já estavam em marcha. Ava, eu fiz isto por ti.

Ela forçou-se a olhar para ele.

— Fizeste isto por *ti*, para aliviares a tua própria culpa, dando-me algo que eu queria, em troca da tua traição.

Ele devolveu o olhar e um músculo moveu-se no seu maxilar.

— Isso é só meia-verdade.

— Basta. — A sua energia tinha sido sugada e ela sentia-se esgotada pela dor que ameaçava consumi-la. Ava não queria ter aquela conversa e submeter-se às explicações de James. Muito já havia sido dito. — Sai, por favor.

Ele hesitou.

— Ava...

Ela abanou a cabeça. Por fim, ele levantou-se e, devagar, afastou-se. Fez uma pausa antes de entrar no corredor estreito que conduzia à porta da frente.

— O teu irmão vai ficar bem, Ava — disse ele gentilmente. — Por tudo o que me contaste sobre ele, tenho uma ideia muito clara do tipo de soldado que é. E um homem assim regressa sempre a casa. Ele ficará bem.

Ava baixou a cabeça entre as mãos, recusando-se a verter as lágrimas que ameaçavam cair.

Os passos de James ecoaram pelo corredor e a porta fechou-se.

O silêncio envolveu-a, mas não trouxe o alívio que ela esperava. No rasto de James ficou um vazio, cru e cavernoso.

Afinal, ele acalmou as preocupações pelas quais ela o procurara. Ele conhecia-a bem, muito bem e, aparentemente, ela não o conhecia de todo.

No entanto, agora não era tempo de chorar ou abraçar a mágoa. Não quando Sarah e Noah ainda precisavam de novos bilhetes para Nova Iorque. O escritório da American Export Lines estaria repleto de refugiados desesperados para fugir de Lisboa, caso os Aliados

fracassassem no ataque e a guerra voltasse a ser favorável aos nazis.

Ava não conseguia sequer permitir-se pensar que a batalha na Normandia poderia falhar, não quando ela sabia o que isso significava para Daniel. E apesar das palavras de conforto de James, ela não conseguia manter o seu coração livre de preocupações até ter a certeza de que o seu irmão estava em segurança.

Deus os ajude a todos no inferno que é esta guerra.

VINTE E SEIS

Elaine

-T em muita sorte, *mademoiselle*. — O médico ergueu as suas espessas sobrancelhas, assinalando a gravidade da situação de Elaine. Ele apontou para o seu livro aberto, onde um esboço a preto-e-branco revelava as entranhas do torso humano, e indicou com a ponta da sua caneta o fígado, marcando-o com um pequeno ponto de tinta preta. — Foi atingida aqui — continuou ele. — Afortunadamente, muito abaixo para causar qualquer dano. A bala não acertou no coração ou nos pulmões, roçando apenas o seu fígado antes de sair. Um milagre.

Elaine olhou para o desenho, atordoada.

Os olhos castanhos do médico eram suaves e gentis.

— Tem muita sorte — disse ele, mais uma vez.

Quase teria graça, se a gargalhada não tivesse ficado presa na garganta como um soluço mal contido.

Sim, que sorte a dela em ter sido poupada a uma morte imediata, para depois ser lentamente desmembrada pela Gestapo, não só o seu corpo, mas também a sua alma, revelando os seus segredos.

Eles já a tinham visitado na última semana, não permitindo que ela falasse com um médico até ter revelado os nomes e endereços dos membros da Resistência. Ela nada disse, desejando

intensamente que os seus ferimentos envolvidos em ligaduras se tornassem lesões mortais. As enfermeiras não toleraram aquelas táticas e atormentaram a Milice até que, finalmente, o médico foi autorizado a observá-la, para explicar os ferimentos.

— As outras balas atingiram-na na parte de trás da perna e no quadril, não acertando no osso. — Ele encolheu os ombros e sorriu. — Sorte, *non*?

Ela engoliu a injúria que lhe subiu até à garganta. Queimava no caminho inverso, como bÍlis amarga. A atenção virou-se para a dor das lesões, testando a sua fraqueza face à dor física, medindo-a para perceber o quanto ela poderia suportar às mãos do inimigo.

Dias antes do ataque ao armazém, uma mulher aprisionada pela Gestapo atirara-se do último andar do edifício para onde a tinham levado a fim de ser interrogada. Ela sabia que não seria capaz de lidar com a tortura sem desistir dos seus companheiros, e por isso escolhera corajosamente a morte.

O olhar de Elaine vagueou pela janela, através da qual se avistava um garrido jardim de rosas que pareciam troçar dela. No dia anterior, Elaine tivera permissão para sair e apanhar ar fresco e sol. A primeira vez que andou desde que fora atingida.

Que sorte, pensou amargamente.

— Mas há mais — continuou ele.

Silenciosamente, ela virou-se para ele enquanto o médico retirava um grande embrulho de pano castanho da sua mala de couro e o colocava em cima da cama. Franziu o sobrolho e olhou para o médico mais uma vez.

— Tem amigos que gostariam de a ver recuperar num local mais adequado. — Ele assentou a sua mão envelhecida sobre o pano. —

Admito, sou um velho tonto. — Encolheu novamente os ombros magros, com os olhos a brilhar. — Às vezes esqueço-me de trancar a porta. É assim que sucede quando envelhecemos.

Elaine abriu a boca, mas ele fez um movimento para que ela escondesse o embrulho. Ela escondeu-o por baixo dos lençóis, o volume pressionado contra a sua perna nua enquanto olhava discretamente em redor para garantir que ninguém tinha visto. As enfermeiras passavam no corredor, concentradas nas suas tarefas.

— Tal como eu disse, *mademoiselle*... — O médico fechou a sua mala de couro e levantou-a pela alça. — É uma mulher com muita sorte.

Naquele caso concreto, ela sentia-se inclinada a concordar.

Assim que o médico saiu, Elaine deslizou para fora da cama, foi até à pequena casa de banho e desamarrou o pano. Encontrou lá dentro um par de óculos, umas sandálias com solas feitas de borracha de pneus velhos, um turbante, um batom vermelho e, claro, o vestido castanho que prendia tudo, enrolado como o saco de um pedinte.

Enquanto prendia o turbante à volta do seu cabelo louro e passava o batom vermelho nos lábios, não pôde deixar de se lembrar do dia em que ela e Nicole escaparam ao oficial nazi na *traboule*. De repente, a dor no seu coração substituiu o ferimento de bala alguns centímetros abaixo.

Ela continuaria a sua luta com a Resistência. Por Joseph. Por Nicole. Por Antoine e Manon e Marcel. Por todos aqueles que haviam sacrificado tudo em nome da liberdade.

A bata de hospital ficou num novelo amassado no chão. Ela deixou-a onde estava e saiu do quarto, parecendo-se mais com uma

visita do que com uma paciente. Manteve o passo lento para evitar que reparassem no seu coxear, e saiu pelo corredor que levava ao jardim de rosas. Ninguém a deteve quando ela empurrou a porta e saiu, assim exposta ao calor do sol de verão.

Etienne surgiu imediatamente ao seu lado. Ele deu-lhe o braço e guiou-a por um caminho até uma carrinha branca com um gasogénio projetando-se desajeitadamente na traseira, refletindo a necessidade de transformar madeira em combustível pois apenas os nazis tinham acesso a ele. Elaine reconheceu logo o veículo como sendo aquele que era usado por Marcel para transportar grandes entregas até à falsa empresa geológica.

— Marcel? — Ela acelerou o passo e a pulsação disparou com a esperança de o ver de novo. Se ela tinha tido sorte com o seu ferimento, talvez a arma tivesse disparado de modo semelhante no caso dele também.

Mas quando Etienne a alcançou, este abanou ao de leve a cabeça.

— Jean? — perguntou ela, num tom de desespero.

Ele olhou para baixo ao abrir a porta da carrinha, com um jovem de cabelos louros lá dentro, alguém que Elaine nunca vira. Etienne ajudou-a a subir antes de se sentar ao lado dela e fechar a porta.

Marcel tinha morrido. Dezasseis ferimentos de bala, o último dos quais infligido pelo próprio. Por fim, e após três detenções, certificou-se de que nunca mais o prenderiam.

Jean fora detido e interrogado. Porém, apesar da tortura, não expusera os seus companheiros. Morrera por fuzilamento e

recusara-se a usar uma venda, optando por olhar de frente os homens que acabariam com a sua vida. Ainda que antes duvidasse da sua força para resistir à tortura, agora ele provara ser mais do que capaz, morrendo como um herói.

A prensa automática, que Marcel transportara meticulosamente por toda a França e cuja montagem o ocupara durante meses, estava agora destruída, mas a velha Minerva fora recuperada. Foi nessa prensa arcaica que Elaine acabou por voltar ao trabalho, várias semanas depois num novo local. O armazém foi destruído pelo vingativo Werner, e a operação foi forçada a mudar-se para uma estreita cave, devidamente isolada, sem janelas e com uma única porta.

Assim que pôde, ela foi ao apartamento de Nicole e encontrou o endereço do campo onde o irmão e o pai da sua amiga estavam, retomando o envio de mantimentos. Era o mínimo que Elaine podia fazer por Nicole, e quem dera pudesse mais.

Dois meses depois, os Aliados cercaram Lyon. Em vez de considerar uma estratégia sensata para a saída, Klaus Barbie ordenou a execução de centenas de prisioneiros em Montluc. A Resistência, entretanto apoiada pelo poderoso exército que se aproximava, levantou-se contra os opressores e conseguiu tomar a prisão antes que mais sangue francês fosse derramado. A 25 de agosto, a bandeira tricolor foi içada novamente na prisão de Montluc. Elaine quase perdera a esperança de testemunhar essa vitória.

Houve outros relatos de alemães em fuga nos dez dias seguintes,

abandonando os seus postos e espalhando-se como os vermes quando uma luz se acende. Estes infligiram a sua extrema crueldade até ao fim, disparando inclusive sobre mulheres e crianças que vasculhavam uma enfermaria em Tête d'Or, abandonada pelos nazis, onde deixariam espalhados bens preciosos como cobertores, açúcar e sabão. Quarenta e seis pessoas foram mortas naquele dia terrível, contando-se mais de cem feridos.

Era exatamente sobre essa história que Elaine estava a escrever, no primeiro dia de setembro, quando Etienne entrou pela única porta e se aproximou lentamente, com um olhar brilhante. Ela levantou-se e ficou de pé quando o viu parar diante da sua secretária, de mãos cruzadas.

— Etienne. — A mente dela estava ocupada por um milhão de pensamentos. Mas um era mais presente do que tudo o resto. — É sobre o Joseph?

Foi por essa reação instintiva, por essa pronta pergunta nos seus lábios e no seu coração, que ela percebeu nunca ter abandonado verdadeiramente a esperança de que ele pudesse, de alguma forma, ter sobrevivido àquela terrível guerra.

Etienne abanou a cabeça lentamente.

Elaine exalou uma respiração dolorosa, detestando-se por ter desejado o impossível. Depois de tudo o que ultrapassara, era demasiado realista para alimentar tal ilusão.

— Fui encontrar-me com o Werner — disse ele.

Os olhos dela arregalaram-se.

— Nunca deverias ter corrido um risco desses...

— A Nicole não falou. — Ele abanou a cabeça. — Quem vos

expôs foi a nova rapariga, aquela que a substituiu. Foi ela que revelou a localização da tipografia.

A agonia e a raiva cresceram novamente no peito de Elaine. Nicole, tão corajosa e adorável, leal até ao amargo e terrível fim.

— Por Nicole. — Etienne estendeu o punho fechado sobre a secretária. — E por Joseph. — O objeto que ele largou produziu um barulho metálico. Quando ele afastou a mão, ela viu uma cruz de ferro prateada sobre o tampo, manchada de sangue ainda fresco.

Elaine conteve a respiração e olhou para ele, encontrando os seus olhos a fixarem os dela.

— O sacana estava a esvaziar o escritório, a preparar-se para fugir. — Etienne falou com os dentes cerrados e a sua expressão era feroz. — Eu não podia permitir que fugisse! Não sem pagar pelo que fez.

Ela dirigiu-se a Etienne e abriu os braços. Abraçaram-se enquanto as lágrimas de ambos caíam, pelos entes queridos que nunca poderiam trazer de volta. Pela dor de tantas perdas.

Por fim, eles tinham vencido, mas o preço foi deveras alto.

VINTE E SETE

Ava

A luz do Sol brilhava sobre o Tejo com um fulgor tal que deixou Ava encandeada, pelo que protegeu o rosto com a palma da mão. O odor nocivo do fumo do enorme navio obliterava qualquer frescura que a água pudesse oferecer. À volta de Ava, as pessoas apressavam-se de um lado para o outro, com malas volumosas e crianças em magotes junto dos pais.

Ela examinou o mar de gente, procurando Sarah e Noah.

Tiveram sorte em conseguir bilhetes no SS *Drottningholm*. Ava estava certa ao supor que as filas no escritório seriam ainda maiores depois do ataque dos Aliados.

Felizmente, a invasão parecia ter sido bem-sucedida ao garantir a entrada dos soldados Aliados no território ocupado, provocando a fuga dos nazis. No entanto, a vitória foi conseguida a custo e implicou milhares de mortos. Milhares em que ela não se permitia sequer pensar.

— Menina Ava. — Um grito de excitação chamou a sua atenção para a direita enquanto Noah corria em direção a ela com Sarah lá bem atrás.

Ava pegou em Noah e puxou-o para um grande abraço, apreciando aquele momento pois seria o último — pelo menos em

Lisboa. Ele sorriu-lhe e apontou para o imponente SS *Drottningholm*.

— É o nosso?

— É — confirmou Ava. — Estás pronto?

— *Yes!* — gritou ele, praticando a palavra americana. Ele aprendeu rapidamente várias frases e estava ansioso por aprender mais.

Ava riu-se e pousou-o no chão. Ele desencantou imediatamente o seu navio de brincar e ergueu-o no ar, comparando-o ao original.

— *Ship* — articulou com cuidado em inglês, e ela acenou com a cabeça em aprovação.

— Eu nunca conseguirei agradecer tudo que fizeste. — Sarah avançou para a abraçar.

Ava relativizou o motivo para tamanha gratidão, especialmente quando o esforço tinha sido de tantas pessoas, nomeadamente de Elaine Rousseau. E de James.

Uma dor preencheu o peito de Ava e ela esforçou-se por deixar tais pensamentos de lado.

— Foi um esforço conjunto — respondeu Ava. — É tão bom saber que estarás em breve junto do Lewis.

— Vais visitar-nos quando voltares para a América? — Sarah olhou de modo suplicante para Ava.

— Vou visitar-vos, sem dúvida.

A sirene do navio soou e a multidão deslocou-se em massa em direção às pranchas de embarque já abertas.

— Parece que chegou a hora da nossa partida. — Sarah inspirou fundo e exalou o ar.

— Ele vai amar-te ainda — disse Ava, tranquilizando a sua amiga

e dando-lhe um abraço.

— *Merci*. — Sarah sorriu e pegou na mão de Noah. O menino virou-se e acenou até que a multidão os engoliu. Mas Ava conhecia-o suficientemente bem para imaginar que ele continuava a acenar durante algum tempo.

Ava não saiu dali até a grande embarcação ter partido do cais deixando um rasto de fumo negro. As pessoas estavam nas guardas lá em cima, gritando as suas despedidas. Ainda que Ava não conseguisse discernir as pessoas umas das outras, acenou e gritou os seus votos de felicidade.

E assim, tal como haviam entrado na sua vida, Sarah e Noah partiram. Por fim, a caminho da América. Para segurança deles. Para se reunirem em família.

Uma semana depois, um V-Mail apareceu na secretária de Ava. Ela abriu-o com dedos trémulos e soltou um suspiro de alívio ao ler as simples cinco palavras.

Estou em segurança. Adoro-te.

D

Mais sucinto e mais doce do que qualquer telegrama que ela já recebera. Daniel estava em segurança.

Depois de tantos anos de incerteza e perda na vida dela, as coisas pareciam, por fim, estar a correr bem.

O número de jornais estrangeiros decresceu nos quatro meses seguintes, à medida que a vantagem dos Aliados se tornava inegável e a Alemanha era espremida por todos os lados. Foi então

que chegou a notificação de Washington, que considerava que os esforços de recolha de informação do IDC em Lisboa já não eram necessários. Mike seria transferido para a Suíça. A Ava foi oferecido o mesmo, mas ela recusou.

Embora adorasse reunir informações e conhecer pessoas de quem se iria lembrar para sempre, ela queria estabelecer-se em Washington, preparando-se para o inevitável regresso de Daniel quando a guerra terminasse. Algo que desejava não tardar muito.

Eles já tinham passado imenso tempo separados. Ava sentia falta dos seus conselhos fraternais que às vezes descambavam num sermão, de sair para a habitual noite de jogos às sextas-feiras e rir até lhe doer o rosto, como costumavam fazer antes da guerra. Aqueles dias que antes eram tão banais pareciam agora pertencer a uma outra vida.

E, verdade fosse dita, ela ainda estava a lamber as feridas provocadas por James.

Não o via desde o dia da confissão, no seu apartamento. De início, ela ficou aliviada pela ausência, mas à medida que os dias se transformavam em semanas, começou a lamentar a rispidez das palavras que lhe dirigira.

— Há correio para si. — Peggy deslizou um envelope V-Mail sobre o tempo da secretária de Ava.

Ava sorriu e agarrou-o.

— Já sabe o que aconteceu ao filho do Sims? — perguntou Peggy num sussurro abafado.

A própria excitação de Ava diminuiu com aquele tom solene, e ela fez que não com a cabeça.

O canto da boca de Peggy virou-se para baixo.

— Faleceu.

Ava inspirou depressa depois do choque.

— Por isso, talvez seja melhor não falar na sua correspondência.

— Peggy levantou um ombro. — Só para não o magoar.

— É claro que sim. — Ava escondeu o envelope com o inconfundível V em vermelho e olhou para a porta fechada do gabinete de onde a voz do Sr. Sims ressoava.

Ele ficava cada vez até mais tarde no escritório e mal tinha almoçado na última semana. Ela assumira que os seus esforços redobrados seriam para resolver pontas soltas antes de partirem. Agora, ela compreendia que eram uma forma de se distrair.

Ela leu a sua carta em silêncio, incapaz de não se sentir grata por Daniel ter permanecido a salvo. Mas foi no Sr. Sims que ela pensou, enquanto vasculhava a papelada na sua secretária e decidia o que era necessário guardar e o que deveria ser destruído.

O último almoço de convívio do escritório tinha sido com Mike e os rapazes da ASLIB para a despedida final. Qualquer esperança de que James comparecesse foi imediatamente frustrada pela mesa de quatro lugares, sem uma cadeira adicional para um inglês despretenso e charmoso com um ligeiríssimo coxear.

Ela reprimiu a decepção e, juntamente com Theo, Alfie e Mike, deliciou-se com um sortido dos melhores pratos de Lisboa: enchidos picantes, peixe grelhado e sardinha em salmoura sobre fatias de pão. Mas antes de pedirem nova rodada de *Super Bock*, Ava pegou na sua mala e pediu licença para voltar ao escritório.

— Já vais voltar para lá? — perguntou Mike, incrédulo. — Eu não quero mais nada com aquele lugar.

Ava abanou a cabeça e deu uma gargalhada.

— Eu tenho uma última gaveta para limpar.

— Isso é mesmo teu. — Ele abriu os braços para a receber. — Anda cá, miúda. Sabes que eu tenho mais ou menos a mesma idade do que tu.

— Sim. — Ele sorriu. — Eu sei.

— *Viel Glück* — disse ela, desejando-lhe sorte na Suíça. Ela passara uma semana a contemplar a possibilidade, enquanto vacilava sobre a decisão a tomar, mas por fim recusara a oferta.

A testa de Mike enrugou-se.

— Hã?

— É suíço — brincou ela.

— Sim, eu sabia. — Ele ofereceu-lhe um aceno tranquilizador e deu-lhe uma palmada ao de leve no ombro. — Se alguma vez te quiseses juntar a mim, diz-me. Seria ótimo trabalhar contigo novamente.

— Não me vou esquecer disso. — Ela abraçou Alfie e Theo antes de partir, recusando-se a pensar em James enquanto o fazia.

De volta ao escritório, não aguentou muito tempo antes de a refeição pesada a deixar sonolenta e com as pálpebras pesadas. Levantou-se da cadeira e foi até à sala das traseiras, onde uma cafeteira de café revigorante estava sempre pronta.

Os saltos soaram no chão brilhante quando ela dobrou a esquina e parou. O Sr. Sims estava perto da cafeteira, com a sua grande mão apoiada na bancada de fórmica cor de baunilha, e tinha a cabeça baixa.

Claramente, ele precisava de privacidade, mas ainda assim Ava não conseguia retirar-se.

— Sr. Sims...

Ele endireitou-se e aclarou a garganta, abrindo a boca para falar antes de a fechar novamente e limitar-se a abanar a cabeça. Afastou o olhar. E depois o queixo tremeu-lhe.

Ava não disse nada, mas caminhou até ele e abriu os braços. Ele desabou nos braços dela, a sua respiração quente contra o ombro, fungando, e o seu enorme corpo a tremer esmagado pelo luto. Deixou-se ali ficar por longos momentos, agarrando-se a ela da mesma forma que Noah fazia quando acordava da sesta após um pesadelo.

Havia algo de muito humilde no gesto de um homem orgulhoso forçado a curvar-se sob o peso da sua perda. Ela conhecia bem aquele fardo e não o desejava a ninguém.

— Sinto muito — disse ela suavemente.

— Tudo o que ele sempre quis foi deixar-me orgulhoso — disse Sims com aspereza.

— O senhor sempre teve orgulho nele — ofereceu Ava como consolo. — Ele sabia disso.

O homem mais velho endireitou-se, com olhos injetados de sangue e nariz vermelho. Ele puxou um lenço do bolso e deu a Ava um aceno de cabeça em sinal de agradecimento.

— Não tem uma secretária para acabar de esvaziar, Harper? — A pergunta não tinha a severidade habitual. — Saiba que não vai receber nenhum pagamento extra.

— Sim, senhor, eu sei. — Ela voltou-se e deixou-o a recuperar em paz.

Não demorou muito a examinar uma última pilha de papéis. Quando terminou, ela entregou a Peggy a caixa para ser destruída.

— Vou juntar-me a si em Washington, mais cedo ou mais tarde —

disse a secretária. — Espero que me mostre todos os bons salões de dança e clubes de *jazz*.

Ava deu uma gargalhada.

— Não tenho a certeza se consigo fazer isso, mas posso fazer-lhe uma visita guiada pela Biblioteca do Congresso.

— Aceito. — Peggy sorriu e deu-lhe um último abraço. — Tenha um voo seguro.

Noutros tempos, Ava teria estremecido com a simples menção de voar. Embora a ideia ainda não lhe agradasse, já não a aterrorizava. No último ano e meio havia sido vigiada pela PVDE, seguida por um nazi e enganada por um espião. Daniel saltara de aviões nas praias da Normandia e lutara pela sua própria vida. E ainda mais poderoso era o que ela tinha testemunhado com os refugiados a viverem em Portugal.

Ela tinha visto pessoas submetidas a esperas intermináveis por vistos que nunca seriam concedidos, a sofrer com o atraso de navios e a terem de recomeçar o terrível processo, e até pessoas espoliadas das suas economias de uma vida inteira numa tentativa desesperada para reservar bilhetes de fuga de Lisboa. Apenas os extremamente ricos podiam pagar lugares no avião em que embarcaria na manhã seguinte. As cartas que ela havia recuperado falavam da brutalidade inimaginável dos nazis, bem como as histórias que ouvira. No entanto, muitos resistiram, resilientes e corajosos, ao deixarem as suas vidas para trás a fim de salvar a família. E, como lhe sucedia tantas vezes, pensou em Otto, a quem fora barrada tantas vezes a entrada no país dela, ele que simplesmente não conseguiu continuar vivo nem mais um dia.

Platão disse que a coragem era saber o que não temer. Ao

relembrar aqueles tempos em Lisboa, Ava entendia agora que a sabedoria também era saber o que temer. Diante do que tantos outros haviam sofrido, voar era uma coisa tão pequena.

A manhã do voo não tardou. Ela estava pronta e o recheio do seu pequeno apartamento devidamente arrumado em duas malas, com o exemplar de *Mulherzinhas* cuidadosamente guardado entre os seus vestidos dobrados.

Ela empurrou a porta do prédio e quase colidiu com um homem. Depois de um suspiro, endireitou-se e ficou cara a cara com James pela primeira vez desde a confissão.

— Ava. — Os olhos azul-esverdeados dele fixaram os seus e o coração comprimiu-se, sentindo muito mais do que ela desejava. O corpo esguio de James tinha recuperado o peso nos meses em que não se viram. Sob um chapéu cinzento, o seu cabelo tinha sido cortado recentemente e a sua pele brilhava em sinal de boa saúde. Ele estendeu a mão para a impedir de sair. — Por favor, deixa-me falar.

Naquele dia, ela dissera-lhe para ele se ir embora e desde então lamentava essa decisão. Mas não cometeria o mesmo erro novamente.

— Estavas aqui à minha espera? — perguntou ela, surpreendida. Ele esboçou um sorriso tímido.

— Eu não podia perder uma última oportunidade de falar contigo.

Por mais que Ava pensasse que havia apagado qualquer sentimento de esperança, agora voltava a ganhar vida, tolo e

ansioso, revivido pela mera presença de James. Tanto quanto ela percebia, James estava ali para se desculpar uma última vez.

Ava ficou tensa, preparando-se para o que ele pretendia dizer.

— Eu tenho uma coisa para ti. — Ele enfiou a mão no bolso e o seu conteúdo fez um barulho.

Ela estendeu a mão e ficou pasmada ao encontrar um conjunto de dados envelhecidos e amarelados, com sulcos tingidos de preto, e lascados em vários pontos. Ainda estavam quentes do calor do corpo dele.

— Para dar sorte — disse ele. — O meu pai foi piloto militar na Grande Guerra e deu-mos para eu me manter seguro. Eu sei que vais voar hoje e pensei...

— Pensaste que me daria confiança no avião — disse ela, com um sorriso, contente com a generosidade do presente. — Ele assentiu. — Já não tenho tanto medo de voar como antes. — Ela estendeu a mão para devolver os dados.

— Ainda assim, eu gostava de saber que ficas bem. — Ele não quis receber os dados. Não olhou para a mão dela, mas apenas para ela, observando o seu rosto como se soubesse que nunca mais a veria. — Ava, a questão é que eu me importo muito contigo. Eu gostava de ti, mas mesmo sem te ter por perto não consigo tirar-te dos meus pensamentos. E eu nem lamento o espaço que ocupas na minha mente. Pelo contrário, acho-o reconfortante, de uma maneira familiar e agradável. Eu... — Ele deu uma leve gargalhada. — Estou a fazer uma bonita figura.

Toda a força de vontade no mundo não reprimiria o calor que brotava no peito de Ava.

— Achei que estava tudo bem contigo.

Ele fez um meio-sorriso e levou as mãos aos bolsos.

— Voltarei a Londres em breve, com um endereço e tudo. Talvez possamos trocar correspondência, ou até mesmo ver-nos. O Alfie disse-me que o Museu de Londres tem imenso material em francês e alemão para analisar. Diários e cartas, como aquele que estavas a reunir. Talvez um dia possas lá ir por uma semana ou assim. Ou eu poderia...

Ava deu um passo em direção a ele, segurou-lhe o rosto com as mãos e beijou-o. Os lábios dele estavam quentes e o queixo era suave. Ele passou os braços à sua volta, segurando-a contra si enquanto o aroma a sabonete, agradável e limpo, a envolvia por completo.

Um carro parou ao lado deles e aí separaram-se abruptamente, cada um com um sorriso cúmplice e particular. Ava tocou a sua própria boca no local onde os lábios ainda ardiam por terem tocado os dele.

A boleia para o aeroporto tinha chegado. O motorista permaneceu no carro por uns instantes, claramente para lhes dar tempo.

— Eu adoraria escrever-te — disse ela.

James passou-lhe um pedaço de papel com uma morada de Londres em letras escuras e desordenadas, permanecendo junto dela no curto espaço de tempo em que o motorista arrumou as malas. Enquanto o carro se afastava, James fez um dos seus sorrisos que ficou na mente de Ava e que não deixou o mínimo espaço para se preocupar com a viagem de avião.

A vida em Washington não correspondeu ao acolhimento de boas-

vindas que ela imaginara. Depois da existência fácil e lânguida em Lisboa, a capital americana parecia correr demasiado rápido, o que deixava Ava com a sensação de estar parada no meio de uma torrente de atividade.

A sua vaga na Sala de Livros Raros tinha sido preenchida, claro. Um trabalho tão importante não poderia permanecer em aberto por muito tempo. Em vez disso, foi colocada entre os políglotas que categorizaram as inúmeras caixas de microfilmes enviadas por si e pelos outros membros do IDC. Muitas vezes deparava-se com uma caixa rotulada cuidadosamente pelo seu próprio punho ou até com a escrita irregular da mão apressada de Mike.

O racionamento ainda estava em vigor na América e isso exigiu algum tempo de ajuste, sobretudo porque ela estava habituada a beber o seu café com bastante açúcar. Acima de tudo, havia o grande desejo de viajar que lhe fora despertado e que agora não seria aplacado, deixando-a a cantarolar por todo o lado com uma energia inquieta. Isso foi ainda mais acicatado pelas cartas de James, quando este regressou a Londres e ia compartilhando memórias da vida de ambos.

Foi através dessa correspondência que ela compreendeu que James tinha dito a verdade sobre si próprio, que as histórias sobre ele e a sua família não eram detalhes fictícios de um espião em serviço. O irmão também sobreviveu à guerra, pelo que comemoraram com cartas alegres e agradecidas o facto de os respetivos irmãos terem escapado ilesos de tamanhos perigos.

Com o passar do tempo, 1944 deu lugar a 1945, trazendo em abril desse ano a descoberta do horror dos campos de concentração. Naquelas imagens chocantes de homens esqueléticos, mulheres e

até crianças, impressas na capa de todos os jornais, Ava divisou o medo que os refugiados de Lisboa tinham entrevisto. Por mais terrível que se pensasse ser a situação dos judeus, a verdade era muito, muito pior.

Foi um golpe devastador perceber que as muitas esperanças que ela ouvira sussurradas entre os refugiados acerca das suas famílias seriam esmagadas por uma realidade tão pesada. E isso trouxe-lhe a raiva pelos muitos que haviam deixado a verdade de lado por tanto tempo, colocando-a benignamente na categoria de simples rumores de guerra.

Pouco tempo depois, Hitler ingeriu uma cápsula de cianeto e apontou uma arma à cabeça. Muitos entenderam o seu suicídio como uma fuga cobarde. Para Ava, havia alguma justiça no facto de Hitler ter morrido com o mesmo medo aterrador de tantas das suas vítimas.

Quando finalmente a guerra terminou, a 2 de setembro de 1945 com a rendição formal do Japão, Washington atirou fora os sapatos do racionamento e comemorou com grande júbilo. Ava não se juntou às multidões efervescentes que ocupavam as ruas. Não havia vitória sem derrota, e os sacrifícios executados durante os anos amargos da guerra eram incontáveis.

Em vez disso, ela aproveitou o dia para honrar as memórias daqueles que conhecera pessoalmente, bem como dos que lhes haviam sido apresentados através de leituras. Aquelas cartas e diários redigidos numa escrita frenética, manchados após terem sido guardados em esconderijos secretos, era tudo o que restava de tanta gente.

Vários meses depois, Ava encontrava-se no cais de embarque da Union Station com uma grande multidão, toda a gente vestida com as suas melhores roupas. As mulheres tinham raspado os tubos ocos à procura de vestígios de batom, passado a ferro os seus vestidos menos usados e enfiado fitas e flores nos cabelos recentemente encaracolados.

Os seus homens estavam de regresso a casa.

As portas do comboio abriram-se e a multidão avançou, e Ava também, conduzindo muitas mulheres em direção aos homens de uniforme e rosto barbeado, ansiosos por vê-las. E foi então que ela avistou Daniel pela primeira vez em cinco anos.

O olhar dele encontrou o dela, oferecendo-lhe aquele seu sorriso de sempre.

Os olhos de Ava ficaram quentes com as lágrimas, mas ela não perdeu tempo a enxugá-las enquanto corria na direção dele e abria os braços para o envolver. Ele tinha um cheiro estranho, que fazia lembrar lã e fécula queimada, com um leve aroma a óleo de máquinas.

— Minha querida irmã. — Ele recuou e acolheu-a com tanto orgulho que até deixou o coração de Ava apertado.

Os cinco anos de guerra notavam-se na sua pele — gravando rugas nos cantos dos olhos e na testa. Mas o seu olhar mantinha aquele brilho jovial que ela sempre conhecera, e o sorriso não carregava a hesitação do de alguns homens que haviam regressado.

Ele estava em casa, são e salvo.

Aquele intervalo de tempo entre eles dissolveu-se, como sempre sucedia entre irmãos que eram próximos, apagando-se através de

conversas espontâneas e incursões pelas suas memórias. À noite encontravam-se à mesa da sala de jantar do apartamento que Ava tinha arrendado, com as confusas letras do jogo de tabuleiro *Criss Cross Words* dispostas diante deles.

Ava baralhou as letras à sua frente, movendo o Q, o U e o X em torno de um C, até que a resposta lhe chegou. Num piscar de olhos, ela transferiu as peças para o tabuleiro.

— «Quixotesco» — leu Daniel em voz alta. — Isto é a sério? Isso é uma palavra?

Ela pôs as mãos nos quadris e permaneceu sentada.

— É claro que é. — Demorou um instante para desenterrar o significado da sua memória. — É algo irrealista ou impraticável.

— Sempre foste boa neste jogo, mana. — Daniel recostou-se na cadeira e bebeu um golo da sua garrafa de cerveja. — É por isso que merecias ir para a faculdade.

A alegria de Ava pela sua jogada triunfante foi ensombrada pela menção à faculdade. Ele sempre desvalorizara o não ter alcançado o seu sonho de obter um diploma e, ao invés, a ter enviado de modo a seguir o sonho dela.

— Se eu soubesse que não ias para a faculdade para que eu pudesse ir, nunca o teria permitido. — Ela encarou-o, ainda magoada com a decisão.

Ele riu-se.

— E foi por isso que eu não te contei.

— Ainda podes voltar, agora que a guerra acabou. — O silêncio pesou entre eles. — Muitos homens vão estudar novamente.

— Não é isso. — Daniel pousou a cerveja. — Não quero sair do Exército. Sinto-me cada vez mais uma Águia Gritante, mana.

Ava olhou para o tabuleiro, já sem ver as letras, mas pensando nos meses que se arrastariam enquanto ela esperava pelo regresso dele a Washington.

— Mas isso significa que serás destacado outra vez.

— Eu sei — disse ele suavemente. Ela olhou para cima, detestando o nó que se formava na sua garganta. — Eu não sabia como te dizer isto, mas não sou um tipo estudioso, não como tu ou o papá. — Daniel encolheu um único ombro, sem grande entusiasmo. — Eu só queria ir para a faculdade porque achava que era isso que ele esperava de mim. Até que percebi o quanto gostavas de estudar. — Ele colocou as suas grandes mãos em cima da mesa. Cortes pálidos e cicatrizes salpicavam-lhe os dedos calejados. — O Exército tem tudo que ver comigo, Ava. — Ele inclinou-se sobre a mesa, com um olhar preocupado enquanto a observava. — Não estás muito chateada, pois não?

Ava mordeu o lábio e forçou-se a examinar a emoção desconfortável que lhe apertava o estômago. Não era com Daniel que ela estava chateada, era consigo própria.

Ela abanou a cabeça lentamente.

— Acho que estou aliviada, na verdade.

As sobancelhas de Daniel ergueram-se.

— Vou tentar não me sentir ofendido com isso. — O seu sorriso habitual dizia-lhe que não ficara magoado com aquela declaração. Na verdade, ele também parecia aliviado.

— Eu tenho tentado encontrar a normalidade aqui — disse Ava em voz alta, enquanto tentava decifrar os detalhes. — Mas já não me serve porque eu não sou a mesma pessoa que era.

— Isso soa bastante quixotesco. — Ele piscou-lhe o olho.

Ela riu-se.

— Sim, é.

— Então, para onde vais?

Ava nem precisava de pensar antes de responder.

— Para a Inglaterra, para tentar uma vaga na Biblioteca de Londres.

— Sempre quis conhecer Londres. — Daniel assentiu em aprovação. — Vou ter de te fazer uma visita.

— Eu adoraria — disse Ava, com um sorriso.

Daniel observou as letras diante dele e virou-as para ela.

— Muito bem... O que consegues fazer com esta confusão diabólica?

Ela contemplou os blocos, depois atentou no tabuleiro para encontrar algo com que pudesse jogar noutras palavras. Usando o primeiro I de quixotesco e o A de dado, ela soletrou a palavra realizados.

Uma palavra apropriada e perfeita para descrever o que ambos haviam percebido e aquilo que ambos conseguiriam ser.

EPÍLOGO

Elaine

Um dia depois de Etienne ter matado Werner, os nazis fugiram. Houve explosões por toda a cidade de Lyon ao rebentarem as pontes atrás deles para impedir os Aliados de os seguirem. Os cobardes.

O próprio general de Gaulle chegou duas semanas depois e homenageou Lyon, declarando-a capital da Resistência. Foi o dia de uma grande vitória que ecoou na alma de Elaine, pois essa reverência significava o apreço por sacrifícios brutais. Por aqueles que haviam sido fortes o suficiente para suportar a tortura. Por aqueles que tinham pagado com a sua vida. Por aqueles cujos corações haviam sido despedaçados devido às perdas que enfrentaram.

Por fim, ela teve notícias dos seus pais. Como esperava, eles saíram-se melhor do que a maioria durante a ocupação. A vida na pequena cidade rural, cuja existência estagnada não lhe agradara na sua juventude, tinha sido a salvação deles, proporcionando-lhes alimentos suficientes para sobreviverem aos anos mais difíceis.

Os prisioneiros não regressaram dos campos de trabalho até ao início de 1945, e quando o fizeram a França ficou horrorizada com o semblante morto-vivo das pessoas que chegavam, só pele e osso,

com grandes olhos esbugalhados pousados em crânios revestidos apenas por pele esticada. O racionamento ainda estava em vigor, embora não com os padrões estritos de quando Lyon estava sob ocupação alemã. No entanto, quando as pessoas dos campos foram libertadas e voltaram, não havia uma alma em França que não oferecesse a sua própria comida para ajudar a alimentá-los.

Denise voltou um mês após a libertação dos prisioneiros, emaciada como todos os outros e com vários dentes em falta, mas com aquele fogo reconhecível brilhando ainda no olhar.

Foi com a chegada deles que Elaine encontrou um novo propósito. O número de pessoas à procura de familiares era tão grande que ela imprimiu listas de sobreviventes para os reunir aos que se haviam perdido. Ela mudou a pesada impressora mais uma vez, agora para uma sala com uma ampla janela voltada para a rua, para deixar entrar a luz do Sol e divulgar os seus esforços. Foi a partir daí que a Minerva expandiu o poder das palavras, não mais para juntar um exército que combatesse o ódio, mas sim para reunir amigos e familiares restaurando assim o amor.

Foi através dessas listas que ela encontrou o pai de Nicole, Olivier, que media mais de um metro e oitenta e tinha a mesma verruga em forma de coração no seu magro braço. Ele ouviu as histórias da bravura de Nicole com lágrimas nos olhos e confirmou que fora através das suas encomendas que ele e o filho conseguiram sobreviver. A irmã e o cunhado de Nicole também tinham passado por grandes provações na Alemanha, e todas as noites os quatro faziam uma oração pelo lugar à mesa agora vazio.

Josette nunca recuperou completamente do estado de fragilidade, pois a sua natureza era muito delicada para suportar aquele stress

prolongado. Elaine tinha-a visitado uma vez sob o olhar de reprovação da mãe de Josette, que culpava Elaine e o resto da Resistência pelo que acontecera com a filha. Embora Elaine tencionasse voltar, a mãe de Josette proibiu qualquer visita futura.

Lucie não regressou a França. Nem o seu marido, tendo ambos morrido em Auschwitz. Cada imagem desse lugar terrível fazia Elaine lembrar-se da sua amiga que fora sempre tão maravilhosamente otimista, e doía-lhe só de pensar no que ela teria sofrido.

Elaine regressou a dada altura à sua casa na rue du Plat, tendo parado do lado de fora refletindo no que havia do outro lado. Não nas camadas de pó, mas nas memórias de uma vida que parecia pertencer a outra pessoa.

Quando, por fim, entrou, descobriu um envelope logo no átrio, com vestígios de pó descrevendo o rasto de ter sido empurrado por baixo da porta. Ela manteve-o preso entre os dedos enquanto caminhava lentamente por aqueles espaços outrora familiares. Foi até à cozinha ensolarada onde costumava dedicar-se a ler os artigos do *Combat*, antes mesmo de saber como funcionava uma máquina de impressão, muito menos como a operar. Reparou na poltrona da sala onde Joseph se debruçava sobre a sua pesquisa, os seus olhos castanhos e acolhedores, distante em cálculos mentais. Entrou no quarto onde dormiam nos braços um do outro até que a necessidade dele em mantê-la segura criasse uma barreira entre o casal.

Lágrimas arderam-lhe nos olhos.

O que ela não daria para ter aqueles dias de volta, para deixar de lado a raiva e permitir-se ainda deleitar-se com o amor que sentiam. Por último, entrou na casa de banho, onde dois anos depois o aroma da sua água de Colónia ainda permanecia no ar.

Foi, então, que os seus joelhos cederam e ela caiu no chão, com um ataque de choro pelo homem que amava. O homem que tinha partido para sempre.

Quando, por fim, as lágrimas secaram, lembrou-se do envelope que segurava ainda. Abriu-o e viu um bilhete lá dentro, juntamente com o documento de identidade de Hélène Bélanger.

Um nome tão familiar quanto o apartamento em que ela agora estava caída.

Com as mãos a tremer, desdobrou o bilhete.

Esperei várias horas, mas temo que já não resida aqui. Espero que receba isto, pois não tenho outra forma de a localizar. Quero agradecer-lhe por todo o tempo em que me deixou usar o seu nome, embora, na verdade, esta mensagem seja pouco para expressar a profundidade da minha gratidão. A senhora salvou-me a vida com o seu sacrifício. Pareceu-me correto devolver-lhe isto.

Elaine olhou mais uma vez para o cartão de identidade.

Nunca lhe ocorrera que poderia voltar a usar o seu nome. Nos últimos dois anos, Hélène tinha-se tornado algo do passado. Uma mulher que, de modo egoísta, fizera exigências sobre o que queria da sua vida, que pensou que poderia dobrar as circunstâncias à sua vontade e que permitira que o seu temperamento desperdiçasse os últimos e preciosos dias com Joseph.

Mas Bélanger... sim, ela adotaria esse apelido mais uma vez,

para possuir e valorizar o presente eterno que lhe fora concedido pelo homem que amaria para sempre.

Uma semana depois, quando chegou à sua tipografia para iniciar uma nova lista de sobreviventes a ser impressa e divulgada, ela encontrou Etienne à sua espera, com um homem penosamente magro ao seu lado.

Os ombros do homem estavam curvados para a frente e as mãos entrelaçadas numa postura encolhida, como se tentasse tornar-se ainda mais pequeno. Ainda assim, ele mantinha a cabeça erguida, com os seus grandes olhos escuros a observá-la atentamente.

Não era a primeira vez que Etienne levava um dos sobreviventes dos campos até si. Ele também passava a maior parte do tempo a procurar a família daqueles que tinham sido presos injustamente. Talvez fosse o seu tempo como soldado que o levava a tais atividades filantrópicas, embora Elaine suspeitasse que tinha muito que ver com uma penitência pessoal por não ter conseguido salvar Joseph e muitos outros.

— É bom ver-te, Etienne. — Ela beijou-o na face e sentiu o cheiro reconhecível dos cigarros. Ele e os outros homens de França — e algumas mulheres também — ficaram aliviados por voltarem a terem o seu tabaco disponível.

Ela voltou a sua atenção para o homem.

— Este é o Saul. — Etienne colocou suavemente a mão no ombro magro daquele homem, num gesto de afeição, além de parecer algo reverente.

— *Bonjour*, Saul. — Ela brindou-o com um sorriso e manteve um tom gentil. Muitos sobreviventes dos campos ainda se assustavam ao serem cumprimentados, assombrados que estavam pelos

pesadelos da sua vida diária de gritos com ordens e punições gratuitas e sem sentido. — Posso ajudá-lo?

— Eu posso ajudá-la. — Ele tinha uma voz fina e aguda, com uma respiração que produzia um silvo no peito frágil, debaixo de roupas demasiado grandes para o seu corpo encolhido. Ele estendeu o punho cerrado e ela abriu a palma da sua própria mão por baixo da dele. — Lamento muito pelo estado em que está — disse ele, enquanto abria os longos dedos, deixando cair um pedaço de papel na mão dela. — Eu guardei isto dentro do meu sapato durante meses.

Elaine usou dois dedos para abrir cuidadosamente o papel e reconheceu de imediato a sua própria caligrafia. Ela inspirou com nervosismo, ao ler aquelas palavras.

Querido Joseph,

Perdoa-me por tudo que disse.

Amo-te, sempre.

Hélène

— Estava com o Joseph — disse Etienne.

— Como? — conseguiu Elaine articular, sentindo a garganta apertada.

— Estávamos juntos em Auschwitz — respondeu Saul. — Na primeira semana fiquei muito doente. Só sobrevivi por causa do seu marido. Ele segurou-me de pé durante o trabalho, fazendo a minha parte e a dele para que eu não fosse baleado. Eu nem sei onde ele encontrou a força. Talvez na senhora. — Apontou para o papel. —

Ele olhava para isso com frequência, em concha na palma da mão, quando não estava guardado por baixo do calcanhar. Um dia, um oficial apanhou-o a desviar cascas de batata para dar a um homem do nosso grupo que não conseguia levantar-se da cama. Eu estava com o Joseph quando o oficial disparou. Ele agarrou o seu bilhete quando estava a morrer. — A voz de Saul falhou e os seus olhos encheram-se de lágrimas. — Achei que devia guardá-lo por ele, para lhe devolver aquele que era o seu bem mais querido.

A boca de Elaine contorcia-se enquanto tentava conter as lágrimas e reunir as palavras certas para agradecer ao homem por um presente tão valioso. Durante todos aqueles meses, ela tentara esquecer aquele bilhete, ignorar o medo de que Joseph tivesse morrido sem saber o quanto estava realmente arrependida, o quanto o amava.

Ela soluçou.

— Amo-o tanto.

Lágrimas correram pelo rosto de Saul e ele abriu-lhe os seus magros braços.

— E ele amava-a. — O homem cujo corpo era pouco mais do que ossos servindo de estrutura à pele e que havia suportado crueldades inimagináveis, ofereceu a Elaine maior consolo e conforto do que qualquer outro que ela recebera em muito tempo. Ele tinha conhecido Joseph naqueles meses finais, nos segundos finais.

— Obrigada — murmurou ela com todo o amor que tinha no seu coração. — Obrigada por este presente.

Saul sorriu-lhe, apesar das lágrimas, e acariciou-lhe gentilmente o rosto.

Contudo, ele não era o único a quem devia gratidão. Elaine pegou na mão de Etienne e apertou-a com todo o reconhecimento que brotava dentro de si.

— Conseguiu levar-lhe o bilhete.

— Eu disse-te que faria tudo o que pudesse.

Saul e Etienne não foram os seus últimos convidados naquela semana. Numa sexta-feira ensolarada, depois de os sinos tocarem o meio-dia e meia, alguém bateu à porta. Elaine cruzou a soleira para dar as boas-vindas a mais um visitante em busca de um ente querido.

Do lado de fora estava uma bela jovem de cabelo escuro, puxado para trás com *victory rolls*, fixando-a com os seus inteligentes e límpidos olhos verdes.

— A menina é a Elaine Rousseau? — perguntou ela num dialeto que Elaine não conseguiu identificar.

— Bélanger — respondeu Elaine. — Mas em tempos conhecida como Rousseau, sim. Como posso ajudá-la?

A mulher enfiou a mão numa pequena mala pendurada no braço, pequena demais para conter as senhas de racionamento ainda necessárias à vida diária. Da mala retirou uma foto a preto-e-branco.

— O meu nome é Ava Harper e fui eu que recebi o seu código secreto no *Combat* para ajudar a levar a Sarah e o Noah Cohen até à América.

Ela entregou a foto a Elaine, cujo coração parecia ter ficado preso na garganta. Sarah estava num pátio diante de uma casa de tamanho modesto, com venezianas escuras em contraste com o

exterior claro. Ao seu lado estava um homem de cabelos escuros, com ombros largos e um sorriso esfuziante. Ambos tinham as mãos nos ombros de um menino com longas pestanas e olhos que Elaine sabia serem cor de avelã. As suas bochechas eram rechonchudas e denotavam boa saúde, a boca estava parcialmente aberta e a sua mão apontava para longe, como se estivesse a tagarelar animadamente sobre algo que via. Como as crianças devem estar.

Sarah e Noah tinham chegado à América e estavam reunidos em família. Os esforços de Elaine não haviam sido em vão. A sua luta não tinha sido em vão.

Joseph podia não querer que ela se envolvesse num trabalho tão perigoso, mas ela conhecia o marido: ele teria ficado orgulhoso.

Ava

Ava lembrava-se perfeitamente do dia em que tirara aquela fotografia. Tinha sido numa bela tarde de abril, com uma brisa suave agitando os rebentos frescos do relvado do viçoso quintal. O vizinho de Sarah tinha adquirido recentemente um novo cachorrinho, um tufo branco com uma língua bem rosada, e Noah não conseguira reprimir a sua adoração o tempo suficiente para ficar imóvel na fotografia.

Quaisquer que fossem os medos de Sarah acerca de perder o amor de Lewis, eram totalmente infundados. Ava nunca tinha visto um homem olhar para uma mulher com tanta ternura como Lewis contemplava Sarah.

Foi o carinho de Sarah por Elaine que levou Ava até Lyon antes

de viajar para a Inglaterra. Conhecer a mulher que arriscara a vida a imprimir jornais que combatessem a disseminação das alegações espúrias dos nazis, conhecer a mulher que levava os Cohens para a vida de Ava e os ajudara a libertarem-se.

A sua busca por Elaine em Lyon levou vários dias, visitando diversos locais e procurando todos os nomes que Sarah lhe dera. O tempo estava a esgotar-se e o voo de Ava partiria em breve, mas estava feliz por ter conseguido finalmente localizar a mulher que havia feito tanto pelos outros.

Elaine ergueu os seus olhos escuros da fotografia, estavam marejados. As suas maçãs do rosto eram altas e elegantes, os seus pulsos finos projetavam-se da camisola vermelha que envergava.

— Eles estão felizes?

Ava não conseguiu conter um sorriso rasgado.

— Muito. E todos eles sobreviveram à guerra por sua causa.

— Não por mim. — Elaine abanou a cabeça, deixando o espesso cabelo louro a balançar sobre os ombros. — Eu apenas divulguei a mensagem.

— Sim, mas foi escondida tão habilmente — comentou Ava. — Reconheci-a de imediato porque o seu trabalho habitual no *Combat* era tão imaculado, mas ninguém repararia se não estivesse familiarizado com o jornal.

— Ficávamos sempre tão orgulhosos do produto final. — Elaine esboçou um sorriso triste. — Fico muito grata por ter decodificado a minha mensagem, por ter sido capaz de os ajudar. — Um lampejo de dor refletiu-se nos seus olhos. — Houve tantos que não puderam ser salvos.

Ava sentiu o peso daquelas emoções na alma de Elaine e

assentiu num gesto de compreensão.

— Estava em Lisboa, mas vi os refugiados chegarem e ouvi as suas histórias. Mesmo num local seguro, alguns estavam ainda perdidos. — A força do seu luto por Otto ressoou através de si. Ressoaria sempre.

— Ouvi falar do ataque contra si e os seus colegas de trabalho. — Ava ficara chocada ao saber do ataque ao armazém através de uma carta de James. — Sinto muito pela sua perda.

Elaine ergueu o queixo num ângulo que podia parecer ligeiramente arrogante, como se a confiança pudesse compensar a dor.

— Era um papel perigoso. Estávamos cientes dos riscos.

Ava viu uma grande máquina no canto da sala.

— Esta é a sua prensa?

— *Oui*. — Elaine olhou por cima do ombro. — Gostaria de vê-la?

— Sim... — Ava aproximou-se para examinar as diferentes alavancas, chapas e rolamentos. O cheiro a metal e a graxa misturavam-se num aroma de tinta a pairar no ar e que lembrava pólvora. Embora ela conseguisse identificar alguns dos objetos, a maioria era um enigma fascinante.

A palavra escrita teve tanta importância para ela ao longo dos anos. Os livros tinham-lhe trazido o consolo num mundo virado do avesso, a conexão com as personagens quando estava totalmente sozinha, o conhecimento quando precisava de respostas e muito, muito mais. Na guerra, eles ofereceram-lhe discernimento, compreensão e perspetiva. E mesmo através das cartas e dos diários, as palavras garantiam a imortalidade daqueles cujas histórias ela teve a honra de registar.

— É linda — murmurou Ava.

Elaine observou-a.

— Acha mesmo?

— Absolutamente — respondeu Ava sem hesitar. — Sem máquinas como esta nunca teríamos livros. — Ela deixou os seus dedos roçarem suavemente na alavanca, fria ao toque. — As palavras são tão incrivelmente poderosas.

Elaine fixou-a e a tensão no seu rosto dissipou-se, revelando a sua juventude.

— *Oui*, são mesmo.

Passaram a tarde juntas enquanto Elaine mostrava a Ava como a prensa funcionava, permitindo que ela fizesse algumas impressões. A facilidade com que Elaine operava a máquina a que ela chamava de Minerva era invejável; os seus dedos finos e afilados como os de uma artista enquanto executava habilmente várias tarefas ao mesmo tempo.

Os sinos da igreja repicavam lá fora, marcando a hora e o tempo de que Ava dispunha para sair e apanhar o avião para Inglaterra. Antes de partir, ela tirou dois objetos da sua mala — uma carta selada de Sarah para Elaine e um desenho de Noah, numa folha dobrada, no qual se retratou a segurar um frasco com qualquer coisa vermelha.

Quando Elaine abriu o desenho de Noah, exalou algo entre uma gargalhada e um soluço.

— Compota de morango. — Ela tocou na imagem com um sorriso carinhoso.

— É isso que é? — perguntou Ava.

— Era um tesouro durante a guerra. — Elaine apertou os lábios,

recompondo-se das emoções. — Ele adorava!

— Ah, isso explica porque é que ainda é o favorito dele... — comentou Ava.

Uma lágrima escorreu pelo rosto de Elaine. Ela limpou-a com dedos trémulos.

— Veio de tão longe para me ver?

— Sim. Para lhe dizer quão inteligente e corajosa a acho e para partilhar consigo o impacto que os seus esforços tiveram. — Ava tinha-se interrogado inicialmente se seria uma boa ideia ir a Lyon, e se conseguiria encontrar Elaine. Mas estando agora diante da magra mulher, cujo rosto brilhava de orgulho, teve a certeza de ter tomado a decisão certa.

Elaine abriu os braços e envolveu Ava num abraço destemido.

— Este é realmente o maior presente. — Então, soltou-a e sorriu enquanto chorava. — Obrigada.

Ava desembarcou do avião em Londres, onde à sua espera estaria James, o homem cujo conjunto de dados guardava até agora no seu bolso — com a expectativa de uma nova aventura a florescer no peito.

A Grã-Bretanha era outro mundo por explorar. Aquele que vira nascer Geoffrey Chaucer, que dera à língua inglesa as suas fundações literárias, aquele onde o teatro de Shakespeare entretivera as massas com histórias que seriam contadas tantas vezes por vários séculos. Era a cidade onde Charles Dickens localizara a ação de muitos dos seus livros, educando as pessoas não com instrução, mas conectando a personagem ao leitor e

arrastando-o para uma viagem. Fora onde Thomas More enquadrara uma sociedade ficcional perfeita que espelhava o estilo de vida monástico em *Utopia*, mas também o lugar onde as personagens de Jane Austen passeavam nas suas diligências com intenções maritais.

A riqueza da História da Grã-Bretanha era tão imensa que Ava poderia deliciar-se com ela por décadas e nunca se faltar.

Ela passou a vida inteira a ler essas referências e agora estava pronta para as apreciar em carne e osso. E talvez até viver a sua própria história de amor.

Independentemente disso, ela estava ansiosa por trabalhar na Biblioteca de Londres, mais uma vez rodeada de tomos que abrangiam séculos e séculos, fazendo a sua parte para registrar a História de modo a torná-la perene na mente das gerações futuras. Afinal de contas, não havia nada que Ava amasse mais do que o cheiro dos livros antigos — exceto, claro, o poder da palavra escrita.

NOTA DA AUTORA

Senti-me inspirada a escrever *Uma Espia Americana em Lisboa* depois de ler sobre os bibliotecários que foram enviados para a cidade de Lisboa durante a Segunda Guerra Mundial, a fim de reunir livros e jornais com informações sobre o inimigo. Isso tornou-se especialmente interessante depois de saber que tinham sido inicialmente colocados nos seus postos com pouca formação e Lisboa estava repleta de pessoas de todo o mundo, agentes e refugiados. A espionagem era abundante na costa litoral na zona de Lisboa, onde o poder e a riqueza eram manejados com destreza e os governos atuavam clandestinamente no fio da navalha da neutralidade, debaixo do nariz da polícia secreta de Portugal.

Apesar de o IDC não ter enviado nenhum operativo feminino para Lisboa, optei por criar Ava Harper — uma mulher experiente no ambiente da Biblioteca do Congresso, que chegou a um lugar onde teria mais perguntas do que respostas. Tive a sorte de conhecer alguns bibliotecários que me ofereceram importantes contributos para construir a personagem de Ava. Também tive a oportunidade de viajar para Washington, onde visitei a Biblioteca do Congresso, na qual passava o dia em pesquisas na bela Sala de Leitura, e também pude conhecer as instalações.

Portugal era o último recanto do território europeu neutro de onde os refugiados podiam navegar para a América do Sul, África ou

América do Norte, e escapar assim à ira dos nazis. E ao mesmo tempo que era um lugar de relativa segurança, onde os refugiados eram protegidos sob as leis da neutralidade, havia uma constante ameaça devido à caducidade dos vistos, que resultava na sua prisão pela polícia secreta portuguesa. Além disso, havia o medo permanente de que a Alemanha atacasse Portugal e os refugiados voltassem a estar sob a opressão nazi. A espera que os refugiados enfrentaram, aguardando pelos vários vistos e bilhetes de barco, foi longa e terrível, mesmo para aqueles que mantiveram a sua riqueza, embora muitos chegassem apenas com as roupas que traziam no corpo.

Os espões abundavam nessa comunidade onde as publicações e as notícias de todo o mundo se misturavam no ajuntamento de estrangeiros. Eles pagavam secretamente aos moradores e à polícia para ouvirem e relatarem, acotovelavam-se com os mais ricos em luxuosos hotéis para recolherem informações e espalhavam desinformação que alastrava como um incêndio na floresta, impedindo que o inimigo suspeitasse do seu próximo passo. Tudo isso contribuiu para um ambiente muito emocionante.

Tive a sorte de poder viajar para Lisboa, apesar da pandemia, no ano de 2021. Nunca tinha estado em Portugal e foi importante para mim vivenciar a cultura sobre a qual havia aprendido tanto na minha pesquisa. Descobri que era exatamente como tinha lido: um país belíssimo, com comida incrível e pessoas gentis e generosas. Tive uma guia turística incrível, a Raquel Stevens, cuja avó de 101 anos partilhou detalhes sobre como era a vida quando os refugiados chegaram a Lisboa. A Raquel não planeou apenas passeios específicos em função do que eu precisava para a minha pesquisa,

como também foi sempre muito paciente face a todas as minhas perguntas. Estou-lhe imensamente grata, bem como à sua avó.

Um homem que infelizmente não cheguei a mencionar no meu livro, mas que sinto também merecer ser referido aqui, é Aristides de Sousa Mendes, cônsul português em Bordéus, em França. Em junho de 1940, quando a Alemanha tomou a França, havia gente a ser atacada e as cidades estavam a cair sob o comando nazi. As pessoas estavam desesperadas para fugir e o cônsul desafiou ordens estritas para não autorizar vistos. À medida que o consulado português se enchia de pessoas prestes a perder a esperança, Mendes seguiu o seu coração e a sua consciência, prometendo assinar o máximo de vistos que pudesse, independentemente da nacionalidade ou religião, e fê-lo sem receber pagamentos. Por três dias, ele assinou e assinou e assinou, o seu nome reduzido apenas a «Mendes», mas o carimbo do consulado naqueles vistos era suficiente para que os refugiados atravessassem as fronteiras. Antes de ser forçado a parar, ele conseguiu assinar pelo menos 3800 — este número foi confirmado inequivocamente pela Fundação Aristides de Sousa Mendes (sobreviventes e descendentes das famílias que salvou com esses vistos) —, embora as estimativas atinjam entre 10 mil a 30 mil vistos. Pela sua rebeldia, foi destituído permanentemente do cargo, humilhado por António de Oliveira Salazar, primeiro-ministro de Portugal, e nunca mais conseguiu emprego. Aristides de Sousa Mendes é conhecido por ter afirmado: «Eu não poderia ter agido de outra forma e, portanto, aceito com amor tudo o que me aconteceu».

Embora eu tenha pesquisado extensivamente sobre Lisboa

durante a Segunda Guerra Mundial, saliento que quaisquer eventuais erros são da minha inteira responsabilidade.

O que me traz à segunda narrativa de *Uma Espia Americana em Lisboa*, com Elaine, em Lyon, França. Enquanto pesquisava, deparei-me por acaso com o nome de uma mulher francesa, Lucienne Guezennec. Destemida, corajosa e íntegra — uma mulher de honra, foi uma verdadeira inspiração. Ela entregou o seu documento de identidade a uma mulher judia para a salvar, juntou-se à Resistência e tornou-se aprendiz num jornal clandestino; foi a única sobrevivente de um ataque nazi à tipografia e chegou a defender as mulheres cujas cabeças eram rapadas como retaliação por colaborarem com os nazis no final da guerra. Não replico a vida dela, embora a tenha usado como influência notória para a personagem de Elaine. Antoine, Jean e Marcel são também vagamente inspirados nos homens reais que trabalharam com Lucienne na tipografia clandestina: Marcel, em André Bollier, Antoine, em Francisque Vacher, e Jean, em Paul Jaillet.

Outra personagem importante do lado francês do meu livro foi o *Kommandeur* Werner. Criei-o conjugando características de oficiais reais que estiveram em Lyon durante a ocupação, com uma ligação principal a Klaus Barbie — um homem tão cruel que foi apelidado de Carniceiro de Lyon. Não vou abordar os atos indescritíveis que ele fez para merecer tal título, mas direi que não foi julgado por esses crimes hediondos até atingir uma proecta idade. E mesmo então foi condenado a prisão perpétua, tendo permanecido recluso apenas quatro curtos anos antes de falecer. As suas vítimas nunca receberam a misericórdia com que ele foi agraciado. Confesso, sou

uma leitora que gosta que um vilão receba o castigo que merece e, por isso, criei o Werner.

Muitas das outras personagens foram inspiradas em mulheres sobre as quais li durante a minha pesquisa, incluindo Manon. A mulher real que sofreu a perda tão dolorosa de um filho não era nomeada no livro que a mencionava, nem se esclarecia qual o seu futuro após a perda da criança. Assumi a responsabilidade de a juntar à Resistência para que ela retaliasse como pudesse contra os nazis.

Também tive a sorte extraordinária de poder viajar até Lyon enquanto escrevia este livro. Não só passei boa parte do meu tempo percorrendo as ruas e as *traboules* para absorver a beleza e a ambiência da capital da Resistência Francesa durante a Segunda Guerra Mundial, como também passei uma quantidade extraordinária de tempo no Centre d'Histoire de la Résistance et de la Déportation e no museu da prisão de Montluc. Ambos os museus são mostras poderosas do que os franceses sofreram durante a ocupação nazi e realçam a bravura daqueles que lutaram. Além do mais, tive a sorte de encontrar um guia turístico fantástico, o Jean Martinez, com uma riqueza absoluta de conhecimentos sobre a Resistência e a França durante a Segunda Guerra Mundial, e que teve a gentileza de me responder a questões ao longo da escrita deste livro.

Tal como em Lisboa, a minha pesquisa sobre Lyon e a Resistência Francesa foi extensa e quaisquer erros cometidos são da minha responsabilidade.

Um elemento importante do livro que eu gostaria de abordar nesta nota é o código usado entre Elaine e Ava através dos jornais.

Embora a codificação fosse um aspeto importante do trabalho da Resistência Francesa, não consegui identificar o código exato usado e assim adotei um poema que estava em circulação a dada altura entre agentes da Special Operations Executive, ligeiramente adaptado para se adequar à história.

Estou imensamente grata a todos os especialistas que ajudaram a moldar este romance, desde os guias turísticos aos dos museus, autores de material de não-ficção e testemunhas oculares que abriram os corações para partilhar as suas histórias. Espero ter feito justiça aos belos países que visitei e aos bravos homens e mulheres que descobri durante a minha pesquisa. Que as suas memórias permaneçam connosco para as gerações vindouras.

AGRADECIMENTOS

É uma grande honra ter a oportunidade de escrever outro romance de ficção histórica acerca da Segunda Guerra Mundial. Estou imensamente grata à incrível equipa da Hanover Square Press por não só me dar a possibilidade de mergulhar na pesquisa e escrever novamente um pedaço da História, mas também por ser tão maravilhosa e solidária neste percurso. Agradeço a Peter Joseph e a Grace Towery pelo árduo trabalho de fazerem brilhar este meu romance. Agradeço a Eden Church, a Leah Morse e a Kathleen Carter pelo resplandecente trabalho de divulgação por forma a lançar este livro pelo mundo. É um prazer trabalhar com cada um de vós.

Muito obrigada também ao meu agente, Kevan Lyon, por estar comigo em cada passo deste livro e pelas opiniões e conselhos excepcionais.

Muito do meu entendimento acerca deste período histórico não seria possível sem o conhecimento especializado de profissionais. Agradeço a Jean Martinez por todo o conhecimento compartilhado no passeio por Lyon sobre os bravos feitos da Resistência Francesa, detalhando como era a vida durante a ocupação nazi. Agradeço a Raquel Stevens por partilhar comigo a beleza de Lisboa e por toda a sua pesquisa adicional que me ajudou a concretizar este livro. Agradeço a Judy Gann e a Margaret Murray-

Evans por me deixarem questioná-las e assim obter detalhes sobre a mundividência dos bibliotecários.

Agradeço aos autores de obras de não-ficção, cuja busca incessante pela verdade é essencial para a criação de todos os meus livros. E um enorme agradecimento também aos homens e mulheres que trabalham incansavelmente para estabelecer e conservar museus em todo o mundo que mantêm a História viva, inclusive nas nossas memórias, para que nunca esqueçamos.

Ao escrever este livro, estive rodeada pelo amor e apoio da minha família e amigos. Agradeço aos meus pais por estarem sempre tão orgulhosos de mim e à minha mãe que lê sempre os meus livros de fio a pavio. Agradeço ao meu marido que me apoia mesmo quando não percebo que preciso, e aos meus filhos, os meus maiores fãs, que não se importam de comer *ramen* de vez em quando, nos dias que se transformam rapidamente em noites. Agradeço às minhas melhores amigas, Lori Ann Bailey, Eliza Knight e Brenna Ash — vocês, senhoras, mantêm-me sã e sorridente. Sinceramente, não sei o que faria sem vocês. Agradeço a Eliza Knight por estar ao meu lado nesta jornada e por toda a sua incrível ajuda. Agradeço à minha querida amiga Tracy Emro por todo o seu apoio em cada livro que escrevo, desde a criação até a leitura final — as suas sugestões e notas são sempre certeiras. Agradeço às Lyonesses, cujo talento coletivo, orientação e apoio são sempre apreciados mais do que as palavras podem expressar. E agradeço ao meu grupo de leitores, que está sempre presente, apoiando e sugerindo com contribuições excelentes.

Agradeço aos bibliotecários e livreiros que não apenas colocam o meu livro nas mãos dos leitores como ajudam a divulgar a sua

existência. Além disso, estou grata por todos os livros que colocaram nas minhas mãos e no meu coração ao longo destes anos. Não sei onde estaria sem o meu amor pelos livros.

A todos os *bloggers* de livros, revisores e *bookstagrammers*, obrigada por tudo o que fazem — não apenas por este romance, mas também pela comunidade de escritores em geral. A sua paixão e amor pela leitura e o seu talento para o partilhar ajudam os leitores a encontrar novos livros que de outra forma talvez não conheceriam.

E um enorme agradecimento aos meus leitores. Obrigada pelo tempo que investem no meu livro, por partilharem o mundo que investiguei e detalhei nestas páginas e por amarem as personagens que criei com todo o meu coração.

SOBRE ESTE LIVRO



**Um romance envolvente inspirado
na história verdadeira de espiões
bibliotecários a operar em Lisboa durante
a Segunda Guerra Mundial.**

Ava sempre achou que o seu emprego na Biblioteca do Congresso, em Washington, D. C., lhe traria uma existência pacata e rotineira. Mas uma inesperada proposta do exército norte-americano leva-a até Lisboa com uma missão: fazer-se passar por bibliotecária enquanto trabalha como espia, recolhendo informações secretas para os Estados Unidos.

Enquanto isso, na França ocupada, Elaine começa a sua aprendizagem numa tipografia dirigida por membros da Resistência. Era um trabalho geralmente reservado aos homens, mas em tempo

de guerra essas regras foram esquecidas. No entanto, ela sabe que os nazis estão atrás da imprensa e das suas gráficas para silenciá-los.

À medida que a batalha na Europa se agrava, Ava e Elaine, separadas por milhares de quilómetros, começam a comunicar através de mensagens codificadas, publicadas em jornais, e descobrem a esperança em tempos de guerra.

SOBRE MADELINE MARTIN

Madeline Martin é uma autora bestseller do *New York Times* e do *USA TODAY* que tem vindo a dedicar o seu amor por História à escrita de romances históricos. Vive na Flórida com o marido, as duas filhas e um gato muito mimado.

[1] Conjunto de duas peças muito popular na segunda metade da década de 1940. Nos Estados Unidos, era patrioticamente designado por *Victory Suit* (à letra, «Fato da Vitória»). [N. T.]

[2] Em português, algo como Gabinete de Serviços Estratégicos. [N. T.]

[3] Em português, algo como Comité Interdepartamental para a Aquisição de Publicações Estrangeiras. [N. T.]

[4] Em português, algo como Associação de Bibliotecas Especiais e Serviço de Informação. [N. T.]